

O Amor e o Género: homens e mulheres amam de maneira diferente?

Ana Sofia dos Santos Velez Frazoa

**Dissertação de Mestrado
em Estudos Sobre as Mulheres**

Setembro, 2012

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção
do grau de Mestre em Estudos Sobre as Mulheres, realizada sob a orientação
científica do Professor Doutor Manuel Lisboa.

**O AMOR E O GÉNERO:
HOMENS E MULHERES AMAM DE MANEIRA DIFERENTE?**

LOVE AND GENDER: DO MEN AND WOMEN LOVE IN DIFFERENT WAYS?

Ana Sofia dos Santos Velez Frazoa

RESUMO

De um ponto de vista social, é um hábito enraizado considerar que homens e mulheres vivem os afetos de forma diferente. Foi com estas ideias que crescemos e foi a estes comportamentos que muitas pessoas assistiram nas suas famílias. Na origem destas crenças estarão as diferenças biológicas entre homens e mulheres? Vários especialistas admitem diferenças, mas não acentuadas ao ponto de justificar uma oposição tão grande de comportamentos. Há hormonas, como a oxitocina e a vasopressina, que permitem o ser humano separar a atividade sexual de uma vinculação afetiva, no entanto, apesar de uma estar mais associada às mulheres e outra aos homens, elas existem tanto em homens como em mulheres e a sua interação com outros componentes químicos faz a diferença de comportamento entre pessoas (mais do que entre sexos).

Mas de que falamos quando nos referimos a “amor”? Quando nos referimos aos homens e a esta sua diferença estamos mesmo a falar de amor ou de atração física e sexo? Será que, se no cingirmos à fase da vinculação afetiva, vamos mesmo encontrar diferenças tão acentuadas entre homens e mulheres? Se o processo social existe antes do processo de autoconsciência do indivíduo, ou seja, se o indivíduo interioriza a partir da interação com exterior, então aquilo a que assistimos pode perfeitamente ser uma forte construção social. Se cultural e socialmente foi a este modelo que o indivíduo assistiu, então é muito provável que o reproduza para se sentir identificado com os seus pares. O que não significa que, por haver formas de expressão diferentes, haja formas de sentir diferentes. Ou, por outra, haverá formas de sentir diferentes entre pessoas e não propriamente por se ser homem ou mulher.

Uma das grandes dificuldades do ser humano é definir o que é o amor. Os entrevistados para esta dissertação conseguem claramente distinguir paixão de amor, mas depois sentem dificuldade em explicar em que consiste este último. Mas conseguem dizer que amam, sejam homens ou mulheres. A forma como as mulheres vivem atualmente a sexualidade e o amor veio trazer mudanças nos relacionamentos, logo, na forma como se vive o amor, obrigando os homens a acompanhar esta evolução (ainda que alguns por arrasto). Ora, se é possível mudar comportamentos, é porque eles não são intrínsecos, mas são adquiridos e construídos. Por isso, ainda que haja reais diferenças químicas e biológicas entre homens e mulheres, se grande parte da vivência do amor é uma construção social, o amor tem género (feminino), mas não tem sexo (já que homens e mulheres têm a capacidade de amar).

PALAVRAS-CHAVE: amor, género, estudos sobre as mulheres, relacionamentos

ABSTRACT

From a social point of view, it is common to consider that men and women have different emotional needs. Many people grew up with these ideas and saw their families behaving this way. Can we assure that behind these beliefs there are biological differences between men and women? Several experts admit some differences but not enough to justify such a major behavioral opposition. Hormones like oxytocin and vasopressin, which allow humans to separate the sexual activity of an emotional attachment, can have some influence. However, despite oxytocin being more associated with women and vasopressin with men, they exist in both men and women. Interacting with other chemical components, we can find behavioral differences between individuals (rather than men and women).

What we are talking about when we refer to "love"? When we say that men are less emotive and attached than women, are we talking about love or about sex and attraction? When we talk about *bonding* maybe we won't find such a huge difference between sexes. If the social process precedes the individual process of self-consciousness and the individual is built after the interaction with the outside world, then what we are facing can be a strong social construction. If this was the model that the individual always saw, it is normal that he/she tries to reproduce it in order to be a part of a group. So, it doesn't mean that we have different feelings but maybe that we have different ways of expressing it. In resume, people have different ways of showing emotions not exactly because they are men or women but because they have unique brains and hormones interactions and they were raised in a specific way.

One of the major difficulties of a human being is to define what love is. All people interviewed to this work said that they can clearly distinguish between passion and love, but they find it difficult to explain what love is. One thing is sure: both men and women say they love. The way women live sexuality, love and relationships has changed and men have to follow them, even if sometimes they feel forced to. So, if it is possible to change behavior, it is because it is not intrinsic but acquired and socially built. Therefore, although there are actual chemical and biological differences between men and women, much of the experience of love is a social construct. Love has a gender (female), but do not have sex (since men and women have the ability to love).

KEYWORDS: love, gender, women studies, relationships

ÍNDICE

Introdução.....	2
Metodologia	6
Capítulo I:	
Sexo ou género? E a sua importância para o amor	9
Capítulo II:	
Amor: uma tentativa de definição	13
Capítulo III:	
Corpo-pele: o lugar do vínculo	20
Capítulo IV:	
Sexo e amor: a grande diferença entre homens e mulheres?	26
Capítulo V:	
Homem e mulher: diferentes cérebros para amar?	35
Capítulo VI:	
A reconstrução social do amor	45
Conclusão	56
Bibliografia	62
Anexo 1: Entrevistas a especialistas	
Anexo 2: Entrevistas a casais	

INTRODUÇÃO

Escrever sobre o amor não é inovador, nem se pretende com esta dissertação chegar a uma conclusão definitiva (até porque, nesta área constantemente em estudo e evolução, seria um desafio impossível). No entanto, com este trabalho, pretende-se apresentar uma reflexão que pode contrariar o que muitos autores e discursos têm revelado sobre o amor e a forma como é sentido por homens e por mulheres. À luz destas diferenças, são muitas as teorias que encaixam os homens no patamar da racionalidade e as mulheres no das emoções, além de nos apresentarem como inequívoco que os homens são muito melhores do que as mulheres a separar sexo de amor e a controlar sentimentos. Com esta dissertação não se pretende refutar o que, nas mais diversas áreas, tem sido escrito ao longo dos séculos. Pretende-se, isso sim, focarmo-nos numa outra reflexão: a da possibilidade de homens e mulheres estarem mais próximos do que se preconiza quando se trata de amor.

O que levou à escolha deste tema? Em primeiro lugar, toda uma educação e um contexto social das épocas de 70 e 80, que fizeram muitas pessoas desta geração (a minha) crescerem a ouvir dizer que homens e mulheres têm necessidades diferentes, tendo sido sempre o papel da mulher compreender e satisfazer essas necessidades do sexo oposto, numa atitude servil e passiva. Uma época quase no final da segunda vaga do feminismo, ou seja, ainda com todo o peso de um passado a ser contestado e a indefinição (mas esperança) de uma mudança e de um futuro diferentes. Com o passar do tempo, as experiências pessoais (diretas e indiretas) foram despertando a curiosidade e incentivando a procura de respostas sobre este tema. Se o que sempre tivemos, a nível de relacionamentos entre homens e mulheres, foi uma construção social, então é possível construir algo diferente? Mas quererá isso dizer que se podem ignorar as diferenças biológicas? E se não se puderem ignorar, serão elas suficientemente fortes para manterem as velhas construções?

São indubitáveis as mudanças a que assistimos, sobretudo as das mulheres. Se o modelo de amor e relacionamento que conhecíamos faliu, então é preciso encontrar uma alternativa. Mas como se pode fazer diferente se homens e mulheres são mundos opostos? O que esta dissertação propõe refletir é que, se calhar, não são assim tão opostos na necessidade de amar e de se relacionarem. Poderão, isso sim, ter formas de expressão que os distinguem, mas que não os tornam seres de planetas diferentes, apenas seres com necessidades que se complementam. Que as mulheres mudaram é uma

certeza absoluta e muito bem documentada. O mesmo não se passou com os homens que, assumindo o papel dominador, nunca sentiram necessidade de mudar. No entanto, a mudança das mulheres levou os homens por arrasto. Por um lado, é natural que estes se sintam perdidos e não saibam como agir para acompanhar esta mudança; por outro lado, abre-se uma porta de infinitas possibilidades de mudança de comportamento (há autores que falam em “feminização” do homens). Daí também a escolha deste tema e a sua pertinência para uma dissertação de mestrado. Será que os homens e as mulheres sentem o amor de formas diferentes ou diferem (por natureza e socialização) na forma de expressar o amor? Ou estaremos perante uma mistura das duas possibilidades?

Convém, antes de mais, esclarecer que o objeto de reflexão desta dissertação é a relação tradicional heterossexual. Em primeiro lugar, porque tem sido o modelo vigente e aquela de que mais se tem falado até ao último século, quando surgiram e se equacionaram novos tipos de relação e novos modelos de família. Assim sendo, se estamos a analisar mudanças resultantes da rutura com um modelo, faz sentido que o objeto de análise seja o modelo que deixou de funcionar e tem sofrido mais transformações. Em segundo lugar, porque necessitaríamos de uma reflexão muito maior e mais complexa para conseguir abordar todas as variantes de relacionamento que foram surgindo entretanto.

Outro dos aspetos que importa salientar é que a dissertação se refere a um dos tipos de amor: o amor-afeição. Ou seja, o sentimento que se gera na fase da ligação, do vínculo. Claro que não vamos deixar de referir a atração (que acaba por ser a base de muitos tipos de amor) e o amor romântico (por ter sido o que tantos sonhos alimentou e que contribuiu para a fase que vivemos hoje). Mas vamos um pouco mais longe, ao nível que nos leva a ficar afeiçoados uns aos outros, querendo aprofundar laços e fazê-los durar. A perspetiva que se pretende aqui introduzir é que, quando se trata de amor na fase da ligação e do vínculo, um sentimento universal que atinge quase todos os seres humanos, é possível falar de diferenças entre pessoas, mas não exatamente entre homens e mulheres, como se fossem dois mundos completamente separados.

Com estes objetivos definidos partimos na procura da resposta à pergunta: homens e mulheres amam de maneira diferente? A primeira interrogação nesta dissertação prende-se com as definições de sexo e género. Será que, a nível biológico (e, portanto, do sexo), homens e mulheres têm respostas diferentes quando se fala de amor? E aí admitimos que haja fundamentações científicas suficientes para dizer que sim, que

há produção de hormonas e respostas cerebrais que diferem em homens e mulheres, mesmo que o cérebro seja um universo muito pouco conhecido. No entanto, serão elas suficientes para assegurarmos que homens e mulheres são lados opostos quando se trata de amor? É aqui que entra a questão do género, com a construção social do masculino e do feminino. Ou talvez não, se, como Judith Butler, considerarmos que o sexo pode vir depois do género.... Se alinharmos pela ideia defendida por vários autores de que o género é uma construção social, que levou à atribuição de papéis e à criação de muitos dos estereótipos que temos atualmente, então não podemos ignorar que também a construção social tem o seu peso na questão de como homens e mulheres vivem o amor (neste caso, como masculino e feminino o vivem). E vemos que, só assim, se justifica a evolução e as transformações que a sociedade tem sofrido, nomeadamente a nível de direitos e de papéis de género.

É importante perceber que o modelo a que fomos habituados, dito “amor romântico”, entrou em falência. O que nos levanta a questão: será então que se tratava de um modelo que nos era intrínseco, biologicamente falando, ou foi sendo uma construção social?! Se fosse só biológico, dificilmente haveria necessidade destas transformações porque cada sexo estaria muito confortável no seu papel natural e designado à nascença. Assim sendo, nesta dissertação, começamos por refletir um pouco sobre esta questão do sexo e do género para depois passarmos ao tema central que questiona se homens e mulheres amam de maneira diferente (ou seremos antes forçados a concluir que masculino e feminino amam de maneira diferente e, portanto, o amor tem género mas não tem sexo)?

Com esta dúvida, se nos referimos ao sexo ou ao género do amor, parte-se para uma tentativa de definição do amor em si. Já se percebeu, pelo que se tem escrito ao longo dos séculos, que o amor é complexo e o seu conhecimento e mecanismo de funcionamento estão longe de ser totalmente descobertos e compreendidos. Processe-se ele ao nível do cérebro e seja depois uma invenção social, como diz o neurocientista António Damásio, ou seja um risco cada vez mais ousado de correr, parece que algumas hormonas (como a oxitocina e a vasopressina) desempenham um papel fundamental na capacidade que homens e mulheres têm de amar. E nesta dissertação também vamos percorrer os caminhos do cérebro do homem e da mulher neste misterioso mundo do amor. No entanto, mesmo aqui, na área da neurobiologia e da química, apesar dos avanços alcançados, ainda é redutor servirmo-nos destas áreas para responder

perentoriamente “sim” à pergunta: “homens e mulheres amam de maneira diferente?”.

A complexidade de cada indivíduo, integrado num sistema - por sua vez composto por vários sistemas -, faz com que cada pessoa seja única e possa, dessa forma, vivenciar o amor de forma diferente e irrepetível. Como nos sentimos quando amamos?! O que nos leva a dizer que determinada experiência foi amor e não foi outra coisa?! Há um tempo para o amor nascer e morrer?! São algumas das questões às quais os especialistas e cada um de nós tentam responder diariamente. Será mesmo que o amor é complicado ou tornou-se complicado por ser uma construção feita para socializar as interações resultantes das interações sexuais?! E, neste ponto, é interessante refletir sobre conceitos como o poder, a intimidade e o medo. Pode estar aqui uma das chaves que leva a associar o sexo aos homens e o amor às mulheres, contribuindo para a premissa “homens e mulheres amam de maneira diferente”.

E seguimos assim para a abordagem que dá ao amor o carácter de construção social, inventada pela necessidade de organizarmos as nossas vidas, de nos reproduzirmos e garantirmos a nossa sobrevivência e a sobrevivência da espécie. Claro que não ficamos indiferentes às experiências pelas quais passamos, sejamos homens ou mulheres. E, nestas questões do amor, a ligação, o vínculo, assumem um papel importante. Neste sentido, a pele é a interface que nos pode levar a este tipo de amor-afeição. Mas claro que até esta abordagem é complexa e cheia de interrogações. As nossas experiências, proporcionadas pelo corpo, logo, pela pele, ficam inscritas na química. Agora, o que nos abre interiormente a estarmos predispostos a ter essas vivências e a deixarmos que o “outro” nos toque dessa maneira? E o que nos leva a escolher umas pessoas e não outras para contracenarem connosco nessa experiência do amor? Será apenas um acaso ou estão escondidos neste mecanismo fenómenos que se prendem com as imagens que temos do amor e dos relacionamentos? Ou, como alguns autores dizem, com a projeção da nossa sombra e das representações amorosas que são construídas por volta dos cinco anos? Se assim for, como não fomos todos expostos ao mesmo ambiente, fará sentido insistir na tese de que homens e mulheres amam de maneira diferente? Ou será mais rigoroso perguntar se homens e mulheres têm maneiras diferentes de expressar o amor? E aqui, sim, como se foram construindo regras próprias para o masculino e para o feminino, é natural que homens e mulheres (identificando-se como seu género) espelhem essas diferenças.

METODOLOGIA

O objeto deste estudo são entrevistas sobre o amor aos dois elementos de seis casais heterossexuais portugueses e a dois terapeutas. No caso dos casais, não se pretende uma análise quantitativa nem representativa de um todo, apenas uma simples comparação entre as respostas individuais dos dois elementos do casal (homem e mulher) às mesmas perguntas sobre o amor, o sexo e os relacionamentos, e, além disso, entre as respostas dos homens e das mulheres das diferentes gerações de entrevistados. Para tentar abranger as diferentes gerações, que passaram por diferentes fases políticas, culturais e educacionais em Portugal, os casais entrevistados estão divididos nas seguintes categorias: até 30 anos, dos 30 aos 40 anos, dos 40 aos 50 anos, dos 50 aos 60 anos, dos 60 aos 70 anos e com mais de 70 anos. Seria expectável que os entrevistados com mais de 50 anos mostrassem papéis de género mais vinculados e, ao invés, os entrevistados até aos 40 anos mostrassem mais abertura e menos estereótipos de género.

Outro dos critérios consistiu em entrevistar casais portugueses (sujeitos, portanto, às mesmas tradições e regime político) que vivam ou tenham vivido a maior parte da sua vida na área da Grande Lisboa, assumindo que quanto mais perto dos centros urbanos, menos se vivem os papéis tradicionais de género. E, portanto, deveria ser mais fácil encontrar dados que sustentem a tese de que os homens também amam e sofrem por amor. O grau académico não foi considerado uma questão relevante para esta tese, embora admitamos que possa sê-lo para a vivência da diferença dos papéis de género. No entanto, mesmo assim, metade dos entrevistados tem formação superior e a outra metade está acima do nível que corresponderia hoje ao atual 9º ano.

Como o objetivo desta dissertação é defender que, na fase da ligação, do vínculo, os homens também amam e não se afastam assim tanto das mulheres, escolhemos como *corpus* casais que têm uma relação há mais de 3 anos (seja casamento ou união de facto, desde que vivam juntos). À partida, uma relação longa (com mais de seis meses, tempo que os especialistas dizem durar a paixão) pressupõe um vínculo, já que a fase da paixão, da novidade e da excitação pelo outro acaba por morrer com o tempo, dando lugar a laços mais duradouros (Helen Fisher).

A análise inclui também duas entrevistas a terapeutas (um homem e uma mulher) com vários anos de experiência, que explicam como os seus pacientes homens e mulheres revelam sentir o amor e, assim, podem ajudar a perceber se é uma questão biológica ou se há, sobretudo, uma construção social dos afetos. Porquê a escolha dos

terapeutas, além dos casais entrevistados? Precisamente para apoiar (ou contrariar) as respostas dadas pelos elementos dos casais, de uma forma mais isenta e de observação de casos em contexto terapêutico. Se, por alguma razão, nas entrevistas pessoais, os homens não fossem sinceros nas respostas a como sentem o amor para se encaixarem nos conhecidos padrões de género, uma conversa com terapeutas poderia ajudar a encontrar essas respostas. Quem procura um terapeuta vai, à partida, expor os seus problemas protegido pela capa do sigilo e do anonimato. Irá, no entanto, esta escolha contaminar a análise, já que se trata de casos específicos em que as pessoas reconhecem e se predispõem a resolver problemas, não representando o todo dos homens? Talvez. Mas se assumimos que o modelo anterior faliu, que os homens estão em mudança e que procuram uma saída, então esta escolha está justificada porque estes são os que já encetaram essa procura. Além disso, a vontade (ou necessidade) de mudar comportamentos só prova que estes são passíveis de mudança e que não traziam felicidade da forma como estavam a ser vividos. Recorde-se, ainda, que o objetivo desta dissertação não é encontrar consenso ou fazer generalizações. É mostrar, se forem encontradas respostas nesse sentido, que se há homens que dizem amar e sofrer por amor, então cai por terra a ideia de que “os homens são todos iguais” e vivem relações mais superficiais do que as mulheres.

Os especialistas entrevistados são a Dra. Maria do Rosário Gomes, sexóloga na Clínica do Homem e da Mulher, e o Dr. Vítor Cotovio, psiquiatra e diretor clínico da Casa de Saúde do Telhal. A razão para a escolha destes terapeutas foi o facto de serem profissionais que fazem psicoterapia há mais de 20 anos, habituados a trabalhar, no geral, com temas que ajudam a responder à pergunta desta dissertação. Numa perspetiva mais específica, por um lado, é pouco importante a especialidade porque o tipo de amor que estamos a analisar desconstrói-se e discute-se na fase psicoterapêutica; por outro lado, se quisermos a abordagem mais técnica, tanto a psiquiatria como a sexologia estão interligadas no tratamento das disfunções sexuais que possam ocorrer e que possam perturbar ou vir a confundir-se com o Amor. O facto de ser um homem e uma mulher é propositado para avaliar se há diferença no discurso e na perceção do mesmo tema.

Para um apoio teórico, é feito um cruzamento de várias leituras em diversas áreas com as quais a questão do amor está associada (Sociologia, Neurologia, Bioquímica, Psicologia, entre outras).

Ao longo da tese, os códigos utilizados para fazer referência aos sujeitos do *corpus* analisado serão os seguintes:

Código utilizado	Correspondência com os sujeitos entrevistados
C1	Casal 1 – até aos 30 anos
C2	Casal 2 – dos 30 aos 40 anos
C3	Casal 3 – dos 40 aos 50 anos
C4	Casal 4 – dos 50 aos 60 anos
C5	Casal 5 – dos 60 aos 70 anos
C6	Casal 6 – mais de 70 anos
M1	Mulher 1 – mulher do Casal 1
H1	Homem 1 – homem do Casal 1
M2	Mulher 2 – mulher do Casal 2
H2	Homem 2 – homem do Casal 2
M3	Mulher 3 – mulher do Casal 3
H3	Homem 3 – homem do Casal 3
M4	Mulher 4 – mulher do Casal 4
H4	Homem 4 – homem do Casal 4
M5	Mulher 5 – mulher do Casal 5
H5	Homem 5 – homem do Casal 5
M6	Mulher 6 – mulher do Casal 6
H6	Homem 6 – homem do Casal 6
EM	Especialista Mulher
EH	Especialista Homem

CAPÍTULO I:

SEXO OU GÉNERO?! E A SUA IMPORTÂNCIA PARA O AMOR

Uma das primeiras dificuldades ao desenvolver esta dissertação foi, logo à partida, a atribuição do título. O objetivo é refletir sobre se homens e mulheres amam de maneira diferente, mas havemos de nos referir ao sexo ou ao género do amor? Não podemos negar que homens e mulheres são biologicamente diferentes, como no que respeita ao aparelho reprodutivo ou de um ponto de vista endócrino (Brizendine, 2007; Fisher, 2008; Vincent, 2010). Estas diferenças biológicas, ou seja, de *sexo*, tomadas como garantidas ao longo dos séculos, conduziram às tão faladas diferenças de *género* (termo surgido nos anos 70, com a segunda vaga do feminismo, referindo-se ao masculino e ao feminino). Assume-se, assim, que *sexo* e *género* estão associados, sendo o *género* uma construção social decorrente do *sexo*, naturalmente adquirido (o “ninguém nasce mulher; torna-se mulher”¹ (Beauvoir, 2011)). A grande questão é o que determina alguém como masculino ou feminino? A resposta leva-nos às construções sociais que incluem a vestimenta, os gestos, a maneira de falar, o comportamento, entre outros. É quase como se os atores sociais interiorizassem que mudar ao nível do *género* é também mudar ao nível do *sexo*, então não adotam comportamentos do *género* considerado oposto ao seu *sexo*, mesmo que uma mudança não tenha de incluir a outra (as feministas da terceira vaga defendem mesmo a manutenção das diferenças naturais de sexo entre homens e mulheres).

Esta distinção entre *sexo* e *género*, natureza e construção social, é aquilo a que a sociedade está mais habituada, mas tem sido posto em causa. Judith Butler (2001, 2007), por exemplo, insurge-se contra este modelo dicotómico e sugere uma desconstrução do género. E se o sexo, tal como o género, for também ele discursivo e cultural? (Butler, 2007). Até que ponto não será natural (mais do que ligar sexo a género) o vínculo entre género e desejo? Até que ponto não será o género a surgir primeiro que o sexo? E se não houver distinção nenhuma e sexo for o mesmo que género? (Butler, 2007). Butler sugere, ainda, o género como algo performativo, inconstante e contextual, que é um efeito de um conjunto de relações que convergem

¹ “One is not born a woman; one becomes one” (Beauvoir, 2011). A propósito desta expressão, Judith Butler (2007) defende, no entanto, que não há nada na explicação de Beauvoir que diga que o ser que se torna mulher seja fêmea.

cultural e historicamente. Logo, a identidade de género é “performativamente construída” (Butler, 2007). Neste sentido, poderíamos debater a Teoria Queer de que as pessoas já não podem mais ser incluídas apenas num modelo normativo de “homem/mulher”, do ponto de vista heterossexual, considerando-se “anómalo” tudo o que foge a este padrão. No entanto, apesar de ciente destas alterações sociais e necessidades de reflexão, como ficou assumido na introdução, a dissertação debruça-se sobre a versão mais clássica dos estudos de género e a relação heterossexual. Seguindo esse raciocínio, faz sentido que a análise tenha em conta a divisão de *sexo* como natural e *género* como construção social que, no entanto, pode ser desconstruído.

Assim sendo, há duas perspetivas que se podem ter para responder à questão desta dissertação: se o género é uma construção social decorrente e indissociável do sexo, da natureza biológica, então é indiferente falarmos de sexo ou género do amor; se, apesar de decorrer da natureza biológica, o género é uma construção social e é aí que residem as grandes desigualdades, então provavelmente o amor difere mais em género do que em sexo. A este propósito, vários são os livros e os discursos que, à luz das diferenças de género, tentam encaixar homens e mulheres em diferentes categorias, sobretudo quando se trata de afetos. Que os homens são mais racionais e as mulheres emocionais também não é uma novidade no discurso, já que foi com esta construção social e de género que nos habituámos a viver. Também sempre ouvimos dizer que os homens conseguem separar sexo de amor, enquanto as mulheres, mais dedicadas e afetivas, partem para o sexo com o ideal romântico da partilha e do encontro afetivo. No meu ponto de vista, pode haver uma base de verdade nestas assunções tendo em conta as diferenças biológicas entre homens e mulheres (tema desenvolvido mais à frente). No entanto, não justifica toda a construção social e a postura dogmática de supremacia masculina que foi sendo edificada². E que se tem vindo a reproduzir.

Não se pode ignorar que faz parte da condição humana ter uma identidade, construída a partir de um conjunto de valores e associada a um sistema de recompensas e sanções (se quisermos, “prazer” e “dor” (Vincent, 2010)), que implica uma comunicação com o outro (Mead, 1934). Cada um de nós precisa de saber que pertence

² Até na escrita se reflete esta supremacia, como se pode ler na página 71 do ensaio *A Crítica Feminista no Deserto*, de Elaine Showalter, na qual a autora cita outros autores (como Bloom e Said) que acrescentam que o texto de um homem “pertence ao pai” e o de uma mulher “é não só pertença de uma mãe, mas de uns pais”. Isto porque a herança masculina, fazendo parte do grupo dominante, é a mais presente, além dos homens silenciarem “metade do seu parentesco”.

a um determinado grupo e só o sabe por concluir que não pertence a outro. Aplicando este raciocínio ao *género*, é quase automático que, por influência dos seus pares, um homem se associe, ainda em criança, ao género masculino (por uma questão de identidade) e uma mulher ao género feminino (pela mesma razão). Assim, uma criança tornar-se masculina ou feminina é uma resposta aos homens e mulheres que encontra na sua família e ao redor dos quais vai construindo a sua experiência (Showalter, 2002: p. 85). MacInnes (2002: p. 37) refere que “enquanto descendentes dos nossos progenitores, somos indivíduos mortais que temos de encontrar o significado das nossas próprias vidas, inexoravelmente finitas, ao mesmo tempo que temos de aprender a aceitar que a nossa identidade não é algo que alguma vez possamos controlar completamente”. Monique Witting (1981) chama-nos a atenção para o facto de, desde logo, termos começado por aceitar e tentar corresponder, no corpo e na mente, à ideia de natureza que foi estabelecida para cada um de nós. Quando alguém percebe que não pertence ao padrão vigente, começa a sua grande luta por uma outra identidade. Witting (1981) alerta, no entanto, que primeiro é preciso encetar uma luta connosco antes de lutarmos pela identidade perante os outros.

Vários dos sujeitos entrevistados para esta dissertação referem implicitamente como importante e influente esta pertença e alguns chegam mesmo a revelar essa luta interna travada para contrariar ou escapar do modelo. M1 confessa-se “muito ligada à mãe” e reconhece que os filhos ligam “muito ao que os pais dizem e fazemos muito aquilo que os pais faziam e que fizeram”. M2, apesar de assumir que houve modelos que copiou dos pais que a incomodaram, reconhece que lhe serviram para se posicionar perante o amor: “lembro-me de ter essa preocupação de não replicar”. À medida que as idades dos sujeitos entrevistados avançam, mais se confirmam estas tendências e necessidade de identificação com os seus pares. M3 reconhece que teve “uma educação tradicional”, sobretudo ao nível do papel das mulheres em relação ao sexo, no entanto, também a ultrapassou (“Deus me livre a mim se eu pensasse um bocadinho como a minha mãe pensa”). O mesmo é referido por M4, que vem de “uma família tradicional, muito autoritária” e tem “dificuldade em falar de sexo”, no entanto, o desconforto que essa educação lhe trouxe levou-a a tentar “uma abordagem completamente diferente aos (...) filhos”. M6 confessa que, pelo papel da época devotado à mulher, foi “cedendo” e “cumpria à risca!” os pedidos do marido para não usar decotes, mangas à cava ou pinturas, mesmo com ele longe em Macau.

No caso dos homens, H2 confirma “exemplos tradicionais na minha casa de papéis de género”, mas assume-se “acima disso” e “pouco tradicional nesse aspeto”. Os homens mais velhos (H5 e H6) confirmam a necessidade de inserção num grupo, sobretudo no que ao envolvimento sexual diz respeito: “o que nós sabíamos sobre o sexo era um tabu; nós só íamos sabendo com os mais velhos que já tinham feito” (H5); “... eu fiz a minha aprendizagem com alguma sorte porque tive bons companheiros...” (H6). Também ambos (H5 e H6) lembram o papel do homem como conquistador e namoradeiro, mas o da mulher para esposa como uma pessoa séria e de virtudes: “também tive umas namoradas (...) mas depois encontrei a minha mulher, que eu achei que era certinha e tal...” (H5); “num ambiente de Marinha (...) muitas festas, muitas refeições, muitas meninas, fardados em Lisboa (...) Mas realmente foi com ela. Pronto” (H6).

Verifica-se que a questão da sexualidade é uma das principais temáticas que os sujeitos entrevistados associam mais a uma herança familiar quando se fala de amor e que parece incomodar ambos os elementos do casal, mas de uma maneira diferente. Apesar de ter sido um tabu na educação, sobretudo, dos casais mais velhos, para as mulheres surge como uma queixa que ainda hoje as perturba porque gostariam que tivesse sido diferente. Para os homens, embora tenham referido que também gostariam de ter tido mais abertura por parte dos pais, reconhecem que foram tendo acesso a essa educação sexual através do convívio com os seus pares. Ou seja, a já referida identidade de grupo. Os casais mais jovens que participaram nas entrevistas, filhos de pais que viveram a juventude no 25 de Abril, não revelam que o sexo tenha sido um tabu na sua educação e/ou um dos obstáculos à vivência do amor.

São estas práticas sociais, herdadas do coletivo, mas que muitos associam diretamente à biologia (algumas vezes por conveniência), que vão conduzindo às desigualdades de *género*, com as condutas coletivas próprias de homens e de mulheres/do masculino e do feminino. E os papéis sociais que se constroem e que cada um vai assumindo ficam inscritos ao nível do subconsciente e acabam por se transformar na nossa pele. A grande dificuldade, agora, é construir novas identidades, suscitadas pela procura de igualdade entre género. Tentando responder à questão central desta dissertação, suspeito que o amor tenha género mas não tenha sexo. A análise que se segue é uma tentativa de justificar esta ideia. Qual é a importância de fazermos essa distinção? Além de nos ajudar a perceber se o amor é uma criação do ser humano, uma

construção social que serve mais um género do que outro, ajuda-nos também a entender se pode ou não haver capacidade de mudança de comportamentos a este nível, numa fase em que o mundo dos relacionamentos e das famílias está a sofrer uma revolução profunda.

CAPÍTULO II:

AMOR: UMA TENTATIVA DE DEFINIÇÃO

Nunca estamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos.

Sigmund Freud³

Antes de tentar perceber como se vive o amor, tendo em conta o sexo e/ou o género, é importante definir a que nos referimos quando falamos de amor. Concordaremos com António Damásio quando diz que aquilo a que chamamos “amor” é um “conjunto complicado de estados e comportamentos mentais” (Damásio, 1994: p.138). Os especialistas entrevistados para esta dissertação concordam que definir o amor é um trabalho muito difícil, se não impossível, e que têm sido os poetas que melhor o têm conseguido transmitir. O sujeito EM diz que não há resposta para a pergunta “o que é o amor?”, pois é “um mundo de respostas difíceis, complexas e polémicas”. No entanto, há sinais que indicam que a pessoa está a amar e que são mais expressões, estados, do que conceitos, como “quando a pessoa se sente preenchida, quando sente que está à vontade para dar (...) e para receber, quando sente cumplicidade (...), intimidade (...), proximidade”. EM defende que, seja qual for o nome que seja dado ao amor, é com a “mudança e a melhoria dos nossos comportamentos que chegamos lá”. Também o sujeito EH acredita que elementos como “os afetos (...), o compromisso, a cumplicidade, a intimidade, a confiança” têm de estar presentes quando se fala de amor.

Os próprios casais entrevistados, que vivem relações duradouras que dizem ser de amor, demonstraram grandes dificuldades em descrever esse sentimento. “Não tem explicação” (M1) ou “não há nenhuma fórmula que diga que o amor é isto” (H1) são expressões que manifestam a primeira reação de quase todos os entrevistados à pergunta “o que é o amor?”. Depois, começam a notar-se, nos casais mais velhos, respostas mais aproximadas do que os especialistas desta análise também defendem: “é eu sentir uma ligação forte a vários níveis com alguém” (M2); “auto sacrifício, portanto, abnegação e

³ Fisher, 2008, página 177.

ternura” (H2); “é uma coisa que se vai sentindo, que se vai construindo” (M3); “é ter uma relação de confiança e de partilha simultaneamente, a dois” (H3); “termos qualquer coisa que nos diz que aquela pessoa nos completa” (H4); “é a partilha das coisas boas, das coisas más, o entendimento, o respeito mútuo” (M5); “a gente gosta das pessoas, sente-se bem com ela, com o companheiro” (H5); “a pessoa sente” (M6); “quando a conheci houve qualquer coisa que eu não sei explicar” (H6).

Falar do sentimento amor implica muitas variantes, logo, diferentes amores e diferentes categorias de intervenientes. Por exemplo, o amor entre pais e filhos, entre pessoas do mesmo sexo, entre homem e mulher, que, por sua vez, se pode decompor em amor-paixão, amor-romântico, amor-físico, amor-afeição, entre outros. Numa escala de intensidade versus duração, poderia dizer-se que o amor-afeição é menos intenso e mais duradouro do que o amor-físico e o amor-paixão/amor-romântico, mais intensos e mais breves (Gomes, 2004: p.21⁴). Alguns autores, porém, defendem que há uma grande diferença entre amor-paixão e amor-romântico (ainda que o primeiro incorpore elementos do segundo) e referem-se a este não como algo passageiro, mas como uma noção surgida em finais do século XVIII, que é encontrada na ficção, no contar histórias (um dos significados de “romance”), e que consistiu em trazer para a vida real a narrativa perfeita, de conto de fadas. Uma ligação entre dois seres (geralmente homem e mulher) que seria quase obra do destino, com os dois parceiros a atraírem-se de forma instantânea, a descobrirem serem feitos um para o outro e a estarem ligados por um laço afetivo duradouro, estabelecido pelas qualidades intrínsecas dos sujeitos.

Nesta perspectiva, concordaremos com o sociólogo Zygmunt Bauman quando diz que “a definição romântica do amor como ‘até que a morte nos separe’ está decididamente fora de moda” (Bauman, 2003: p.21). E faz sentido que esteja se pensarmos, como problematiza o também sociólogo Anthony Giddens, que o amor romântico terá sido uma invenção dos homens para prender as mulheres, apelando, com uma solução impossível, ao lado idealista do género feminino (Giddens, 1995: p.41)⁵. Se foi, ou não, uma “armadilha” dos homens será difícil provar. Certo é que, apesar de estar a ficar fora de moda, contribuiu para o que hoje designamos de diferença de

⁴ O autor refere que a paixão e o amor romântico “caracterizam-se pelo turbilhão emocional e sexual da ligação entre duas pessoas”, enquanto o amor físico tem a atração sexual como a principal característica e o amor afeição se refere “ao conjunto de sentimentos variados, entre os quais o vínculo sexual, que se vão sedimentando ao longo dos anos”.

⁵ Giddens refere autores que defendem esta ideia e explica de que forma as mulheres ficaram enredadas na teia da “mãe-mulher”.

gênero, no que diz respeito aos papéis sociais de homens e mulheres. Giddens enumera aspectos introduzidos pelo “amor romântico” nos relacionamentos que vieram condicionar, em muito, a vida das mulheres e aumentar o peso do seu papel público e privado. Passam pela criação da noção de casa, um espaço dedicado à cuidadora, ou seja, à mulher; pela mudança da relação parental (com uma cuidadora em casa enfraqueceu o papel do homem enquanto patriarca e desenvolveu-se o papel da mãe afetuosa); e pela invenção da maternidade (Bauman, 2003: p.62⁶). Aspectos que, em resumo, levam a concluir que “a imagem de mulher e mãe reforçou o modelo de diferença de sexos no que respeita a atividades e sentimentos”. (Giddens, 1995: p.42). Nas entrevistas para esta análise, o sujeito EH dá o exemplo das cantigas de amor e de amigo e classifica o amor romântico como os envolvimento de conveniência entre as pessoas porque “o verdadeiro amor acontecia ao lado”, com alguém que era inacessível e por quem “o cavaleiro” se apaixonava. Por isso, justifica-se que hoje se diga que o amor para toda a vida faliu. EH salienta que “quando se diz que o amor não é para toda a vida, não é para toda a vida na perspectiva antiga que quando era para toda a vida era por obrigação”. Também EM considera que os relacionamentos para toda a vida não são obrigatórios e “estão em vias de extinção”, mas o mais importante “é a pessoa estar bem” enquanto a relação dura.

No próprio discurso dos casais entrevistados, tanto homens como mulheres demonstram uma dificuldade inicial de distinguir paixão de amor, mas quase todos parecem concordar com o que diz EH de que “a paixão é uma coisa da intensidade, o amor é uma coisa da profundidade”. Também quase todos querem acreditar que o amor que vivem é para a vida toda, mas admitem que, nos dias que correm, pode não ser. Quando é perguntado como diferenciam entre estar a amar e estar apaixonado/a, as respostas não variam muito entre homens e mulheres. Estar apaixonado/a é descrito como “aquele bichinho na barriga” (M1); “algo que passa com mais facilidade” (H1); “mais física (...) e mais momentâneo” (M2); “quero estar com essa pessoa a todo o momento (...), estou muito mais focado em mim” (H2); “coisa fugaz (...), química muito mais de corpo” (M3); “momentos de vivência, do momento” (H3); “aquela coisa que é um clique, um olhar” (M4); “se calhar começa pelo físico” (H4); “não nos deixa ser racionais” (M5); “é passageiro (...), há uma química diferente” (H5); “é sempre uma

⁶ É realçada a grande importância da maternidade na perspectiva feminina: “morrer sem filhos era nunca ter construído uma ponte e isso era muito mais pesado para as mulheres”.

grande insegurança” (H6). Por sua vez, amar é descrito como “lutar (...), perder (...), ganhar (...), dá imensas dores de cabeça” (M1); “borboletas na barriga (...), um sentimento mais duradouro, mais profundo” (H1); “tem que incluir a paixão, mas sem dúvida que a paixão não está sempre presente” (M2); “ela faz parte da minha vida (...), não consigo imaginar a minha vida sem ela (...), é uma coisa menos fisiológica” (H2); “uma relação que se vai construindo” (M3); “projeto duradouro e com quem se constrói algo” (H3); “na relação para existir aquele amor tem de existir paixão” (M4); “o amor vem depois” (H4); “uma partilha de coisas” (M5); “um amor verdadeiro, aquele amor prolongado é diferente” (H5); “alegria grande, interior, que se extravasa (...), os olhos, através dos olhos” (M6); “fui mau companheiro ao princípio, depois apercebi-me que tinha de acompanhar, especialmente quando os meus filhos vieram, e portanto o amor foi isso” (H6). Percebe-se, pelas respostas, que tanto os homens como as mulheres entrevistados podem ter dificuldade em expressar, mas sabem distinguir paixão de amor e sabem quando estão a sentir uma coisa ou outra.

Mais difícil é quando nos tentamos focar só no amor e explorá-lo. Apesar de todos referirem que sabem a diferença entre amor e paixão, nem todos conseguem responder, sem a menor dúvida, que já amaram alguma vez. “Já! Bastante” (M1); “Não sei... não sei” (H1); “eu acredito que sim (...) é impossível alguém dizer que nunca vai conhecer nada diferente disto” (M2); “acho que sim e continuo a amar” (H2); “... sim... dizer que foi o meu primeiro amor, não foi” (M3); “Já” (H3); “Claro que sim, já amei. E amo” (M4); “Eu já amei muitas vezes” (H4); “... eu para mim acho que é amor” (M5); “Sim, sim, sim. Isso aí é imprescindível. Quando eu me casei havia amor” (H5); “Já. Uma!” (M6); “Sim, sim, acho que sim, acho que sim” (H6). O sujeito EM justifica esta dificuldade dos entrevistados darem uma resposta inequívoca com a dificuldade inerente de dar um nome ao amor. Se não conseguimos definir inequivocamente o que é o amor, também pode ser difícil ter a certeza se aquela experiência pela qual passámos ou passamos foi ou é amor. EM prefere dizer que “há expressões da pessoa se sentir amada, expressões da relação e estados da relação em que a pessoa sente esse preenchimento de ser amada”. Já EH defende que “o amor vem com a inclusão daquilo que é o outro, que não é necessariamente uma projeção nossa”, por oposição à paixão que é “como se a pessoa se amasse a si própria através do outro”.

Quanto à questão se o amor é para sempre ou não, são mais os homens que respondem afirmativamente, enquanto as mulheres dizem que querem acreditar, mas

que podem ser surpreendidas e aceitam que possa não ser para toda a vida: “espero que comigo seja para a vida toda (...) mas não podemos pôr as mãos no fogo por ninguém (...), não sei” (M1); “Pode ser que um dia me venha a arrepender, mas atualmente acredito” (H1); “acho que o amor não é assim tão resistível (...), eu acredito que o amor vai persistir, mas não juro a pés juntos que nada o abale” (M2); “acredito, acredito” (H2); “se nós construirmos uma relação e caminhamos sempre lado a lado, se calhar, sim, o amor pode ser até que a morte nos separe” (M3); “acredito no projeto família com amor até que a morte nos separe, sim” (H3); “presentemente, até aos dias de hoje, sim (...) mas até que a morte nos separe, sei lá... a vida dá tanta volta” (M4); “acredito no amor até que algo nos separe” (H4); “eu hoje acredito, mas também posso ter uma má experiência e depois dizer que não acredito” (M5); “acredito porque eu estou nessa linha, devo ser dos poucos certamente” (H5); “sim, sim, isso sem dúvida” (M6); “acredito” (H6).

Ainda que não se tenha atingido, nas relações, o patamar que muitos desejariam nesta questão da igualdade entre homens e mulheres, é inegável que as circunstâncias mudaram e que a noção de amor romântico entrou em falência e revelou-se uma grande desilusão, apesar de estar na origem do que hoje temos e que Giddens define como “relacionamento puro” (Giddens, 1995: p.2). Assim sendo, em que época vivemos? Como nos posicionamos em relação ao amor e quais são as circunstâncias que nos influenciam? EM salienta a mudança de papel da mulher e a consequente mudança do homem, quase por obrigação e por arrasto. Seja como for, ela está a acontecer. A terapeuta diz, no entanto, que ainda estamos na fase de transição em que não se sabe, ao certo, como vai ficar a nova relação homem-mulher: “nesta afirmação da mulher há uma clara exigência da mudança do homem, em que ele se sente um bocado perdido porque ele não quis mudar”. EH reconhece que os homens, “no que é genérico, estão a fazer pouco”, mas justifica-o com o facto de a mudança das mulheres ser um movimento de dentro para fora e não por reação a fatores exteriores. “O homem, quando tem de mudar é por razões externas (...), enquanto grupo, e mudar por razões externas é como se fosse mudar a fugir de em vez de mudar ao encontro de...”. Não obstante esta diferença de motivações para a mudança, EH considera que “muitos homens também têm essa necessidade como as mulheres têm”.

Uma das diferenças mais acentuadas entre homens e mulheres nas respostas à entrevista para esta análise reside, precisamente, na forma como os dois sexos encaram

a mudança dos homens para acompanhar a mudança das mulheres. Tanto homens como mulheres destacam como positivas as mudanças ocorridas nos últimos anos nas vidas das mulheres. No entanto, quando se pergunta “o que podem os homens fazer para acompanhar esta mudança?”, assiste-se a uma divisão notória de opiniões em grupo: o das mulheres e o dos homens. Algumas mulheres mostram-se desconfiadas na mudança dos homens (“Observar e aprender!” (M1); “nós mulheres, se quiséssemos, conseguiríamos fazer muito mais que os homens” (M4)), outras gostariam que os homens lhes reconhecessem mais valor e direitos e partilhassem as tarefas e obrigações (“reconhecer não só desejos, prazeres, vontades, (...) obrigações tanto para eles como para as mulheres (M2); “se procuramos uma relação a dois vamos partilhar as coisas, as tarefas, os problemas” (M3); “entenderem que elas são tão boas ou melhores que eles” (M6)).

Quase todos os homens desta análise assumem uma atitude de quem não precisa de mudar radicalmente, apenas de se manter, e de quem continua a ocupar a posição dominante e tem de ser tolerante para com as mulheres: “continuar a ser homens” (H1); “os homens têm que aprender a abdicar de privilégios” (H2); “percebendo que a mulher não é só mulher, também é um ser humano que tem a sua carreira e também tem que se respeitar e ajudar nessa parte” (H3); “dar-lhes mais tempo (...), partilhar mais com elas” (H4); “é terem maior abertura, mas para terem maior abertura têm de ter mais conhecimento, tem que haver mais cultura no homem” (H5); “têm que se adaptar (...), se um homem verdadeiramente gosta de uma mulher e se ela tem valor não pode cortar-lhe as asas” (H6).

Para esta fase de transição, Bauman lembra-nos que vivemos numa época de incertezas, em que nada é definitivo, sendo apenas garantido que vai acabar por morrer com o tempo. O consumismo desenfreado e dominante leva a que tratemos os outros como objetos, “pelo volume de prazer que provavelmente oferecem e pelo seu valor monetário” (Bauman, 2003: p. 100). Nesta necessidade materialista e de mudança constante descem as exigências e qualquer experiência mais facilmente pode passar a ser classificada de “amor” (Bauman, 2003: p. 121).⁷ Ou seja, abriam-se novos caminhos que, apesar de mais libertadores, são também mais efémeros e causadores de insegurança, com a vida pessoal a tornar-se um projeto aberto, com novas exigências e

⁷ Bauman diz que o facto de o “até que a morte nos separe” ter caído em desuso, “simplifica os testes pelos quais uma experiência deve passar para ser chamada de ‘amor’”.

ansiedades. EH mostra-nos dois cenários. Por um lado, realça que, apesar de já não sermos obrigados a que o amor seja para a vida toda, porque nos podemos divorciar, “estamos numa fase em que temos pressões de todo o lado” e “há muitas pessoas que estão vinculadas por coisas operacionais, (...) não têm condições para se separarem, (...) são coisas que dão trabalho”. Por outro lado, a fraca resistência à frustração e o medo da rejeição pode levar as pessoas a não se comprometerem tão profundamente. “O facto de se comprometer a um determinado nível faz com que aumente a probabilidade de sermos confrontados com um medo e (...) as pessoas preferem o quanto baste porque aquilo que é o outro risco é mais ameaçador, mais desorganizativo”, explica EH.

Em resumo, vivemos uma época de discreta revolução de papéis, em que nada é garantido, logo, aumenta o medo de falhanço. Amar, agora, significa abrir-se ao destino e as relações já não estão protegidas pela capa do casamento “até que a morte nos separe” (Bauman, 2003). E se isso, por um lado, traz a liberdade, a adrenalina e o gozo do desconhecido, por outro lado traz o medo. E lidar com o medo é um dos fantasmas mais ancestrais do ser humano, que quer à força controlar tudo para diminuir as hipóteses de falhanço. Aqui pode estar também uma das diferenças entre homens e mulheres, na medida em que os homens sempre foram habituados a ter o que queriam, comprado ou não, representando este mecanismo uma forma de exercício de poder (Person, 2007; Grant, 1993). Por isso, agora estão perdidos no seu papel de dominador e todo-poderoso (Giddens, 1995; EM, anexo 1; EH, anexo 1). É discutível, no entanto, se nesta questão das diferenças tem mais peso a construção social ou as raízes biológicas, tema que iremos aprofundar mais à frente. Bauman lembra que “sem humildade e coragem não há amor” (Bauman, 2003: p. 24). O problema, agora, é que além de ser pouco humilde e corajosa, a sociedade consumista quer produtos acabados (tudo o que o amor não é) e mata o amor ao não lhe dar espaço para crescer e ao chamar amor à primeira experiência. Se o amor tem sido morto aos poucos, então o que nos resta?!

Sem dúvida que passamos por uma reestruturação da intimidade, nesta fase de transição, com a característica principal da relação poder ser quebrada quando uma das partes assim o entender (o “relacionamento puro” de Giddens, 1995). Na sua essência, “relacionamento puro” é todo aquele que implica uma relação social entre pessoas e só é mantido na medida em que satisfaça, traga proveito, a ambas as partes (Giddens, 1995: p.58). Tanto EM como EH sustentam esta ideia de grande mudança, sobretudo das mulheres, mas não consideram que o amor esteja morto. Pelo contrário, EM justifica a

vontade que as pessoas têm de fazer perdurar os relacionamentos ao referir que, apesar de poderem vir por arrasto, a grande motivação dos homens que procuram a terapia “é melhorarem o seu relacionamento com as suas mulheres”. Por sua vez, EH reconhece esta necessidade de mudança dos homens – e nalguns casos, ainda que menos, com uma necessidade afetiva tão profunda como as mulheres -, mas salienta a responsabilidade que algumas mulheres têm em manter o padrão antigo. “Como há uma expectativa grande de construir uma coisa afetiva, as mulheres têm tolerância com os homens em coisas que não deviam ter” (EH). Agora, se estes comportamentos e atitudes são por amor ao outro ou pelo medo do sofrimento, não é possível dizer. É que o “relacionamento puro”, longe de obrigações e contratos, é sujeito a maior sofrimento para quem se comprometa sem reservas, pois é bastante mais instável. Se não queremos correr o risco de sofrer, o melhor é seguir o conselho de Bauman: “não se deixe apanhar... evite abraços muito apertados” (Bauman, 2003: p. 82).

CAPÍTULO III:

CORPO-PELE: O LUGAR DO VÍNCULO

O encontro entre duas personalidades é como o contacto entre duas substâncias químicas; se houver reação, ambas se transformam. Carl Jung⁸

Como já foi referido anteriormente, o objeto de estudo desta dissertação é o amor-afeição, que Francisco Allen Gomes caracteriza pelo “conjunto de sentimentos variados, entre os quais o vínculo sexual, que se vão sedimentando ao longo dos anos” (Gomes, 2004: p. 21). A questão central desta tese é se, na fase do vínculo, homens e mulheres amam de maneira diferente. Pessoalmente tenho algumas dúvidas, embora não consigamos medir⁹ o amor nas pessoas a não ser pelo que elas dizem sentir. E já vimos que todos dizem sentir ou já ter sentido o amor. Nas entrevistas para esta análise, EM refere que “o sentimento é natureza e isso tanto o homem como a mulher têm”. Criar laços com alguém faz parte da natureza humana desde sempre e irá continuar a fazer (Fisher, 1992: p. 327). EH conclui: “não estou a ver que a gente consiga conceber a

⁸ Fisher, Helen E. (1992), *A Anatomia do Amor*. Lisboa: Círculo de Leitores. Página 39.

⁹ Helen Fisher (2008) realizou um projeto que consistia em analisar as alterações químicas no cérebro de apaixonados e concluiu que as substâncias se alteravam quando os sujeitos visualizavam, falavam ou pensavam no seu objeto de atração. Mas não estamos aqui a falar do amor na fase do vínculo, para o qual não encontrei registos nem experiências semelhantes.

nossa vida sem ser com momentos de partilha e de pertença”. Significa, então, que nesta construção dos afetos não nos podemos esquecer da importância do contacto com o outro, interação na qual a pele desempenha um papel fundamental, que provoca depois alterações químicas e sedimenta (ou não) a ligação. Será que se pode considerar que, até neste processo essencial para a sobrevivência humana, há grandes diferenças entre homens e mulheres? Este capítulo é essencialmente teórico, voltando-se a comparar as respostas dos entrevistados no próximo capítulo sobre o sexo e o amor. É que os entrevistados demonstraram - por exemplo, pela resposta à pergunta de como o corpo se comporta quando estão apaixonados e quando estão a amar – que não têm consciência do seu corpo como inscrição de afetos e intermediário para o vínculo afetivo. Por isso, teorizemos primeiro sobre esta questão do corpo-pele e da sua relação interior/exterior para depois vermos como, apesar de não parecer, o sexo e o amor estão tão ligados às construções e percepções que o nosso corpo-pele foi absorvendo do ambiente que o rodeia.

Comecemos pelo exemplo mais básico da existência humana que é a interação mãe-filho, que atinge o ponto máximo de entrega e de contacto com a amamentação. A ideia tradicional diz-nos que há um apelo biológico para a maternidade e uma predisposição das mães para amarem os seus filhos mais do que os pais, acentuando a diferença entre homens e mulheres nestas questões do amor (ainda que este seja o amor filial). Mas e se o amor maternal não for inato e for construído à medida que se cuida e se passa mais tempo com a criança? (Badinter, 1990: p. 10) Não poderá o pai também desenvolvê-lo? Ou será que, porque amamenta, a mãe tem sempre esse vínculo mais desenvolvido? Mas então o que dizer das mães que, por impossibilidade ou opção, não amamentam? Não deixam crescer o amor pelas suas crianças? E o que dizer dos pais que, em vez das mães, são os primeiros cuidadores dos seus filhos? Um estudo feito no final dos anos 90 defende que, apesar de não poderem amamentar, os homens que foram a figura central a cuidar dos seus bebés, criaram um maior vínculo com os filhos e foram para estes maior fonte de conforto do que as mães (aqui no papel de cuidadoras secundárias) (Archer & Lloyd, 2002). Ou seja, não interessa o sexo do cuidador, mas quem teve o primeiro contacto com a criança. O que nos leva a concluir que uma das razões que tem aproximado a mãe do seu bebé é o facto de ter tido quase sempre (salvo raras exceções) o papel de primeira cuidadora e não, propriamente, um apelo maternal biológico e indesmentível. O que, por outro lado, não afasta os homens da capacidade

de darem afeto e criarem laços. Voltemos ao amor homem-mulher.

Das várias leituras feitas para esta tese, sejam os autores sociólogos, filósofos, sexólogos, psicólogos ou “simples” pensadores, é consensual a ideia de que o corpo humano emite e recebe sinais, é palco de emoções e porta aberta para os afetos (assim o queiram os seus “proprietários”), registando no cérebro todos os momentos (Fisher, 1992: p. 29 ¹⁰). O corpo define-se pela relação interior/exterior e por servir de ponto de comunicação, interface, para a experiência do sexo e, a um outro e mais profundo nível, para a experiência do amor. Não nos podemos esquecer do seu invólucro, a pele, que é muito mais do que proteção e se assume como dispositivo de comunicação.¹¹ A pele não é apenas aquilo que delimita o corpo, mas o que nele fazemos penetrar (Anzieu, 1983) ou seja, a pele é interface da comunicação sensorial e o primeiro órgão que participa na troca de significados entre os indivíduos. Não é por acaso que o tato é o sentido fundador, a sensação por excelência, o sentido primeiro que permite a perceção do mundo em volta e com o outro (numa sensação dupla de corpo que sente enquanto sentido) (Merleau-Ponty, 2002). Nas relações amorosas, há “sinais de intenção” (Fisher, 2008: p. 29 ¹²) que indicam que nos sentimos atraídos pelo outro e que o queremos tocar (para a experiência do sexo ou, inclusive, para uma ligação mais profunda). Se o outro corresponder a esta intenção, “ambos terão ultrapassado uma barreira importante, bem conhecida na comunidade animal”. (Fisher, 2008: p. 29). E isto é verdade tanto para homens como para mulheres.

Se é também através da pele que percecionamos o mundo e construímos uma identidade, um “eu-pele” (Anzieu, 1983), então estamos na presença de uma construção de imagens a que fomos sujeitos desde crianças e que, como tal, vai mudando com o imaginário contemporâneo e com o imaginário de género. Ou seja, é uma figura moldável que, por exemplo, no caso do imaginário feminino, muda consoante os estereótipos da época e, muitas vezes, consoante o que as mulheres pensam que os

¹⁰ A autora diz, a propósito do toque, que parece insignificante, mas é muito importante: “A pele humana é como um campo relvado, cada folha de relva é um verno de extremidade tão sensível que o mínimo toque pode gravar no cérebro a memória do momento.”

¹¹ Ver a este propósito, Kerckhove, Derrick de (1995), *A Pele da Cultura*. Lisboa: Relógio D’Água.

¹² “As pessoas inclinam-se para a frente, pousam o braço na direção do outro, aproximam os pés, se ambos os membros do casal estão de pé, ou afagam o seu próprio braço como se estivessem a acariciar o outro. Depois, dá-se o clímax – uma pessoa toca a outra no ombro, no antebraço, no pulso, ou em qualquer outra parte do corpo socialmente disponível. Normalmente, a mulher toca em primeiro lugar, passando a mão pelo corpo do seu pretendente da maneira mais casual, mas também da maneira mais calculada.”

homens gostariam que elas fossem. Em última análise, a pele não é uma barreira para o exterior, mas funciona em confluência com o mundo. E o corpo capta, absorve e inscreve em si essa relação com o mundo que o rodeia, tendo a capacidade e possibilidade de ser transformado. É aqui que se torna imprescindível para a vivência do sexo e do amor. E se, atualmente, qualquer corpo é “culturalizado” (Barthes, 2007), então faz sentido que vivamos o sexo e o amor com base numa construção social e não só e apenas numa base biológica. Se a sociedade está em profunda mudança e a intimidade sofre grandes transformações (Giddens, 1995), a questão que hoje se coloca ao corpo não é tanto a da sua identidade, mas a da sua transformação (Andrieu, 1994). A exemplo da sociedade e do amor, ao perder-se a noção de corpo humano como algo imutável e definitivo, surge a visão do corpo como mutável e fabricado não só pela experiência do mundo que o rodeia (e que vai mudando), mas por todas as hipóteses de intervenções médicas/estéticas que hoje estão disponíveis (e que conduzem à hibridação do corpo).

Ao longo da História, é também o corpo que tem servido de mediador entre a realidade quotidiana e a realidade erótica (um mundo com sensações, linguagens e significados próprios, ao qual acedemos através de leituras, filmes e experiências específicas) (Alberoni, 2005). E, também aqui, se fala na diferença de género, com vários autores a defenderem que a sensibilidade feminina conjuga mais profundamente sexo e amor, enquanto o erotismo no homem é mais impulsivo e violento (Alberoni, 2005 p. 26). Um exemplo disso é a literatura erótica feminina, que constrói um erotismo baseado no registo “do positivo, da beleza, da delicadeza” (Alberoni, 2005: p. 69).

Enquanto elemento biológico, o corpo foi sendo domesticado pelo social, sobretudo o corpo feminino, objeto de desejo e de perdição dos homens, sucessivamente controlado e relegado para segundo plano (Tucherman, 2004: p. 26 ¹³). Não nos podemos esquecer que “em diferentes épocas e em diferentes sociedades, o amor foi inventado e reinventado, assim como o corpo que o suporta e o experimenta” (Tucherman, 2004 p. 26). E têm sido os homens a impor o seu modelo de sexualidade às mulheres (Badinter, 2005: p. 82). A própria fisionomia masculina, com o pénis que penetra o corpo feminino (e este, submissamente, o recebe) dá lugar a que se fale de dominação dos homens (Bourdieu, 1998). Será, inclusive, a diferença biológica entre os

¹³ Refira-se que a ideia de corpo perfeito não incluía as mulheres na civilização grega e, na tradição judaico-cristã, o corpo feminino foi produzido “por mediação do corpo do homem”.

sexos, a diferença anatómica entre os órgãos sexuais do corpo feminino e do corpo masculino, que pode surgir como justificação natural da diferença construída entre géneros. Até na visão tradicional da sexualidade o homem se posiciona em cima, tem um órgão sexual que fica ereto (símbolo de virilidade) e que penetra a mulher (Bourdieu, 1998: pp. 13-16). Para Badinter, citando as feministas radicais americanas, a ereção é um símbolo do poder masculino e “o pénis uma arma (...) de que o homem se serve para possuir e rebaixar a mulher” (Badinter, 2005: p. 42). Se encararmos o corpo como objeto de desejo e interface para a sexualidade e para o amor e se encararmos a sexualidade como forma de poder, não podemos estar perante uma inversão de papéis com a “nova sexualidade multiforme e sem pudores”? (Badinter, 2005: p. 74). Badinter diz que “as jovens baixam as cuecas com uma facilidade que espanta a geração mais velha. Curiosidade, desejo, orgulho, provocação ou conformismo, não se sabe muito bem o que preside a tal impulso” (Badinter, 2005: p. 74). Encarando a sexualidade como uma forma de poder, não poderemos dizer que começam a ser as mulheres as suas maiores detentoras, já que o seu corpo tem sido ao longo dos séculos mais objeto de desejo do que o dos homens? (Badinter, 2005: p. 43).¹⁴ Assim sendo, com base nas tão sentidas mudanças de género, em que época vivemos atualmente?

Já vimos que as mulheres, agora, também se permitem viver a sexualidade de uma forma mais igualitária e reivindicam o prazer. Já vimos que o corpo serve de interface para a experiência do sexo e do amor. E esse carácter erótico do corpo acaba por acompanhar a instabilidade e o medo sentidos pela impermanência (Bataille, 1986¹⁵). Se não podemos negar o erotismo que é essencial e natural a qualquer pessoa, que é a vida interna do ser humano, que vai muito além do objeto exterior (Bataille, 1986), então como podemos fazer a divisão entre homens e mulheres nestas questões do desejo, do sexo e, a um nível mais profundo, do amor? Relembremos a resposta de EM, entrevistada para este estudo, de que as grandes diferenças entre homens e mulheres residem na forma de expressão e não na necessidade em si. O que sempre foi

¹⁴ Diz-nos Badinter: “Afinal de contas, podemos perguntar-nos se a noção simplificadora e unificadora de ‘dominação masculina’ não é um obstáculo conceptual”.

¹⁵ Mas o que se entende por erotismo? O autor francês Georges Bataille (1986) considera que o ser humano vive com um constante medo de si mesmo e, sobretudo, do seu carácter erótico, em parte porque o erotismo não pode ser separado da história das religiões (Bataille, 1986) e não pode ser discutido sem pôr em causa (e discutir) a própria noção de Homem.

acontecendo é que as mulheres negaram e reprimiram estes seus desejos e necessidades (Freire, 2010).

Sendo a pele entendida como a interface entre dois mundos (interior/exterior¹⁶), quando sentimos atração sexual, seja homem ou mulher, o indivíduo não sente atração pelo “objeto” exterior a si, mas pelo que esse “objeto” exterior (homem ou mulher) toca na sua concepção interior de desejo, atração e erotismo (Bataille, 1986: p. 29). Por isto se conclui que, em última análise, o erotismo está relacionado com a vida (porque tem na base o contacto sexual, primeiramente surgido pela necessidade de reprodução e de deixar um legado no mundo) e com a morte (se a reprodução leva à descontinuidade dos seres com a sua multiplicação, leva depois à sua continuidade quando uma das pessoas morre e deixa no mundo o seu legado, a sua extensão) (Bataille, 1986: p. 13).

A dominação masculina, que teria por base a ordem sexual nas sociedades tradicionais, parece ainda existir por toda a parte: nas instituições, na vida quotidiana privada ou profissional, nas relações sexuais e no inconsciente (Badinter, 2005: p. 40 e vários autores). O sociólogo francês Pierre Bourdieu diz-nos que, para pensar a dominação masculina, é preciso olhar para os modos de pensar da sociedade, que são eles mesmo o produto dessa dominação (Bourdieu, 1998: p. 11). Bourdieu fala em necessidade de a sociedade criar categorias a partir de um sistema de oposições, daí que tudo seja dividido e inserido tendo em conta esse oposto masculino/feminino (opostos, mas complementares, já que são lados da mesma moeda, que é a condição humana).

Em resumo, nesta questão do sexo e do amor não nos podemos esquecer do corpo-pele, o lugar da afeição. E o campo dos afetos é, por excelência, o que faz a travessia constante entre o corpo e a mente. Sendo o corpo principalmente um objeto afetivo, o que ele experiencia vai afetar o próprio sujeito. Se não o podemos ignorar, mesmo com a revolução sexual, será que as mulheres esperam conseguir, através do sexo, continuar a chegar aos afetos, à ligação com o outro? E os homens continuarão mesmo a não ser afetados por nenhuma destas experiências que o seu corpo, aquando dos encontros sexuais, vivencia? Ou será que o amor, na sua fase de afeto e ligação, é indissociável do sexo? EM admite a existência do desejo/atração sexual como base do amor, mas salienta que essa atração pode ter vários polos, desde o físico ao intelecto, a uma forma de estar na vida ou à pessoa no seu todo. EH considera importante “haver

¹⁶ François Dagognet foi um dos primeiros pensadores a encarar a pele como interface.

uma atração” como base para o amor, mas “o intermediário, que é o que mobiliza as pessoas naquilo que é o erótico, pode ser diferente de pessoas para pessoa”.

CAPÍTULO IV:

SEXO E AMOR

A GRANDE DIFERENÇA ENTRE HOMENS E MULHERES?!

Pelo que fomos refletindo até aqui, verificamos que, ao longo dos séculos da evolução humana pode, de facto, ter havido razões que deram origem a frases feitas e preconceitos em relação a homens e mulheres e à sua conduta sexual e/ou perante o amor. E teremos, claramente, de distinguir sexo de amor (ainda que possamos defender que o amor só é completo com sexo ou, por outras palavras, que o sexo é uma base essencial para o amor). Pelo pouco que se consegue perceber do funcionamento do cérebro (com destaque no próximo capítulo), é admissível que os homens sintam ou, pelo menos, reajam mais rapidamente ao estímulo visual e, logo, à atração sexual e a estímulos explícitos como a pornografia. No entanto, mais uma vez insistimos que esta análise se debruce sobre a fase da ligação, do vínculo, dois patamares acima desta fase (ver catalogação de Fisher no próximo capítulo). Reflitamos então um pouco sobre estas questões do sexo e do amor em época de mudança e profundas transformações de papéis, olhando para o que pode estar a mudar e o que teima em manter-se.

Se atrás concluímos, com Bauman, que o amor é impermanente e, por isso, pode conduzir ao sofrimento – e se as promessas de compromisso, atualmente, são irrelevantes a longo prazo porque a única coisa que é certa é a incerteza -, então para quê investir tanto em algo que nos vais defraudar garantidamente e nos vai fazer sofrer? Com medo do amor (que alguns autores comparam à morte (Bauman, 2003: p.19 ¹⁷) apesar de estar disfarçado pelo desejo e pela excitação), menos exigentes, ansiando por coisas prontas e sem conseguir agir com os padrões a cheirar a mofo do amor romântico, teremos forçosamente de tentar sobreviver de outra maneira. E por isso recorreremos muitas vezes à ilusão. E aquilo com que nos iludimos passa pelo prazer

¹⁷ Bauman refere-se ao polémico escritor checo Ivan Klima ao dizer que “poucas coisas se parecem tanto com a morte como o amor realizado. Cada chegada de um dos dois é sempre única, mas também definitiva: não suporta a repetição, não permite recurso nem promete prorrogação.”

físico, o “sexo pelo sexo” de que fala Erich Fromm (Bauman, 2003: p. 66 ¹⁸), que mais não é do que uma fuga à solidão porque necessitamos de sentir que estamos unidos ao outro e não estamos sozinhos. E aqui parece que são os homens a lidar melhor com o sexo, não por mais desinibição, mas por três razões fundamentais: exercício de poder (a que sempre estiveram habituados ao longo dos séculos); medo do afeto (do qual sempre estiveram afastados, mesmo quando começaram as transformações da intimidade), logo, medo do sofrimento; e fragilidade económica e biológica das mulheres. Atente-se nos exemplos seguintes, que transmitem bem estas três teorias.

No início dos anos 90, a Coletividade de Prostitutas de Kings Cross (Grant, 1993: p. 330) defendia que o crescimento do trabalho baseado na exploração do sexo estava relacionado com o poder económico dos homens, que sempre foram habituados a comprar o que queriam. Já um estudo conduzido pela Universidade de Investigação da Saúde Pública da Universidade de Glasgow, também do início dos anos 90, concluía que, na perspetiva de muitos clientes, há uma atitude de superioridade quando procuram prostitutas. Um deles dizia: “o facto é que se está numa posição de maior poder, isto é, como se tem dinheiro no bolso exerce-se domínio sobre elas” (Grant, 1993: pp. 330-331 ¹⁹). Um dos diretores do projeto explicou ainda que, “para alguns homens, a atração caracteriza a natureza não emocional do sexo” (Grant, 1993: p. 330), que assim não tem obrigações constantes, sejam de ordem sentimental ou financeira. Mas não é só com as prostitutas, é nas relações em geral. Já Giddens falava nisto ao rejeitar a redução do amor ao sexo, admitindo que a sexualidade “é uma construção social, não apenas uma necessidade biológica, mas uma questão também de poder” (Giddens, 1995: p. 23). Entendida como poder, sendo a história da sexualidade feita de submissão das mulheres aos desejos dos homens, significa que estes, através do sexo, controlavam as mulheres e exerciam o seu poder sobre elas. Com a revolução sexual e a perda deste controlo, os homens tornaram-se mais agressivos e “abriu-se um grande abismo entre sexos” (Giddens, 1995: p. 23). Por último, não nos esqueçamos que há outros fatores, como o poder económico das mulheres (que é manifestamente inferior ao dos homens) e o

¹⁸ Bauman cita Erich Fromm e a ideia de que sexo separado de amor conduz à frustração, mas é bastante procurado pela necessidade que o ser humano tem de atingir a união com o outro. E nada como a ilusão da união para enganar o real desejo.

¹⁹ O estudo foi feito com 70 homens que iam às prostitutas. Na sua maioria eram casados, com relações duradouras. Uma minoria “pretendia serviços “especiais” como sadomasoquismo, sexo anal e travestismo”. A maior parte procurava as prostitutas por questões que “tem a ver com controlo”.

perigo de gravidez (Grant, 1993: pp. 33-34²⁰) que impedem as mulheres de copiar tal e qual os comportamentos sexuais dos homens. Faz sentido que, tendo em conta o risco de gravidez, o sexo torne as mulheres física e emocionalmente mais frágeis (Grant, 1993: p. 334²¹). A juntar a isto há a questão cultural e social, que ao longo dos séculos tem definido o que é próprio do “masculino” e do “feminino”.

O sexólogo Francisco Allen Gomes diz que “o amor-paixão é, para muita gente, o ideal do encontro sexual”, mas muitos homens assustam-se com o envolvimento afetivo. Para eles, o sexo é, no dizer de Alberoni, um “interlúdio erótico”, qualquer coisa que se inscreve num intervalo retemperador na agenda do dia” (Gomes, 2004: p. 202). Se há cada vez mais mulheres a terem comportamentos ditos “masculinos” ao separarem sexo de amor e há mulheres que têm o sexo como profissão (e não amam cada cliente com quem vão para a cama, apesar de também poderem não ter prazer e fazerem-no só por dinheiro), então como se explica que ainda façamos esta divisão de “homens e mulheres têm sexo e amam de maneiras diferentes”? Até mesmo as entrevistas para esta análise mostram alterações de mentalidades com mulheres que dizem conseguir separar sexo de amor, assim como também mostram homens que dizem que sexo e amor são inseparáveis.

No caso das mulheres, são as das gerações mais novas que dizem conseguir essa separação (“Consigo” (M1); “Consigo. Acho que é muito fácil” (M2)), embora depois, ao explicarem-se, incluam o sexo e os momentos de desejo mais instintivo e carnal como uma parte integrante da relação de amor que vivem e não no conceito de sexo por sexo com um desconhecido ou numa relação que não envolva amor (“Quer dizer... eu acho que o amor e o sexo tão ligados” (M1); “eu acho que nunca fiz sexo com alguém que não estava a amar” (M2)). As mulheres mais velhas que foram entrevistadas referem, logo à partida, o sexo como uma componente dependente do amor e do momento que atravessam na relação: “eu não consigo separar o amor da parte sexual, portanto, se eu não estou bem, a outra parte não funciona” (M3); “por mim, para já,

²⁰ A autora diz-nos que, ao contrário dos homens, “as mulheres são obrigadas a pensar em termos de potenciais consequências que poderão resultar do encontro sexual, nomeadamente a gravidez”. Além disso, na altura de comprarem sexo, “se estiver implícito algo com um mínimo de requinte e estilo, a compra do sexo torna-se muito mais cara em relação ao que está disponível nas ruas, como é do conhecimento dos homens. Uma mulher que queira evitar o perigo ou a agressão física, mesmo que esteja predisposta a pagar para ter sexo, terá de gastar bastante dinheiro – e as mulheres nunca ganham tanto como os homens”.

²¹ Grant diz “Geralmente, ao ficar grávida, a mulher gostaria de ter um nome, um número de telefone e, de preferência, um ser humano decente que a apoiasse emocionalmente. Nesta perspectiva, sexo e emoção não se poderão separar.”

sexo é quando existe amor” (M4); “Não vejo uma coisa sem a outra” (M5); “é tudo um bloco, não há separação” (M6).

No caso dos homens, curiosamente só os mais velhos dizem não conseguir separar sexo de amor, mas quando justificam a resposta percebe-se que o que querem dizer é que a sua relação de amor tem, também, de incluir sexo: “o sexo é uma consequência do amor” (H5); “ai, não consigo... tem que haver uma atração física, carnal, forte” (H6). E parece denotar-se aqui a marca cultural de uma geração para quem o casamento (podendo disfarçar-se de amor) implicava esse compromisso sexual, sobretudo da parte das mulheres: “o amor, se tiver sexo, é muito melhor” (H5); “aquela coisa de depois nós nos tornarmos amigos, etc, não, não, isso é a mesma coisa que comida sem sal” (H6). Os restantes homens admitem conseguir separar sexo de amor: “Sim. O sexo tem se calhar mais prazer do que o amor, mas é um bocado como a paixão, é momentâneo” (H1); “Consigo. Acho que os homens separam muito bem sexo de amor” (H2); “sim, são coisas diferentes” (H3); “consigo separar” (H4). Apesar de admitirem isso, depois descrevem o “fazer amor” como algo mais profundo, carinhoso e duradouro. “O amor penso que seja dado com mais carinho e é algo mais duradouro” (H1); “consigo-me imaginar longos períodos de amor sem sexo” (H2); “amor não é só sexo, sexo faz parte. Amor é mais abrangente” (H3); “quando nós conseguimos casar o sexo com o amor é o ideal” (H4). Estas respostas corroboram a ideia de EM e EH sobre o facto de ter de haver uma atração sexual na base do amor, seja ela de índole físico, intelectual ou de outro tipo.

Isso mesmo revelam os sujeitos entrevistados, com maior incidência para os homens, que admitem ter-se sentido atraídos (e nalguns casos ainda sentem) pelas características físicas da parceira. No entanto – e porque se consideram numa relação de amor-ligação – elencam outras características de personalidade e carácter que consideram importante estarem presentes a par do físico: “a forma de ser (...), gosto dos olhos também, a nível físico, identifica-se com o meu género de mulher” (H1); “ela tem um humor incrível, que revela uma inteligência incrível e uma ternura inacreditável” (H2); “ser uma mulher de personalidade, firme, lutadora” (H3); “o sorriso dela, a voz... para não dizer o corpo dela (...), aquela vontade de querer sempre agradar (...), as costas dela” (H4); “a maneira de ser dela, como uma boa companheira, trabalhadora, incansável... é bonita, pronto, é interessante” (H5); “as qualidades de carácter, de integridade (...), para além da atração física” (H6).

No discurso das mulheres as qualidades intrínsecas dos companheiros sobrepõem-se à componente física naquilo que as faz sentirem-se atraídas: “o meu companheiro é uma pessoa forte (...), é boa pessoa, mesmo!” (M1); “a forma de encarar a vida (...), gosto especialmente de sentir que o conheço melhor que os outros” (M2); “a bondade dele (...), o companheirismo” (M3); “a inteligência (...), a honestidade (...), é uma pessoa extremamente sensível (...), o pai que ele é” (M4); “acho que também não tem qualidades que não encontre noutras pessoas” (M5); “é giro, gosto dele (...) é uma pessoa muito séria, muito cumpridora, muito certinha, muito contra as injustiças (...), é uma pessoa muito meiga” (M6).

Ao nível da vivência do sexo consegue identificar-se nas respostas das mulheres que alguma coisa mudou, sobretudo nas gerações mais novas. Era de esperar, como se confirmou, que as entrevistadas das gerações mais velhas falassem de sexo como uma parte integrante do amor (ainda que algumas digam que conseguem separar uma coisa da outra) e os entrevistados enaltecessem nas suas parceiras características intrinsecamente relacionadas com o que era esperado das mulheres no seu papel tradicional (“uma boa companheira”, “trabalhadora”, “integridade”, “aquela vontade de querer sempre agradar”). Vários são os autores que defendem que algo mudou e que as mulheres parecem ter aprendido com os homens e agora também seduzem, têm sexo por prazer e reclamam uma vida sexual ativa e satisfatória. Sem dúvida que houve uma estrondosa evolução, comparando, por exemplo, com os anos 50. Mas não nos podemos esquecer que essa década é relativamente recente e que Portugal é um caso particular de país católico e conservador, marcado por quarenta e oito anos de ditadura. Além de que desde a Pré-História que há a divisão de tarefas e papéis sociais entre homens e mulheres (Fisher, 1992), que depois assumem poder simbólico na sociedade e, em consequência, poder social (Fisher, 1992: p. 239).²² E também dão azo a uma confusão de conceitos, como homem/mulher; masculino/feminino.

Recuando ao Portugal dos anos 50, falando de papéis sexuais próprios do “homem” e da “mulher”, a mulher tinha de se casar virgem e, mesmo depois da noite de núpcias – momento a partir do qual iria pertencer a um homem para sempre -, devia eliminar da sua vida as artes do prazer, não mostrando iniciativas sexuais, desejos e

²² Fisher diz: À medida que a cultura evolui, desenvolve um “padrão sexual” ou norma social que determina como cada um dos sexos se deve comportar, bem como determinadas convicções sobre os poderes de cada sexo. As pessoas têm estas normas implantadas nas suas mentes. (...) Em última análise, aquilo que a sociedade considera simbolicamente poderoso torna-se socialmente poderoso.”

muito menos orgasmos. Como iria, então, um homem satisfazer todos os desejos e caprichos que, enquanto macho, lhe eram reconhecidos por direito e natureza biológica? (Freire, 2010: p. 205 ²³). Disso tratariam as prostitutas e as amantes. Uma esposa não teria de se preocupar. Para muitas mulheres, a ida dos maridos às prostitutas fazia-as sentirem-se “aliviadas de um ritual que lhes era pouco relevante do ponto de vista erótico, (...) aliviadas de mais um risco de gravidez (e dos encargos de mais um filho), ou então, em muitos casos, aliviadas do risco de mais um aborto” (Freire, 2010: pp. 173-174).

Para as entrevistadas desta análise, essa não é uma questão equacionável. Além de quererem incluir o sexo na sua relação de amor, confrontadas com o que fariam se fossem traídas ou rejeitadas, são unânimes ao afirmarem que teriam de perceber a razão, iriam ficar destroçadas e que a relação não iria resistir a essa traição. Apenas M5, na faixa dos 60 anos, refere que “se me apercesse que era uma aventura, até fazia por não perceber”. O mesmo com o seu parceiro, H5, na mesma faixa etária, que admite que há outros valores que foram sendo construídos na relação, por isso, “nesta fase do campeonato, com esta idade, não sei se reagiria muito mal”. Os restantes casais falam em “tristeza”, “perda completa”, e apontam o choro, a vontade inicial de morrer, dificuldade em dormir e perda de apetite como as consequências físicas de uma traição ou rejeição por parte da pessoa que amam. E aqui não houve diferenças entre homens e mulheres. Ambos disseram sentir e expressar estas emoções.

A nível sexual, comparando as respostas dos entrevistados e entrevistadas para esta análise, parece não haver dúvidas de que o sexo é importante e faz parte da relação de amor que estes casais vivem. No entanto, ainda assim todos e todas rejeitam que o sexo seja a componente mais importante numa relação longa, contrariando a ideia socialmente pré-concebida de que os homens ligam mais ao sexo do que as mulheres e que o sexo tem de ser o aspeto essencial numa relação. As únicas exceções na resposta são M1 e H6, a mulher mais nova e o homem mais velho desta análise, que respondem assim quando lhes é perguntado se o sexo continua a ser a componente mais importante numa relação longa: “Sim, claro. (...) O ser humano não vive sem sexo, não vive”

²³ No livro explica-se que era normal, na década de 50, que os maridos, “mesmo os bem casados”, se envolvessem com outras mulheres. A justificação?! “Era a natureza masculina. Os homens teriam nascido com esta tendência poligâmica, e as mulheres deveriam aceitá-la, sem grande problematizado ou alarido. A traição do marido estava devidamente enquadrada. Não sendo propriamente um defeito, era mais um feitio – e de ordem psicogénica.”

(M1); “Na base o sexo tem de lá estar. (...) Se não houver essa base (...) a faixa dos neurónios começa depois a pensar noutras coisas...” (H6).

As restantes pessoas entrevistadas confirmam a importância do sexo, mas destacam outras características para a relação: “Eu acho que o sexo nunca foi a componente mais importante (...) mas é um elemento que tem de estar presente. (...) Numa relação longa, a componente mais importante é, sem dúvida, (...) uma pessoa sentir que o outro continua a gostar particularmente de nós e a admirar-nos.” (M2); “Não. (...) para mim nunca foi a componente mais importante. (...) A componente mais importante é o entendimento e o companheirismo.” (M3); “Faz parte, sim, mas não é a mais importante. (...) As mais importantes são o bom companheirismo” (M4); “Não! É importante, mas não é a mais importante. (...) Tudo é importante: o entendimento... a fidelidade.” (M5); “Tudo tem o seu tempo... continua a ser importante, mas há componentes agora que... o carinho, a amizade...” (M6); “Não. Nem numa relação pequena. (...) É a confiança” (H1); “Não. (...) para mim, nem no início é a coisa mais importante nem a partir daí. Cumplicidade e (...) compreensão” (H2); “Não digo que seja a mais importante, mas é bastante importante. A cumplicidade é a componente mais importante.” (H3); “Não. Mas é importante. (...) A mais importante é precisamente o amor e a relação que nós conseguimos cimentar ao longo destes anos” (H4); “Não, acho que o sexo já não é assim a relação mais importante. (...) O mais importante é o relacionamento entre os dois, viver bem, estar em sintonia um com o outro” (H5);

Estas repostas demonstram as conclusões a que alguns estudos sociológicos já tinham chegado ao referirem que no caso português, por exemplo, a sexualidade é encarada como uma experiência importante e uma das várias dimensões relacionais entre as pessoas (Torres, 2002: p. 80) ²⁴. No entanto, há uma década ainda existiam algumas contradições, provavelmente pelo peso cultural. Uma delas era o facto de serem poucos os jovens que coabitavam antes do casamento. Talvez porque isso implicasse assumirem que viviam em pleno a sua relação, inclusive a nível sexual, e na nossa memória ainda reside a influência de uma sociedade carregada de moralismo. Mesmo entre os mais jovens “o tabu da sexualidade parece assim mais presente do que à partida se poderia esperar” (Torres, 2002: p. 83). Já para os pais, a principal preocupação parecia ser a reputação das raparigas. O casamento era o garante de que se

²⁴ A propósito da sexualidade no caso português, a investigadora conclui: “Ela não é nem excessivamente valorizada, rodeada de mistérios e segredos, nem banalizada.”

os laços fossem quebrados a mulher não ficava tão mal vista (mesmo que posteriormente o divórcio fosse o recurso possível). Se dantes, em Portugal, o divórcio era quase sempre uma iniciativa masculina e era sentido como uma fatalidade (Torres, 2002: p. 9), agora as mulheres também acabam com situações indesejáveis. O que as afeta mais é o estigma a que ficam sujeitas na situação de pós rutura. São “divorciadas” e esse, há uma década, ainda era um rótulo pesado para as mulheres na sociedade portuguesa (Torres, 2002: p. 9²⁵). Mas não tanto como ser “coisa nenhuma”.

Hoje, as mentalidades estarão porventura mais abertas. Ainda que as entrevistas para esta análise não pretendam ser representativas da sociedade portuguesa, como atravessam diferentes gerações, acabam por nos dar uma ideia de algumas transformações ocorridas na maneira de pensar. Uma delas é precisamente esta questão do casamento. Só as pessoas mais velhas entrevistadas consideraram que casar e ter filhos é essencial para a felicidade de um ser humano. As restantes, mesmo que reconheçam que, no seu caso pessoal, foi ou é, admitem que possam existir pessoas que tenham outras opções, igualmente válidas.

“Eu acho que casar não é o mais importante. Ter filhos, depende dos casais.” (M1); “Há pessoas que têm esse modelo, há outras pessoas que não têm. (...) Não há nada que nos diga que temos de ser assim.” (H1); “Para mim, são. (...) Quer dizer, não é o casar, é o viver uma vida partilhada.” (M2); “Só sei dizer que é importante para mim. (...) Acredito, admito, perfeitamente que há pessoas que não tenham essa necessidade.” (H2); “na minha maneira de ser era importante, mas não era prioritário” (M3); “Não será essencial, mas para mim foi.” (H3); “Vou falar por mim. Eu tinha que ser mãe (...) Agora, dizer porque é um padrão nós mulheres casarmos e termos os nossos filhos, não. Acho que temos que ver se realmente é essa a nossa vontade.” (M4); “Eu considero que é uma via, não quer dizer que seja a única. A pessoa pode-se sentir feliz se tiver outra vocação.” (H4); “Acho que se pode ser feliz sem companheiro e sem filhos. Cada um encontra a felicidade à sua maneira” (M5); “Eu acho que é essencial. Casar, casar, ter filhos, ter filhos, é essencial. Ter netos, ter netos.” (H5); “Ah, pois é. Completamente essencial. Acho que a família é muito importante.” (M6); “Pode não ser. Uma pessoa pode ser feliz à sua maneira sem casar. Quer dizer, o meu caso é o meu caso, depois cada caso é um caso.” (H6).

²⁵ A autora explica que as mulheres que se divorciavam eram vistas como não tendo sido capazes de aguentar um casamento como, supostamente, as suas mães e outras familiares o fizeram.

Se, pelo que vemos, as mulheres vão assumindo outro papel em rutura com o passado, se há abertura para outros modelos de viver o amor e os relacionamentos, continuará a mulher a ser uma vítima da dominação masculina, neste que já parece ser um discurso fatalista de um caminho que não tem retorno? Os homens começam a ser confrontados com mulheres que exigem e, à custa disso, procuram os terapeutas para alterarem os seus comportamentos e satisfazerem mais as suas companheiras. EM afirma que, nas consultas de sexologia, enquanto algumas mulheres se continuam a queixar da falta de desejo sexual, muitos homens (jovens) queixam-se de problemas ejaculatórios que os impedem de se considerarem ao nível das exigências das suas parceiras. EH refere notar uma ligeira maior abertura dos homens para se trabalharem interiormente e melhorarem o seu relacionamento com as mulheres. Apesar de todas as diferenças biológicas, que existem e não podem ser negadas, EH defende que é “reduzidor se adotarmos a ideia generalista de que os homens são diferentes das mulheres” e que argumentar essas diferenças é “um alibi para se resolver coisas que não se querem resolver”.

Sem certezas absolutas e provas científicas que nos permitam afirmar convictamente que homens e mulheres amam de maneira diferente, podemos certamente afirmar que os homens também amam e sempre amaram e também se apaixonam e sempre se apaixonaram. Mesmo que pareça o contrário, lembra Giddens, “talvez mais do que a maioria das mulheres, apesar de ser de formas que continuam a ser analisadas” (Giddens, 1995: p. 67). Um dos problemas dos homens foi, como já vimos, que precisaram de pagar o elevado preço de ficarem excluídos da transformação da intimidade enquanto firmavam a sua posição no domínio público. Então, a questão não está na diferença do que sentem, mas na maneira como expressam o que sentem. “Na forma de amar ou na necessidade de amar, eu punha as coisas nesse sentido, acho que o homem e a mulher são muito iguais”, conclui EM.

Quanto às pessoas entrevistadas para esta análise, as opiniões dividem-se e não dependem de idade ou de sexo. Há mulheres e homens que dizem que ambos os sexos têm necessidades diferentes ao nível dos afetos porque as mulheres são mais sensíveis; há mulheres e homens que defendem que ambos têm necessidades iguais porque são humanos; há mulheres que admitem que o seu sexo possa ser mais frágil que o sexo oposto e há homens que reclamam também para o seu sexo essa sensibilidade e emoção. À pergunta “homens e mulheres têm necessidades diferentes ao nível dos afetos?”, as

respostas foram as seguintes: “Não. Eu acho que as pessoas têm as mesmas necessidades” (M1); “Eu acho que ambos precisam de afeto (...) acho que não tem a ver com homens ou mulheres (...) há pessoas” (M2); “Acho que a mulher é um pouco mais carente e frágil do que o homem” (M3); “eu acho que não, eu acho que todo o ser humano tem necessidade de afeto, de demonstrações de carinho, de amor” (M4); “Em termos de precisar de amor e carinho, acho que é igual para os dois sexos” (M5); “Nunca dei por isso. (...) Seja homem ou mulher, todos precisamos de muito afeto” (M6); “Penso que não. Somos os dois humanos, temos os dois coração e os dois cérebro. (...) Acho que não é o facto das hormonas femininas ou masculinas que vão implicar ter mais ou menos necessidade” (H1); “acho que sim, acho que temos necessidades diferentes de afeto e acho que isso dá origem a muitos mal entendidos” (H2); “acho que não têm necessidades, se calhar manifestam-se de forma diferente (...) o homem acho que é mais frio mas no fundo, cá dentro, é capaz de ter os mesmos sentimentos” (H3); “Entendo que não. Acho que tanto a mulher como o homem o que querem é ser feliz, quer é ser amado, quer é ser mimado” (H4); “É capaz de ser um bocadinho, a mulher ter mais necessidade de afetos” (H5); “Eu acho que sim, quer dizer (...) é preciso ser cuidadoso, mais cuidadoso com uma mulher” (H6).

CAPÍTULO V:

HOMEM E MULHER:

DIFERENTES CÉREBROS PARA AMAR?

Entramos agora numa das fases mais complexas – senão a mais complexa – desta reflexão sobre se “homens e mulheres amam de maneira diferente”. Falar do cérebro e do seu funcionamento é um terreno muito vasto, que envolve múltiplas ligações e interações, que trazem incertezas e desconforto até aos especialistas da área, que andam em contínuas investigações e descobertas. Indispensável para a vida, o cérebro é “o terreno do ‘eu’ do corpo” e é “o cérebro do ‘nós’, da sociedade dos homens” (Vincent, 2010, pág. 17). É nele que sentimos o que acontece no corpo, na sua dualidade de prazer/sofrimento, ganhando identidade; mas é também nele que vamos dando espaço ao “outro”, construindo a necessidade que temos dos outros e do seu reconhecimento. Com um peso médio de 1,5kg (um pouco mais leve nas mulheres) e com mais de 10 mil milhões de neurónios e células (Vincent, 2010, pág. 21), o cérebro

parece uma casa com divisões que se ativam e associam às diferentes atividades do ser humano: dormir, comer, amar, recordar, estudar, apreciar o belo, entre muitas outras. Ao falarmos de amor, estamos a entrar em apenas num desses compartimentos. E, ao falarmos de amor-afeição, no domínio da ligação e do vínculo, estamos ainda a apertar mais a malha do nosso objeto de estudo.

Centremo-nos então na “ligação”. No final do capítulo II, a expressão de Bauman remetia-nos para o que alguns sociólogos, filósofos e psicólogos chamam de “bonding”, ou seja, o desenvolvimento de uma relação interpessoal muito próxima entre duas pessoas, que cria vínculo, ligação, inclusive, pelo contacto da própria pele e com alterações bem identificadas no cérebro. Na minha opinião, é aqui que se dissipam as diferenças entre homens e mulheres e pode ser posta em causa a tese popular, quase assumida como verdade universal, de que os homens só pensam em sexo e as mulheres no amor e, logo, homens e mulheres amam de maneira diferente. Já vamos perceber que, biologicamente, este dito popular pode ter surgido com alguma base de verdade, na medida em que o impulso masculino primário e primeiro é mais visual, remete para o sexual, e tem origens ancestrais. No entanto, isso não invalida que um homem também sinta amor-afeição e, quando está neste estágio, ou seja, quando ama a este nível, tenha comportamentos ditos “femininos” e próprios de uma mulher (anulando-se, assim, essa distinção de “feminino” e “masculino”, “próprio de homem”/ “próprio de mulher”). E é aqui que volta a surgir a questão central desta tese: quando deixamos o sexo e passamos ao patamar do amor, no domínio do vínculo, da ligação, homens e mulheres são assim tão diferentes? Ou será que *as pessoas* é que são diferentes?

Antes de discutirmos as eventuais semelhanças e diferenças, convém perceber como se geram o sexo e o amor. O trabalho do neurocientista António Damásio mostra-nos que, para o cérebro, sexo e amor são sentimentos, ou seja, noções que o cérebro cria sobre o estado do corpo (Damásio, 2003: p. 104).²⁶ Seguindo esta lógica, se o amor é um sentimento e se os sentimentos têm origem no estado do corpo (de uma forma simplista, gerado pelas ditas emoções, que para Damásio são um “meio natural de avaliar o ambiente que nos rodeia e reagir de forma adaptativa” (Damásio, 2003: p. 71), então o amor não é uma abstração, mas um fenómeno fisiológico bem definido e fundamental à sobrevivência dos seres humanos e à construção da razão. Já nos anos 80,

²⁶ O autor diz que “um sentimento é uma percepção de um certo estado do corpo, acompanhado pela percepção de pensamentos com certos temas e pela percepção de um certo modo de pensar.”

o neuropsiquiatra e neurobiólogo francês Jean-Didier Vincent, em “Biologia das Paixões” (Vincent, 1986) defendia que um comportamento passional tem como característica o papel regulador que desempenha na sobrevivência. E que há sempre dois modos de intervenção envolvidos nesses mecanismos de sobrevivência (ou homeostáticos). São eles o comportamento (cérebro) e o metabolismo (hormonas e glândulas). Verifica-se, assim, que é possível descrever o amor e as ligações afetivas em termos biológicos. Ora se o organismo se equilibra através de um mecanismo biológico a que Vincent e Damásio chamam de homeostase (Damásio, 2003: p.52 ²⁷) - e que é a regulação biológica que vem da evolução -, então poderá dizer-se que, para haver amor, tem de haver primeiro um elemento básico, totalmente corporal, que neste caso será a atração sexual. O que não invalida que, depois, interfiram também estados emocionais relacionados com a compaixão, dedicação ao outro e muitas outras emoções de tipo social (ainda relacionadas com o corpo e transmitidas pela evolução), seguidas ainda de uma construção cultural. Em suma, “o estado amoroso é uma prova do desejo que se tem pelo outro; passa inevitavelmente pelo corpo – o encontro de um corpo desejável com um corpo desejado com, se possível, reciprocidade dos papéis” (Vincent, 2010: p. 259).

Partindo deste pressuposto – e alinhando na ideia de Damásio de que, ao contrário do que as pessoas pensam, nada se gera primeiro na mente, mas no corpo -, então eu não amo o outro apenas pelas suas qualidades intrínsecas. Eu começo por amar o outro, primeiro porque houve algo nele que fez o meu corpo reagir e sucumbir ao mecanismo de bem-estar e necessidade de equilíbrio para sobreviver/viver bem e evoluir. Depois, porque o meu cérebro avaliou o que aconteceu ao meu corpo e construiu um mapa mental que lhe permitiu explicar esse estado e sentir-se bem com isso. Ou seja, o outro é um espelho das minhas projeções de desejo e de amor, da minha subjetividade para atingir o bem-estar. Mesmo que eu não perceba ou não controle o mecanismo (Person, 2007: pp. 5 e 10 ²⁸). Assim sendo, tem de haver uma explicação

²⁷ Damásio explica que os processos homeostáticos governam a vida seguindo três fases: 1) ocorre uma mudança no ambiente de um organismo; 2) essas mudanças podem alterar o curso de vida de um organismo, podendo ser uma ameaça ou uma oportunidade de melhoria; 3) ao detetar a mudança o organismo responde de acordo com o que lhe parece mais benéfico para se auto preservar. Assim, conclui que “a tentativa contínua de conseguir um estado de vida equilibrado é um aspeto profundo e definidor da nossa existência”.

²⁸ A autora diz que “the lover’s belief mirrors his subjective experience” e na página 10 acrescenta: “one comes to see that choice is intimately connected to the very stuff of the self. The beloved is the right screen for the projection of something internal”.

para amarmos uma pessoa e não outra (e, aqui, apesar da tendência social para os “clichês”, não se pode dizer que há uma regra para os homens e outra para as mulheres).

Famosa pelos seus estudos na área da bioquímica, a antropóloga Helen Fisher fala em “representações amorosas” (Fisher, 1992: p. 47)²⁹. Ou seja, há uma representação mental, “um padrão repleto de circuitos cerebrais” (Fisher, 1992: p. 47) que vai determinar o que nos estimula sexualmente e o que, por conseguinte, nos leva a apaixonar por uma pessoa e não por outra. Mas quando é que construímos essas representações dentro de nós? O sexólogo John Money aponta para idades entre os cinco e os oito anos, em resposta à família, aos amigos e às experiências a que as crianças vão estando sujeitas nessa altura. O ambiente em que vivemos, a forma como os nossos pais interagem connosco e entre si, os cheiros, etc, vão-se inculcando nas nossas mentes como padrões que associamos a algo que nos atrai ou que, pelo contrário, nos perturba e repugna. À medida que vamos crescendo, estas memórias, que mais não são do que representações inconscientes, vão acabar por se materializar numa imagem que temos do nosso parceiro ideal. Na adolescência, diz John Money, estas representações amorosas solidificam, tornam-se “bastante específicas quanto a detalhes no que toca à fisionomia, constituição física, raça e cor do amado ideal, para já não falar no temperamento, maneiras e assim por diante”.³⁰ Está traçada a base que nos leva a sentir atração por determinado tipo de pessoa. E, inconscientemente, andamos à procura de quem encaixa nesse nosso perfil, deixando de parte quem se afasta dele. Mesmo que o objeto da nossa projeção fuja “consideravelmente ao nosso verdadeiro ideal”, ignoramos estas inconsistências para nos concentrarmos na nossa edificação. Daí as famosas palavras de Chaucer: “O amor é cego” (Fisher, 1992: p. 47). Há, portanto, uma construção social e cultural importante que determina quem amamos, quando amamos e onde amamos. Mesmo que não tenhamos consciência disso ou não queiramos admitir.

Duas das questões da entrevista para esta análise foram, precisamente, o que é que a outra pessoa tem de ter para os entrevistados poderem dizer que a amam e se os entrevistados reconhecem essas características em si ou em algum familiar próximo. É interessante verificar como muitos recusam que as características que procuram no outro tenham origem num padrão familiar, sobretudo se estão descontentes com esse

²⁹ A autora refere-se ao sexólogo John Money e à “representação amorosa” que leva os seres humanos a sentirem-se cativados por esta e não por aquela pessoa.

³⁰ Money, J. (1980). *Love and Love Sickness: The Science of Sex, Gender Difference, and Pair-Bonding*. Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press.

padrão. No entanto, quando admiram e se orgulham dessa característica que lhes foi passada, destacam essas características que consideram positivas como algo herdado da sua família. Analisemos agora as respostas às questões “que características a outra pessoa tem de ter para que a consiga amar?” e “reconhece essas características em si ou em alguém do seu passado?”: “Sinceridade. (...) Sim, sim, tem a ver conosco, principalmente conosco” (M1); “personalidade forte, ser uma pessoa transparente, sincera, humilde, em quem eu possa confiar (...). Tem de se identificar comigo, portanto, em mim” (H1); “essa pessoa no fundo nos consiga ler, nos consiga agradar, satisfazer, que me consiga compreender (...). Sim, eu consigo pensar em pessoas com quem já tive relações e (...) que sinto amor” (M2); “que me compreenda, ternurenta, que eu admire só de a ver falar (...). São coisas que eu procuro, que provavelmente não reconheço em mim e amo a outra pessoa exatamente por me mostrar que é melhor do que eu” (H2); “ser companheiro (...), tem que saber escutar, tem que entender, sobretudo tem que estar ao meu lado (...), pessoa forte que me ajuda (...). Conheço em mim.” (M3); “ser uma parceira com quem se pode partilhar e se conta com essa pessoa (...). Não é novidade... é algo que conheço... de família” (H3); “Sinceridade, o diálogo, honestidade. (...) Sim, sim. (...) Eu cresci nesse ambiente” (M4); “ser uma boa companheira, com quem se pode desabafar, por ser o ombro, confidente, o sorriso, excelente cozinheira, uma mulher de família. (...) Curiosamente não. Eu vejo características na minha mulher que para mim são quase únicas” (H4); “me compreende, me apoia, sinto segurança, mima-me. (...) Talvez. O meu pai seria um bocado assim em relação à minha mãe” (M5); “As duas maneiras de ser têm de estar alinhadas (...), temos de ser coerentes, ter bom senso, programar a nossa vida, lutar um e outro, a pulso, e vamos vivendo a vida bem. (...) Sim, tem muita influência os nossos pais e a nossa vida naquele tempo” (H5); “Somos completamente diferentes mas lá nos conseguimos adaptar e ceder porque só cedendo é que se pode realmente ter uma vida compatível. (...) Não, eu acho que isto são umas características muito pessoais” (M6); “Sobretudo de natureza psicológica, mas também física. Tem que haver atração física, cumplicidades, candura pessoal, (...) tenho total confiança nas coisas que ela me diz. (...) O meu pai. E o meu sogro a mesma coisa. O meu sogro também foi um apaixonado da mulher” (H6).

No entanto, depois de encontrarmos essa pessoa especial, há toda uma atividade cerebral, com neuroquímicos envolvidos, que determina como nos sentimos quando

amamos (Fisher, 1992: p. 58). E pode mesmo haver quem não desenvolva este tipo de sentimentos por mau funcionamento dos neuroquímicos que, por sua vez, provocam problemas hormonais. Como se vê, parece que biologia e cultura não podem ser separadas. Não só não pode ser apenas a biologia a tecer o nosso destino como, ao mesmo tempo, não é cientificamente correto ignorar as variações biológicas entre homens e mulheres (Fisher, 1992: p. 212). Assim sendo, percorramos agora os meandros do cérebro humano, tentando encontrar diferenças entre sexos no que à biologia diz respeito (já que iremos abordar a construção social noutro capítulo).

Parece ser certo, como conclui o investigador Paulo Ribeiro-Claro que “o amor é um fenómeno neurobiológico complexo, baseado em atividades cerebrais de confiança, crença, prazer e recompensa, atividades essas que envolvem um número elevado de mensageiros/atores químicos” (Claro, 2006: p. 47). Para Bronislaw Malinowski, citado por Giddens, o amor “é uma paixão tanto para os habitantes da Malásia como para os europeus, e atormenta mente e corpo de uma forma maior ou menor; conduz a um impasse, escândalo ou tragédia; mais raramente ilumina a vida e faz o coração expandir-se e transbordar de alegria” (Giddens, 1995: p. 37).³¹ Os vários autores lidos corroboram a nossa reflexão de que o amor é universal, ultrapassa fronteiras e rege-se pelo mesmo mecanismo biológico em homens e mulheres. Ainda nos anos 80, Jean-Didier Vincent lembrava que, ao contrário das evidentes diferenças físicas, os cérebros de homens e mulheres não eram assim tão diferentes (Vincent, 1986: p. 283).³² Já na altura o especialista francês se referia à diferença de peso entre os hemisférios direito e esquerdo do cérebro (maior na mulher do que no homem) e à capacidade mais apurada que as mulheres têm de verbalizar, enquanto os homens têm uma maior perceção do espaço. No entanto, advertia-nos para a perigosidade de “cair no ridículo de opor, com bases científicas, o retrato da mulher tagarela, de língua hábil e manipuladora de palavras, ao retrato do homem com córtex direito pensador abstrato, músico, poeta e explorador do espaço” (Vincent, 1986: p. 284). O mesmo em relação ao prazer sexual. Todas as experiências feitas em laboratório, com ratos, não seriam suficientes para extrapolar que o prazer sexual é característica do homem e a, por vezes, quase aversão

³¹ Tradução livre da citação de Giddens

³² O autor escreve, referindo-se à pequena diferença entre os cérebros de homens e mulheres: “(...) um pequeno núcleo hipotalâmico, apanágio do macho, alguns neurónios contendo vasopressina, uma centena de gramas de matéria cerebral, um desenvolvimento talvez desigual dos hemisférios; fraco balanço em comparação com corpos tão dissemelhantes, com comportamentos tão opostos e com estatutos sociais tão distintos”.

ao sexo é uma tendência da mulher. Então se as diferenças fundamentais entre homens e mulheres não estão no cérebro enquanto parte do corpo, estarão no seu conteúdo e nas substâncias que segrega?

Tentemos perceber a química do amor. Helen Fisher propõe a existência de três fases no amor, cada uma delas com as suas características emocionais e compostos químicos (Fisher, 2004). Assim, de acordo com Fisher, começamos por sentir desejo, que é desencadeado pelas hormonas sexuais (testosterona nos homens e estrogénio nas mulheres). Seguimos para a fase da atração, enamoramento ou paixão, que é quando nos apaixonamos e deixamos de conseguir controlar aspetos como a sudação das mãos, falha de respiração, dificuldade de concentração. Estas alterações no comportamento, inclusive do corpo, são provocadas por compostos químicos, ou neurotransmissores, que afetam o cérebro (norepinefrina, serotonina, dopamina). Por fim passamos à “fase de ligação”, o objeto desta tese, da responsabilidade das hormonas oxitocina e vasopressina, que elevam o amor aos laços/ligação que permitem os parceiros permanecer juntos.

Entremos na primeira fase do amor: **o desejo**. Já vimos que tudo o que se gera na mente tem primeiro origem no corpo e ativa as nossas representações amorosas. As hormonas sexuais em ação nesta fase são libertadas pelos ovários e pelos testículos e são também as que nos permitem estabelecer as diferenças físicas entre homens e mulheres (aqueles terão mais testosterona e estas mais estrogénio e progesterona). E aqui, como vemos, há diferenças biológicas entre sexos (Vincent, 2010, p. 252). No que respeita ao desejo, no entanto, estas hormonas sexuais atuam em lugares específicos do sistema nervoso, situados sobretudo no hipotálamo, e têm uma atuação ambivalente (Vincent, 2010: p. 252³³). Como se não bastasse esta ambivalência para complexificar a análise, também os ovários e as glândulas supra renais das mulheres segregam as hormonas masculinas, cuja ação no cérebro é em grande parte responsável pelo desejo sexual feminino (Vincent, 2010, p. 253).

Nesta questão do desejo sexual, o que parece ser consensual é que os homens reagem mais a estímulos visuais do que as mulheres (Fisher, 2008, p. 113). A razão,

³³ O autor diz: “Não posso deixar de insistir na extraordinária ambivalência das hormonas sexuais: a testosterona é convertida em estradiol no interior dos neurónios, para ali exercer a sua função masculinizante. Exerce uma ação estimulante na atividade sexual masculina e feminina. Em contrapartida, a progesterona, a hormona feminina por excelência, tida como exercendo um efeito inibidor na atividade sexual masculina, revela-se igualmente estimulante em determinadas condições. Assim, um pico de progesterona acompanha o aumento do desejo masculino ao cair da noite”.

comentam antropólogos, sociólogos e psicólogos, pode-se prender com a necessidade de reprodução (Fisher, 2008: p. 114 ³⁴). Estudos ao cérebro de alguns homens mostraram que há mais atividade nas regiões cerebrais associadas ao processamento visual, em comparação com os cérebros das mulheres. Outra das conclusões é que quando os homens olham para “as fotos dos seus queridos” (em suma, quem desejam) ativa-se a região do cérebro associada à ereção do pénis (Fisher, 2008: p. 115 ³⁵). Por seu lado, as mulheres mostravam mais atividade nas regiões do cérebro associadas à motivação e atenção quando olhavam para fotos do seu amado. A razão, também de acordo com Fisher, pode estar na necessidade que a mulher tem desde tempos ancestrais de garantir que o seu parceiro tem “aptidões para proteger e providenciar” (Fisher, 2008: p. 118) (aptidões essas que agora se traduzem em segurança financeira, sucesso e prestígio).

Atente-se no exemplo. Encontramo-nos num local e, ao olharmos para uma pessoa, é acordado em nós um apetite porque, por exemplo, há uma parte nela que corresponde à representação amorosa que criámos desde crianças (seja uma “simples” parte do corpo ou um movimento corporal). Explica Damásio que, nesse momento, o nosso sistema neural dos apetites entra em ação e seleciona respostas adequadas a esse estímulo, promovendo internamente alterações químicas (tensões, mudanças de respiração e de ritmo cardíaco, entre outras) que promovem, por sua vez, modificações corporais e põem a imaginação a funcionar (Damásio, 2003: pp. 112-114). A mensagem que é transmitida à mente é a de que o corpo está a exhibir comportamentos associados a estados de prazer, que, por sua vez, mapeados por algumas regiões do cérebro, dão origem a sentimentos também eles de prazer. E, provavelmente, o que nos agrada naquela pessoa desperta em nós sentimentos de bem-estar já vividos anteriormente com algo que identificamos como semelhante.

Estamos na segunda fase do amor: **a atração, enamoramento ou paixão**. Investigações recentes mostram que níveis elevados de dopamina e/ou norepinefrina no cérebro estão relacionados com a atração que os animais sentem por determinados parceiros. E as mesmas substâncias, em conjunto com a serotonina, produzem muitas

³⁴ Citando vários especialistas, Fisher lembra que é esteticamente agradável olhar para mulheres bonitas; que é uma forma de impressionar amigos e colegas; e que essa beleza pode também ser sinónimo de saúde, garantindo assim uma boa conceção e criação dos filhos.

³⁵ Conclusões presentes no estudo feito por Fisher, em que argumenta que faz sentido continuar a associar à necessidade de reprodução, uma vez que o verdadeiro objetivo do amor romântico é estimular o acasalamento com “alguém especial”, logo, faz sentido que haja uma excitação sexual.

das sensações da paixão amorosa humana (Fisher, 2008, pág. 62). A dopamina, por exemplo, em níveis elevados no cérebro, provoca uma atenção concentrada, euforia, alta motivação e comportamentos com um objetivo. Portanto, as características do amor romântico (Fisher, 2008, p. 62). Um aumento da dopamina também eleva normalmente os níveis de testosterona, a hormona do desejo sexual. Já a norepinefrina, derivada da dopamina, em determinadas áreas do cérebro leva a euforia, perda de apetite e insônia, também características básicas do amor romântico (Fisher, 2008, pág 63). Por sua vez, a serotonina pode ter também uma relação com o amor romântico quando se encontra no corpo em níveis baixos (Fisher, 2008: p. 64).

Agora, se associarmos a produção de testosterona aos homens e o estrogênio às mulheres, poderíamos rapidamente concluir que, sendo a testosterona a hormona do desejo sexual e aumentando com o aumento da dopamina, então o amor de um homem tem sempre presente a componente sexual, enquanto o de uma mulher é mais calmo e sexualmente desinteressado. Eu diria que a resposta é “nem sempre” (Fisher, 2008: p. 89 ³⁶). Por um lado, como já vimos anteriormente, não podemos dissociar o amor do que se passa primeiro no corpo (logo, da atração e do desejo que têm escondidas muitas outras influências de tipo não biológico); por outro lado, doses diferentes das diferentes substâncias químicas, conjugadas com ações diferentes consoante as partes do cérebro em que atuam, aliadas à interação que cada uma destas substâncias tem com as restantes e, ainda, harmonizadas com os outros sistemas e circuitos cerebrais levam-nos a uma complexa reação em cadeia que varia de pessoa para pessoa (Fisher, 2008, página 65). Sem esquecermos a questão da hereditariedade (Fisher, 2008: p. 89 ³⁷). Tudo isto nos complexifica a análise. Além disso, o amor muda com o tempo, verificando-se que “à medida que a relação se prolonga, as regiões do cérebro associadas às emoções, à memória e à atenção começam a reagir de novas maneiras” (Fisher, 2008: p.81).

Outra das conclusões que parece consensual é que o hipotálamo é a base do cérebro que acolhe o amor e onde estas transformações e interações todas ocorrem. Vincent diz mesmo que uma área na parte frontal do hipotálamo (a área pré-ótica

³⁶ A autora lembra-nos que “os homens e as mulheres que têm níveis mais altos de testosterona em circulação tendem para se envolver em maior atividade sexual”, sendo que os níveis decrescentes refreiam esse desejo. “Ambos os sexos têm menos fantasias sexuais, masturbam-se com menos regularidade e envolvem-se em menos relacionamentos sexuais à medida que a idade avança”.

³⁷ A autora diz “No que concerne ao desejo sexual, as pessoas diferem, em parte porque os níveis de testosterona são hereditários. Os níveis também flutuam de acordo com o dia, a semana, o ano e o ciclo da vida”.

mediana) tem um papel-chave no comportamento masculino, ativada pela dopamina, juntando-se depois a este esquema a amígdala, recetora da informação olfativa (Vincent, 2010: p. 254). Do que esquematizámos até aqui, é ou não possível separar sexo de amor? Damásio defende que é possível separar a atividade sexual de uma vinculação afetiva graças a duas hormonas que o nosso corpo está continuamente a fabricar: “os péptidos oxitocina e vasopressina, que influenciam a atividade sexual e as ligações afetivas de certas espécies de roedores como os cães da pradaria” (Damásio, 2003: p.115). Assim será se nos ficarmos pela atividade sexual, que nem sempre significa um evoluir para a vinculação afetiva. Agora, quando evoluímos para a fase da paixão, vamos continuar a sentir desejo de atividade sexual com o outro e, até, sentimentos de posse e de ciúme, até porque a dopamina e a norepinefrina estimulam a hormona do desejo sexual (Fisher, 2008). E como será na fase da “ligação”, objeto de estudo desta tese?

Entramos então na terceira fase do amor: a **“fase da ligação”** (Fisher, 2008). As investigações nesta área têm concluído que a oxitocina e a vasopressina são as hormonas que originam muitos dos comportamentos associados à “ligação”. Produzida no hipotálamo, a oxitocina é libertada, por exemplo, por ambos os sexos durante o orgasmo e atua em determinadas partes do corpo como na lactação e na indução do trabalho de parto, mas também “em regiões cerebrais cuja função está associada com emoções e comportamentos sociais” (Ribeiro-Claro, 2006: p. 48). Muitos investigadores estão agora convencidos que esta hormona também é a responsável pelos sentimentos de ligação entre macho e fêmea adultos (Fisher, 2008, p. 96), conjugada com a vasopressina e que se desencadeia, precisamente, no ato sexual, durante o orgasmo (sobem os níveis de vasopressina nos homens e os de oxitocina nas mulheres, contribuindo para a sensação de fusão com a pessoa amada (Fisher, 2008: p. 96)).

Também produzida no hipotálamo, a vasopressina, conhecida como a hormona da fidelidade, atua sobre a pressão sanguínea e está relacionada com o comportamento monogâmico dos machos (Claro, 2006: p. 48). Outros investigadores explicam ainda que a vasopressina exerce um papel importante ao nível do Sistema Nervoso Central, “sobretudo na regulação do comportamento sexual, da agressividade, do medo e do stress, bem como da regulação dos processos de aprendizagem e memória” (Peixoto, Rocha Sousa e Soares Fortunato, 2003: pp. 79). Apesar de terem sido feitas com ratos, algumas experiências científicas mostram que é possível provocar uma modificação

genética no cérebro dos animais, tornando-o mais recetivo à vasopressina o que, por sua vez, torna estes animais mais sociáveis e origina comportamentos de fidelidade às fêmeas que já conhecem. Reativando a memória através da vasopressina, os ratos preferem a fêmea conhecida. Fisher (2008) conclui que “a natureza deu aos machos mamíferos uma substância química para eles sentirem o instinto paternal: a vasopressina”.

Constatam-se, de facto, diferenças biológicas entre machos e fêmeas, mas seria demasiado redutor alargá-las ao ser humano, apesar de Vincent dizer que “nós não somos ratos, mas, em matéria de comportamento sexual, não estamos muito distantes deles”. (2010, p. 259). Não me parece que, à luz destas diferenças biológicas entre sexos possamos afirmar categoricamente que “homens e mulheres amam de maneira diferente”, até porque não é igual para todas as pessoas a forma como estas hormonas/neurotransmissores se produzem e chegam aos recetores que as fazem atuar. Fisher dá o exemplo: os homens com níveis básicos de testosterona elevados casam-se com menos frequência, têm mais relações adúlteras, cometem mais abusos conjugais e divorciam-se com mais frequência. Se o casamento se torna menos estável, os níveis de testosterona aumentam e voltam a aumentar com o divórcio e mais ainda nos homens solteiros. O inverso também pode acontecer: à medida que um homem se vai ligando cada vez mais à sua família, os níveis de testosterona podem declinar (Fisher, 2008, p. 97 – acontece o mesmo quando lhes nasce um filho ou quando os homens pegam num bebé). Além do mais, mesmo assumindo que estas hormonas podem ser importantes para diferenciar o amor entre os sexos, não nos podemos esquecer das construções sociais. Jean-Didier Vincent recusa que o amor se reduza ao comportamento sexual, explicado pela química. Defende, antes, que no estado amoroso podemos encontrar as dimensões corporal, extracorporal e temporal (Vincent, 1986: p. 253).³⁸

³⁸ Vincent explica que o estado amoroso é acompanhado: por uma transformação do corpo, muitas vezes reduzida às secreções hormonais e ao funcionamento do sistema nervoso central; por uma troca de informações entre corpos, o chamado espaço extracorporal, constituído pelos sinais que o corpo do outro emite; e por uma dimensão temporal, já que “há relógios no nosso cérebro que nos ritmam o tempo de amar”.

CAPÍTULO VI:

A RECONSTRUÇÃO SOCIAL DO AMOR

Parece que nos encontramos perante uma mudança profunda de paradigma que se reveste de uma capa económica, mas talvez seja muito mais significativa ao nível das transformações sociais e pessoais. Já o sociólogo George Herbert Mead, no seu livro “Mind, Self and Society” (Mead, 1934) alertava-nos para a ideia de que o processo social antecede, numa perspectiva temporal e lógica, qualquer processo de autoconsciência do indivíduo. De um modo simplificado, é como se o que acontecesse na vida interna do indivíduo não existisse por si só, mas fosse um produto interiorizado a partir da interação com o exterior, com o todo a que chamamos organização social e ao qual o indivíduo pertence. As atitudes dos outros, enquanto todo social e não individualizado, são importadas e processadas pela mente do indivíduo. E é isto que o constrói, faz reagir e aumenta a sua eficácia enquanto membro do grupo e, em primeira instância, contribui para o bem-estar da sociedade enquanto todo. O conteúdo existente na mente é um desenvolvimento e um produto da interação social. Significa isto que só o indivíduo muda e a sociedade permanece estática? Mead diz-nos que não, ao defender que a reação do indivíduo a este estímulo do todo vai, por sua vez, contribuir para mudar o processo social em si mesmo.

Ou seja, o amor pode ser uma construção social cuja função foi socializar as relações interpessoais, sobretudo ao nível sexual. Seguindo a linha de pensamento de Mead que aqui foi resumida, se estamos perante estímulos diferentes promovidos pela organização social (a tal ideia de que o amor não é para sempre, que é mais volátil e descartável), o indivíduo vai reagir aos mesmos e vai-se construir agora mediante isso. Sexualmente falando, vai continuar a ter essa necessidade biológica da interação. Agora, se chamamos (ou continuamos a chamar) amor a estas experiências vai depender talvez da construção mental que fizemos dos estímulos que o todo nos envia e que, por sua vez, vai originar novos estímulos e formas de organização social. Sem a obrigatoriedade do casamento, com maior liberdade sexual e com a certeza de que, agora, nada é para a vida toda, começam a surgir novos modelos de relação homem/mulher, como as relações livres (que alguns chamam de “amor livre”) e as relações a três. Mas estaremos mesmo a falar de amor? Para tentar perceber a abertura a estas transformações e se, também aqui, há diferenças entre homens e mulheres (e seria suposto, de acordo com o

cliché de que os homens não são fiéis nem monogâmicos, que mostrassem abertura para isso), uma das questões colocadas aos entrevistados era se “é possível amar mais do que uma pessoa em simultâneo?”. Todas as pessoas entrevistadas rejeitam essa possibilidade: “amar dois homens para serem “seus”... não.” (M1); “só amamos uma pessoa de cada vez, não conseguimos amar duas ao mesmo tempo” (H1); “no contexto de uma relação amorosa acho que não.” (M2); “ter as duas coisas em simultâneo não conseguia pela ideia da fidelidade ser tão importante para mim.” (H2); “Não, de maneira nenhuma! Pelo amor de Deus!” (M3); “amar mais do que uma mulher... é mais complicado. Acho que não é compatível com o amor, acho que é paixão.” (H3); “Eu acho que não.” (M4); “Seguramente não. (...) quase de certeza que quando se ama alguém verdadeiramente não se consegue trair o outro.” (H4); “Eu penso que não, mas não sei.” (M5); “Não, não.” (H5); “Não, não, não, não!” (M6); “Não isso para mim era o fim. Ela ama-me a mim, não ama mais ninguém, quer dizer, ama os filhos.” (H6).

Assumindo, pelas respostas, que os entrevistados para esta análise amam só uma pessoa, era importante saber se são fiéis a essa pessoa ou se admitem outro tipo de relação em simultâneo que não identifiquem como amor. Todos os homens e todas as mulheres responderam que sim, são fiéis aos seus parceiros e parceiras, desmontando-se aqui uma parte da construção social que atrás já foi referida e que dizia que aos homens tudo era permitido, inclusive ter relações extraconjugais. No caso destas pessoas entrevistadas, verifica-se que nem as mulheres admitem ser traídas, nem os homens dizem trair as suas companheiras. Assim sendo, quais são os padrões familiares que trazem para os seus relacionamentos? Curioso, mais uma vez, que o que as pessoas entrevistadas referem ter trazido e aproveitado da família são os aspetos positivos, salientando que o que era menos agradável conseguiram mudar e fazer diferente.

Todas as mulheres reconhecem essa influência, sendo que as mais velhas confessam rutura com as mentalidades retrógradas do antigamente: “Fazemos bastante o que os nossos pais fizeram (...), por exemplo, fomos conhecer os sítios onde os pais foram” (M1); “Acho que consigo reconhecer em modos de agir talvez, às vezes, alguma semelhança com os modos que via nos meus pais.” (M2); “A educação que eu tive foi um bocado uma educação tradicional, mas tive a sensatez e a inteligência de perceber que as coisas não eram como me passaram.” (M3); “Por exemplo, a princípio, tocar (...), ser eu a mostrar que queria fazer amor eu não conseguia, era muito inibida. Reconheço que é um padrão familiar, completamente.” (M4); “Acho que os meus pais

(...) foram um exemplo também de amor bonito (...) mas acho que houve coisas já que foram posse de mais e isso não faço.” (M5); “Antigamente, a maneira de pensar era completamente diferente. (...) Eu vim muito marcada por isso. Portanto, eu aprendi a viver.”(M6).

No caso dos homens, alguns recusam a influência do passado e os mais velhos reclamam a falta de informação, que os levou a aprenderem tudo sozinhos, salientando também que reproduzem os comportamentos positivos e alteraram ou rejeitaram os outros. “Muitas vezes há homens que dizem que fazem isto e fazem aquilo e na realidade não o fazem. Ficamos um bocado na dúvida se é por ser homem que diz ou se, realmente, o faz, mas pronto.” (H1); “tive um ótimo exemplo de amor verdadeiro nos meus pais, um ótimo exemplo de ternura entre eles (...) muitas vezes sinto que falho em conseguir ter essa ternura, mas crenças acerca de fidelidade, do que é importante na relação, sim, reconheço coisas que aprendi.” (H2); “Não sei.... Não sei. Acho que foi acima de tudo a vivência.” (H3); “ter a dose de paciência necessária para saber ouvir o outro, acho que isso foi-me legado, foi com certeza legado pelos meus pais, para além da fidelidade” (H4); “isso a educação naquela altura quando era miúdo não havia informação nenhuma. (...) Os meus pais eram uns simplórios lá na aldeia, que informação nos podiam dar sobre o amor?” (H5); “Sim, o meu pai, que era um homem modesto, o valor da família, o amor pela mulher, o respeito pelos filhos, isso são coisas que estão cá arreigadas.” (H6)

As respostas dadas pelos elementos dos casais mais velhos eram esperadas, tendo em conta que ou viveram ou são filhos de pais que passaram pelos anos 50 em Portugal. Ainda nessa década a mulher estava remetida ao seu papel de esposa, mãe e dona de casa, com as revistas da época a incentivarem a manutenção desse padrão, levando as mulheres a pensarem que, se não se sentissem bem nesse papel, era porque não eram verdadeiras mulheres (Freire, 2010).³⁹ E o que significava ser uma “verdadeira mulher”, à luz do amor-romântico? “Da esposa (...) os maridos exigem que ela guarde a casa como um cão, cante como um canário e seja elegante como um gato persa”, escreve o ginecologista alemão Fritz Kahn (Freire, 2010: p.31).⁴⁰ Submissas, económica e afetivamente, estavam impedidas de expressar os seus desejos e vontades, muito menos no campo sexual. Eram educadas para ser mães extremosas, fadas do lar que

³⁹ Toda a obra faz o retrato da condição da mulher em Portugal no tempo de Salazar.

⁴⁰ A autora cita uma passagem do livro de Kahn “Amor e Felicidade no Casamento”.

apenas se valorizavam através da imagem social do marido e eram objetos nas suas mãos, sem direito a reclamações. Começavam a submeter-se, ainda em crianças, aos irmãos e aos pais, continuando esse papel nas próprias casas, depois do casamento e até ao fim dos seus dias. O espaço público estava-lhes vedado. Os cafés, por exemplo, não eram para uma senhora, nem sequer a Universidade ou um simples andar sozinha na rua, onde poderia encontrar homens pelo caminho. No fundo, era como se existissem dois mundos: o dos homens e o das mulheres. O delas era o universo dos filhos e da casa, onde estavam enclausuradas. Hoje já não é assim, apesar de as mulheres ainda continuarem sobrecarregadas com o chamamos de *dupla jornada de trabalho*⁴¹.

Resignadas à sua sorte de clausura, estas mulheres das décadas de 50 e 60 tinham então de fazer jus à fama de “boas meninas”. Em movimentos como a Mocidade Feminina Portuguesa, por exemplo, aprendiam todas as tarefas domésticas (cozinhar, limpar, coser, bordar, decorar, gerir o orçamento doméstico, dar ordens às criadas, agradar aos maridos, tratar dos bebés, educar as crianças e tomar conta dos idosos). Eras-lhe pedido que fossem mães, esposas, donas de casa, noras e filhas. Por último - e só se houvesse tempo (que nunca havia, nem sequer permissão para isso) -, é que se tinha em conta a dimensão pessoal da mulher, com o direito ao estudo e à profissão. Mesmo aqui, se fosse realmente necessário por questões de ajuda na subsistência da família, só era bem visto que as mulheres trabalhassem em profissões de cuidado/ajuda ao próximo (enfermeira, assistente social ou professora) e que nunca descurassem as muitas exigências da vida familiar. Mais: o homem tinha o direito de chegar a casa irritado com a hostilidade do mundo exterior, por isso “a mulher deve tomar sobre si, como missão que lhe foi confiada por Deus, a de servir de pára-raios” (Freire, 2010: p.57).

Os homens mais velhos entrevistados para esta análise reconhecem esse peso que era relegado para a mulher e admitem que, numa fase inicial, não partilharam tarefas porque era mal visto e não foram habituados pelas suas próprias mães. Mas dizem ter acompanhado as mudanças de mentalidades: “Oh, tarefas domésticas já faço algumas (...), ajudo a minha mulher a fazer a cama (...), gosto de ir às compras, (...) pôr a roupa nas gavetas e pendurar no roupeiro. (...) Nesta altura já estou mais aberto para ajudar nisso.” (H5); “Quer dizer, eu fui educado de maneira completamente

⁴¹ Além de trabalharem fora de casa, quando chegam a casa muitas mulheres têm outras tarefas pela frente que se relacionam com o cuidar da família e do lar. Estas últimas tarefas, claro, não são remuneradas.

diferente. Na Marinha, eu tinha um homem que tratava só das minhas coisas (...). E talvez por amor eu faço coisas que são contra a minha natureza. (...) Eu faço tudo de uma forma desastrada, mas com empenho.” (H6). É interessante verificar que o que estes homens consideram já fazer, ainda é considerado pouco para as respetivas mulheres, que continuam a dizer que fazem tudo em casa: “Todas. Tudo.” (M5); “Tudo. Tudo... a cozinha, arrumações, costura. (...) Ele ajuda com as loiças e pronto, pouco mais porque não foi habituado a fazer nada e eu não o eduquei.” (M6). EH chama a atenção para esta diferença de pontos de vista no exercício de papéis: “as mulheres estão treinadas a fazer várias coisas ao mesmo tempo. E às vezes encontramos homens a fazer esse tipo de esforço (...) e o homem parece que fez uma grande trabalhadeira”.

Os homens das faixas etárias de 40 e 50 anos nem fazem referência ao passado, como se fosse evidente que estão acostumados desde sempre a partilhar as tarefas: “A limpeza é por minha conta. Geralmente ela cozinha, prepara o jantar, e eu depois encarrego-me de arrumar a cozinha.” (H3); “Praticamente tudo! Tudo! Lavo, faço a cama, aspiro, se ela deixar cozinhar. Não partilho, embora faça companhia, não partilho muito as compras porque ela acha que eu não faço bem as compras.” (H4). Quanto às respetivas companheiras, uma delas corrobora a resposta do marido: “Tenho um companheiro que me ajuda imenso. É uma pessoa que nunca se senta no sofá se eu não me sentar com ele.” (M3). A outra companheira não fala das tarefas feitas pelo marido e tenta justificar que, como está em casa, sente essa obrigação de fazer tudo: “Todas. Faço todas. Há algumas que eu não gosto muito, mas pronto, faço todas.” (M4)

Em relação aos casais mais novos é aqui que se verifica um maior equilíbrio na divisão de tarefas e uma maior consonância nas respostas dadas, o que demonstra que os papéis de género antigos, no que às tarefas domésticas dizem respeito, não são equacionáveis na vida destes casais. “Começando pelo quarto, fazer a cama, lavar o chão, lavar loiça, faço o jantar às vezes, levantar a mesa, acender a lareira, lavar carro, fazer churrascos, etc, etc, etc, jardim, etc.” (H1); “Tudo o que é cozinha eu sou a pessoa responsável. (...) No que toca às limpezas (...), vamos dar uma limpeza na casa, (...) é bastante dividido.” (H2). As respetivas mulheres confirmam o que os homens dizem, mas continuam a considerar que elas próprias conseguiam fazer melhor: “Agora que estou grávida não posso fazer muito porque ele não me deixa, mas faço tudo.” (M1); “Principalmente a roupa é responsabilidade minha, pôr na máquina, tirar da máquina e pendurar. (...) As tarefas dele, como ele diz, ‘a cozinha é a minha zona’, que às vezes

até me enerva. Por um lado é ótimo porque isso significa que ele normalmente é que tem a responsabilidade de cozinhar e também de limpar, mas a questão é que o conceito de limpeza dele é diferente do meu conceito de limpeza.” (M2).

Aos poucos, a mudança de mentalidades foi tendo alguns efeitos, pelo menos em teoria, começando-se a defender que a mulher queria assumir maiores responsabilidades familiares e queria ter um companheiro, não um homem que a subjugasse (Freire, 2010: p.191).⁴² Ainda nos anos 50, apesar das políticas conservadoras do Estado e da Igreja, começaram a surgir algumas vozes a favor do espaço da mulher, mesmo dentro do casamento, ainda que os direitos femininos continuassem a subordinar-se aos direitos masculinos. A ideia de que o amor, afinal, pode não ser para a vida toda e, por causa disso, um casamento pode terminar, começa a surgir só a partir dos anos 60 e, desde então, tem-se verificado um aumento das taxas de divórcio em Portugal. Os casais entrevistados já evidenciam esta mudança, dizendo que gostariam que a união e o amor deles fossem para a vida toda, mas admitindo que possa não ser.

Apesar de toda a subjugação da mulher que referimos ao longo desta análise, não se pode dizer que os dourados anos 50 foram uma época gloriosa para os homens, que carregavam às costas o peso da virilidade e da supremacia de serem aqueles que faziam carreira, sustentavam a família e a quem era negada a “lamechice” dos sentimentos e das relações afetivas, próprias do “frágil” e emocional sexo feminino. Iniciados sexualmente muito cedo, com 13 ou 14 anos, às mãos de prostitutas, não sobrava também muito espaço aos homens para construírem afetos e mostrarem o seu lado mais sensível. Estavam obrigados a corresponder ao que a sociedade esperava deles: ter um emprego seguro, casar-se, aumentar e sustentar uma família (Freire, 2010: p.25).⁴³ Em casa, o homem era um “ditador-todo-poderoso” que governava mulher e filhos e, por isso, todos lhe deviam prestar “inquestionável obediência, respeito e gratidão” (Freire, 2010: p. 180). E assim lhes eram permitidas todas as outras liberdades: não eram mal vistos se tivessem relações extraconjugais, pois “ao homem tudo ficava bem” (Freire, 2010 p.31); eram os chefes de família e todos os seus desejos

⁴² É citado um artigo da revista *Mãos de Fada*, publicado em 1955: “SIM. (a mulher) está menos disposta a desempenhar um papel passivo, preferindo considerar o marido como companheiro em vez de patriarca e está inclinada a assumir maiores responsabilidades nas questões da família”.

⁴³ Testemunho de um homem: “De mim, enquanto homem, a sociedade esperava que arranjasse um emprego para a vida, que governasse uma mulher até que a morte nos separasse, e que fizesse vários filhos, nesse entretanto. Era assim que vivíamos, como se aquele mundo, do casamento e da família, fosse afinal o céu imaculado.”

tinham de ser atendidos pelas mulheres com quem se casassem; era impensável partilharem tarefas domésticas e cuidar dos filhos.

Se o amor é uma construção social, fomos adquirindo modelos de como amar que variam dependendo do “masculino” e “feminino”. Desde Freud que se fala da transferência na relação terapêutica e também aqui de diferença de gênero. Os homens terapeutas tenderiam a fazer uma transferência erótica, normalmente com pacientes mais novas, enquanto no caso das mulheres seriam as próprias pacientes a ver no terapeuta a imagem do homem compreensivo, perfeito, suporte para as suas dores, projetando-se nele (Person, 2007: p. 230). Já Platão lembrava que o amor é uma “restauração” da infância, na medida em que, como Freud mais tarde viria também a dizer, a criança projeta nos pais a sua onipotência e ideia de perfeição que, por sua vez, quando cresce, tenta restaurar num parceiro, idealizando-o (Person, 2007: p. 231). Supostamente é através da idealização do outro e identificação com ele que esperamos ganhar de novo a nossa perfeição. Será, então, que o amor sempre foi motivado pela fraqueza e pela consequente necessidade de ter alguém que a colmate, como diz Alberoni? (Person, 2007: p. 237) Provavelmente não apenas por isso, mas sem dúvida que também me parece que começamos por amar no outro uma projeção da nossa própria sombra no que respeita ao amor (Person, 2007). EM e EH confirmam que é muito frequente idealizar o outro e viver relacionamentos com base nas nossas projeções, mas que “não é o mais saudável” (EM). E é por isso que muitas relações acabam. “Quando essa idealização, depois de 24 horas, começa a desaparecer porque se começa a ver a pessoa no Eu concreto, de carne e osso, com as suas qualidades, mas também com os seus defeitos, é aí que começam as grandes questões” (EM). EH refere ser possível fazer essa transição da projeção e idealização do outro para aceitá-lo como ele é (o que, no fundo, é passar da paixão ao amor), mas “acontece melhor se eu pessoalmente também estiver suficientemente resolvido”.

Afinal, mais uma vez, homens e mulheres amam de maneira diferente ou ambos os sexos têm a mesma capacidade para experienciar os prazeres e dores do amor, para criarem expectativas e fazerem projeções? (Person, 2007: p. 241). Atendendo às descrições feitas por homens e mulheres, ambos descrevem coisas similares (exaltação, transcendência, transformação), o que nos torna mais semelhantes do que diferentes (Person, 2007: p. 241 ⁴⁴). No que respeita ao sexo, aparentemente a maior predisposição

⁴⁴ “In love we are more alike than different”.

dos homens para o encontro sexual tem uma razão biológica – e ancestral – muito bem definida: a necessidade de disseminação dos genes e propagação da espécie (Fisher, 1992), o que os leva também a ter maior tendência para a variedade sexual, poligamia e adultério. A este propósito, Helen Fisher chama a atenção: se não forem homossexuais, esses homens adúlteros vão trair com uma mulher, que se predispõe a ter um encontro sexual sem estar casada com esse homem. Ora, significa que as mulheres “procuram a variedade sexual regularmente, talvez tão regularmente como os homens” (Fisher, 1992: p. 58). Aquilo por que correm é, porém, diferente dos homens: o impulso biológico leva-as a procurar obter recursos, segurança e garantia de um ADN melhor ou mais variado.

Apesar desta indubitável diminuição nas assimetrias entre homens e mulheres, parece ainda haver muito por fazer. Por exemplo, continuam a ser as mulheres a submeter os seus planos pessoais às exigências familiares quando confrontadas com a difícil escolha, algumas vezes sob a capa de amor. No entanto, dos entrevistados para esta análise, todos os homens referiram a família como mais importante e admitiram submeter os planos pessoais em prol do bem-estar familiar. Só duas pessoas referiram não submeter os planos pessoais às exigências familiares e foram mulheres. Uma delas referiu que tenta sempre conciliar a parte pessoal com a parte familiar porque considera “que é o mais certo para qualquer ser humano que está neste mundo” (M3), enquanto a outra respondeu perentoriamente “Não” (M6). De um modo geral, dizem alguns estudos, os homens tendem a ser mais egoístas e a falar no “eu”, mesmo que estejam num relacionamento, enquanto as mulheres perspetivam o futuro com a aposta no “nós” (Torres, 2002: p. 52). Um outro estudo de Anália Cardoso Torres sobre o casamento em Portugal revela que “as modalidades de investimento na vida conjugal, na família e nos filhos são diferenciadas entre homens e mulheres” (Torres, 2002: p.54). Entre as gerações mais novas, de facto, defende-se a simetria de papéis entre géneros depois do casamento, ainda que sejam as mulheres as que mais a preconizam. Na prática, trata-se de “uma resposta no domínio do que ‘deve ser’ e não do que realmente se pratica” (Torres, 2002: p. 54). Isto leva-nos a concordar com a conclusão do outro estudo de Anália Cardoso Torres que defende que no plano dos valores “podemos concluir que o principal foco de tradicionalismo reside claramente na entrada dos homens no mundo doméstico” (Torres, 2004: p. 175).

Mas o que tem o casamento e as alterações que se têm verificado a ver com o

amor, de forma a podermos responder à questão: homens e mulheres amam de maneira diferente? Aparentemente, tudo, porque o casamento seria a prova máxima de amor, levado ao extremo de querermos unir a nossa vida à de outra pessoa. Mas, na realidade, pode ter quase nada a ver porque é muito difícil saber qual a real motivação que leva as pessoas a casarem-se. E pode não ser amor. Então repare-se. As pessoas decidem casar-se porque acreditam e querem fazê-lo, realmente, ou porque encontram nesta decisão uma forma de sobreviver à volatilidade do amor e ao consequente sofrimento (mesmo que já não exista o ‘até que a morte nos separe’)? Será, então, o casamento uma prova ou concretização do sentimento amor? Bauman rejeita essa pureza ao dizer que o casamento é “a aceitação da causalidade que os encontros casuais recusam aceitar” (Bauman, 2003: p. 74). Consegue ir mais longe ao defender que utilizamos máscaras de falsa felicidade nos relacionamentos íntimos, tal como as que foram usadas pelo amor conjugal e pelo amor livre. EM lembra-nos que o casamento deixou de ser um destino inevitável e uma forma cómoda de garantir os encontros sexuais, pois há cada vez mais formas de estar com o outro que não passam pelo casamento, sendo este “um formato enquanto estar, mas que não justifica o preenchimento do desejo sexual”.

O que levará, assim sendo, uma pessoa a casar-se? No que aos papéis de género diz respeito, também aqui há variações. Nos já falados anos 50, seria impensável que uma mulher não o fizesse. Ficar solteira era sinónimo de incapacidade, rejeição, grande defeito, em suma, uma solteirona era considerada uma diminuída socialmente. Seguindo esta influência, será que o casamento, mascarado de amor, ainda significa para as mulheres uma maneira de justificarem no exterior uma passagem para outro estatuto (o de “mulher casada”) e, em consequência, uma tradicional passagem para um futuro doméstico (porque ainda não foram grandes e completas as mudanças no espaço privado)? Uma parte da resposta pode estar nos movimentos que ainda hoje existem - apesar de se manifestarem, sobretudo, nos Estados Unidos - a reivindicarem o regresso ao antigo modelo conjugal de mulher cuidadora do lar⁴⁵ e à manutenção da virgindade como um valor inestimável. E no que respeita ao homem? Aqui o caso mudava de figura. Se um homem não casava, era porque muito provavelmente “não precisava, não queria, não gostava” (Freire, 2010: p. 121). Remetendo-nos à relação tradicional homem/mulher – a única a ser abrangida nesta tese - verificamos que os homens viram a

⁴⁵ As chamadas “homemakers”. Nos Estados Unidos há um movimento radical de mulheres que defendem este regresso ao lar. A ideia é explicada num artigo da revista online “Yes Magazine” (<http://www.yesmagazine.org/happiness/meet-the-radical-homemakers>)

sua tarefa facilitada, pois o casamento e a família eram um “refúgio primário ao individualismo económico” (Giddens, 1995: p. 57). O casamento era de tal forma um valor inquestionável que todos os seus propósitos estavam definidos na Constituição, com o peso maior para as mulheres (Freire, 2010: p. 188).⁴⁶

Se, como diz Ortega y Gasset, “o homem é o homem e as suas circunstâncias”⁴⁷, então assim se foi construindo o mundo dos afetos e as ideias do que deve ser o amor para cada um dos géneros. Porque não seria rigoroso restringirmo-nos apenas às diferenças biológicas (Gomes, 2004: p.93)⁴⁸, não querendo dizer que elas não existam e não sejam importantes. Então, tudo isto nos leva a concluir que o amor não tem sexo porque é sentido tanto por homens como por mulheres. Mas tem género. E o género do amor ainda é o feminino, associado à manifestação de afeto e capacidade para falar sobre sentimentos. Mas poderá deixar de vir a ser daqui a umas gerações quando, finalmente, os homens conseguirem ser parte ativa das transformações da intimidade.

⁴⁶ São explicados os propósitos a que a mulher se devia dedicar no casamento, numa lei de 1933: “Cuidados domésticos, manter o asseio, a ordem e a alegria do lar, cuidar da educação dos filhos, sobretudo nas primeiras idades, tornar a casa atraente e acolhedora, prestar ao marido a deferência e a submissão que lhe são devidas como chefe de família”.

⁴⁷ Cita-o Gomes, 2004: p. 95

⁴⁸ Referindo-se à diferença entre homens e mulheres na escolha de parceiros – e podendo, por isso, aplicar-se a esta questão do Amor -, Allen Gomes diz: “em minha opinião, o aumento acentuado das perturbações do desejo nos dois sexos não se consegue explicar apenas através de uma grelha biológica. A explicação envolve fatores sociais de grande complexidade”.

CONCLUSÃO

Uma das grandes conclusões que se pode tirar deste trabalho – e que não é novidade – é que o amor é algo complexo de entender como se processa e muito difícil de definir, logo, um tema igualmente difícil de falar. Não restam dúvidas de que, mesmo que não saiba dizer exatamente o que é o amor, grande parte das pessoas sabe distingui-lo da paixão. Ou, pelo menos, sabe que consegue sentir coisas diferentes pelos outros, umas mais intensas, físicas e fugazes, outras mais profundas e duradouras que depois se rotulam de amor. Se aquilo a que, ao longo dos séculos, se foi chamando de amor o é mesmo, nunca teremos possibilidade de confirmar. Mas é possível inscrever determinadas expressões de afeto naquilo a que se convencionou chamar de amor. Concluímos, pelas entrevistas feitas para esta dissertação, que há um consenso generalizado de que aquilo a que chamamos amor deve pressupor respeito, intimidade, confiança, carinho e cumplicidade, entre outras características que produzem bem-estar e levam os outros a sentirem-se bem connosco (e nós com os outros). Pensando assim, somos obrigados a concluir que todos os seres humanos saudáveis têm a capacidade intrínseca destas expressões de amor. Ou seja, as grandes diferenças ocorrem de pessoa para pessoa e não dependendo do seu sexo, o que nos leva a dizer que tanto os homens como as mulheres têm essa necessidade de amar, de ligação, de dar e receber afeto.

Claro que não nos podemos esquecer das evidentes diferenças biológicas entre homens e mulheres. Por todo um passado histórico, desde a Pré-História, que o homem é mais visual, ativo e racional que a mulher, mais no papel de cuidadora, protetora do lar e garante do bem-estar das suas crias. E é verdade, também, que por todas estas interações químicas e hormonais, a maior parte dos homens é melhor do que as mulheres a separar sexo de amor e reparar no físico da parceira que quer conquistar. Mas isso não significa que não amem como as mulheres. Na necessidade de amar e de se relacionarem, vimos nesta dissertação, homens e mulheres são muito semelhantes. O que foi acontecendo ao longo dos séculos foi uma construção das expressões de amor, reprimindo os homens e legando às mulheres esta capacidade supostamente única do género feminino. Não nos admiremos, então, que os homens tenham dificuldade em expressar o amor e que as mulheres reclamem essa falta de expressividade do sexo oposto (afinal, para elas é um fenómeno assumido como natural). Desde crianças, educados pelas famílias que já representavam esses papéis, e para pertencerem a um grupo, homens e mulheres foram-se encaixando no que é próprio do “masculino” e

“feminino”. No entanto, com as mudanças de mentalidades, as alterações comportamentais das mulheres levaram a que os homens tivessem também de fazer mudanças e sejam convidados a ir ainda mais longe. E é aqui que começam as grandes dificuldades.

Por um lado, houve uma masculinização das mulheres; por outro, é exigido de repente aos homens um comportamento a que não estão habituados porque sempre estiveram fora do espaço privado e das transformações da intimidade. Seja visto com orgulho pelas feministas ou com desconfiança por parte dos homens, o comportamento das mulheres mudou (a nível sexual e amoroso), o que não significa necessariamente que tenha melhorado e vindo apenas favorecer as mulheres. O problema foi a forma que algumas mulheres encontraram de fazer frente à dominação masculina (utilizando a expressão de Pierre Bourdieu), combatendo as desigualdades pela via da “masculinização”. Adotar os hábitos dos homens e tentar igualar-se pode não ser a solução mais acertada, promotora da igualdade e restauradora do amor entre sexos. Porém, talvez tenha sido a forma mais fácil encontrada pelas mulheres para serem aceites. Como se pode tentar igualar indivíduos que, por exemplo, biologicamente são diferentes? Não passará a questão da igualdade pelo reconhecimento e aceitação das diferenças podendo, depois, com base nisso tomar-se medidas menos discriminatórias? E parece que “as mulheres têm simplesmente razões de sobra para não repetir o comportamento masculino” (Grant, 1993: p. 334). Nesta recusa da “masculinização” das mulheres em resultado das indubitáveis mudanças, que trazem transformações sociais e construção de novas identidades, surge a questão: então e o que acontece ao homens?

O homem vê-se obrigado a acompanhar as mudanças das mulheres, mas sente-se perdido no seu novo papel porque não foi propriamente algo que ele, enquanto homem, tivesse procurado. Nas entrevistas para esta dissertação verificou-se que os homens mais velhos, que começaram as suas vidas de casados por reproduzirem os papéis de género, tiveram dificuldades de adaptação mas conseguiram, por amor, acompanhar as suas parceiras. E concordam com as mudanças conseguidas pelas mulheres. No entanto, parece ainda haver homens que resistem à mudança, assim como há mulheres que se mantêm no papel antigo, de acordo com os especialistas entrevistados, em nome daquilo a que erradamente chamam de amor. EH chama mesmo a atenção para a desculpa que muitas pessoas utilizam, servindo-se das diferenças de género, para se recusarem a

mudar. É mais fácil, quando não se querem fazer esforços de mudar comportamentos, de dizer “os homens são assim!” ou “as mulheres são assim!”. Sendo uma mistura de temperamento com caráter (EH), a personalidade pode sofrer ajustamentos no que respeita ao caráter, que são as experiências vividas pelas pessoas. Então, quando Ortega e Gasset se refere ao ser humano como “o homem e as suas circunstâncias”, é preciso responsabilizar esse ser humano para o poder que tem de mudança. E muitos homens parecem ter ficado aquém das suas capacidades. Será que “o homem finge evoluir, mas não muda; a cada avanço feminino, ele produz novos modos de dominação” (Badinter, 2005: p. 67)? Conclui-se nesta dissertação que os homens dos casais entrevistados têm feito esse esforço de mudança em nome do amor. E são os próprios homens a admiti-lo, ou seja, admitem que amam realmente. Além da preguiça de mudança que alguns homens possam demonstrar, há outras explicações. Como sempre procuraram a sua identidade no trabalho, os homens ficaram de fora do espaço privado e da reconstrução emocional, essencial ao projeto de reflexão do “self” com o qual atualmente se confrontam (Giddens, 1995). “No Ocidente, agora é o primeiro período em que os homens estão a encontrar-se com o ‘ser um homem’, ou seja, como possuindo uma masculinidade problemática” (Giddens, 1995: p.59).

É preciso ter em atenção que as resistências não são apenas de uma sociedade machista e não vêm só dos homens. Muitas mulheres (sobretudo as educadoras, sejam mães ou professoras) perpetuam os estereótipos masculinos, talvez sem se darem conta. Continuam a cuidar das casas e a ensinar os filhos e filhas baseadas no padrão antigo de que há dois mundos e diferentes tarefas para homens e para mulheres. Mesmo que depois reclamem e digam que a mudança é difícil. Victoria Camps (2001) defende, precisamente, que se deve começar por “feminizar” os homens (e isso também passa pela educação). Se reclamamos que a sociedade é machista, “masculinizar” as mulheres seria acentuar ainda mais essa característica. A ideia seria, também, alargar os estudos femininos a um bem comum que suscita o interesse de todos e não apenas das mulheres. No caso dos homens, ganhavam em aprender com as mulheres os valores e as vivências mais positivas (Camps fala em “renúncia”, “compaixão”, “ternura” e “até um certo sentimento de culpabilidade”). Ao feminizar os homens iria feminizar-se a sociedade e, por sua vez, alterar a forma como as políticas são feitas. E aqui de certeza que diminuiria o fosso das desigualdades de género.

É inegável que o modelo antigo caiu em desuso, pelo menos quanto aos direitos

das mulheres e à sua vida na esfera pública. Talvez o mesmo ainda não se possa dizer da vida na esfera privada, apesar de alguns avanços, nem tampouco das mentalidades e crenças que serviram de suporte a esse modelo de “amor romântico”. Ainda que os homens desta análise digam que partilham tudo com as mulheres, inclusive as responsabilidades domésticas. Provavelmente demora porque o tempo das mudanças económicas de paradigma não se compadece com o que é necessário para efetuar reais mudanças de mentalidades e comportamentos. No geral, os homens sempre foram os especialistas nas técnicas de sedução e de conquista, tão opostas ao papel da mulher na ideia de amor romântico. Agora, são confrontados com mulheres sexualmente emancipadas que também querem sexo como uma das componentes básicas das suas vidas e dos relacionamentos. Aparentemente, os homens estão agradados com este facto de, por outro lado, terem as mulheres sexualmente mais acessíveis, mas esses mesmos homens, por outro lado, reclamam porque as mulheres perderam a doçura e não se sabem comprometer e ser “esposas” (Giddens, 1995). E eles, para uma relação de longo prazo, querem uma companheira intelectual e financeiramente ao seu nível. Esta ideia de mulher ideal, “séria” e boa esposa ainda se verificou nas respostas dos homens mais velhos destas entrevistas.

O século XXI pode ser, de facto, o “século das mulheres” (Camps, 2001). Mas isso não significa rutura completa com o passado. Há autoras, como Victoria Camps, que dizem ser importante continuar a defender os interesses femininos sem a militância feminista radical que “masculiniza” as mulheres e tem um discurso anti-homem. Na entrevista para esta análise, o sujeito EH salienta que “as mulheres, no próprio movimento de libertação feminino, em determinada altura foram fazer coisas iguais aos homens e não era essa a estratégia. (...) se for igual ao homem não adianta nada”. Victoria Camps (2001), por exemplo, aceita a manutenção do papel da mulher na esfera privada, ao considerar fundamental para a subsistência de um Estado Providência que as mulheres prossigam a preciosa tarefa de continuarem a cuidar dos filhos, dos idosos e dos doentes. A grande mudança é que esses valores devem ser reconhecidos porque, agora, o Estado “já não pode incumbi-las, a elas exclusivamente, da prestação desse serviço” (Camps, 2001: p. 13). Significa que é urgente uma reorganização e distribuição dos papéis que, ainda que mantenham os valores e costumes que merecem ser conservados, passem a incluir os dois géneros.

Se, por um lado, as mulheres “invadiram” a vida pública, então faz sentido que,

em paralelo, os homens “invadam” a vida privada e que o tempo privado seja socialmente reconhecido como sempre foi o tempo público. Atualmente, os homens já assumem um papel cada vez mais ativo “no domínio das chamadas tarefas expressivas, sobretudo na dos cuidados com os filhos” (Torres, 2002: p. 16). Neste aspeto, verifica-se que a ideia convencional de casar e ter filhos não é sinónimo de amor, sobretudo para os casais mais novos entrevistados. Curioso, também, é que as próprias mulheres referem que o sexo é importante numa relação, contrariando a ideia de que as mulheres não ligam ao sexo e que esse papel cabe mais aos homens. As mulheres, ao contrário do que se assistia em Portugal nos anos 50, já se permitem ter vários amantes e viver a sexualidade livre de culpa e sem envolvimento afetivo. Nas entrevistas para esta análise, todas rejeitam a traição (trair ou serem traídas) e não colocam a hipótese de amar mais do que uma pessoa ao mesmo tempo, assim como os homens também o rejeitam. De qualquer forma, as bases nas quais assentava a segurança de um homem (no que à relação marital diz respeito) levaram um abanão e deixaram de sustentar-se na certeza de que a mulher está lá para ele, aconteça o que acontecer. A prova disso é que quase todos os entrevistados e entrevistadas dizem esperar que o amor que vivem seja para a vida toda, mas admitem que possa não ser e confessam não tolerar uma traição. Também aqui se esbatem diferenças entre homens e mulheres, admitindo todos que choram, ficam tristes, deixam de comer e sofrem por amor.

No que respeita ao casamento, verifica-se que as novas gerações “elaboram cada vez mais planos de investimento pessoal que não passam pela maternidade e pela família” (Torres, 2000: p. 16), mas, mesmo assim, há uma década o casamento constituía uma dimensão central na vida dos indivíduos, sendo a conjugalidade encarada como um ponto importante para a felicidade pessoal (Torres, 2002).⁴⁹ Os estudos de Anália Cardoso Torres confirmavam nesta altura que as pessoas continuam a entrar mais na vida conjugal pelo casamento e não pela união de facto (Torres, 2002: p. 54). Dos casais desta análise, só os mais novos vivem em união de facto, os restantes são casados.

Percebe-se, pelas entrevistas feitas aos casais e pelas declarações dos especialistas (ver anexos 1 e 2) que as grandes diferenças entre homens e mulheres estão na forma de expressão e não ao nível do sentir. E parte delas foi aprendida ao longo dos

⁴⁹ Na introdução, a autora explica que esta tem sido uma dimensão sempre presente nas respostas aos vários inquéritos feitos.

séculos e civilizações (Fisher, 2008). Além disso, é impossível mudar o “EU”, só podemos mudar comportamentos. Se o género é uma construção social e as mulheres, além da sua mudança, exigem a dos comportamentos do homem e se os comportamentos são mutáveis, então há esperança de chegarmos a um entendimento... um dia. Enquanto isso, faz sentido começar a equacionar dizer que o amor difere consoante o género (porque está aqui toda uma construção social de como o masculino deve amar e expressar o amor), mas que não tem sexo (porque, apesar das diferenças biológicas, a necessidade básica de amar e ser amado é comum a homens e mulheres). E isso ficou provado nesta dissertação. Os homens entrevistados podem ser exceção à regra, mas são o suficiente para não nos permitirem dizer que, no que respeita ao amor ligação, na fase do vínculo, homens e mulheres são mundos opostos. E todos terão a ganhar se, com as diferenças demonstradas e provadas, caminharem juntos ao encontro de um bem maior, ainda que muito pessoal e indefinido, mas que todos almejam e podem conhecer: o amor.

BIBLIOGRAFIA(S) / REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrieu, Bernard (1994), *Les cultes du corps*. Paris: Harmattan.

Anzieu, Didier (1983), *Le Moi-Peau*. Paris: Dunod.

Archer, John e Barbara Lloyd (2002), *Sex and Gender*. Cambridge: Cambridge University Press.

Badinter, Elisabeth (2010), *O Conflito – A Mulher e a Mãe*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.

Badinter, Elisabeth (2005), *Caminho Errado*. Lisboa: ASA Editores, S.A.

Badinter, Elisabeth (1990), *O Amor Incerto – História do Amor Maternal do Sec XVII ao Sec XX*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.

Barthes, Roland (2007), *El Imperio de los Signos*. Espanha: SEIX BARRAL.

Bataille, Georges (1986), *Erotism: Death and Sensuality*. USA: City Lights Books.

Bauman, Zygmunt (2003), *Amor Líquido*. Lisboa: Relógio d'Água.

Beauvoir, Simone de (2011), *The Second Sex*. New York: Vintage Books.

Bourdieu, Pierre (1998), *La Domination Masculine*. Paris: Éditions du Seuil.

Brizendine, Louann (2007), *The Female Brain*. London: Bantam Books.

Butler, Judith (2007), *Gender Trouble*. New York and London: Routledge.

Butler, Judith (2001), “Giving an Account of One Self”, *Diacritics*, vol. 31, nº4, pp. 22-40.

Camps, Victoria (2001), *O Século das Mulheres*. Lisboa: Editorial Presença.

Claro, Paulo Ribeiro (2006), “A Química do Amor”, *Boletim Química*, nº 100 – Jan. a Mar. 2006, pp. 47-50.

Damásio, António (2003), *Ao Encontro de Espinosa – As Emoções Sociais e a Neurologia do Sentir*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

Damásio, António (1994), *O Erro de Descartes – Emoção, Razão e Cérebro Humano*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

Fisher, Helen E. (2008), *Porque Amamos: A Natureza e a Química do Amor Romântico*. Lisboa: Relógio D'Água.

Fisher, Helen E. (2004), *Why We Love: The Nature and Chemistry of Romantic Love*. New York: Henry Holt and Company.

Fisher, Helen E. (1992), *Anatomia do Amor*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Freire, Isabel (2010), *Amor e Sexo no Tempo de Salazar*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

Giddens, Anthony (1995), *The Transformation of Intimacy – Sexuality, Love and Eroticism in Modern Societies*. Cambridge: Polity Press.

Gil, José (1997), *Metamorfoses do Corpo*. Lisboa: Relógio d'Água.

Gomes, Francisco Allen (2004), *Paixão, Amor e Sexo*. Lisboa: Dom Quixote.

Grant, Linda (1993), *Uma Revolução Sexual para o Fim do Milénio*. Lisboa: Bertrand Editora.

Tucherman, Ieda (2004), *Breve história do corpo e de seus monstros*. Lisboa: Nova Veja.

MacInnes, John (2002), *O Fim da Masculinidade*. Porto: AMBAR.

Mead, George Herbert (1934), *Mind, Self and Society*. Chicago: University of Chicago Press.

Merleau-Ponty, Maurice (2002), *Phenomenology of Perception*. London: Routledge.

Morris, Desmond (1998), *Os Sexos Humanos*. Lisboa: Terramar.

Peixoto, Maria Conceição; Rocha-Sousa Amândio e Soares-Fortunato, JM (2003), “Vasopressina – papel nos comportamentos, aprendizagem e memória”, *Revista Portuguesa de Psicossomática*, vol.5, nº002, pp.79-92.

Person, Ethel Spector (2007), *Dreams of Love and Fateful Encounters – The Power of Romantic Passion*. Arlington: American Psychiatric Publishing, Inc.

Ribeiro Claro, Paulo (2006), Boletim Química, Divisão Ensino e Divulgação da Química, Sociedade Portuguesa de Química, número 100 – jan a mar 2006.

Showalter, Elaine, *A Crítica Feminista no Deserto*. In Macedo, Ana Gabriela (2002), *Género, Identidade e Desejo*. Lisboa: Livros Cotovia.

Torres, Anália C. (2004), *Vida Conjugal e Trabalho – Uma Perspectiva Sociológica*. Oeiras: Celta Editora, Lda.

Torres, Anália Cardoso (2002), *Casamento em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.

Vincent, Jean-Didier (2010), *Viagem Extraordinária ao Centro do Cérebro*. Alfragide: Texto Editores, Lda.

Vincent, Jean-Didier (1986), *Biologia das Paixões*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

Witing, Monique (1981), “One Is Not Born a Woman”, *Feminist Issues*, vol.1, nº2.

ANEXO I

ENTREVISTA A ESPECIALISTA MULHER (EM)

Maria do Rosário Gomes – psicóloga e terapeuta sexual na Clínica do Homem e da Mulher

O que é o amor?

Eu acho que não há resposta para isso. Desde os primórdios que os poetas se encarregaram dessa área, se calhar, melhor que ninguém. Mas acho que essa pergunta é de resposta muito discutível. Podemos falar em sentimentos de amor, podemos falar em diferentes amores, podemos falar em relações de amor. Enfim, eu acho que não há uma resposta. Não a tenho. Esta pergunta é um mundo de respostas difíceis, complexas e polêmicas, que dava uma grande discussão. Pode não se conseguir pôr nome a esse sentimento ou a essa ligação, mas claramente que é na mudança, na melhoria dos nossos comportamentos, que nós chegamos lá. Disso também não tenho grandes dúvidas.

Como é que se responde à pergunta: “quando é que eu sei que estou a amar”?

Se está a amar ou se está a receber amor? Se está a amar... hmmm... Quando a pessoa se sente preenchida; quando sente que está à vontade para dar; quando sente que está à vontade para receber; quando sente cumplicidade; quando sente intimidade, proximidade; quando se sente aceito pelo outro; quando sente que aceita o outro... Portanto, eu acho que há expressões da pessoa se sentir amada, expressões da relação e estados da relação em que a pessoa sente esse preenchimento de ser amada. Porque, se tivermos de dar um nome ao amor, tudo fica difícil.

Pela sua experiência, nota diferenças nessa expressão e nesse sentir do amor entre homens e mulheres? São efetivamente as mulheres que mais amam ou que expressam esse amor?

As pessoas que me procuram são pessoas com alguma disfuncionalidade, com algumas limitações enquanto relação, portanto, logo aqui existem sempre fatores perturbadores que levam a pessoa a questionar-se se, efetivamente, é a relação, se está bem na relação, se é um pequeno problema que se resolve. Logo, essa questão, pela minha experiência, é sempre muito relativa. Em todo o caso, a diferença entre o homem e a mulher em relação à expressão do amor é clara. Não quer dizer que um tenha mais ou menos capacidade de amar do que o outro. Quer dizer é que há formas de expressão diferentes e, depois, há quem sabe expressar e há quem não sabe expressar. Claramente que o homem é muito mais educado na vertente física, na vertente menos emocional, se assim podemos dizer. Desde pequenino que o homem - e ainda hoje, embora as coisas estejam a mudar significativamente - é educado para “o menino não chora”, ou seja, o homem não mostra afetos. A mulher pode mostrar afetos. Por outro lado, temos a natureza, a parte da Biologia, que não podemos esquecer. A mulher é recetiva e o homem é ativo e, portanto, logo aqui há uma diferença substancial em termos biológicos que faz a diferença na expressão e no estar nessa expressão de afetividade, nesse receber um sentimento, nesse dar um sentimento. Há toda uma diferença biológica e que depois com toda uma vertente cultural - que eu acho que é a que tem mais peso - se calhar limita esta forma de expressão que mais tarde podemos dizer se é amor ou não é amor. Se calhar não tem a ver com amor, tem a ver com formas de expressão de afeto, formas de mostrar, de manifestar, sentir, receber, de aproximar, de desenvolver intimidade e, portanto, aqui, sim, há claramente diferenças, sejam biológicas e culturais, significativas entre o homem e a mulher. Se eles amam mais um ou o outro, acho que a gente não pode dizer isso. Para além das limitações culturais, se podemos chamar limitações ou diferenças culturais, o sentimento é natureza e isso acho que tanto o homem como a mulher têm.

Há pouco dizia que “as coisas estão a mudar significativamente”. Quais são as grandes mudanças?

Eu penso que estamos numa fase de transição em termos de mudanças. Claramente que o papel da mulher mudou. Já não podemos dizer que “está a mudar”. Mudou. Se calhar ela ainda não sabe muito bem qual é a sua posição, qual é o seu lugar ou a construção de todo o seu papel ainda está a ser encontrada, trabalhada. E isso obriga claramente o homem a mudar também o papel dele. Eu acho que, nesta fase da sociedade, o homem ainda está um bocadinho perdido no seu lugar, no papel de homem, uma vez que a mudança do papel da mulher - que é significativa - está a obrigar a esta mudança do homem. Portanto, há aqui toda uma fase de transição que estamos a viver e que ainda não está muito definida, ainda não está muito claro como as coisas se vão posicionar entre homem e mulher. Agora que, claramente, há mudanças de comportamento numa afirmação da mulher, é verdade. Nesta afirmação da mulher há uma clara exigência da mudança do homem, em que ele se sente um bocado perdido porque ele não quis mudar, ele está a ser obrigado a mudar. E, portanto, há aqui indefinições, atualmente, que ainda não estão muito claras em termos sociais. É o caminho que estamos a percorrer agora.

Quem é que aparece no consultório com mais queixas ou a denotar maior sofrimento nestas questões do amor e dos afetos: os homens ou as mulheres?

Claramente as mulheres. Os homens sempre vieram um bocadinho atrás das queixas das mulheres, e hoje em dia mais. Às vezes eles tomam a iniciativa, mas numa exigência de que querem uma boa relação e já perceberam que, para ter uma boa relação, de alguma forma têm de satisfazer também as necessidades das mulheres (que é hoje a grande mudança deste papel da mulher, afirmar as suas necessidades e correr atrás delas). E essa necessidade por parte da mulher de se sentir preenchida está a mostrar ao homem que ele também tem de mudar ao encontro dessas necessidades. Então, muitas vezes o homem vem por arrasto porque percebe que, para a relação funcionar, tem de mudar também os seus comportamentos, o seu nível de exigência, a sua forma de expressão, logo, muitas vezes o homem vem atrás das necessidades das mulheres. Mas também temos muitos homens que, por eles próprios, hoje em dia, aparecem e já se começa a ver de uma forma mais clara que pensam: “eu quero uma boa relação, percebo que não estou a satisfazer a minha mulher, percebo que a relação não está boa e estou aqui por isso, com esse tipo de queixa”. Também há homens – isto não podemos generalizar, porque é perigoso a generalização – que por si próprios sentem que há mulheres pouco afetivas e eles próprios querem essa mudança das mulheres. Não é o mais frequente, mas também existe. É preciso ter algum cuidado aqui com as generalizações.

Tirando esta construção social de que já falámos, poderia ser mais correto dizer que as pessoas são diferentes na forma de amar, mais do que dizer que homens e mulheres são diferentes?

Na minha opinião, as grandes diferenças não são na forma de amar, mas na forma de exprimir o amor. Na forma de amar ou na necessidade de amar, eu punha as coisas nesse sentido, acho que o homem e a mulher são muito iguais. Podem não ter essa consciência, mas são muito iguais na sua necessidade de amar. Agora, depois a forma de expressão é diferente, acho que sim. Um mais ativo, um mais recetivo; um com uma facilidade de expressão e uma sensibilidade que claramente fazem a diferença entre homem e mulher. Acho que a mulher tem um tipo de sensibilidade muito própria, que o homem por vezes tem dificuldade de entender. Mas pode não entender a sensibilidade, mas ter as suas próprias necessidades. Pode não entender a sensibilidade da mulher, mas não deixa de ter as suas sensibilidades de conseguir entender e as coisas se complementarem. Acho que é muito por aí, pelo complementar de parte a parte em que há satisfação de parte a parte. Não têm de ser iguais. Porque procurar aqui a igualdade acho que é não encontrar nunca. Acho difícil partir desse princípio quando a relação complementa aquilo que cada um lhe faz falta no outro. Acho que é mais por aí.

Nessa ideia da construção, que necessita de ser desconstrução social para criar novos hábitos, é possível alterarmos um Eu, mesmo tendo em conta as questões biológicas?

De todo. Não existe a mudança do Eu. Existe a mudança de comportamentos. Não se mudam pessoas, mudam-se comportamentos, isso tem de ser muito claro. A mudança acontece quando a pessoa sente essa necessidade de querer mudar, de querer encontrar outro tipo de consequências na vida, que a preencham, que a satisfaçam, que sejam positivas. Portanto, o que muda aqui é os comportamentos que trazem novas consequências na vida da pessoa. Não se mudam pessoas, isso tem de ser muito claro porque definir bem expectativas é ter a possibilidade de as encontrar e isso quer dizer encontrar satisfação na vida. Ter expectativas erradas é permanecer em desilusão.

Mas e se esse comportamento corresponder à natureza da pessoa?

Os comportamentos são aprendidos, não são natureza. Alguns aspetos podem ser inatos, mas que trabalhados, desenvolvidos, aprofundados, podem mudar.

Então há esperança não de tornar homens e mulheres iguais, mas de conseguirmos ter relações melhores?

Sem dúvida! Se essa esperança acabar, acho eu que muita coisa acaba neste mundo.

O amor entre homem e mulher tem que ter por base a atração sexual?

Tem de haver uma base de atração ou de desejo sexual pelo outro, agora essa atração pode ter vários polos de interesse. Há pessoas que têm atração pelo intelectual; há outras que têm atração pelo físico; há outras que têm atração por um estar na vida; há outras que têm atração por toda uma conjectura daquela pessoa. Portanto, os polos de atração são diferentes de pessoa para pessoa, não passam necessariamente só pela atração física, embora seja uma componente – talvez a componente – mais animal, menos socializada, digamos, mas os polos de atração são muito diversificados entre pessoas.

Há sociólogos que dizem que o amor, sobretudo o casamento, foram formas que se encontraram de institucionalizar e tornar mais suave essa pulsão animal. Concorda que tínhamos de dar um nome a este desejo de estarmos sexualmente uns com os outros?

O casamento foi um formato encontrado para explicar ou para dar resposta a vários valores da sociedade. Entre ser um contrato, entre ser um controlo. Não deixa de ser um contrato entre as pessoas, depois cada um

tem a sua percepção sobre esse contrato. Agora há um número muito maior de formas de estar, de formatos de relação, desde os amigos coloridos, desde duas pessoas que querem estar juntas sem compromisso nenhum. Portanto, hoje em dia percebe-se que a diversificação ao nível de formato de relação mostra que não é necessariamente o desejo sexual o fator mais importante para haver casamento. Acho que o casamento tem muitas razões que levam duas pessoas a casarem. É um formato enquanto estar, mas que não justifica o preenchimento do desejo sexual. Não me pare que seja por aí. Com a liberdade que hoje existe de haver uma sexualidade sem o compromisso do casamento, claramente que isto mostra que não há um casamento que justifique esse desejo sexual ou que preencha esse desejo sexual. Uma sexualidade pode ser vivida sem o casamento. Aqui não há uma relação tão linear, tão causa-efeito.

O casamento pode ser vivido sem uma sexualidade, tendo em conta que o sexo é algo essencial na vida das pessoas?

É essencial em termos de preenchimento enquanto indivíduos, enquanto seres humanos é essencial, o que não quer dizer que não haja pessoas que, por opção na vida, não valorizam a sexualidade, estão bem com isso, é uma escolha, uma opção. E se o seu parceiro tiver essa postura, essa atitude, não temos problema nenhum. Porque ele tem várias áreas do relacionamento que, se forem preenchidas e bem vividas pelo casal, o casal é perfeitamente satisfeito, está bem, está em harmonia e não se passa nada. Agora, isto não é exemplo. A sexualidade é importante na vida de uma forma geral, e o casamento permite essa vivência da sexualidade de uma forma muito cómoda (embora não seja a palavra mais bonita). De alguma forma é uma sexualidade tranquila, se podemos ir por aí. Mas há casais - ou há homens e há mulheres - que não valorizando a sexualidade e tendo uma relação satisfatória, provam que a relação não se justifica ser só pela sexualidade. Tem de ser uma exigência? Também não tem. Isso pode estragar uma relação quando se parte do princípio que é uma exigência.

Há muitos autores que dizem que o amor ou que amar o outro é uma projeção do Eu e uma idealização do Outro. Na realidade, amo características que eu acho que ele tem e não o olho como ele é. Pela sua experiência, é assim que acontece?

Penso que sim, é muito frequente. Embora não seja o mais saudável, de facto é muito frequente nos relacionamentos a pessoa ver no outro aquilo que é o ideal do outro, alguma idealização, e que, muitas vezes, é o que leva a relacionamentos que depois de alguns anos de convivência não funcionam e têm de ser interrompidos. Quando essa idealização depois de 24 horas sobre 24 horas começa a desaparecer porque se começa a ver a pessoa no Eu concreto, de carne e osso, com as suas qualidades, mas também com os seus defeitos, é aí que começam as grandes questões. É aí que começam as grandes dificuldades. É aí que começa a haver muitas vezes os conflitos e muitas vezes não há a capacidade de ajustamento e de resolução destes conflitos, de o do outro e as relações são interrompidas. Esse, eu acho que é um dos grandes problemas atuais, é os relacionamentos muitas vezes se iniciarem pelas razões erradas, ou seja, pela projeção daquilo que é o ideal do próprio sobre o outro e quando, depois de algum tempo de convivência e percebe que esse ideal realmente não é o concreto, muitas vezes depois não há a capacidade de dar a volta a estas questões.

Quanto às consultas de sexologia, quais são as principais queixas dos homens e das mulheres que a procuram?

Hoje em dia há grandes mudanças do pedido de ajuda em termos da consulta de sexologia, com esta mudança do papel da mulher. Por outro lado, dos medicamentos, nomeadamente o viagra. As queixas, hoje em dia, pelo lado do homem, são disfunções do controlo da ejaculação, em particular a ejaculação prematura, sobretudo nos jovens. Na mulher, é o desinteresse sexual. São das queixas mais comuns. A grande frequência nestas queixas é de origem psicológica.

Também defende, como Bauman, que o amor “até que a morte nos separe está decididamente fora de moda”?

Não sei se esses relacionamentos “para sempre” acabaram, mas que estão em vias de extinção, provavelmente estão. E acho que um relacionamento não tem de ser para a vida toda, acho que o importante é a pessoa estar bem. Se está numa relação só porque houve uma promessa, acho que aí a vida fica um bocadinho viciada e não faz sentido.

ENTREVISTA A ESPECIALISTA HOMEM (EH)

Vítor Cotovio – psiquiatra e diretor clínico da Casa de Saúde do Telhal

O que é o amor?

Ena pá, uma boa pergunta! Sabe o que é que dizia... há aqueles que o descrevem espetacularmente que são os poetas. O Fernando Pessoa sabe como é que ele definia? Ele dizia que “é a necessidade da alma ser exterior”. “A necessidade da alma ser exterior” acho uma definição giríssima. Agora, em termos daquilo que é. Isto é a definição poética. Se tivéssemos de conceptualizar o amor, o que é que eu dizia? Dizia que é, obviamente a base, a base, o suporte são os afetos, mas depois em cima desses afetos ou da afetividade o que é que está? Está o compromisso, está a cumplicidade, está a intimidade, está a reciprocidade, está a confiança, é um saco, uma relação entre duas pessoas ou mais, mas aqui estamos a falar do amor romântico, é eu diria isto, diria que é este conjunto de coisas onde o suporte é o vínculo afetivo intenso entre duas pessoas que depois têm estes condimentos todos. A confiança, a cumplicidade, depois é um bocadinho a ideia de que temos de pôr o outro em primeiro lugar e acabamos por nos excluir a nós. Também é importante esta noção de pôr o outro em primeiro lugar abdicando de si próprio, não é assim, às vezes é mas não é o mais saudável, esta coisa de nós pormos o outro em primeiro lugar ou no mesmo lugar mas não abdicando de si próprio.

Quando fala em amor romântico, há muitos sociólogos que dizem que o amor romântico já não existe...

A definição que existia antes também era uma definição se remontarmos às cantigas de amor e de amigo, se você reparar o que é que acontecia? O amor parecia que só existia na perspetiva de um alguém que de alguma forma é inacessível porque havia sempre os casamentos de conveniência mas depois o amor verdadeiramente acontecia no cavaleiro que se apaixonava por alguém, mas depois aquilo era como se outro estivesse sempre ligado a alguma coisa que era uma coisa que de uma certa forma não poderia acontecer, porque havia uma barreira, havia as relações programadas, planeadas e depois o verdadeiro amor acontecia ao lado, acontecia pelo encantamento de alguém se apaixonar por outro alguém, mas de alguma forma aquilo não se ia concretizar. Parecia que o que alimentava o amor era uma coisa que não se concretizava, pronto. Porque depois há aqui uma questão porque quando se diz que o amor não é para toda a vida, não é para toda a vida na perspetiva antiga que quando era para toda a vida era por obrigação. Era aquele negócio que estava estabelecido com essa regra, mas o amor pode ser para toda a vida ou não. Pode ser ou não, não pode ser é numa via negociada em que a pessoa não tem alternativa. Agora, quando se tem alternativa. Porque se é para toda a vida ou não tem a ver com a alternativa que a pessoa pode ter de não ser. Se for, é porque a pessoa quis que fosse, não era obrigada a que fosse. E eu acho que essa é que é a grande diferença, assim como também é diferente do que é que é a paixão. Eu às vezes digo que a paixão é uma coisa da intensidade, o amor é uma coisa da profundidade. A paixão é muito uma projeção, é como se a pessoa se amasse a si própria através do outro. A pessoa projeta-se, portanto, ama de alguma forma coisas de si que quer que o outro tenha, não é.

Como é que se responde à pergunta: “quando é que eu sei que estou a amar”?

Na minha conceção o amor é esse caminho que vem com a inclusão daquilo que é o outro que não é necessariamente uma projeção nossa. Enquanto a paixão é o que esse outro é, o outro que pode ser diferente de nós, mas que de alguma forma nós amamos aquele outro sem uma explicação, mas aquele outro é aquele outro com as suas virtudes e os seus defeitos. Não é um outro que esteja idealizado porque quando é um outro idealizado aquilo não se aguenta. A uma determinada altura parte, não é. Quando se começar a enxergar o outro com as características do outro, se verdadeiramente eu não amo o outro, amo-me a mim através do outro, naquela altura depois eu não aguento porque depois não aguento inclusivamente que esteja a projetar coisas que até supostamente eram minhas e que eu não queria ver, mas que é nas outras partes chatas porque só projeto ao princípio as partes boas. E quando eu vejo outras coisas depois não aguento aquilo, aquelas coisas mais básicas do quotidiano, que são as especificidades de cada um, mas que é muito curioso porque enquanto a paixão não aguenta isso porque não vê isso, quando começa a haver isso. Muitas vezes as pessoas não fazem essa transição da intensidade para a profundidade. O que faz aguentar, no sentido de gostar do outro, é também a reciprocidade. É importante que a outra pessoa sinta que é valorizada por aquela e vice-versa. E essa reciprocidade, reconhecimento da importância que o outro tem é importante para a relação. Não é estar um lá em cima na escala e estar outro cá em baixo. Estar ao mesmo nível, mas com características diferentes. Quando eu digo ao mesmo nível é no sentido do reconhecimento mas pode ser por razões completamente diferentes. E há aqui uma outra coisa. As pessoas às vezes dizem que os opostos se atraem. Os opostos atraem-se, na minha perspetiva, naquilo que são as coisas... a relação tem simetria e tem complementaridade, mas nos valores fundamentais é importante que seja simétrico porque se as pessoas tiverem valores fundamentais diferentes, aquilo dá para o torto. Nas coisas, não é serem acessórias, mas é

características complementares de um e do outro aí é que os opostos se atraem. Os opostos não se atraem em valores diferentes. Porque as pessoas às vezes iludem-se.

Pela sua experiência, nota diferenças nessa expressão e nesse sentir do amor entre homens e mulheres? São efetivamente as mulheres que mais amam ou que expressam esse amor?

Acho que é um bocadinho redutor se adotarmos a ideia generalista de que os homens são diferentes das mulheres. Muitas vezes quando se diz isso, diz-se como um alibi para se resolver coisas que não se querem resolver. Isto é como dizer que os taxistas são todos iguais. Quando alguém tem necessidade de generalizar para explicar uma coisa que não consegue resolver, o problema não é a coisa ser isso, a pessoa é que tem necessidade disso porque não consegue resolver de outra maneira. Porque a generalização é perigosa. Primeiro, eu acho que como em tudo na vida é uma questão de equilíbrio. Tenho essa noção para o geral das coisas e em relação a isto o que é que quero dizer? Quero dizer que eu acho que os homens e as mulheres têm coisas diferentes, mas não acho é que a pessoa se deva defender com isso como se isso fosse uma coisa intransponível. Porque as... o mais interessante é onde é que se fazem as interseções. E se é verdade – agora diz-me assim, são diferentes porquê? Por razões de matriz biológica, genética ou razões culturais? Por ambas! Por ambas. Porque em termos de matriz, é evidente que se não fossem diferentes você tinha um pénis, não é? Pronto. Há coisas de matriz genética, temperamentais, porque se nós olharmos para aquilo que seria a matriz da personalidade das pessoas, homens ou mulheres, a gente diz que a personalidade é uma combinação de temperamento com carácter. O temperamento é a matriz genética, é um padrão mais imutável. O carácter é o que resulta das nossas experiências vividas e da forma como a gente as vai integrando. E faz com que umas pessoas possam ser mais femininas ou mais masculinas em termos de matriz. E essa matriz genética é evidente que tem, que tem, se ela existe no global, é uma questão de temperamento para outras coisas, porque é que não havia de haver uma matriz para o feminino e para o masculino? É claro que depois tem de se ter cuidado. As pessoas dizem que o hemisfério direito é mais feminino e que o esquerdo é mais masculino porque no hemisfério direito existem mais aquelas coisas da intuição, do lado sensitivo, do lado menos analítico, enquanto o hemisfério esquerdo é mais operacional, mais lógico. E os hemisférios cruzam através cá do corpo caloso, agora, há mais estas tendências e às vezes diz-se isso e quando a gente quer explicar que tem coisas mais femininas dizemos “oh, tem mais hemisfério direito”. É um bocadinho redutor porque os hemisférios interseitam-se, mas há estas tendências e nesse sentido acho que há algumas características que podem ser de base mais assim ou assado, mas depois dependem da forma como elas são desenvolvidas. Porque inclusivamente as coisas podem envolver ou evoluir. Há homens que têm o lado feminino mais desenvolvido, se quiser, e mulheres que têm o lado masculino mais desenvolvido. O que eu acho interessante é como é que isto se interseita. Como é que isto se interseita? Depende de cada pessoa depois na relação com outra pessoa. Agora há fatores que nós sabemos como se as pessoas são educadas de uma determinada maneira.

Quais são as grandes mudanças atualmente neste campo? Nota essa necessidade de se complementarem nas pessoas que o procuram?

Noto mais, não noto completamente, mas noto mais. Mesmo o exercício dos papéis. Coisas que dantes pareciam que eram de homens, por exemplo, cargos de chefia. Eu acho que o que é interessante aí é as mulheres funcionarem como mulheres, não funcionarem como homens. A mais-valia é ter as mulheres a funcionar como mulheres, não é a funcionar como homens. Mas você vê no exercício da parentalidade. Os homens fazem coisas que dantes não faziam: mudar fraldas, não sei quê. Este tipo de interseções diluiu aquelas coisas mais separadas, diluiu. Não quer dizer, algumas vezes, e digo nem sempre é assim, as mulheres estão tão treinadas a fazer várias coisas ao mesmo tempo. E às vezes encontramos homens a fazer esse tipo de esforço, que nem todos fazem, mas que a mulher está treinada, e o homem parece que fez uma grande trabalhadeira. Acho que estamos numa fase em que existem já homens num outro registo.

Uma questão importante nesta questão de nos projetarmos no outro. Até que ponto é que dizermos que amamos ou sentirmos que amamos não envolve também muito a educação que tivemos, a construção social, a idealização que temos de como seria?

No princípio está. Mas se a relação passar para o lado do amor sustentado, esbate-se menos conforme a maturidade de cada um está também menos ou mais desenvolvida. Ou seja, se eu tenho muita necessidade – como todos nós – de me projetar no outro, a questão que se coloca é: se eu estiver suficientemente bem comigo, gostar de mim naturalmente, eu nalguma altura vou fazendo a transição para aquilo que é o amor se aquela pessoa valorizar esses sentimentos. E, portanto, eu progressivamente vou aprofundando e aquela pessoa é aquela que faz sentido para mim naquilo que ela é e não naquilo que eu desejava que ela fosse. Mas esta transição daquilo que ela é em vez daquilo que eu desejava que ela fosse, que é também uma espécie de transição entre a paixão e o amor, acontece melhor se eu pessoalmente também estiver suficientemente resolvido. Porque se eu estiver menos resolvido eu tenho sempre uma necessidade muito grande de ver no outro aquilo que eu desejava que o outro fosse porque era como se sinto isso eu era o máximo porque tinha a pessoa que eu desejava que fosse. Aquela é a mulher da minha vida porque é aquela mulher que preenche uma idealização minha. Eu sou o máximo porque aquela mulher gosta de mim, portanto eu sou o máximo. Não

é isto, né. Porque nesse sentido o amor é entregue ao outro e é recíproco. Não é sempre aquela coisa de que o outro está sempre a confirmar quão importante eu sou.

As pessoas vivem mesmo essas relações tão saudáveis?

Algumas... é assim, a gente está a falar, está a conceptualizar, quantas pessoas é que estatisticamente vivem isto? Estatisticamente devem ser o menor número de pessoas, mas sabe-se... repare uma coisa... se a gente diz que há o desafio da felicidade, pode também haver o desafio deste amor na mesma proporção. E a felicidade anda-se à procura assim como se pode andar à procura deste desafio de amor. Agora, se você me diz, então qual é a percentagem de pessoas felizes? Bom, se calhar a percentagem não é tão grande como a de pessoas infelizes. Podemos dizer em relação a este amor a mesma coisa. Agora, o que é certo é que a probabilidade deste amor acontecer, é diretamente proporcional à maturidade de cada um dos elementos.

E é possível fazer essa desconstrução do eu e esse crescimento para a maturidade em tempo útil, tendo em conta as mudanças sociais?

Repare, as mudanças sociais trazem outra coisa porque as coisas precisam de tempo e às vezes pode não ser um tempo biológico, pode ser um tempo psicológico. O problema das mudanças sociais é que trazem uma aceleração, que nem é muito uma aceleração em termos de tempo, é pela aceleração de não ter tempo para o desenvolvimento mais perfeito. As pessoas têm que dar respostas muito operacionais a muitas coisas. Portanto, as pessoas estabelecem vínculos de conveniência muitas vezes. A vida pede, não é, e às vezes quando se dão conta as relações já deixaram de funcionar porquê? Porque verdadeiramente elas não estavam sustentadas nisso. Ou então transitam para uma outra coisa que mantêm à mesma que é um registo utilitário da relação. As pessoas podem continuar juntas, mas estão num registo utilitário ou porque é complicado divorciarem-se ou porque depois há os filhos. Agora, estas situações sociais dificultam um bocado isto por isso mesmo, e também não só por isto, né. Porque de alguma forma também foi sendo desvalorizado aquilo que é a procura, para já porque as relações sociais se centram muito na procura da individualidade, mas cada um tem para si... Ao mesmo tempo a gente tem desejo de partilha, de pertença, mas o desejo de partilha e de pertença e aquilo que é a individualidade da forma como cada um tem que se desenrascar, este equilíbrio não está fácil de fazer. O que faz com que às vezes aconteçam relações que são relações em que essa profundidade também tem menos probabilidade de acontecer porque as pessoas, há compromissos que as pessoas não querem. As pessoas até podem estar cada um em sua casa e depois dar umas voltinhas e para eles aquilo está bem, dependendo da perspetiva de quando isso acontece, isso está aquém daquilo que podia ser, mas para aquelas circunstâncias, naquelas pessoas, parece que é aquilo que basta naquele momento.

E isso é também o que os sociólogos dizem que é o medo, há uma expressão muito gira que o Bauman utiliza “se quer evitar o sofrimento, evite abraços muito apertados”?

Nesta construção das pessoas, temos os sentimentos, mas entre os desejos que temos e os medos que temos, às vezes ou arriscamos mais e arriscamos à procura do desejo ou o medo é mais assustador e a gente foge dos medos. Se a gente foge dos medos, um dos medos dos quais foge é o medo da rejeição. E nesse sentido a pessoa não se compromete a um determinado nível porque o facto de se comprometer a um determinado nível faz com que aumente a probabilidade de sermos confrontados com um medo. As pessoas às vezes não estão para isso. Preferem o quanto baste porque aquilo que é... o outro risco é mais ameaçador, mais desorganizativo. E depois há outra questão também social e cultural que é nós também fomos, estas últimas gerações, foram menos treinadas para a resistência à frustração e menos treinadas para a superação do lado emocional. Até são capazes de fazer determinado tipo de coisas desesperantes para conseguirem o carro. Para conseguir o carro e uma função, mas não tanto para se superarem a nível emocional. Não estão para isso, até porque isso tira energia para aquilo que é o tal individualismo, consome energia e como consome energia as pessoas não estão para isso porque essa energia é uma energia na qual não há garantia de retorno. Quando eu vou atrás de um carro eu acho que isso depende de mim se eu for esperto, se me esforçar muito, se calhar, consigo. Quando eu estou a falar do plano dos afetos isso não depende só de mim, depende de mim e da descoberta e do interlocutor que é o outro. Portanto, estamos num campo em que as areias são muito mais movediças. E isto aqui, este desafio de superação, de resistência à frustração, de aguentar, as pessoas têm menos. Temos coisas melhores, temos a liberdade de decidir, de escolha, também temos coisas piores das gerações anteriores. Não somos obrigados a estar agora com quem não gostamos, mas também as outras gerações tinham mais resistência à frustração porque você vê pais que passaram por fases complicadas, que se fossem equivalentes ao que se passa agora já tinham desistido, e que transformaram isso e você vê pessoas com 70 anos e com relações que a gente olha e diz “que gira a relação!”. Por exemplo! E passaram por fases complicadas, mas aquilo que foi a capacidade de superar fez com que as pessoas não saíssem de cena ao primeiro percalço. Agora, é claro que nós temos coisas melhores do que eles tinham. Mas nós ao termos coisas melhores também perdemos algumas coisas. O que era interessante era como é que a gente conseguia criar aqui um caldo. Se calhar vai ser lá mais à frente, noutras gerações, não sei se vai, se não vai... porque há coisas que nós temos dificuldade de nos afastarmos delas. Não estou a ver que a gente consiga conceber a nossa vida sem ser com momentos de partilha e de pertença, percebe. Não estou a ver.

E isto falamos tanto de homens como de mulheres? Falamos de pessoas?

Falamos de pessoas.

E nessa questão do não lidar bem com a frustração, também podemos distinguir entre homens e mulheres?

Podemos distinguir pondo a parte sociocultural no meio. O que é que eu quero dizer com isto? Quero dizer que as mulheres no próprio movimento de libertação feminino em determinada altura, tudo é por fases, foram fazer coisas iguais aos homens e não era essa a estratégia. Não era essa a estratégia. Por isso é que há agora algumas mulheres que são mais autónomas e até podem ser contra os movimentos de libertação no sentido em que eles o eram, mas são autónomas e sabem o que é que querem. Porquê? Porque no fundo o que acontece é pode haver nesta mimetização de comportamentos – quando você diz resistência à frustração – a pessoa pode... pode existir mulheres que respondam “eu não estou para aturar este gajo, paciência, vou com outro, vou partir para outra”. Isto dito assim e se for igual ao homem não acrescenta nada. Se for igual ao que o homem já fez que é não se vincular, contudo, eu continuo a achar, dada a minha experiência, naquilo que são as diferenças, que as mulheres continuam a ter uma tolerância para os homens que os homens não têm às vezes com as mulheres neste sentido: pelo menos às vezes têm o desejo daquilo que é uma coisa boa afetiva, é tão grande, estou a falar genericamente, como há uma expectativa grande de construir uma coisa afetiva, as mulheres têm tolerância com os homens em coisas que não deviam ter. Lá está, porque as mulheres biologicamente nascem com uma ferramenta que nós não temos, as maternidades, esta componente biológica tem outra vez a ver com pertença, com partilha, com dar. Dar-se a alguém ou dar a alguém. E isto faz com que às vezes as mulheres na expectativa do afeto, na expectativa afetiva boa, fazem com que ou toleram às vezes comportamentos dos homens um bocado desadequados na expectativa reparadora de que elas são capazes de ir salvar os homens de alguma coisa estúpida que eles fizeram. E então vão criando pretextos para sofrer porque depois os homens, consciente ou inconscientemente percebem isso, às vezes inconscientemente, e as mulheres vão sofrendo na expectativa de que aquilo vai acontecer bem e eles vão, e abrem um precedente que não devem abrir. No campo da assertividade, quer dizer.

De uma forma generalizada, também há quem diga que se temos homens assim foram as mães que os educaram, portanto, as mulheres continuam a perpetuar estas diferenças culturais existentes.

Estamos a falar genericamente. Há mães que não, têm muito cuidado com isso. No genérico, acho que sim. No que é o genérico, às vezes, as mães novas ainda repetem padrões em que se pode, não estou a dizer que é sempre!, mas podem estar de repente a achar natural que a filha vá levantar a mesa e que o rapaz não vá levantar a mesa da mesma maneira.

E se calhar essas mulheres que diziam “eu não vou ser como a minha mãe ou como o meu pai” estão a perpetuar...

Isso acontece com as mulheres e com os homens. Nós temos tendência a repetir padrões de comportamento. Às vezes as pessoas nem se apercebem. E nas gerações atuais aí é que é muito interessante, que o próprio homem é que devia de fazer aí de sinalizador e às vezes – agora estou a falar de mim próprio – que às vezes o tratar um filho “Gonçalo, vai lá fazer isto”, às vezes a mãe já está a fazer. Antecipou-se e está a fazer, naquela coisa do cuidar, do tomar conta. E se a pessoa não sinaliza vai perpetuar. E passa a ser uma coisa como se fosse normal.

Há estudos que dizem que os primeiros cuidadores criaram vínculos maiores com essas crianças. Não podemos dizer, mais uma vez, que os homens são insensíveis aos afetos...

Eu acho que são complicadas as generalizações. Vivemos ainda muito nisso. Eu acho que obviamente há padrões, mas depois as pessoas têm todas um colorido que não é preto nem branco, percebe. É aí que a gente tem de ter mais cuidado com os padrões. Mas ao mesmo tempo é importante ter a noção de padrões porque são os padrões que perpetuam os comportamentos ou que podem perpetuar. Não são tanto as outras tonalidades todas. As outras tonalidades acontecem na casa de cada um, enquanto os padrões funcionam como coisas quase míticas e arquetípicas quando a gente está a falar. E basta eu estar a dizer que há padrão para estar a ser um potenciador de um padrão. Quem está a ver isto, isto vai inculcando. E vai cumprindo as expectativas, vai entrando dentro daquele padrão. Mesmo que às vezes até pudesse ter uma tendência diferente, de repente está dentro do padrão porque é aquilo que é esperado, ou que a sociedade espera ou que as pessoas esperam. No fundo, a gente lê o mundo através dos padrões. E aquilo que está de fora funciona como dissonância cognitiva e a pessoa afasta. Aquilo não encaixa dentro daquela leitura e a pessoa parece que não vê aquilo, que aquilo existe. Eu acho que aí é mesmo uma questão de equilíbrios. Os padrões são importantes e existem, são tendências, mas são mais importantes não para nós dizermos “isto é assim!”, não tanto para isso, serve mais para nós identificarmos e percebermos ali ou acolá onde é que está a funcionar e onde não está, porque os padrões não são evolutivos.

Encaixando nessa definição homens e mulheres, nestas questões do amor, seria mais justo dizer que homens e mulheres expressam o amor de maneiras diferentes do que dizer que amam de maneiras diferentes? Como é que aferimos que alguém ama?

Lá está! O peso cultural marcou muito. As questões culturais servem para induzir o amor, mas também servem para enganar o amor. Porque eu utilizo a minha comunicação não-verbal ou os meus gestos quer para mostrar o amor, quer para fingir que estou a amar se me der jeito. Tudo o que é não-verbal pode ter um caminho ou ter outro e não é isso que tem a ver com aquilo que é o amar ou não amar. Na verdade é situações... Onde é que se vê o amar ou não amar? Vê-se, se tivesse que se testar, vê-se em coisas, situações, onde está em jogo, onde fica em jogo aquilo que é isso mesmo. Vamos imaginar que a gente consegue perceber numa relação qual é o grau de compromisso que as pessoas têm, qual é o grau de intimidade que as pessoas têm, quais são em determinada altura em concreto como é que a gente sente que aquela pessoa não foi egoísta o suficiente para só estar a pensar nela e passar por cima do que são os sentimentos do outro, percebe? Há situações em que isso dá para perceber. Mais do que se naquele momento ele comprou uma flor, claro que se comprou uma flor pode ter continuidade com o amar ou pode ter uma continuidade com o desamar. E nesse sentido é preciso alguma atenção. O que eu acho é que quando nós falamos com pessoas que se amam, e isso dá para perceber quando falamos com essas. Mas essas não são a maioria. Há muitas pessoas que estão vinculadas por coisas operacionais, que é dizerem que não têm condições para se separar, a casa, os filhos, e às vezes não é só os filhos, são coisas que dão trabalho, dá trabalho. O trabalho que dá separar-se, arranjar outra casa e não sei quê... E também isto é um ciclo vicioso porque se as pessoas tiverem uma relação em que precisavam um do outro – às vezes diz-se que o verdadeiro amor é livre de necessidade – mas nós se a pessoa está muito dependente das necessidades do outro o que acontece é que depois é muito difícil sair de uma relação que já funcionou, com medo, como algumas pessoas dizem aquilo já não funciona em termos de ser amado, mas tem coisas operatórias, de conveniência, de amizade que as pessoas não querem trocar pelo trabalho que dá as outras coisas todas. E então ficam por ali no chove não molha.

Nesta questão das diferenças entre homens e mulheres, Damásio diz que o amor é um sentimento, mas que na base disso está a atração física. Há outras formas de atração ou tem de haver sempre esta componente sexual envolvida?

Eu acho que o que acontece muitas vezes na atração física é uma coisa que é o seguinte: acho que há pessoas que podem ser atraídas por vias diferentes. Ou seja, o intermediário eu acho que é importante haver uma atração... se a pessoa diz assim: “ah, eu fiquei só ligado àquela pessoa só pelo lado do intelecto”, mas a questão - até pode ser! – mas porque para aquela pessoa o intermediário da atração é a parte intelectual. Funciona como intermediário, para outra pessoa não, é porque é muito cavalheiro, mas para aquela pessoa aquilo é o erotizável. Há pessoas que não é o corpo, porque não é aquele o intermediário! O intermediário, que é o que mobiliza as pessoas naquilo que é o erótico, pode ser diferente de pessoa para pessoa. E há pessoas que ficam altamente estimuladas a esse nível porque aquela pessoa intelectualmente é não sei o quê, outras porque o sentido de humor não sei o quê... faz-me rir...

Então mesmo numa relação longa tem de haver, seja qual for o intermediário, essa atração?

Eu acho que é importante que se mantenha, mas lá está, eu acho que muitas vezes quando se perde as pessoas acomodaram-se também. As pessoas acomodaram-se, as pessoas não meteram lenha na fogueira, isso acontece com muita frequência e aquilo que às vezes é o intermediário passou a ser vulgarizado e as pessoas habituaram-se àquele intermediário e aquele intermediário perdeu a carga erótica e parece que ficou transportado para outra pessoa, às vezes com o mesmo tipo de intermediário, que às vezes já não veem naquela pessoa aquelas características porque estão dadas como certas, estão ali ao lado e de repente há uma pessoa com características naquele canal, mas aquela pessoa parece que chama a atenção. Mas, lá está, mais uma vez eu devolvo para a maturidade emocional. Porque há aqui uma questão que eu acho que é importante que é as pessoas terem esta coisa de valorizar o outro, de saberem porque é que valorizam o outro. Porque se se acomodam e deixa de haver valorização do outro, fica difícil depois haver um... depois gosta-se de quê? Não precisa de ser “gosto disto ou daquilo”, mas a pessoa tem de sentir que gosta. Esse carácter único é importante não só para aquilo que a gente vê no outro, mas também para aquilo que o outro vê em nós. Porque a gente tem necessidade de ser únicos para alguém. Portanto, esse carácter único, se se vulgariza, deixa de ser único e depois perde-se o brilho. As pessoas têm essa necessidade e aqui já não estou a falar no sentido da idealização, mas no sentido da diferença. Aquela pessoa não é igual a outra, para mim não é igual a outra.

Mas não é possível mudar uma personalidade, é possível mudar comportamentos...

A personalidade não muda, você faz ajustamentos. Acontece que você tem uma estrutura marcada por determinados traços de personalidade que são os seus, mas depois em função de um bem maior você pode fazer ajustamentos. Vamos imaginar. Vou brincar: alguém que não põe as meias no sítio certo é um comportamento. Mas é um comportamento que junto com os outros comportamentos todos pode fazer parte de um traço de personalidade, que é a pessoa ser desligada daquele tipo de coisas, porque as mães deixaram ou o que seja, não interessa. Não me parece que faça parte do temperamento deixar as meias num sítio, pode

fazer parte do carácter enquanto experiência acumulada, certo? E se eu digo que a personalidade é uma mistura do temperamento com o carácter e se o carácter é o resultado das experiências vividas, eu posso naquilo que foram as novas experiências reformular experiências. Não posso é mudar o temperamento, mas o meu carácter posso reformular uma experiência. Mas para a reformular aquilo tem que ser em função e de um bem maior e esse bem maior não é no sentido de calar a boca ao outro porque se eu calo a boca ao outro passado um mês eu estou a repetir o mesmo comportamento. Se eu acho que aquilo, apesar de não ser importante para mim, é importante para o outro e o meu amor ao outro, a importância que aquilo tem para o outro, fica incluída em mim como importante para mim, então aquilo passa a ser natural para mim. Mesmo que ao princípio seja difícil, estamos a falar de comportamentos/ajustamentos. Não estamos a falar de uma matriz que muda.

Também concorda que o homem é o homem e as suas circunstâncias?

Acho que o homem é o homem e as suas circunstâncias, mas o que eu acho é que não posso pôr o homem numa perspectiva em que desresponsabilizo o homem em relação àquilo que ele faz com as experiências de vida que tem. O homem – o homem ou a mulher! – tem um compromisso de responsabilidade com aquilo que pode tentar modificar, na medida do que é modificável. Devia ser: é o homem e as suas circunstâncias e é o homem e aquilo que faz com as suas circunstâncias. Não me interessa muito a frase na perspectiva de que o homem fica refém das circunstâncias. Interessa-me a frase no sentido da perspectiva de que o homem identificando as suas circunstâncias, melhores ou piores, ou seja o que for, pega nelas e faz alguma coisa com elas.

E nesse aspeto há sociólogos que dizem que as mulheres foram obrigadas a uma mudança e os homens não foram, o que significa que nesta altura se sentem muito perdidos. Na sua opinião, os homens podem fazer alguma coisa pelas suas circunstâncias ou continuam a fingir que fazem?

Se calhar, no que é o genérico, estão a fazer pouco. Na situação em particular, eu acho que a capacidade que cada pessoa tem de se gerir para tentar resolver os problemas que se colocam, muitos homens têm também essa necessidade da mesma maneira que as mulheres têm. Os homens de agora, que os homens de antigamente estavam muito bem com o estereótipo que lhes era conveniente, portanto estavam bem. Lá está aquilo de que falávamos anteriormente. O homem nasce, ia crescendo, ia vendo outros homens ao lado e então obviamente entrava dentro daquele padrão. Não quer dizer que o homem, em particular, até não tivesse gestos mais naturais e mais femininos e de repente aquilo ficou amputado porque não era esperado ver isso nele. Agora o que acontece nestes homens de agora, que vão tendo os desafios, que vão tentando conciliar as vidas e trocar as coisas práticas com os afetos, cada homem em particular, se você perguntar se os homens todos enquanto grupo conseguem fazer isso da mesma forma como as mulheres em tempos o conseguiram fazer, não direi isso no geral. Porquê? Por uma razão: porque enquanto as mulheres tiveram de fazer um movimento de procura da sua realização, da sua autonomia, ao encontro de qualquer coisa maior e qualquer movimento ao encontro de qualquer coisa maior, mais bem feita ou mais mal feita, é altamente motivante porque a motivação é intrínseca, que é aquela que conta. Enquanto o homem quando tem que mudar é por razões externas, por qualquer razão que esteja mais condicionada por razões externas, enquanto grupo, e mudar por razões externas é como se fosse mudar a fugir de em vez de mudar ao encontro de... É mais fácil eu mudar – mais fácil, mais motivante! – mudar ao encontro de uma coisa que supostamente é uma coisa maior, do que eu mudar por ter de estar a fugir de uma coisa pior. Porque quando eu estou a fugir de uma coisa pior, naquele momento acho que fugi e já não me interessa nada, já acabei o desafio. Enquanto as mulheres começaram o desafio. As mulheres tinham o desafio de pôr a MULHER, com letra grande, noutra patamar. Os homens não têm o desafio de pôr os homens num outro patamar. O que muitas vezes fazem é que se vão tentando encaixar. Naquilo que é desafio das relações em particular, sim, veem-se mudanças dos homens. Veem-se relações agora engraçadas, interessantes a esse nível, daquilo que é a expressividade que os homens também têm, não se pode dizer que é uma coisa só apanágio das mulheres. Agora, não é igual à ideia de libertação das mulheres porque o motivo era outro. Tanto que era motivo que teve coisas boas e coisas más. Foi muito útil enquanto movimento, mas muitas mulheres foram reféns desse movimento. Portanto, perderam coisas, para alimentar esse movimento, e a gente vai sempre parar ao mesmo: as mulheres mais maduras não tiveram de perder coisas; as mulheres mais pseudo-maduras, essas perderam coisas.

Nestas temáticas do amor, há esperança?

Eu acho que sim, agora não sei se é o meu otimismo. Acho isso mesmo pelo lado da análise psicológica, social. Eu não vejo que seja possível viver sem afeto. Estamos numa fase em que temos pressões de todo o lado, globalizações de todo o lado, e alguém com responsabilidade um dia destes dizia uma coisa horrível: “isto agora é a era da globalização e os jovens agora não são de país nenhum, são de todo o lado”. Acho muito bem que os jovens sejam de todo o lado, não quer dizer que não tenham alicerces às suas tradições. A pessoa dizia “os jovens vivem sem saudade”. Se os jovens vivem sem saudade, vivem sem afeto!

ANEXO II

ENTREVISTAS A CASAIS

CASAL 1 (C1) – ATÉ AOS 30 ANOS

MULHER 1 (M1)

Idade: 24 anos

Estado civil: solteira (em união de facto)

Habilitações literárias: 9º ano

Profissão: comercial

Relevância para estas entrevistas: numa relação com H1 há 8 anos. Grávida de 2 meses quando deu esta entrevista.

1) O que é, para si, o amor?

Ora bem... o amor... Sei lá, eu acho que o amor não tem.... não.. não.... não tem que ser explicado. Eu acho que o amor sente-se, não é, há muitas maneiras de amar e de várias formas, de vários tamanhos, de várias cores, também, de vários cheiros. O amor não tem explicação.

2) Como sabe que está a amar e não que está apaixonado? Como se comporta o seu corpo?

Olhe, eu acho que quando estamos apaixonadas sentimos aquele bichinho na barriga, não é, aquela borboleta. E.. e... e parece que nada... que nada é difícil, que nada... que tudo se ultrapassa e ficamos sempre... parece que conseguimos sempre aquilo que queremos e no amor não é assim. Porque o amor não é tão fácil como parece, não é? Tem que lutar, tem que perder, tem que ganhar, tem que... sei lá... dá imensas dores de cabeça. O amor não é perfeito. As pessoas têm a mania de dizer que o amor é lindo. O amor não é lindo, o amor tem fases boas, tem fases bonitas, mas não é lindo porque sofremos por amor... bastante... muito. Mas também, como também há alegrias, não é? O amor não... lá está! Há muitas diferenças entre estar apaixonado e gostar mesmo.

3) Já alguma vez amou?

Já! Bastante.

4) Que características tem de ter a outra pessoa para que a consiga amar?

Sinceridade. Acho que isso é o ponto número um porque quando não confiamos e sabemos que aquela pessoa não é sincera, não conseguimos gostar. Pelo menos eu não consigo gostar, não é...Acho que é basicamente isso.

5) Reconhece essas características em si ou em alguém do seu passado (seja familiar ou antigo relacionamento)?

Sim, sim! Para já é assim: para se gostar de alguém temos de gostar de nós próprias, não é... e temos de saber avaliar as coisas e ver as coisas como elas são. Sim, tem a ver connosco, principalmente connosco.

6) Qual foi a maior “loucura” que já fez por amor?

Hmmm! A maior loucura... não sei... é assim: a maior, a maior, a maior.... É assim: eu não sei se posso dizer que é um loucura, mas foi dizer ao meu namorado, ao meu atual namorado que... “ok, vamos experimentar ser pais, vamos... não vamos pensar no futuro” e pronto, aconteceu!

7) Como é que demonstra ao seu/sua companheir@ que @ ama?

... Como é que eu demonstro... Não sei... eu acho que... eu acho que basta... eu acho que basta olhar para a pessoa, sabe, e não é preciso dizer “eu amo-te”. Eu acho que se a pessoa sentir o mesmo por si e se não houver dúvidas, basta um olhar, basta dizer um olá, um bom dia, perguntar se está tudo bem, como é que correu o dia. Eu acho que basta essas coisas, não é preciso estar constantemente “eu amo-te, eu amo-te, eu amo-te!”... isso não... às vezes nem tem significado sequer.

8) Consegue separar sexo de amor? Para si, o que os distingue?

Consigo. O que é que distingue... boa pergunta... Quer dizer... eu acho que o amor e o sexo tão ligados... aaa.... Há pessoas que fazem sexo em amor, há pessoas que fazem amor com sexo, eu acho que tem a ver muito... Se gostamos, eu acho que fazemos amor com sexo, não sexo com amor, como é lógico.

9) Quando ama alguém, é fiel a essa pessoa?

Sim, claro, mas primeiro que tudo ser fiel a ti própria e depois à outras pessoas, claro.

10) Homens e mulheres têm necessidades diferentes ao nível dos afetos? Quais?

Não. Eu acho que as pessoas têm as mesmas necessidades, como é lógico. Umas mais que outras, mas os afetos toda a gente tem que ter. Não há, não há diferença.

11) Houve grandes mudanças nos últimos anos na vida das mulheres. Como as encara?

Positivas, muito positivas. Eu acho que cada vez mais acho que vai haver mais mudanças. As mulheres são... é um sexo muito forte às vezes os homens pensam que não, mas nós temos assim um poder cá dentro (risos), completamente, que ninguém consegue... eu acho que o homem tenta imitar e nunca vai conseguir chegar a esse alcance.

12) Na sua opinião, o que podem os homens fazer para acompanhar esta mudança?

Apenas observar (risos). Observar e aprender! (risos)

13) Como reage/reagiria quando se sente rejeitad@ / traíd@ pela pessoa que ama?

Primeiro tenho de perceber porquê, não é... ãa... depois tentar avaliar a outra pessoa porque cada pessoa tem a sua maneira de pensar e... e... de reagir à... à... ao assunto que seja. Depende, depende da situação, não é... cada pessoa passa por várias razões e por várias situações na vida. Depende da situação. Como é que se pode, sei lá, resolver as coisas, não sei. Eu acho que, primeiro que tudo, se gostamos mesmo, choramos, completamente. Choramos, choramos, choramos, choramos, trancamo-nos no quarto, que eu acho que é o nosso mundo, normalmente nessas situações onde nos escondemos é no quarto. ãaa... vamos sempre para um sítio onde nos sentimos bem, não é... ãaa. Isso já me aconteceu. É de fechar-me no quarto, não querer ver ninguém, não comer, não querer falar até passar e depois, sim, falar com a pessoa em questão.

14) Acha possível amar mais do que uma pessoa em simultâneo? Porquê?

Acho. Lá está. Depende do...da... do que se quer dizer com amar. Agora, amar duas pessoas, se tivermos a falar de sexo, de homem, de companheiro, impossível. Eu acho que não se consegue amar duas pessoas ao mesm... assim o mesmo sentimento não. Agora, por exemplo, eu amo a minha sobrinha e amo o meu companheiro, mas são dois amares completamente diferentes, como é lógico. Mas sim, isso consegue-se, agora amar dois homens para serem "seus"... não.

15) O que @ atrai mais n@ seu/sua companheir@?

O que é que me atrai mais... O meu companheiro é uma pessoa muito forte, eu acho que... ele tem uma maneira muito simples de resolver as coisas, ele não complica. ãaa... e ele... e ele sabe aquilo que quer, sabe aquilo que quer fazer e... e eu gosto nisso nele. Eu às vezes sinto-me perdida em muitas situações e ele é o próprio a dizer "calma! Vamos por ali, eu sei que é aquele caminho, eu sei que o que vamos fazer está certo". Mas vamos os dois. Não é de... eu de um lado de um passeio e ele doutro. É os dois e mão dada e resolver as coisas em conjunto. E nós somos muito assim, nós arriscamos muito. ãaa... ele mais que eu nalgumas coisas, eu noutras coisas. Mas lá está, eu acho que tem que ser assim... ã... mas eu gosto muito da... de... do ser dele, de como ele é em pessoa. Ele é boa pessoa, mesmo!

16) Numa relação longa, o sexo continua a ser a componente mais importante? Se não, qual é a componente que considera mais importante na sua relação?

Sim, claro. Eu acho que sem... sem amor-sexo, sem sexo-amor, lá está, mas é mais amor-sexo, eu acho que um casal que já tenha alguns anos, não é, de partilha, eu acho que não pode esquecer esse fundamento, não é, porque é... eu acho que... às vezes as pessoas dizem "ah, não, não, de vez em quando!". Mas é que nós às vezes esquecemo-nos disso, é a rotina, uma pessoa deita-se, dorme e depois esquece-se um bocadinho desse pormenor que depois acaba por ser muito importante porque... o amor... o amor liga, liga muito, o sexo, não é... Uma pessoa... uma pessoa cola-se ao seu parceiro, partilha emoções e é isso que nos une, eu acho que sim. O ser humano não vive sem sexo, não vive. Não existem relações como os nossos avós, como os nossos pais. Deve conhecer mais do que eu porque é um bocado mais velha... os seus colegas se calhar chegam a uma certa altura que se separam e já não há casais como antigamente, não há. E é pena. É pena porque o amor não é só dizer "bom dia", não é só dizer que tenho um...um namorado, não é só dizer que tenho uma namorada. Falta aqueles, aqueles pormenorzinhos de estar quando é preciso, de fazer amor... quando é preciso... não é um querer e o

outro não. Tem que ser os dois, os dois têm que precisar, os dois têm que ter, têm que ter noção das coisas, não é... Há muito “ah, hoje não me apetece!” e o outro quer. Ou o outro quer e o outro não quer. Tem que ser os dois, tem que ser sentido. Mais que tudo tem que ser sentido, senão eu acho que o...o... o amor não vive só do olhar, como é lógico.

17) Reconhece, no seu comportamento perante o amor, crenças e padrões que lhe foram incutidos pela educação?

Sim, eu acho que nós, filhos, não é, ãa... nós ligamos muitos ao que os pais dizem e fazemos muito aquilo que os pais faziam e que fizeram. ãaa... e eu e o meu namorado, o meu parceiro, nós fazemos bastante o que os nossos pais fizeram, o que os pais, por exemplo, foram conhecer nós fomos conhecer os sítios onde os pais foram, nós seguimos muitos as pegadas dos nossos pais. E é um bocadinho isso, quando nós formos pais, eu acho que também vamos incutir um bocadinho isso nos nossos filhos, não é... aquilo que aprendemos com os nossos pais vamos ensinar aos nossos filhos e acho que vamos criar sempre aquela palavra que é muito a família. As pessoas às vezes não ligam muito, mas é importante ligarmos à família. Porque sem a família não somos nada, sem a família não conseguimos ir para a frente, por isso é muito importante ligarmos aos mais velhos, principalmente aos nossos pais.

18) Sente-se confortável com eles ou gostaria que tivesse sido diferente?

Não, os meus pais são realmente as pessoas mais importantes da minha vida, sem eles se calhar das muitas situações que ocorreram eu não estava aqui, já tinha ido para mais longe, já estava sozinha, e foram eles que me abriram os olhos, que me começaram a dizer “tem calma, as coisas não são assim, tu és nova, tu consegues” e.. só a palavra “tu consegues”, ganhamos assim uma força enorme. Vamos agarrá-la não sei aonde, mas vamos.

19) Se for necessário, submete os seus planos pessoais às exigências familiares?

Depende... (silêncio). Depende. É assim, eu acho que mãe.. não é... a mãe sabe tudo. Quando temos algum problema ou quando falamos de alguma coisa é logo a palavra... a palavra que nos ocorre na cabeça é “mãe”. E eu ligo muito à minha mãe (sorriso), eu sou muito ligada à minha mãe e se a minha mãe alguma vez me disser alguma coisa que seja para o meu bem, eu sigo o conselho dela, nem olho para trás. De restos, deixo, deixo, claro... Eu acho que há coisas como o ginásio que, se não formos hoje, vamos amanhã ou vamos depois. Está lá sempre. A família não fica para sempre. A família está agora, permanece agora, mas um dia mais tarde poderá não estar aqui e quando não estará aqui um ia mais tarde o que vamos fazer, vamos ao ginásio? Não é o ginásio que nos vai dar as respostas e que nos vai ligar. É... eu acho que... não é importante. A família é mais importante do que isso.

20) Em casa, que tarefas domésticas costuma fazer?

Hmmm (risos). ãaaaa... Em casa... depende. ãaa... agora que estou grávida não posso fazer muito porque o Jorge não me deixa, mas faço tudo. Acho que a casa, para já, tem de ser o nosso espaço, temos de criar o nosso espaço, a nossa casa. Basicamente as coisas são a rotina, é arrumar o quarto, arrumar a casa de banho, ter a cozinha limpa porque é daí a higiene, não é... ter cuidado com as coisas arrumadinhas e limpinhas. Neste momento é o meu companheiro que faz mais porque ele passa mais tempo em casa.

21) Na sua opinião, casar e ter filhos, constituir uma família, é importante para uma pessoa ser feliz?

Não. Eu não sou casada, sou mãe solteira... tenho um companheiro mas não somos casados e não é... não é de todo, o mais importante, casar, ter filhos e ser feliz, de todo. Há muitas mães solteiras que, graças a deus, estão bem é assim, não é acompanhadas. Por isso não é o casar, não é... Eu acho que estar junto basta. Eu acho que casar não é o mais importante. Ter filhos, depende dos casais. Eu, eu... eu que sempre quis ter filhos, agora, porque antes não ligava nenhuma, para já tinha outra idade, não é, e .. mas eu acho que começamos a olhar para nós e começamos a dizer “era tão bom teres um filho, era tão bom teres uma coisa tua, tua meso, não é dos outros” e melhor ainda se for do nosso parceiro que já tem algum tempo de casa connosco. É bom, pelo menos até agora tem sido uma experiência boa.

22) Acredita no amor “até que a morte nos separe”? Porquê?

Acredito, completamente. Acredito. Há bem pouco tempo tive a falar nisso com ele e faz-nos confusão falar na morte porque a vida é muito curta, não é, nós não damos por isso e é esquisito pensar um dia “bolas, eu vou morrer! Eu vou deixar de existir!”. As pessoas nem vão-se lembrar de mim, quanto menos o nosso filho, se deixarmos um filho, ãaa... vamos ser nós em ponto pequeno, não é, mas vamos deixar de existir, é horrível! Se as

peçoas pensarem um bocadinho e se gostarem deles, não é, porque há muita gente que não gosta de viver, se gostarmos de viver e pensarmos um bocadinho isso é completamente assustador, é horrível. Vamos deixar de existir, mas é mesmo! Um dia vamos morrer, vamos deixar de.. de... gostar, vamos deixar de sentir, vamos deixar de ser nós, vamos deixar completamente. É horrível! Assusta-me.

23) E um relacionamento para a vida toda, é possível?

Depende. Depende daquilo que queremos, daquilo que o nosso parceiro quer. Depende das pessoas. O amor nunca morre. E espero que comigo seja para a vida toda (risos). Não é que... não é que diga e meta as minhas mãos no fogo porque a gente nunca sabe o que é que pode acontecer. Mas gostava, como é lógico, gostava que as coisas permanecessem assim ou melhorassem um bocadinho porque é sempre bom melhorar. Agora, nós não podemos pôr as mãos no fogo por ninguém, por ninguém, mesmo que essa pessoa seja o nosso companheiro há 20 anos, há 30 anos. Agora, se me fizesse a pergunta dos seus pais, isso metia, não é, porque acho que foram as pessoas que nos criaram, são os nossos pais, agora um namorado pode vir hoje, pode vir amanhã, pode mudar. Agora, para toda a vida, não sei. O amor para toda a vida não sei.

HOMEM 1 (H1)

Idade: 25 anos

Estado civil: solteiro (em união de facto)

Habilitações literárias: 12º ano

Profissão: desempregado

Relevância para estas entrevistas: numa relação com M1 há 8 anos.

1) O que é, para si, o amor?

O amor é...(pediu para desligar o gravador por uns segundos). O amor é um sentimento profundo.. ãa... que nunca sabemos, sinceramente, se ele existe porque.... podemos encontrar uma pessoas futuramente que vimos a sentir mais profundamente e ficamos na dúvida se já amámos alguma vez ou não. Eu penso que o amor é o que eu sinto, mas não sei se encontrarei outra pessoa de quem eu possa gostar mais e que isto tenha sido uma paixão e o amor seja mais intenso do que o que eu sinto atualmente. Não há nenhuma fórmula que diga que o amor é isto.

2) Como sabe que está a amar e não que está apaixonado? Como se comporta o seu corpo?

Hmmm... acho que não se sente. Não é nada que se diga "isto é paixão", "isto é amor". Penso que a paixão é algo que passa com mais facilidade e o amor seja um sentimento mais duradouro, profundo e que, pronto, que dura mais tempo e que se sente com outro tipo de clareza. Penso que o amor dá a chamada borboletas na barriga. O amor. Penso que a paixão a pessoa pode não sair da cabeça uma semana, duas semanas, um mês, um ano, dois anos, mas acaba por sair. Essa é a grande diferença.

3) Já alguma vez amou?

Não sei... Não sei.

4) Que características tem de ter a outra pessoa para que a consiga amar?

SSSS... Partilhar as mesmas... quase.. todas... as ideias o que eu (risos). Não todas, é bom discutir. ã.. ter personalidade forte, ser uma pessoa transparente, sincera, humilde, em quem eu possa confiar, penso que são as bases para me conseguir apaixonar e posteriormente vir a amar.

5) Reconhece essas características em si ou em alguém do seu passado (seja familiar ou antigo relacionamento)?

Como eu disse, tem de identificar comigo, portanto, em mim.

6) Qual foi a maior "loucura" que já fez por amor?

ãaa.... Já fiz... a maior loucura... já fiz algumas. A maior loucura talvez seja... uma surpresa que eu fiz que... (pediu para desligar o gravador para pensar). Quando não tinha carta ainda, fui de comboio com um ramo de flores, todas as pessoas a olharem para mim, andei cerca de dois quilómetros a pé, a chover, para conseguir entregar a pessoa destinada (sorrisos). Acho que foi... das maiores. Foi das loucuras com mais insanidade mental!

- 7) **Como é que demonstra ao seu/sua companheir@ que @ ama?**
Pelos atos. Digo, se calhar, poucas vezes, mas a presença, o carinho, o saber ouvir, o saber falar, o saber estar com a pessoa, acho que é assim que consigo demonstrar. Pelo menos, tento.
- 8) **Consegue separar sexo de amor? Para si, o que os distingue?**
Sim. O sexo tem se calhar mais prazer do que o amor, mas é um bocado como a paixão, é momentâneo. O amor penso que seja dado com mais carinho e é algo mais duradouro.
- 9) **Quando ama alguém, é fiel a essa pessoa?**
Sim.
- 10) **Homens e mulheres têm necessidades diferentes ao nível dos afetos? Quais?**
Penso que não. Penso que não... Porquê? Porque... somos os dois humanos, temos os dois coração e os dois cérebro. Portanto, eu acho que não é o facto das hormonas feminina ou masculinas que vão implicar ter mais ou menos necessidade.
- 11) **Houve grandes mudanças nos últimos anos na vida das mulheres. Como as encara?**
Encaro bem. Não vivi os tempos antepassados, mas acho que a mulher é igual ao homem, simplesmente o que difere é que é mulher, mas em tudo o resto acho que têm direito a serem iguais aos homens.
- 12) **Na sua opinião, o que podem os homens fazer para acompanhar esta mudança?**
Continuar a ser homens. Continuar. Se as mulheres quiseram igualar os homens não necessitamos de estar em cima de... por cima da mulher. Penso que seja continuar o ser homem, na verdadeira aceção da palavra.
- 13) **Como reage/reagiria quando se sente rejeitad@ / traíd@ pela pessoa que ama?**
Sinto-me muito frágil, fraco, ãa, mais ninguém me interessa e com vontade de morrer, sim. Se amo. Paixão penso que passa, ou passa com mais facilidade. Deixar de comer, fumar mais, isolar-me, não descansar, ou melhor, tentar descansar e não conseguir, tentar evitar as pessoas que querem falar comigo, tentar evitar tudo e todos, estar sozinho. Chorar, pensar sempre no mesmo “porquê, porquê” e se algum dia vai voltar novamente, penso que é um bocado isso.
- 14) **Acha possível amar mais do que uma pessoa em simultâneo? Porquê?**
Não. Penso que não. Porque se... o amor pode não ter só um sentido, mas acho que para uma pessoa normal, ou estamos com a pessoa e dizemos que a amamos e não amamos, portanto, e aí nunca vamos ser cúmplices de dois amores, ou então largamos a pessoa e vamos ter com a pessoa que amamos. Portanto, eu acho que só amamos uma pessoa de cada vez, não conseguiremos amar duas ao mesmo tempo.
- 15) **O que @ atrai mais n@ seu/sua companheir@?**
Ã.. a forma de ser... ã...gosto dos olhos também, a nível físico, e identifica-se com o meu género de pessoa... mulher. O meu tipo, digamos assim, de mulher não é uma pessoa loura, olhos azuis, é a pessoa com quem partilho a minha vida.
- 16) **Numa relação longa, o sexo continua a ser a componente mais importante? Se não, qual é a componente que considera mais importante na sua relação?**
Não. Nem numa relação pequena. O que eu considero mais importante, que às vezes é difícil, é a confiança. Acho que é o fator que decide a continuidade ou não de um relacionamento. Quanto mais longo é, mais confiança acho que se terá que ter. Nem sempre é assim, mas acho que é a base de tudo para as coisas funcionarem, para a máquina funcionar corretamente. Na minha opinião.
- 17) **Reconhece, no seu comportamento perante o amor, crenças e padrões que lhe foram incutidos pela educação?**
Não. Não sinto isso nem nunca senti, reajo consoante o que sinto no momento. Não há algo pré-definido que me diga que se amar tenho de reagir assim ou fazer isto, isto e isto. Penso que o amor se sente de formas diferentes. Porque acho que ninguém ama de maneira igual, ou se ama nunca o demonstra de maneira igual. E acho que são impulsos involuntários que o amor nos dá e nós reagimos a eles, de maneira melhor ou pior, mas acho que funciona um bocado por aí. Todas as pessoas são diferentes e eu reajo consoante o que sinto na altura, consoante o que acontece, consoante o que desejo para o meu futuro., consoante o que sentir na altura, é um

bocado momentâneo não é valores que tenha adquirido. Cada relação é uma relação, depois quem muito fala pouco faz e, muitas vezes, o que ouvimos dizer não é o que acontece na realidade. Muitas vezes há homens, que conheço, que dizem que são assim, etc, e que fazem isto e que fazem aquilo e na realidade não o fazem. Àa.. ficamos um bocado na dúvida se é por ser homem que diz ou se, realmente, o faz, mas pronto, mas penso que não, não há nada pré-definido que nos diga o que temos de fazer e o que não temos de fazer.

18) Se for necessário, submete os seus planos pessoais às exigências familiares?

Sou um bocado... a minha independência já existia quando me apaixonei ou quando tenho uma relação. Não digo que meta a minha independência acima disso, mas dentro da família tento ter a minha independência. Posso sair um bocado da sala, um exemplo, ou ir um bocado ao quintal sozinho, eu acho que faz bem também ter um bocado sozinho, mas a família logicamente que... deverá estar sempre em primeiro lugar, às vezes nem sempre o conseguimos, mas na minha opinião, eticamente, está sempre em primeiro lugar e tento fazer por isso.

19) Se forem atividades como ir ao ginásio ou ao futebol, a família também está sempre primeiro?

Sim, claro. Sim.

20) Em casa, que tarefas domésticas costuma fazer?

Começando pelo quarto, fazer a cama, lavar o chão, lavar loiça, faço o jantar às vezes, levantar a mesa, acender a lareira, lavar carro, fazer churrascos, etc, etc, etc, jardim, etc.

21) Mas agora porque a sua companheira está grávida ou sempre foi assim?

Sempre foi assim. Dividíamos um bocado as tarefas consoante o tempo que dispomos. Se estou mais tempo em casa e há coisas para fazer, faço eu. Se não estou, faz ela. Tentamos dividir um bocado o mal pelas aldeias.

22) Na sua opinião, casar e ter filhos, constituir uma família, é importante para uma pessoa ser feliz?

Não! Não, as pessoas são todas diferentes! Há pessoas que têm esse modelo, há outras pessoas que não têm esse modelo... Eu desde pequeno que sempre, digamos, sonhei, não é sonhei, mas sempre gostava de ter uma família, de ter um filho, a minha mulher, a minha casa, de ter as minhas responsabilidades, consegui alcança-las, mas penso que não... não é nada que... que... tenha que ser assim. Não há nada que nos diga que temos de ser assim, senão toda a gente era igual.

23) Acredita no amor “até que a morte nos separe”? Porquê?

Com altos e baixos, mas sim, penso que sim. Quando amamos verdadeiramente acho que é aquela pessoa. Logicamente que pensamos que não gostamos e há momentos de tentar a separação, há momentos mesmo de separação, mas quando nos separamos é quando vimos que realmente se calhar é aquela pessoa que nos faz sentir bem. Portanto, acredito, tenho 25 anos, mas acredito em... amor para toda a vida. Pode ser que um dia me venha a arrepender, mas atualmente acredito. Eu penso um dia de cada vez, não penso muito nisso. Mas, sim, se aguentou até hoje por que é que não aguenta mais 10 ou 20 ou 30 anos ou porque é que não acaba para o mês que vem? Isso é muito relativo, agora... não me preocupa, desde que eu me sinta bem comigo próprio, não me preocupa essa ideia.

CASAL 2 (C2) – DOS 30 ANOS AOS 40 ANOS

MULHER 2 (M2)

Idade: 31 anos

Estado civil: casada

Habilitações literárias: licenciatura em Psicologia Social

Profissão: psicóloga social

Relevância para estas entrevistas: numa relação com H2 há 8 anos. Grávida de 3 meses quando deu esta entrevista.

1) O que é, para si, o amor?

(risos) Estava com medo desta pergunta (risos). O que é para mim o amor? Eu acho que ã.. ã... se calhar é melhor pensar que palavras é que me vêm à cabeça quando penso em amor. Hmm.. em amor acho que penso, sem dúvida, em... em relação... em... numa relação em que... que me estimula quer... quer emocionalmente quer fisicamente quer intelectualmente, quer dizer, no fundo é sentir, eu sinto, eu acho que é sentir uma ligação com

alguém que nós sentimos que... que nos toca de uma forma diferente das outras relações talvez exatamente por conjugar todos esses estímulos diferentes e por acho que também tem muito associado o projeto que uma pessoa consegue imaginar com a possibilidade de continuidade. Acho que também é uma coisa importante, portanto, para que se possa distinguir de outras coisas como paixão, não é. Porque a paixão talvez seja mais imediata, mais instantânea, menos duradoura. O amor eu acho que, no fundo, é o eu sentir uma ligação forte a vários níveis com alguém... mas que sentimos que é uma ligação que vai para além daquele momento, que faz sentido para quem nós... da forma como nós nos conhecemos a nós próprios antes e como nos imaginamos no futuro, acho que tem de haver esse clique. Sentimos que faz sentido para nós e na continuidade.

2) Como sabe que está a amar e não que está apaixonado? Como se comporta o seu corpo?

Pois, exatamente, eu acho que é... eu acho que a paixão é muito... é mais física, se bem que eu acho que também nos podemos apaixonar por alguém ou ter assim uma atracção por alguém só de a ouvir, por exemplo, a falar ou pela admiração que sentimos. Eu lembro-me que, sei lá, é ridículo e talvez esteja a fugir um bocadinho à questão, mas lembro-me de uma vez passar uma noite inteira a assistir a alguém que estava simplesmente a tocar música, mas eu estava tão fascinada com o prazer com que essa pessoa estava a fazer algo que acho que também isso nos atrai, não é. Eu acho que a paixão pode ser mais momentâneo, algo que se calhar não une tantos estímulos num conjunto e acho que o amor tem que incluir a paixão, mas sem dúvida que a paixão não está sempre presente. Quer dizer, numa fase inicial está, mas depois são... ela existe e desaparece, existe e desaparece ou está mais atenuada, acho que sim. Em relação ao meu corpo, que sinais é que ele me dá?... A... Não sei se sei comparar.... Eu acho que.... Hmm... quando sinto que estou a amar acho que ... que a presença... bem, numa fase inicial – e talvez por isso se possa dizer que esteja mais semelhante à paixão – acho que me dá sinais de nervoso miudinho, ansiedade, curiosidade... ã... acho que é todo um conjunto de sensações também físicas de.. de nervo de atracção, de... de... de desejo, de dúvida, de querer saber mais... A... acho que, a longo prazo, como é que isso se transforma – porque de facto acho que se transforma – e acho que se transforma em, se calhar mais na confiança e na previsibilidade. Acho que o amor também tem disso, que é nós sabermos que podemos contar com essa pessoa... não sei se estou a responder à sua questão porque falou muito em corpo... Eu acho que aquela questão das borboletas no estômago está relacionada com a curiosidade e com a ansiedade. Isso, eu acho que isso é os momentos de paixão que tanto estão presentes em puros momentos de paixão isolados como no amor. Acho que, a longo prazo, não estão sempre presentes numa relação amorosa. Quanto o amor existe, acho que não tem que existir sempre essas borboletas no estômago. Acho que depois dá lugar, ou melhor, elas surgem de vez em quando, se calhar mais... eu acho que às vezes é difícil procurar uma... porque as borboletas do estômago surgem muito ligadas à curiosidade e à novidade e quando nós já temos uma relação de alguns anos, às vezes parece quase que nos tornamos tão previsíveis que em termos de reacção do corpo... ã... é mais difícil, mas acho que também é interessante podermos pensar como é que isso surge. Portanto, eu acho que em termos de reacção corporal talvez seja mais o conforto, por exemplo, o simples abraço, o desejo de uma pessoa quando estamos longe o corpo, o que o corpo me pede é o abraço, é o sentir o calor, é sentir o quente e o aconchego, não é. Aí nós já queremos o comum, o que é o de sempre. Por isso acho que é, é... são os principais fatores.

3) Já alguma vez amou?

Ahahah... Eu acho que sim, quer dizer, eu acredito que sim...ã... também acho que ao longo da vida nós vamos tendo, vamos tendo sempre... a hipótese de... de... de... acho que estamos sempre, no fundo, a avaliar-nos a nós e a avaliar... àquilo que fizemos e.. e.. e a conhecermo-nos mais. Isto para dizer que eu, agora, e respondendo à sua pergunta, acho que sim. Acho que sim, acho que estou numa relação que é sustentada por amor. Acho que é possível e acho que é impossível alguém dizer que nunca vai conhecer nada diferente disto. Acho que isso é possível. Mas acho que... que... que enquanto uma pessoa estiver bem e reconhecer na relação que tem o amor, se é isso que procura na relação, acho que posso dizer que neste momento e que agora sim, encontrei o amor.

4) Que características tem de ter a outra pessoa para que a consiga amar?

Ã... Eu acho que... acho que podemos ter uma visão um bocadinho egoísta, por um lado, e pensar que queremos que essa pessoa no fundo nos consiga ler, nos consiga agradar, satisfazer, que me consiga compreender... como? com as palavras... que con, que consiga perceber o que é que eu estou a sentir. Porque às vezes, em determinadas situações, ã.. as pessoas que não nos conhecem ou que nos conhecem superficialmente, ã.. acho que parece que uma pessoa tem de lutar muito para se explicar. Eu acho que para me apaixonar por alguém para amar alguém a longo prazo acho que tenho de sentir que essa pessoa percebe o meu “eu” mais

interior e que não só percebe como que lhe agrada, também. Portanto, eu acho que uma pessoa tem que se sentir admirada. E, portanto, isto numa perspetiva do que é que eu quero para mim. Por outro lado, eu acho que uma pessoa também tem que admirar o outro. Acho que, às vezes, não é possível... não é possível admirarmos o todo e acho que, se pensarmos no amor e não na relação amorosa, porque a relação amorosa acho que já tem o confronto com outras, outros aspetos da pessoa, mas se pensarmos o amor e o que é que nos leva a amar aquela pessoa, acho que sim, acho que tem que haver partes, pelo menos partes daquela pessoa que nós admiramos, que achamos que é essencial para nós e para nos sentirmos bem nos.. para nos sentirmos bem, no fundo, para nos sentirmos acompanhados.

5) Reconhece essas características em si ou em alguém do seu passado (seja familiar ou antigo relacionamento)?

Sim, eu consigo pensar em pessoas com quem já tive relações e com quem... e com... e que portanto que sinto... que sinto amor. Portanto, que consegui, consigo e consegui amar. A... sinto que um amor... quer dizer... também não é uma coisa estanque... quer dizer... estável. Ou seja, tem muitos... tem também os... acho que o amor não tem que ser cego. Acho que consigo reconhecer o que é que me fez, quer numa relação familiar, quer numa relação de amizade, quer numa relação amorosa, o que é que me... o que é que me faz amar essa pessoa, o que é que me fez amar outras pessoas com quem estive, o que é que me faz amar o meu marido atual. Mas acho que também consigo reconhecer, se calhar, o que é que faz com que esse amor, ou melhor, porque é que a nossa relação amorosa nem sempre seja fácil apesar desse amor. Acho que são, são fatores que têm que existir, mas nem sempre são únicos, portanto, muitas vezes coexistem com outras, com outros fatores menos... menos bons.

6) Qual foi a maior “loucura” que já fez por amor?

Hmmm... Eu acho que não sou muito de... hmmm... acho que não sou muito de loucuras. Qual foi a maior loucura que já fiz por amor? Não sei, se calhar diria como... não sei... estava a pensar: se pensar nos meus tempos de adolescente, se calhar os momentos em que senti que estava a amar alguém foram os momentos em que fez com que, com que eu se calhar ã.. ã... que me fizesse sair se calhar da minha rotina normal e... lembro-me, por exemplo, que quando... quando comecei, ainda nem sequer estávamos a namorar, com o meu marido atual... e... e lembro-me que eu nunca – nunca porque nunca tive necessidade de mentir aos meus pais para dizer que ia aqui e ali – e lembro-me que no fim da faculdade, foi no dia da bênção das fitas, estava mesmo licenciada, já era a... a.. adulta ou praticamente (*faz este aparte entre risos*), e lembro-me que fui dormir com... fo..fomos passar a noite fora e lembro-me que menti aos meus pais, quer dizer, inventei que estava na casa não sei de quem, que era uma coisa que eu nunca fazia. Portanto, para mim, eu acho que, que talvez a maior loucura que eu tenha feito seja mesmo o conseguir cortar com aquilo que é a minha rotina para surpreender e eu acho que isso é muito importante numa relação, quer seja no início mas principalmente durante a relação é ter a capacidade de fazer surpresas. De conseguir surpreender, acho que é isso. Vale a pena.

7) Como é que demonstra ao seu/sua companheir@ que @ ama?

Sim, por um lado sim, continuando o que estava a dizer é uma questão de surpresas. Mas acho que depois também é uma questão de previsibilidade e de continuidade. Ou seja, eu acho que depois é importante ã... por exemplo, eu conseguir prever que ele vai precisar de qualquer coisa. Eu conseguir prever, portanto, ter, ter cuidados que mostram que a nossa relação existe e que o que passou ou o que vivemos continua a ser importante e que teve um impacto também no que é agora, não só mostrando que sou capaz de melhorar coisas que ele me aponta para que a nossa relação seja mais fácil, como, como mostrando que as coisas que vivemos permanecem vivas, quer dizer, acho que isso é importante. Por outra, acho que é importante a surpresa, a capacidade de surpreender e de... e de fazer com que... com que... que ele continue a perceber que há um esforço e uma vontade de o ver bem e de o querer... e de o querer. Por isso, alegrar de uma forma distinta... acho que passa por aí.

8) Consegue separar sexo de amor? Para si, o que os distingue?

Consigo. Acho que é muito fácil (risos). Acho que antes não conseguia, acho que consigo claramente... a... o sexo, acho que é possível... eu acho que nunca fiz sexo com alguém que não estava a amar, se bem que posso dizer que se calhar fiz sexo com o meu marido num dia em que não estava particularmente saliente o amor... não é?!... não era... não é?!... não era aquele dia que eu estava a amar, que o amor dele estava particularmente saliente, que estava apaixonada. Não quer dizer que o sexo não tenha ocorrido e não me tenha satisfeito, quer dizer...Portanto, acho que se separa claramente o sexo. Para mim é... portanto, um momento sexual é um momento de estimulação física... a... e portanto desejo e de prazer e acho que, claro que sem dúvida os melhores

momentos, a relação sexual, sem dúvida que é muito mais... a... poderosa, digamos assim, quando está presente uma relação amorosa porque, porque... a... até diria a sintonia com que as coisas se desenrolam acho que é fantástica, acho que não tem nada a ver. Acho que é a diferença, talvez, não diria entre animais e humanos, mas diria entre quase um jogo de confronto e... e ... e no fundo uma dança.

9) Quando ama alguém, é fiel a essa pessoa?

Sem dúvida! Sem dúvida! Acho que não, não consigo, não consigo conceber de outra maneira, até porque não estaria a ser fiel nem a mim nem a ele... por isso acho que, acho que sim, sem dúvida.

10) Homens e mulheres têm necessidades diferentes ao nível dos afetos? Quais?

Aos afetos... Eu acho que ambos precisam de afeto. Acho que as mulheres, ou algumas ou talvez eu, não sei (risos), a... talvez precisemos de mais, de mais... ou seja, eu acho que não tem a ver com homens e mulheres. Eu acho que há pessoas que, que estão... são pessoas talvez... não sei se são mais confiantes se não questionam tanto, se não duvidam tanto e conseguem que uma demonstração de amor ou de afeto... a... parece que permanece viva e presente na sua memória e não é questionado. Eu acho que há pessoas, e eu incluo-me como uma delas que, de facto, a, que gostam que isso seja... talvez precisam de ser lembradas mais vezes ou que questionam mais. Mas eu acho que não tem a ver com homens e com mulheres. Acho que tem a ver... são pessoas diferentes.

11) Houve grandes mudanças nos últimos anos na vida das mulheres. Como as encara?

Refere-se à questão do mercado de trabalho ou...? A mulher enquanto ser ativo, ser independente e ser autónomo, eu acho que não podia ser de outra forma porque, porque não é o sexo que nos diferencia. Estamos a falar, no fundo, de direitos humanos, não estamos a falar de... mais uma vez não é o sexo que eu considero que, mais uma vez, faz a distinção entre o que as pessoas precisam na relação amorosa, o que as pessoas precisam na relação laboral ou nas várias áreas da sua vida, acho que é uma questão puramente de direitos humanos. Não me faz sentido sequer... eu acho que realmente, talvez por ter nascido depois do 25 de Abril, as coisas nunca me foram colocadas de outra forma e faz-me muita confusão conceber a vida e o mundo de outra maneira.

12) Na sua opinião, o que podem os homens fazer para acompanhar esta mudança?

No fundo, eu acho que o que se espera deles é que não façam nada de diferente, ou seja, que esperem tanto das mulheres, que exijam tanto, que deem tanto como, como se exigiria a um amigo ou, não é? Isto em termos de relação amorosa acho que, simplesmente, e em termos de vida em comum, de vida conjugal, acho que se traduz no homem reconhecer que temos ambos a necessidade e a obrigação de... de, de dividir e de, e de partilhar as... as atividades domésticas e, e quem diz atividades domésticas diz a necessidade de ter atividades que não são comuns ou que não se fazem em casal. Que assim como ele tem necessidade – e não é o meu caso – mas homens que têm necessidade de ir ao futebol, que as mulheres têm necessidade de fazer outras coisas. É reconhecer não só desejos, prazeres, vontades... a... preguiças... a... obrigações tanto para eles como para as mulheres porque as necessidades são dos dois, ambos gostam de viver numa casa limpa ou ambos gostam de viver numa casa... ou gostam de ter comida feita, quer dizer... acho que depois a separação das atividades pode – e deve! – ser não em função do sexo mas dos gostos de cada um. Porque a relação amorosa é, de facto, reconhecer o que cada um gosta mais de fazer e juntar o útil ao agradável.

13) Como reage/reagiria quando se sente rejeitad@ / traíd@ pela pessoa que ama?

Como é que eu... como é que uma pessoa... reage muito mal! Eu acho que uma pessoa reage muito mal porque... porque... exatamente porque o amor tem esse, essa dimensão um pouco temporal, em que uma pessoa não consegue não pensar que isto é uma possibilidade ou que nós gostaríamos que tivesse uma continuidade. E, portanto, quando há uma traição, uma rejeição, há sempre uma... é impossível, é difícil uma pessoa não, não se ir abaixo e, de facto, são momentos complicados. Eu já passei por isso. A mim, o que me aconteceu, foi também de longo prazo. Porque eu acho que acabou por mexer, exatamente porque eu acho que depende das pessoas, acaba, acabou por mexer com, com muitas áreas do meu “eu” e, portanto, levou-me a questionar muita coisa. E, por isso, demorei muito tempo a ultrapassar. E é engraçado, por acaso, que isto foi uma rejeição provocada por mim. Portanto, foi como se eu tivesse tido a iniciativa e depois tivesse quase como me arrependido e no fim já não havia volta atrás. E talvez também até por isso, quer dizer, a... a... ultrapassar o momento possa ter demorado mais tempo, não sei. Mas respondendo mais concretamente, para mim, foi momento do muito choro, de muita dúvida, de muito, de muita tristeza. Acho que, claro que uma pessoa depois acho que tenta também pensar em alternativas, em coisas boas, ou seja o que é que... Eu acho que isso me ajudou. Foi pensar, a longo prazo, se eu me imaginaria a viver com aquela pessoa. E acho que talvez o agarrarmo-nos, talvez, a coisas mais concretas nos ajude a andar para a frente. Mas o choro está, sem dúvida... Se calhar até custa a adormecer, mas se calhar às vezes até nem apetece sair da cama. Porque... para quê? Uma pessoa questiona tanta coisa que depois nem quer sair da cama porque não tem forças. Acho que é mais por aí.

14) Acha possível amar mais do que uma pessoa em simultâneo? Porquê?

No contexto de relação amorosa acho que não. Acho que não, acho que... bem, nunca me aconteceu e.. e... acho que... acho que se pode desenvolver, talvez, amores ou relações amorosas em estádios diferentes, talvez, talvez. É possível. Agora não estou a pensar em mim, mas talvez seja possível ..a... uma pessoa vive uma relação amorosa de tanto tempo com alguém que permanece alguma coisa, permanece um carinho especial, a... nunca vai ser uma pessoa indiferente ou igual a outras e, portanto, talvez seja possível imaginar, mas é possível uma já estar a acabar, eu acredito, ou ter alguma falha, para que outra comece. Agora, as duas, com uma intensidade semelhante e no mesmo estágio de desenvolvimento, não me parece concebível. Porque, de facto, uma relação amorosa. Ou melhor, quando o amor está presente, a... acho que exige tanto de nós e para nós estarmos de facto a amar porque uma relação conjugal, quando isso não existe, sim, é como viver com um amigo, tudo bem, agora quando é uma relação amorosa, quando o amor tem de existir, impossível não, portanto, uma pessoa conseguir ignorar e viver várias relações, não consigo pensar nisso.

15) O que @ atrai mais n@ seu/sua companheir@?

O que me atrai mais... Bem, eu acho que o que me atrai mais... acho que é a forma de encarar a vida. Acho que ele tem uma forma...a... descontraída. E agora rio porque, ao mesmo tempo, ele às vezes como pessoa complica... não é complicada! Ele não é complicado!... a... tensa, mas é tenso no sentido quase de querer prever as coisas, não sei explicar. Mas, ao mesmo tempo... Bem, não sei. Eu acho que é algum nível de descontração ou de, de diversão ou continuar a ter um espírito muito jovem. Acho que o sentir que temos desejos e que perspetivamos ou que esperamos da vida coisas semelhantes e... acho que... diria que é isso... gosto de pensar nele como alguém com quem tenho uma relação especial por me compreender porque eu acho que também o compre... e gosto especialmente de sentir que o conheço melhor que os outros. Eu acho que isso é uma coisa que me atrai muito em alguém, que é sentir que ele, de uma forma geral, tem uma determinada relação com as pessoas e eu gosto de descobrir que consigo a... vivenciar algo diferente a que os outros não conseguem aceder. Isso é uma coisa que me atrai, alguém que não é sempre igual para toda a gente. Acho que nunca tinha pensado nisto, mas acho que é uma coisa chave. Sim.

16) Numa relação longa, o sexo continua a ser a componente mais importante? Se não, qual é a componente que considera mais importante na sua relação?

Eu acho que o sexo nunca foi uma componente... a componente mais importante e, por isso, na relação longa também não. Mas é um elemento que tem que estar presente. Acho que é importante os dois darem o mesmo peso ao sexo e, portanto, a frequência ou mesmo o estilo, acho que isso é importante haver alguma, haver alguma sintonia. Mas também acho que isso é uma coisa que se... que se... que se constrói, principalmente quando são pessoas que, se calhar, não tinham uma experiência de relações sexuais muito, muito grande anteriormente e, portanto, isso também se vai desenvolvendo. E, por isso, acho que tem que estar presente mas que não é a mais importante. Numa relação longa, a componente mais importante é, sem dúvida, eu acho que é, sem dúvida, o... o... uma pessoa sentir que o outro continua a... continua a gostar particularmente de nós e a admirar-nos. Acho que o sentirmo-nos admiradas especialmente por alguém que nos conhece melhor do que ninguém é importante e acho que nós conseguirmos conhecer a pessoa com quem estamos também melhor e sentir que a compreendemos acho que é essencial e o componente de querer, de ter paciência e de querer, e de continuar a querer construir a relação, acho que isso é mais importante.

17) Reconhece, no seu comportamento perante o amor, crenças e padrões que lhe foram incutidos pela educação?

No amor ou na relação amorosa? Perante o amor... Bem, eu no amor acho que é uma coisa muito nossa, eu acho que isso é muito nosso. Se calhar é uma ingenuidade, mas se calhar também não sei dizer como é que se... se calhar se pensar nos meus pais penso mais facilmente na relação amorosa, naquilo que é visto e não tanto naquilo que eles sentem, talvez, não sei se consigo descrever o amor que o meu pai tem pela minha mãe. Se calhar consigo em termos de gestos. Portanto, se calhar é mais fácil pensar em termos de relação, daquilo que se mostra, daquilo que eu via nos meus pais e naquilo que eu sinto que faço. E acho que sim. Acho que sim, quer dizer... eu acho que as relações são distintas porque acho que aquilo que nós somos e a forma como nos relacionamos e, e, é tudo muito nosso, apesar de, sem dúvida, ser moldado não só pelos pais como por um conjunto de experiências que tivemos anteriores, inclusive experiências amorosas. Mas acho que consigo reconhecer, em , em modos de interagir talvez, às vezes, alguma semelhança com os modos que via nos meus pais, sei lá. Acho que sim.

18) Sente-se confortável com eles ou gostaria que tivesse sido diferente?

Às vezes incomoda-me. Às vezes... as vezes incomoda-me, mas acho que sempre tive a preocupação de tentar não ser assim. Eu lembro-me – isto para tentar concretizar um pouco mais – eu lembro-me a.. que ao meu pai fazia-lhe muita confusão a minha mãe nem sempre o querer acompanhar...a... não lhe apetecia sair com um casal amigo ou...era tudo parecia que era complicado, parecia que para a minha mãe não era uma coisa natural. Parecia que, para ela, talvez por ter outras preocupações... a... isso era um problema. E eu sei que... bem eu também... eu gosto de estar com outras pessoas por natureza, mas lembro-me de ter essa preocupação de pensar: “bem, não! Se uma relação é a dois, é para estarmos juntos e, e, portanto para partilharmos e para conseguirmos conviver com outros e acho que, e portanto lembro-me de ter essa preocupação de não replicar. Mas, por exemplo, em... mas por exemplo, os meus pais sempre tiveram, talvez por terem famílias em, em espaços físicos, a minha mãe com família no Norte e o meu pai com família nos Açores, e por vezes era preciso a minha mãe ir passar, estará tempo no Norte, o meu pai não ia. Não queria dizer que o casamento deles não estava bem, não. Mas também, portanto, também nos habituámos a ter momentos em que a minha mãe estava no Norte e o meu pai não estava. Isto para dizer que às vezes também eu vivo, se calhar, a distância, não por períodos longos, mas de uma forma mais relativizada do que se calhar a maioria das pessoas. Não sei, mas para mim é muito importante o estarmos juntos e viver coisas juntos, mas não tem de ser de uma forma tão seguida.

19) Se for necessário, submete os seus planos pessoais às exigências familiares?

Sim, acho que sim... acho que sim... talvez porque para mim a família e os planos que temos em conjunto são, de facto, muito importantes e porque me dão prazer porque me... também me definem. Sinto que me definem muito e sinto também que já dei muito em termos de... profissionais... não posso dizer laborais mas posso dizer em termos de estudo e de ... e de outros aspetos mais da minha formação ... a... escolar, académica, profissional e por isso sem dúvida que os meus planos de família é uma coisa que eu valorizo muito e isso também, se calhar, se calhar vem dos meus pais portanto de facto o tempo que passamos em família e os nossos planos familiares a dois são muito importantes.

20) Em casa, que tarefas domésticas costuma fazer?

Em casa as tarefas domésticas... principalmente a roupa é responsabilidade minha, pôr na máquina, tirar da máquina e pendurar. ã... normalmente... ã... o... aspirar, limpar o pó também... de vez em quando vem cá uma senhora ee eu fico livre dessa parte... aaa. Hmmm, o que é que diria mais?... uma pequena limpeza na casa de banho, eventualmente também. O que é que o Rui faz, o meu marido... Ele, as tarefas dele, como ele diz, “a cozinha é a minha zona”, que às vezes até me enerva (risos). Por um lado é ótimo porque isso significa que ele normalmente é que tem a responsabilidade de cozinhar e também de limpar, mas a questão é que o conceito de limpeza dele é diferente do meu conceito de limpeza, portanto de vez em quando já sei que... pronto... mas isso eu não posso dizer que seja a minha tarefa, mas é uma coisa que eu sinto necessidade, mas não posso dizer que ele não faça. Faz! Com outro conceito (risos), mas faz, faz.... E pronto. E depois há toda uma preocupação que acho que tem mais a ver comigo como pessoa, se calhar, eu gosto das coisas arrumadas e ele se calhar não consegue ver isso da mesma forma. Portanto, eu no fundo também posso dizer que tenho como tarefa quase que ver se as coisas estão arrumadas ou não (risos), mas essencialmente é a roupa e aspirar e limpar o pó.

21) Na sua opinião, casar e ter filhos, constituir uma família, é importante para uma pessoa ser feliz?

... Para mim, são. Para mim, são. Quer dizer, não é o casar. Eu gostei de passar por esse momento, mas não é o casar, é o viver uma vida partilhada, desde que seja prazerosa, ter filhos, sim, eu gosto de pensar que um dia vou pensar que olho para trás e que vivi tudo o que tinha para viver e isso, sem dúvida, acho que faz parte da nossa experiência como seres humanos, não só a experiência diária e a partilha mais profunda que temos com outros, que é diferente das amizades, que são absolutamente essenciais também, mas é diferente. A... e acho que... e o ter filhos, bem então agora (risos) não posso, é de facto não só pela experiência individual de sentir um ser a crescer como para mim é um desafio que sempre vi de forma agradável o desafio de ver as diferentes etapas e o que me vai ser exigido nas diferentes etapas de desenvolvimento de uma criança. Portanto, e a vida em família é essencial, sim.

22) Acredita no amor “até que a morte nos separe”? Porquê?

Hm, não tanto. Não tanto. Acho que o amor não é assim tão resistível. Acredito... quer dizer... eu acredito que o amor vai persistir, mas não juro a pés juntos que nada o abala ou que nada vai cortar a relação amorosa mesmo que ele persista. Isto para dizer que eu sou incapaz de ver uma pessoa que amei anteriormente como uma pessoa indiferente. Não posso d... quer dizer, acho que não posso dizer que a ame, mas permanece qualquer coisa. Isto

para dizer que também face a relação que tenho agora, não posso... acho que... não vejo as coisas de uma forma tão estanque. Quero acreditar, quero acreditar, mas acho que não de uma forma obrigatória. Ou seja, o importante é estarmos bem, enquanto estamos bem acho que vale a pena.

HOMEM 2 (H2)

Idade: 30 anos

Estado civil: casado

Habilitações literárias: doutorado

Profissão: psicólogo social, faz investigação

Relevância para estas entrevistas: numa relação com M2 há 8 anos. Vai ser pai em breve.

1) O que é, para si, o amor?

Já estava a espera dessa. Cá para mim, o amor... apesar de já estar á espera dessa não quer dizer que soubesse logo a resposta. Mas sei que quando penso em amor penso muito em abnegação, portanto, a ideia de deixarmos de pensar em nós e passarmos a pensar mais nas outras pessoas e claro que penso também na parte... quando penso em amor romântico penso muito em paixão, mas também penso que a paixão, que o amor se passa a caracterizar mais por... a paixão transforma-se em ternura e são esses dois elementos fundamentais: auto sacrifício, portanto, abnegação própria e ternura.

2) Como sabe que está a amar e não que está apaixonado? Como se comporta o seu corpo?

Acho que tem muito a ver com essa história da... essa história da abnegação é uma coisa que aparece mais tarde. A... quando estou apaixonado quero estar com essa pessoa a todo o momento, quer estar com ela, estou excitado com a ideia de pensar que vou estar com ela e quando amo a pessoa gosto de pensar que ela faz parte da minha vida e que não consigo imaginar a minha vida sem ela, mas mais no longo prazo do que no imediato. A... quando se tratar de paixão o corpo dá muitos mais sinais do que quando se trata de amor, julgo que é uma coisa menos fisiológica a não se rum aperto e acho que volta sempre à história da abnegação a ideia de que não consigo imaginar a ideia da pessoa que eu amo sofrer e quando há paixão estou muito mais focado em mim do que na outra pessoa.

3) Já alguma vez amou?

Acho que sim e que continuo a amar, sim.

4) Que características tem de ter a outra pessoa para que a consiga amar?

Ao contrário do que diz o senso comum não acredito nada na ideia de que os opostos se atraem. Acho mesmo que tem de haver uma matriz fundamental. Temos que querer a mesma coisa, mas depois em termos de características mesmo da outra pessoa penso sempre em coisas como: que me compreenda e... ia a dizer uma coisa que me esqueci... que me compreenda e que... admiro muito o humor porque acho que o humor revela muita inteligência e gosto muito que essa pessoa tenha o seu humor enquanto sua característica mas também que compreenda o meu humor, portanto tem a ver com a história da compreensão, mas também tem a ver com a pessoa simplesmente ser ternurenta, ser uma pessoa que eu admire só de a ver falar, só da forma como ela fala.

5) Reconhece essas características em si ou em alguém do seu passado (seja familiar ou antigo relacionamento)?

Essas características reconheço na pessoa que amo e poucas delas reconheço em mim próprio. Procuro... normalmente a pessoa que eu amo essas coisas que eu procuro essa pessoa é melhor do que eu. São coisas que eu procuro, que provavelmente não reconheço em mim e amo a outra pessoa exatamente por me mostrar que é melhor do que eu. Não tem a ver com procurar a mim no outro, a não ser na parte do humor que é uma coisa que para mim é muito importante e nesse sentido procuro uma pessoa também que tenha humor só por causa disso, de resto não, não são coisas que existem em mim.

6) Qual foi a maior “loucura” que já fez por amor?

Aaa....não sei, assim coisas de ato imediato, já fiz centenas de quilómetros de seguida, depois de estar muito cansado, só para estar com essa pessoa, mas pensando na coisa que disse atrás acho que na altura isso tinha mais a ver com paixão, com o imediato do que com amor. De resto acho que é uma coisa do quotidiano e do estar disposto a esquecer-se de si no próprio momento e a pensar que “isto custa-me muito, mas eu vou fazer isso e faço por amor”, é uma coisa que acho que é todos os dias.

7) Como é que demonstra ao seu/sua companheir@ que @ ama?

Mostrando que a conheço. Talvez nisso acho que é parecido com o que eu gosto para mim, naquelas pequenas coisas que a mim até pode não me dizer muito, mas ela pode perceber porque eu fiz isto e percebi que é uma coisa que eu sei que ela dá valor, então eu vou procurar que ela tenha isso, mesmo que eu possa não compreender à partida porque é que isso é importante, mas fazer por isso. E depois acho que tem muito a ver com atos de carinho e de surpresa no quotidiano, mas isso depende muito de pessoa para pessoa, não acho que isso seja verdade para toda a gente. Acho que isso tem a ver com aquilo que eu disse antes que é perceber que a pessoa que eu amo valoriza isso. Não interessa... não é uma coisa que acho que deva ser por princípio. Há pessoas que, se calhar, não valorizam nada disso e então aí não acho que seja um ato de amor.

8) Consegue separar sexo de amor? Para si, o que os distingue?

Consigo. Acho que os homens separam muito bem sexo de amor. Ach... ã.. acho que sexo com amor é ótimo e é uma coisa diferente, mas o sexo pode existir completamente independente do amor e o amor no longo, longo prazo, talvez não, mas consigo-me imaginar longos períodos de amor sem sexo (risos).

9) Quando ama alguém, é fiel a essa pessoa?

Sem dúvida! Sem dúvida! A fidelidade para mim é importantíssimo e se imagino uma falta de fidelidade da outra pessoa não sinto raiva não sinto nada, mas imagino que quando começo a imaginar que isso pode acontecer... quando penso num cenário em que isso acontece, consigo imaginar perfeitamente o meu amor a desvanecer naquele momento.

10) Homens e mulheres têm necessidades diferentes ao nível dos afetos? Quais?

Bem, eu sou psicólogo social, nós falamos de estereótipos, sabemos que é uma coisa importante cognitivamente, mas que é uma coisa errada. Mesmo tendo dito isto, acho que sim, acho que temos necessidades diferentes de afeto e acho que isso dá origem a muitos mal entendidos por achar que nós não... as mulheres chegarem à conclusão ou assumirem que nós não gostamos delas por não mostrarmos um determinado afeto num determinado momento. Portanto, acho que sim, que somos diferentes e que as mulheres têm uma ligeira superior necessidade de afeto.

11) Houve grandes mudanças nos últimos anos na vida das mulheres. Como as encara?

Sempre foi uma coisa que fez sentido para mim, acho que nunca nunca disse isto, mas acho que sempre me vi como uma pessoa feminista nesse sentido. Acho que faz todo o sentido. Nunca tratei a minha mulher de uma forma machista. Digo isto com toda a certeza, aliás quem conhece o nosso quotidiano percebe perfeitamente que a história dos papéis de género é uma coisa que existe pouco na nossa relação e... apesar de ter exemplos tradicionais na minha casa de papéis de género, mas que já eram um bocado subvertidos, e que eram acompanhados com muito amor, tenho um grande exemplo de amor dos meus pais, mas os papéis de género eram um bocado mais vinculados e apesar desse exemplo foi uma coisa que sempre facilmente –e felizmente – me pus acima disso. Não sou nada tradicional nesse aspeto.

12) Na sua opinião, o que podem os homens fazer para acompanhar esta mudança?

.... Hmmm.... Acho que todos temos de fazer. O pensar que temos de fazer coisas diferentes já é perpetuar um bocado a ideia dos papéis de género mas acho que todos nós, homens e mulheres, temos que questionar o porquê das coisas. Por que é que isto há-de ser, por que é que há-de existir este papel de género? Os homens se calhar têm a única coisa diferenciada é que os homens têm que aprender a abdicar de privilégios, enquanto para as mulheres é uma questão de luta para obter privilégios, é diferente.

13) Como reage/reagiria quando se sente rejeitad@ / traíd@ pela pessoa que ama?

A... Bem, já fui rejeitado concerteza. Traído nunca fui, pelo menos que tivesse conhecimento nunca fui. Portanto, senti-me rejeitado e fiquei tristíssimo, fiquei com a sensação de que aquele tipo de amor nunca viria a ocorrer e estava completamente enganado. Chorei, mas nunca fui pessoa de deprimir, de isso congelar a minha vida a partir daí. Era coisa de ficar triste, aquela tristeza adolescente de... mas, por norma, sei lá, pelo menos a partir de um certo número de vezes que isso aconteceu, optei mais por pensar como é que podia ser uma pessoa melhor do que pôr a culpa na outra pessoa.

14) Acha possível amar mais do que uma pessoa em simultâneo? Porquê?

Ã... Acho que é possível, acho que... quer dizer não sei. Acho que é possível sentir que sim, que se está a amar

duas pessoas ao mesmo tempo, mas não consigo ver isso para mim. Não consigo... Quando penso... quan.. quando a pessoa começa a imaginar outra pessoa na sua vida e pensar se aquela pessoa, se podia vir a estar com ela, se podia vir a amá-la, acho que é possível a pessoa ter esse género de pensamento, mas depois ter as duas coisas em simultâneo não conseguia pela ideia da fidelidade ser tão importante para mim e é tão importante para mim que tenham esse valor em relação a mim como eu ter esse valor em relação às outras pessoas. Não me sentiria bem comigo, não conseguiria manter essa fachada.

15) O que @ atrai mais n@ seu/sua companheir@?

Daquelas características que falei antes, estava muito a pensar nela quando disse isso, portanto ela tem um humor incrível, que revela uma inteligência incrível e uma ternura inacreditável, é uma coisa que eu não tenho nada de ser capaz de a forma como fala, como diz uma determinada palavra ser a pessoa mais querida e aquilo parecer um bocado infantil, mas que eu acho que é super, super ternurento, ela é muito assim. É uma pessoa super sensível e é provavelmente a pessoa mais empática que eu conheço, enquanto eu sou uma pessoa que sou super empático com animais – é uma coisa muito esquisita, mas eu tenho muita empatia com animais faz-me muita confusão o sofrimento de animais – a pessoa que eu amo é muito empática com as pessoas, de tal forma que isso a leva a sofrimento... muitas vezes é uma coisa imediata, estarmos a ver televisão até... pode acontecer até ao nível de anúncios, mas de facto fica imediatamente triste quando vê um cenário triste e eu acho que essa sensibilidade e essa empatia que ela tem é uma coisa que seduz-me.

16) Numa relação longa, o sexo continua a ser a componente mais importante? Se não, qual é a componente que considera mais importante na sua relação?

Não. A partir do momento que eu percebo que é uma relação de longo prazo, que eu imagino – depois posso estar enganado ou não – mas a partir do momento que eu imagino que esta vai ser uma relação a longo prazo e é a relação que eu quero ter para o resto da minha vida, o sexo perde bastante importância e não. Nunca... para mim, nem no início é a coisa mais importante nem a partir daí. Cumplicidade e aquela ideia da compreensão... para se manter o amor o importante é a pessoa ter a perfeita noção de como o quotidiano é uma coisa muito forte e que tem de se vencer isso e... e não me ocorre mais nada.

17) Reconhece, no seu comportamento perante o amor, crenças e padrões que lhe foram incutidos pela educação?

Tal como eu disse antes, tive um ótimo exemplo de amor verdadeiro nos meus pais, um ótimo exemplo de ternura entre eles, que observo isso muitas vezes é nos comportamentos que a pessoa que eu amo tem para comigo. E como eu dizia à bocado que a pessoa que eu procuro é uma pessoa melhor, ã.. é isso que e gosto na pessoa que eu amo mas infelizmente, apesar de ter tido esses exemplos, muitas vezes sinto que falho em conseguir ter essa ternura, mas crenças acerca de fidelidade, do que é importante na relação, sim, reconheço coisas que aprendi com, com exemplos, nomeadamente dos pais.

18) Sente-se confortável com eles ou gostaria que tivesse sido diferente?

Não, no meu caso sinto, só me sinto mais triste quando sinto que não estou a conseguir reproduzir.

19) Se for necessário, submete os seus planos pessoais às exigências familiares?

Sem dúvida. Era o que eu estava a dizer no início com a abnegação, do auto-sacrifício. Acho que é muito importante, mas também acho que é importante para a manutenção da ideia de amor isso ter limites, essa abnegação e a pessoa não deixar de existir nessa relação porque depois, se se deixa de reconhecer, e a dado momento vai culpar o outro por causa disso e isso vai sabotar o amor.

20) Em casa, que tarefas domésticas costuma fazer?

Ah, esta agora vai completamente em concordância com a história de aqui em casa não haver os tradicionais papéis de género. Tudo o que é cozinha eu sou a pessoa responsável. A.. porque é um trabalho quotidiano no sentido em que acontece todos os dias, mais do que uma vez ao dia. Pode... só para perceber que não há um certo desequilíbrio, por eu apenas ter basicamente a cozinha, mas não, de facto há um certo equilíbrio nas tarefas. Em termos do número de horas que dispendemos com tarefas domésticas, eu diria que é muito próximo de equilibrar, apesar de eu estar mais na cozinha e a pessoa que eu amo estar no resto da casa, nomeadamente nas partes mais chatas, que eu considero mais chatas, da roupa e assim. Depois, no que toca à limpeza, limpezas mais habituais, mais corriqueiras, é a minha mulher, mas limpezas mais do “ok, é fim-de-semana” ou de duas em

duas semanas seja o que for, vamos dar uma limpeza na casa, “tu ficas com aquela divisão, eu fico com aquela” e é bastante dividido.

21) Na sua opinião, casar e ter filhos, constituir uma família, é importante para uma pessoa ser feliz?

É... Só sei dizer que é importante para mim. Acho que não é... Eu nasci com esse sentimento, com essa necessidade. O casar sempre disse que não, para mim essa formalidade nunca foi importante. Disse sempre que o faria se a pessoa com quem eu estivesse fosse importante, foi o caso, e por isso casei-me. Agora a ideia de estar com uma pessoa, partilhar a vida com uma pessoa, criar uma família com essa pessoa, sempre foi importante para mim. Acredito, admito, perfeitamente que há pessoas que não tenham essa necessidade.

22) Acredita no amor “até que a morte nos separe”? Porquê?

Acredito, acredito.

CASAL 3 (C3) – DOS 40 ANOS AOS 50 ANOS

MULHER 3 (M3)

Idade: 48 anos

Estado civil: casada

Habilitações literárias: licenciatura

Profissão: professora do primeiro ciclo

Relevância para estas entrevistas: casada com H3 há 24 anos

1) O que é, para si, o amor?

Ai, o amor é uma coisa muito complexa. É gostar de alguém. Há para mim dois tipos distintos na minha relação. Há a parte afetiva com o meu parceiro e depois como mãe que, sem dúvida, para mim é um amor que não sei como descrever. Sente-se. É uma coisa que se vai sentindo, que se vai construindo. Por acaso eu e o meu marido até tivemos uma situação engraçada porque quando nos conhecemos vínhamos de outra relação e fomos construindo com o tempo. Aquela paixão, paixão não vou dizer que senti. Não. Temos vindo a construir ao longo da vida, com as nossas diferenças, qualidades, defeitos, mas é uma coisa que é engraçada na nossa relação porque geralmente nós vemos quando temos 20 e poucos anos que há aquele envolvimento, aquela química. Connosco não, foi ao contrário. Nós vínhamos de uma relação que não deu certo e fomos conhecendo e hoje estamos juntos, com 24 anos de casados e 4 de namoro, portanto, 28 anos.

2) Como sabe que está a amar e não que está apaixonado? Como se comporta o seu corpo?

É assim: o amor eu acho que é um sentimento que nós sentimos e eu não sei explicar que nós com as vivências vamos moldando, vamos adaptando, vamos aceitando. A paixão eu acho que é uma coisa fugaz, pode ser uma coisa temporária. Há uma química muito mais de corpo do que propriamente de sentimentos e que pode ser de momento como pode não ser. A paixão pode dar lugar ao amor. Mas eu vejo assim, a paixão é uma coisa que a pessoa sente mais fisicamente, enquanto que o amor é uma relação que se vai construindo. Vai-se pondo as pedrinhas, vai-se tirando aquelas que menos nos agradam e é assim.

3) Já alguma vez amou?

... Sim... Como eu disse... aaa...portanto, dizer que foi o meu primeiro amor, não foi. Aquele amor que costumamos sentir na adolescência, na juventude, é uma coisa diferente. É uma coisa que fica e que a gente nunca esquece. Com ele foi... pronto... foi até uma química que existiu e depois fomos, como é que hei-de explicar... ehh... é uma coisa... eu tenho um bocado de dificuldade de às vezes exprimir os meus sentimentos porque sou muito extrovertida mas, ao mesmo tempo, nessas coisas sou muito reservada. É uma coisa que se... que eu sinto. Portanto, é uma pessoa que me completa, é uma pessoa que... que me ajuda, é uma pessoa que me entende. Porque eu tenho uma personalidade muito forte e talvez a minha outra relação não tenha dado certo por isso. Ele soube-me estudar, ele sabe-me tocar nos sítios certos. E é isso que tem feito a relação durar.

4) Que características tem de ter a outra pessoa para que a consiga amar?

Tem que ser companheiro, tem que ter esta parte que eu disse de me entender porque eu não sou de trato fácil, reconheço isso. Sou uma pessoa... a... extremamente impulsiva, sou uma pessoa que extravasa muito aquilo que eu sinto. Se estou triste, justifico porque estou triste, ele já é muito mais reservado do que eu. Eu se alguma coisa não está bem eu chego e digo “não concordo”, isto não está bem e digo “eu não gosto de isto e isto na nossa

relação a dois". Ele tem que saber escutar, tem que entender, sobretudo tem que estar ao meu lado porque aquela situação de estar por estar, isso para mim não dava. Eu tenho que sentir que aquela pessoa é uma pessoa forte, que me ajuda e que a quem eu recorro quando tenho os meus momentos de fraqueza. Eu acho que a relação a dois é mesmo isso. Nós caminharmos lado a lado, não é um puxar para um lado e o outro puxar para o outro.

5) Reconhece essas características em si ou em alguém do seu passado (seja familiar ou antigo relacionamento)?

Conheço em mim. Porque a gente ao querer, portanto, ao pretender das outras pessoas também tem de as reconhecer em nós. Reconheço em mim e reconheço nele e em toda a minha família porque eu costumo dizer que a base da minha existência, da minha maneira de ser, da minha postura na vida, é em parte pela minha família porque nós fomos sempre pessoas, eu não nasci cá, sou de Moçambique e nós em Moçambique vivemos muito em família, portanto, fui criada por primos, tios, ou quando tinha os avós, portanto, nós vivíamos muito em família. Depois tive a sorte de encontrar realmente uma pessoa que se encaixou e que se enquadrou muito bem neste seio familiar, que foi muito bem aceite porque também era uma pessoa que não tivesse no seu dia-a-dia mas que também nutria alcançar isso. E então nós vivemos, como eu costumo dizer, somos como uma clã, um clã (risos). Se estamos tristes, todos estamos tristes. Se temos um problema, todos ajudamos a resolver. Isto também é um bocadinho difícil de gerir, sobretudo com os meus irmãos, aqueles mais chegados e os meus pais, mas é assim que eu funciono, eu preciso de sentir muito a minha família à volta. Para mim é muito importante ter, estar rodeada de quem eu mais gosto.

6) Qual foi a maior "loucura" que já fez por amor?

Eu acho que não... eu costumo dizer, nós somos três primas e elas riem-se porque eu costumo dizer que acho que nunca cometi assim nenhuma loucura por amor. Eu acho que não passei por isso. Não. Não e vou explicar porquê. Porque com a saída de Moçambique a minha mãe adoeceu e eu assumi um pouco o lugar dela porque tinha um irmão mais novo, que eu ajudei a criar, que eu costumo dizer que o meu primeiro filho foi aquele irmão. E então eu cresci, passei da adolescência para adulto muito rápido. Então essas loucuras que nós vimos de, da adolescência, eu não as tive. E quando tive esta relação mais séria, aquelas loucurazitas próprias da idade, dos casais, mas assim uma loucura, loucura por amor não cometi.

7) Como é que demonstra ao seu/sua companheir@ que @ ama?

Pelas atitudes. Às vezes, como disse, o meu temperamento não é fácil. Desde que esteja de fora a analisar e, portanto, falando um bocadinho a família, como nós vivemos, as pessoas costumam comentar que ele é uma pessoa muito mais afetuosa do que eu e eu reconheço. Mesmo como mãe, não sou uma mãe galinha, sou uma mãe preocupada, sou uma mãe presente, sou uma mãe pronta a ajudar, sou uma mãe que faço qualquer coisa por eles, mas aquela coisa do mimo, do abraço, do afeto, eu não tenho com ele nem com os meus filhos nem com ninguém, portanto, sou uma pessoa... eu demonstro nas atitudes e nos gestos. Para mim, se eu estou triste, e se alguém chega ao pé de mim e me dá um sorriso, para mim já chega. Agora, aquela coisa dos beijos, dos abraços e isso, eu não tenho. Não sou afetuosa a esse ponto, não. Não vou enganar (risos).

8) Consegue separar sexo de amor? Para si, o que os distingue?

É assim, eu acho que uma coisa... a..a.. esse é o nosso ponto fraco da nossa relação (risos), pronto, porque.. a gente todos os casais há sempre uma coisita ou outra. Nós entendemo-nos muito bem sexualmente mas eu sou uma pessoa que, como eu já disse, não faço por fazer as coisas. Sou uma pessoa que tem de sentir tudo aquilo que eu faço, desde a minha profissão aos afetos, tudo. E... e então eu não consigo separar o amor da parte sexual, portanto, se eu não estou bem, a outra parte não funciona. Se eu estou bem, encantado da vida. Portanto, eu para mim não separo.

9) Quando ama alguém, é fiel a essa pessoa?

Ah, sim, sou. Sou fiel e gosto que sejam fiéis comigo. Porque é como eu digo, o amor tem vários significados e tem várias posturas e tem várias fases ao longo da nossa vida. E acho que o amor é isso mesmo. É reconhecer os defeitos, as qualidades e estar ali e ser fiel.

10) Homens e mulheres têm necessidades diferentes ao nível dos afetos? Quais?

Eu penso que sim. Talvez nós devido à nossa... apesar de eu ter esta pujança toda que as pessoas acham que eu sou uma pessoa muito decidida, e o Nuno quando me conheceu achou que eu era esse tipo de pessoa. Com o

tempo tem visto que eu, no fundo, sou uma pessoa muito frágil. E portanto eu penso que há homens também frágeis. Há. Há, sim senhora. Mas eu acho que a mulher é mais piegas, necessita mais de afeto, do que eles. Eu vejo neste ponto de vista, não é que eu ache que haja diferenças porque até há homens extremamente frágeis, extremamente carentes, mas eu acho que a mulher é um pouco mais carente e frágil do que o homem.

11) Houve grandes mudanças nos últimos anos na vida das mulheres. Como as encara?

Eu encaro no bom sentido neste aspeto que eu lembro-me que, portanto, não tenho muita idade mas pertenço a uma família em que somos muitos, somos muitos primos e, portanto, para ter uma ideia, se ela hoje fosse viva eu tinha uma prima já com 67 anos, portanto, acompanhei gerações diferentes. E acho que nós evoluímos no bom sentido. A única coisa que eu poderei criticar é neste sentido: que nós alcançámos um estatuto na sociedade, uma certa liberdade em termos de ação e há certas mulheres que se esqueceram um pouco a... o papel de mulher. Pronto, eu concordo que haja igualdade a nível de emprego, igualdade de oportunidades mas não é em vão que nós somos as mães. Então, muitas das vezes o que eu acho hoje nas moças mais novas que eu é que é mais importante a carreira do que propriamente a parte afetiva, familiar. Eu acho que isso se perde um bocadinho nos nossos dias, mas isto é a minha opinião, né. (risos)

12) Na sua opinião, o que podem os homens fazer para acompanhar esta mudança?

Eles não tiveram que mudar tanto, mas eu acho que têm que também mudar. Não é só nós a mulher. Portanto, se nós compararmos a geração de hoje, por exemplo, com a geração que esteja na faixa etária dos 60 anos, acho que eles também evoluíram bastante porque, é assim, eu costumo dizer que hoje o papel de uma mãe criar um filho, no meu caso são dois rapazes, é fazê-lo ver que, portanto, o dia-a-dia deve ser partilhado, portanto. Eu para mim não há cá tarefas que isto é de mulher e que isto é de homem. Eu acho que é igual, portanto, se procuramos uma relação a dois vamos partilhar as coisas, as tarefas, os problemas e depois mais tarde quando se tem filhos, a criação dos filhos porque não é isto por que a mãe é responsável e por isto o pai. Pelo menos na minha casa não é assim que funciona. Eu acho que é importante a partilha e envolvemos sempre os nossos filhos nas nossas alegrias, tristezas, nas nossas preocupações e houve sempre essa preocupação de eles se aperceberem como é que funciona a vida. É isto, portanto, é tudo muito partilhado. E é engraçado que eu costumo comentar com as pessoas que o mais velhito, aí a partir dos 13 anos começou a ficar em casa com o mais pequeno, com o mais novo e depois quando eles entraram na fase em que estão agora nós negociamos: “olha, este fim-de-semana eu tenho isto, podes olhar pelo teu irmão?” Não é que ele já precise tanto muito, pronto, mas ainda só tem 17 anos... Nós funcionamos nesta base. Damos cedências, todos temos direito, mas vamos partilhando tudo, desde o dia-a-dia em casa como fora de casa, portanto, é assim que funcionamos. A relação a dois é familiar.

13) Como reage/reagiria quando se sente rejeitad@ / traíd@ pela pessoa que ama?

É assim, é como eu digo, a nossa relação é uma relação muito engraçada porque passámos por tudo isso na fase de namoro. Fui traída... a... a primeira reação que eu tive foi precisamente rejeitar. Posso dizer que já tinha casamento e tudo marcado. Acabei tudo. Andámos ali sem contar às famílias e depois nós chegámos a um acordo, eu e ele conversámos e depois chegámos à conclusão que foi uma leviandade da parte dele e que não era assim nada que fosse... que não fosse perdoável. Portanto, ultrapassámos isso e isso fortaleceu a nossa relação. Isto penso eu hoje que ao longo destes 24 anos não aconteceu isso.

14) Acha possível amar mais do que uma pessoa em simultâneo? Porquê?

Não, de maneira nenhuma! Pelo amor de Deus! Porquê? Porque... sei lá!... acho um bocado complicado, como é que nós conseguimos jogar com isso, gostar de duas pessoas? É assim, eu até posso pensar que há uma coisa que eu gosto neste, há uma coisa que eu gosto naquele e se juntar numa pessoa era ótimo mas às vezes não se consegue. Mas eu acho um bocadinho... para mim é um bocadinho difícil. Não consigo ver assim a diferença de gostar de duas pessoas ao mesmo tempo.

15) O que @ atrai mais n@ seu/sua companheir@?

Ai, o que é que atrai mais no meu companheiro? (risos) A.. é como digo, a bondade dele. É como diz bem, um companheiro, foi um companheiro que encontrei. Foi a pessoa certa, estou convencida. Cada vez me convenço mais que foi a pessoa certa que apareceu no meu caminho, foi uma pessoa que me soube entender, é uma pessoa que sabe ler os meus pensamentos, e é isso que me encanta nele e continua a encantar. Claro que nada é perfeito, temos as nossas tricas mas sobretudo eu, principalmente sou sempre eu, porque eu não me consigo ficar, não consigo ficar com nenhuma pedra no meu sapato. Eu sou uma pessoa que se tenho uma mágoa com alguém chego ao pé desse alguém e digo-lhe tudo o que me vai no coração. Mas depois passa. Ele também é um bocado assim e então a gente acaba por nos acertarmos mas é sobretudo o companheirismo, ele entender-me tão bem e o que eu disse à Sofia, foi a pessoa certa para mim, que apareceu no meu caminho.

16) Numa relação longa, o sexo continua a ser a componente mais importante? Se não, qual é a componente que considera mais importante na sua relação?

Não. Como eu disse à Sofia é o nosso ponto fraco. Para mim nunca foi a componente mais importante. Eu para mim, para acontecer as coisas tem que haver uma envolvimento, mas ao longo destes anos soubemos trabalhar isso e posso dizer que sim, que é uma coisa boa que resulta muito bem e que nós nos entendemos nessa parte também. Numa relação longa, como eu disse à Sofia, a componente mais importante é o entendimento e o companheirismo porque, se houver isso, depois o resto funciona. Porque partir do sexo para o companheirismo eu não consigo conceber, não consigo ver, mas isto é o meu ponto de vista né? Ele se calhar já dá mais importância à outra vertente. (risos)

17) Reconhece, no seu comportamento perante o amor, crenças e padrões que lhe foram incutidos pela educação?

É assim, a educação que eu tive foi um bocado uma educação tradicional, mas tive a sensatez e a inteligência de perceber que as coisas não eram como me passaram. Foi assim que as receberam, era a geração que tinham e como eu disse à Sofia nós somos três mulheres e eu sou a mais nova e é engraçado que talvez pela vivência delas eu tivesse aprendido. As minhas duas primas foi difícil porque aquilo, como eu disse, era uma educação muito tradicional onde, por exemplo, para a Sofia ter uma ideia, eu tenho a idade que tenho, sem dúvida que a minha mãe me alertou para diferentes tipos de situações e perigos e falava comigo em questões de sexo, mas era uma coisa assim muito... a... muito superficial. O essencial que eu deveria de saber, o resto fui dialogando com as minhas primas, fui vendo com as amigas e portanto e soube de tudo o que vi, com que comecei a tirar as minhas próprias conclusões e tenho uma postura muito própria. Sem dúvida que a parte da educação também teve alguma influência, mas Deus me livre a mim se eu pensasse um bocadinho como a minha mãe pensa. (risos)

18) Sente-se confortável com eles ou gostaria que tivesse sido diferente?

Não me incomoda absolutamente nem nunca me incomodaram. Fiz daí ponto de partida. Serviram, era um conselho, era uma aprendizagem, mas sempre tive a minha opinião, sempre soube o que queria portanto nesse aspeto não... Para a Sofia ter uma ideia, por exemplo, eu ainda hoje, mas é por uma questão de respeito, o meu pai, estamos a ver televisão e aparece uma cena mais ousada eu não me sinto muito bem, muito à vontade ao pé do meu pai. No entanto... a... entre mim e a minha mãe e o meu irmão mais novo connosco, comigo e com a minha mãe, sempre houve liberdade, eu e ele sempre nos despimos à frente dele e da minha mãe, mas com o meu pai, com esse então há muitos tabus. Mas que eu nunca me incomodou porque não eram, quer dizer, não me sufocavam porque tive uma mãe sensata que sempre deu uma certa margem de liberdade. A minha mãe nesse aspeto foi muito sábia porque a minha mãe teve um período da vida dela em que o meu pai ficou no Brasil e eu fiquei mais o meu irmão mais novo com ela aqui em Portugal. E a minha mãe sempre nos educou no aspeto que com liberdade, eu fui para a geração a que eu pertença as miúdas saírem à noite, irem a um café, era assim um bocadinho, tinha que haver um certo controle. O fumar... nunca tive proibições de nada. A minha mãe a única coisa que me dizia muitas vezes, é assim: "eu confio em ti, mas no dia em que deixar de confiar não voltas a ter esse voto". E portanto também fiz a minha vida sempre em função disso, sempre talvez também a minha maneira de ser não fosse muito aventureira, que nunca fui muito aventureira. E confesso que em termos de relação a dois também nunca fui uma pessoa que procurasse muito isso. As coisas aconteceram porque tiveram que acontecer. Eu própria ter aquela necessidade de ter um namorico ou coiso... não. Eu sempre gostei de conviver, de estar com os meus amigos, sempre tive mais amizade com rapazes do que propriamente com raparigas precisamente porque essas coisas nunca achei muita graça, não ia muito com a minha maneira de ser. Então arranjei uma plataforma, uma postura para a época e dei-me bem (risos).

19) Se for necessário, submete os seus planos pessoais às exigências familiares?

A... é assim: eu nesse aspeto sou um bocadinho egoísta. Eu sou uma pessoa que reconheço que... e é assim... vamos lá ver se eu me exprimir. Eu acho que para tudo o resto funcionar nós temos que estar bem connosco. Estou contente com a minha postura, eu acho que o resto eu consigo. Não, não sou ao ponto de se calhar ser eu própria primeiro e depois os outros, não. Tento sempre... paralelo. Acho que uma coisa, se a gente conseguir conciliar, consegue lado a lado. Agora, também não concebo pôr a parte familiar primeiro e anular a minha parte pessoal, isso não. Tento sempre conciliar as duas porque acho que é o mais certo para qualquer ser humano que está neste mundo.

20) Em casa, que tarefas domésticas costuma fazer?

Olhe, Sofia, eu sou uma mulher muito felizada porque convivo com três homens na qual eu sou a princesa. A... tenho um companheiro que me ajuda imenso. É uma pessoa que nunca se senta no sofá se eu não me sentar com ele, portanto, só quando terminamos as coisas em conjunto. Posso dizer que neste momento, com a idade com que os miúdos estão, a minha tarefa é cozinhar. O resto, elesaju... fazem. Portanto, estender a roupa, apanhar a roupa, pronto, passar a ferro hoje em dia temos a facilidade de mandar passar ou ter alguém que passe, mas todas aquelas pequenas tarefas é feito a quatro. E, portanto, a minha é cozinhar. Eu acabo de jantar, ou de almoçar, levanto-me e a tarefa de arrumar a cozinha é deles. (risos)

21) Na sua opinião, casar e ter filhos, constituir uma família, é importante para uma pessoa ser feliz?

É assim... a... na mi... na minha maneira de ser era importante, mas não era prioritário, portanto, eu sempre disse aos meus pais que quando chegasse de facto a uma certa idade e tivesse a minha independência, que eu tivesse casada ou não que eu sairia de casa para ter a minha vida própria. Mas sentiria-me triste se eu não tivesse casado nem tido filhos. Completam-me como mulher, mas não é prioritário. Hoje vej... Hoje, portanto... o casar, para mim, como é que eu hei-de explicar? Não era propriamente o casar, a relação, uma relação a dois e ter uma família para mim era prioritário porque para mim o casamento é um papel. Porque aquelas pessoas que vivem em comunhão de facto vários anos, eu acho que isso é que é o casamento. Portanto, a relação a dois é que é o casamento. Aquele proform da festa e coiso é mais um agrado da minha geração. Os meus pais não concebiam que eu saísse de casa porque eu, inclusive quando já namorávamos há um certo tempo eu entretanto formei-me, ele também já se tinha orientado profissionalmente e chegou a altura que queríamos ir viver os dois. Eu cheguei ao pé dos meus pais e disse “vou sair de casa e vou viver com... com ele”. O meu pai ficou um bocadinho triste, pediu-me um ano, e que, para eu casar. E como eu era a única rapariga no meio de dois rapazes, achei que não tinha o direito de lhe dar essa mágoa. Então esperei o ano, montámos casa. Eu ainda sou do tempo em que o pai e a mãe montavam a casa (risos). Oh, pode crer que é muito bom porque durante muitos anos aquilo que levei com o “dote”, como se costuma dizer, foi o que perdurou na minha casa (risos)! Porque... eu fui daquelas que tive a boda paga pelos pais, casa montada pelos pais, portanto, eu ainda sou um bocado dessa geração. E pronto, e porquê também magoá-lo depois de terem passado com o meu irmão mais velho uma situação complicada, terem sido avós muito cedo e não sei quê. Ele também não se importou e olha, casei, depois aí já que foi para casar eu quis tudo a que tinha direito. Casar pela igreja com véu e grinalda (risos).

22) Acredita no amor “até que a morte nos separe”? Porquê?

Sim, eu acredito no amor eterno, agora se as pessoas... eh... como é que hei-de explicar à Sofia? É a tal coisa, pronto, quando os meus pais, os meus pais tiveram um período, uma fase da vida deles que foi dos 40 aos 50 e tal anos, o meu pai esteve no Brasil e a minha mãe aqui. E eu acho que um casal que não caminhe diariamente lado a lado.. a tem dificuldade, há-de chegar à velhice e continuar a caminhar. Se nós construirmos uma relação e caminharmos sempre lado a lado se calhar, sim, o amor pode ser até que a morte nos separe.

HOMEM 3 (H3)

Idade: 47

Estado civil: casado

Habilitações literárias: 12º (frequentou a universidade, mas não concluiu)

Profissão: funcionário autárquico, responsável pelo abastecimento de água, e formador

Relevância para estas entrevistas: numa relação com M3 há 24 anos

1) O que é, para si, o amor?

O que é para mim o amor? (sorriso). Bem, o amor acho que é uma relação a dois de confiança, acima de tudo. É ter uma relação de confiança e de partilha simultaneamente, a dois.

2) Como sabe que está a amar e não que está apaixonado? Como se comporta o seu corpo?

Olhe, acho que são muito diferentes. O amar, como eu disse, é ter algo com alguém, portanto, um projeto duradouro e com quem se constrói algo; paixão é aqueles momentos de vivência, do momento, que também fazem parte do amor mas que não é só isso.

3) Já alguma vez amou?

Já. (sorriso).

4) Que características tem de ter a outra pessoa para que a consiga amar?

Características... ser... como se pode dizer?... um parceiro, uma parceira com quem se pode partilhar e se conta com essa pessoa.

5) Reconhece essas características em si ou em alguém do seu passado (seja familiar ou antigo relacionamento)?

Não é novidade... é algo que conheço... a... de família, sim, de pais e agora a relação que tenho é uma relação de confiança e de partilha.

6) Qual foi a maior “loucura” que já fez por amor?

Ai... (sorriso)... não me recordo... Em termos de jovem, sim, algumas loucuras de ir atrás dela, pronto. A... Assim loucura, loucura, não fiz assim grande loucura.

7) Como é que demonstra ao seu/sua companheir@ que @ ama?

A... estando presente mesmo não estando lá.

8) Consegue separar sexo de amor? Para si, o que os distingue?

Sim, são coisas diferentes. Amor não é só sexo, sexo faz parte. Amor é mais abrangente, enquanto o sexo está relacionado, sei lá, com a paixão, e com o momento e com a vivência instantânea, o amor é além disso a partilha, os filhos, a família, o projeto de vida. A família, acima de tudo.

9) Quando ama alguém, é fiel a essa pessoa?

Sim.

10) Homens e mulheres têm necessidades diferentes ao nível dos afetos? Quais?

Hmm... acho que não têm necessidades, se calhar manifestam-se de forma diferente. A mulher é mais sentimen... o homem acho que é mais frio mas no fundo, cá dentro, é capaz de ter os mesmos sentimentos.

11) Houve grandes mudanças nos últimos anos na vida das mulheres. Como as encara?

Passou a ser mais exigente para as mulheres. Portanto, têm uma vida profissional, portanto, um compromisso e uma agenda profissional que não as liberta tanto para outras coisas. Como tal, equiparam-se quase à situação do homem de antigamente. Atualmente já não se pode distinguir muito o que é a mulher e o homem a nível de profissão e de compromissos. Portanto, tem que ser uma relação a dois, como o homem também estar disponível para outras coisas que a esposa já não pode nem tem tempo só para isso.

12) Na sua opinião, o que podem os homens fazer para acompanhar esta mudança?

Como é que podem acompanhar?... Percebendo que a mulher não é só mulher, também é um ser humano que tem a sua carreira e também tem que se respeitar e ajudar nessa parte também.

13) Como reage/reagiria quando se sente rejeitad@ / traíd@ pela pessoa que ama?

Complexo. Não sei (sorrisos). Não sei como seria, mas se quisesse acho que teria de ir à luta por aquilo que queria, portanto... não sei como reagiria. Era pessoa se calhar, inicialmente, para chorar e até para me revoltar e depois ir à luta. À procura daquilo que... se queria continuar a lutar por isso.

14) Acha possível amar mais do que uma pessoa em simultâneo? Porquê?

Sim... como eu disse à bocado o amor é um projeto, uma vida a dois e os filhos também estão dentro desse amor. O amar, tanto amo a minha mulher como amo os meus filhos e a minha família, portanto. Agora, amar mais do que uma mulher... é mais complicado. Acho que não é compatível com o amor, é mais com a paixão. Dizer que se ama mas que se vive uma paixão, talvez. Não o amor com duas mulheres.

15) O que @ atrai mais n@ seu/sua companheir@?

O que é que me atrai mais? ... (silêncio) Ser uma mulher de personalidade, firme, lutadora... como é que eu posso dizer... que se envolve no projeto da minha vida. Partilha a dois, temos algo que nos completamos um ao outro. Ela é expressiva, eu sou controlador. No fundo nós temos a partilha e um jogo de que ambo nos completamos.

16) Numa relação longa, o sexo continua a ser a componente mais importante? Se não, qual é a componente que considera mais importante na sua relação?

Não digo que seja a mais importante, mas é bastante importante. A cumplicidade é a componente mais importante.

17) Reconhece, no seu comportamento perante o amor, crenças e padrões que lhe foram incutidos pela educação?

(...) Não sei... não sei. Acho que foi acima de tudo a vivência e o... não sei, não é por ter visto os pais fazerem, acho que não é por isso, mas se sentir correspondido e se sentir que coiso mantive não... acho que não é ter aprendido com os pais, aprendi comigo mesmo.

18) Sente-se confortável com eles ou gostaria que tivesse sido diferente?

... Não há assim nenhuma crença... Acho que não a vivi no seio familiar, mas acho que aquela situação do homem antigo que ia para o café e para a taberna e a mulher estava em casa nunca concordei e não fiz isso modo de vida. Mas não é por ter vivido em casa porque felizmente não tive isso em casa.

19) Se for necessário, submete os seus planos pessoais às exigências familiares?
(...) Muitas das vezes as exigências da família superam os planos pessoais, não são sacrifícios. Muitas vezes os planos pessoais para os planos familiares.

20) Em casa, que tarefas domésticas costuma fazer?

A limpeza é por minha conta. Geralmente a minha mulher cozinha, prepara o jantar, e eu depois encarrego-me de arrumar a cozinha, por isso eu digo que a limpeza é por minha conta. Naturalmente, ajudo na outra arrumação, na limpeza de casa, mas é quase que se a São teve que fazer o jantar, eu pelo menos sinto que devo de arrumar a casa. Pronto, ela tem o trabalho prévio e eu tenho o trabalho posterior porque geralmente jantamos os quatro em casa. Não existe o almoço nem isso, mas ao fim-de-semana continuamos a fazer esta partilha.

21) Na sua opinião, casar e ter filhos, constituir uma família, é importante para uma pessoa ser feliz?
Não será essencial, mas para mim foi. Para mim foi bastante importante constituir família e crescer com ela.

22) Acredita no amor “até que a morte nos separe”? Porquê?

Acredito no projeto família com amor até que a morte nos separe, sim.

CASAL 4 (C4) – DOS 50 ANOS AOS 60 ANOS

MULHER 4 (M4)

Idade: 54 anos

Estado civil: casada

Habilitações literárias: 12º ano

Profissão: formadora na área da segurança e higiene, agora desempregada

Relevância para estas entrevistas: casada com H4 há 28 anos, depois de namorarem 4 anos

1) O que é, para si, o amor?

O amor acho que é a coisa... mais bela do mundo. Sem amor acho que não, não há razão de existir. Pode-se amar tanta coisa, não é? Eu amo a natureza de uma maneira brutal. Só que para mim há o amor, não vou dizer que é diferente, o amor de pais, de filhos do marido. Não vou dizer que amo o meu marido como amo os meus filhos. Amo o meu marido, não é, namorei quase 4 anos com ele, depois casámos em Outubro e acho que a vida não faz sentido se não houver amor até pelo próximo, até por um colega. Por um colega, por uma planta. Acho que o amor faz parte de todo um ser, da unidade, acho que é a coisa mais linda que há quando é verdadeiro, quando é sentido. Não sei, acho que talvez não esteja a transmitir da maneira que queira. Eu não conseguia conceber a vida se não amasse.

2) Como sabe que está a amar e não que está apaixonado? Como se comporta o seu corpo?

Eu apaixonada tenho de estar sempre, senão não há am... Eu acho que não consigo distinguir, separar, o amor da paixão, né? Há aquela paixão que vai desaparecendo, mas quando é genuína vai dar o amor. Acho que caminham quase muito... eu tenho de estar apaixonada sempre, até por uma tela, por uma aquarela, eu tenho de estar apaixonada e... Não sei... não sei como é que lhe hei-de explicar a paixão. Está-se a referir àquilo monumentâneo? Eu acho que... a paixão é aquela coisa que é um clique, um olhar, e que depois se vai transformando. Mas na relação para existir aquele amor tem de existir paixão. Um casal tem de sempre estar a mostrar-se apaixonada pelo parceiro, porque o amor tem de se alimentado. Eu penso que para o amor continuar ardente tem de continuar a haver paixão, aquelas surpresas, o apertar de mão, senão cai na rotina e apalavra amor, eu amo-te, torna-se banal. Estamos casados há 28 anos e continuamos a namorar. Não sei se lhe estou a explicar bem, mas eu acho que tudo isso faz parte para que eu possa dizer que amo o meu marido. Se não houver essa chama, essa paixão, então o nosso amor... eu amo o meu marido mas depois torna-se o hábito. Não, eu acho que tem de haver sempre uma chama, para que esse amor cada vez... aa.. quanto muito com aquela chama bem acesa, senão acaba por cair na rotina, acho eu.

3) Já alguma vez amou?

Claro que sim, já ameí. E amo.

4) Que características tem de ter a outra pessoa para que a consiga amar?

Para que me consiga amar a mim ou eu a ela? Sinceridade. Para mim, a base de tudo é a sinceridade. Quando eu namorava com o meu marido, a única coisa que eu lhe pedi é que ele fosse sincero comigo. No dia em que deixasse de gostar de mim, que me dissesse. Porque eu também não vou dizer que um casamento, um amor, é para a vida interna. Eu espero que sim, mas a gente não sabe. Então eu disse: prometes-me que no dia em que

deixares que gostar de mim tens de me dizer. Eu casei pela Igreja, há um compromisso para a vida toda, mas se ele deixar de gostar de mim não faz sentido estar comigo, não é? A base é a sinceridade, o diálogo, acho que é fundamental existir o diálogo. Se não há diálogo, não há um seguimento. Tem que haver uma partilha da vida, mas para mim a base assenta sempre na sinceridade, na honestidade, mas a sinceridade acima de tudo.

5) Reconhece essas características em si ou em alguém do seu passado (seja familiar ou antigo relacionamento)?

Sim, sim. Eu não consigo lidar com... eu venho de uma família tradicional, muito autoritária e o meu pai... eu sempre fui muito... eu não podia. Repare, há 30 anos, o meu marido só podia ir à minha casa depois das 20h... e foi depois do 25 de Abril. Eu vim de Angola com 17 anos e o meu pai sempre foi assim. E então eu cresci nesse ambiente, não há... de... autoridade, mas completamente diferente. Eu não suporto que a pessoa não seja sincera comigo. Se há uma amizade, a pessoa tem de ser sincera comigo. Tem de estar comigo nos bons e nos maus momentos. Para mim, uma amizade vai crescendo, sobre de degrau a degrau. Eu tenho muitos conhecidos, mas amigos são... tá a ver? Conhecidos tenho imensos. Eu acho que quando a pessoa diz "é meu amigo, é minha amiga", não encaixa muito bem. A amizade constrói-se. É uma coisa que me aterroriza é a mentira, a premeditação e não consigo, afasto-me. Não sei se estou a fugir à sua pergunta... Basicamente é isso, eu tenho que encontrar na pessoa... quer dizer, a perfeição não existe. Eu não sou perfeita e tenho ene, ene defeitos.. aa.. nem estou à espera de encontrar a perfeição no meu marido ou nos meus filhos, ou nos meus amigos. Não. É por vezes com as imperfeições uns dos outros que nós nos vamos apercebendo das nossas e melhorando. Mas... há certas coisas que não tolero mesmo, que não consigo. Não consigo lidar com um ser que vive em permanente conflito, faz-me muita confusão, não sei, fujo. Se calhar aí penso, será que sou cobarde? Não sei discutir, não aceito simplesmente afasto-me não consigo lidar. Aquela coisa de pisar para ultrapassar o outro, faz-me confusão. Houve uma vez que me perguntaram de onde é que tu vens, de que planeta é que tu vens? Encara a vida! Não consigo. Talvez por ter trabalhado muitos anos com crianças via que aqueles casais, o amor, era quase um amor... quem sou eu para julgar... mas por tudo e por nada diziam "vou-me separar". Era tipo um amor supérfluo, tá a ver, mas isso não faz sentido. Ou se gosta, ou se ama ou não se ama. A falta de diálogo que existe nos casais e acho que isso é que faz... acho que estou-me a perder da pergunta... estou, não estou?

6) Qual foi a maior "loucura" que já fez por amor?

(silêncio)... Foi... (risos)... que giro!... Eu não namorei muito, até por causa do meu pai. Tive um grande amor em Angola, aquele amor de juventude, de liceu. Depois separámo-nos com o 25 de Abril e depois, antes do meu marido tive... se calhar não vou dizer um grande amor, mas uma grande paixão, isso sim. Essa paixão levou-me a ir, pela primeira vez, ter com essa pessoa ao Porto. Fui de férias com os meus primos, fui ter com uns tios, e encontrei-me com ele, porque ele é do porto. Então, mas aquilo que ele me propunha, talvez a maneira de ser, foi paixão, sim. Uma paixão grande que tive por ele, que me vez ir ao Porto e vir de madrugada e no outro dia ia levando uma tarefa do meu pai. Foi uma loucura que... não foi loucura. Era um amor tipo proibido. Ele era seminarista, eu era catequista e então lá tá, aquela paixão, e havia um elo entre os dois. Depois ele foi para Itália.. a... e eu fiquei, claro, foi quando ele acabou aqui a faculdade na universidade católica e eu trabalhava num colégio em Lisboa. Porque os meus pais não podiam saber nunca nem, nem perante a Igreja (risos). Era giro a gente ir ao cinema e... houve uma paixão muito grande mesmo. E depois ele deixou o seminário e então propôs-me a gente ir para fora do país. E eu, que horror, ele era mais novo um ano que eu e eu disse que não. Então ele foi para o seminário, foi para Londres, a gente ainda se escrevia, telefonava, e ele nunca acreditava... comecei a namorar, né, acabou tudo, aquela paixão acabou, as pessoas começaram a saber e se aquilo chegasse aos ouvidos do meu pai... e acabou. Eu hoje não sei nada dele, aquilo que sei é pouco., mas foi aquela paixão que ainda hoje às vezes pergunto-me a mim "como é que teria sido a minha vida se me tivesse casado com o Sérgio?", este de Angola, porque foi aquele amor também que chorei, depois separei-me. Mas depois pergunto-me "como é que seria o meu amor se estivesse...", tá a ver? Como é que seria a minha relação com o, ele +e Manuel Joaquim, como é que seria a nossa relação. Será que aquela paixão tão grande que eu tive. Se calhar até amei! Porque ao longo destes anos a gente vai continuando a amar. Amei, amei. E sofri, entretanto ele nunca pensou que eu casasse e quando estava grávida do Pedro ele fez questão de me vir ver. E perguntou se eu era feliz, nessa altura foi ter comigo ao colégio, eu tinha o colégio, se eu era feliz, e eu estava bem com o meu marido. E perguntou às minhas irmãs como é que eu estava. Pronto, está a ver, isso tudo. Que ainda hoje o meu marido sente ciúmes. Quando "ah, o Porto e não sei quê" porque ele mora no porto, é casado, tem uma filha, a Cláudia. Quando eu casei, j+a estava grávida do Pedro, ele ainda estava no seminário. Ele veio conhecer o Pedro, quando o Pedro estava com um aninho, "olha, está a correr tudo bem, acredita, sou feliz." aaa... mas enquanto o meu

marido é aquela pessoa, não vou dizer bem reservada, o outro adorava cantar, era os extremos, eu era diferente. Aquela parte que eu não conseguia mostrar, em que eu, era aquela menina toda certinha com o meu marido, eu com ele era diferente, nós só tínhamos um grupo muito lindo, muito bom de amigos, nós conseguíamos dar gargalhadas. Há aquela parte que eu sinto saudades, está a ver? Aquela casa estava cheia, ele pegava na viola, cantava, tocava, ele era capaz de ir no comboio e começava a cantar para mim. O meu marido era extremamente ciumento, tanto que houve uma altura em que nós já estávamos para casar e os ciúmes dele eram tão grandes que eu acabei. Porque eu fiquei, já o meu pai era extremamente ciumento que eu fiquei “outra vez não, pelo amor de Deus, não quero isso para mim!”, porque ele era tão possessivo que se alguém olhasse para mim ele agarrava-me, como quem diz “és minha!”, percebe? Com o meu marido essas loucuras por amor foram diferentes, foi diferente. Quando fomos para Paris, para mim é uma cidade de luz, de amor, é uma cidade que eu adoro, aquele Sena, aquelas margens, sim. Como é que eu lhe vou dizer? Eu quando digo que é diferente, também a idade era diferente, né. Com o meu marido, eu sou capaz de dar um beijinho na rua, agarrar, correr, aconteceu em paris, aconteceu em Londres, mas já fico mais... o meu marido não era tão aberto, percebe?

7) Como é que demonstra ao seu/sua companheir@ que @ ama?

Em gestos, atitudes. Numa surpresa, sei lá, num jantar romântico, na coisa mais simples. Não é preciso coisas grandes, grandes coisas. Nas coisas simples, embora quando ele me quer contrariar diz que eu não amo, percebe, quando está a querer aborrecer-me. Ah, tu não me amas, tu não fazes isto por mim. Mas eu acho que sempre tenho dado provas do amor. Chegar ao dia dos namorados e ter a casa de banho toda cheia de pétalas, e não sei quê, casados há vinte e tal anos, acho que isso é prova de amor, é... A cama toda arranjada, um jantar romântico em casa, com velas. Acho que sim, tenho dado provas de amor.

8) Consegue separar sexo de amor? Para si, o que os distingue?

Ai que pergunta... essa é que eu não sei responder muito bem. Eu acho que, por mim, para já, sexo é quando existe amor. O meu marido foi o meu primeiro homem e, lá está, eu tinha aquele grande amor mas nunca houve relações, sexo, nem com um nem com outro. Foi com o meu marido. Isto é só para nós, não é? Depois vai fazer um resumo!... E então, para já, sexo é uma palavra... “fazer sexo”. Para já, hoje faz-me confusão como é que os jovens começam uma relação sexual tão jovens. Mexe cá comigo porque, para mim, se há sexo tem de haver amor. “Ah, foi uma noite e curti com aquele”. Foi uma noite. Acho que quando o sexo é lindo, digamos, quando há aquele amor. Sabe que eu como para mim em casa essa palavra era tão tabu, era tão castradora, que “fazer sexo”, “fazer o amor”... Para mim, eu acho que não gosto de dizer ao meu marido “olha, vamos fazer sexo”. Quer dizer, para já, tenho dificuldade ainda hoje de dizer, casada estes anos todos, e ele às vezes diz “mas tu não tomas a iniciativa”, está errado, está errado, porque eu não sou assim tão velha. Tá errado, mas, para mim, gosto da palavra “vamos fazer amor!”, sim, gosto. Agora, “vamos fazer sexo” não me soa muito bem.

9) Quando ama alguém, é fiel a essa pessoa?

Sim, lá está, a sinceridade. Se não o amar, então deixo de gostar e parto para outra. Quando amo, amo mesmo e sou fiel, tanto na parte amor, amor, homem-mulher, casal, como em relação á amizade. Tem de ser fiel, tem de ser amigo.

10) Homens e mulheres têm necessidades diferentes ao nível dos afetos? Quais?

Hm! Às vezes diz-se assim: “ah, o homem tem mais necessidade”. Eu acho que não, eu acho que todo o ser humano tem necessidade de afecto, de demonstrações de carinho, de amor. Eu acho que não, não, acho que todos nós temos essa necessidade, tanto homem como mulher, de afecto, carinho.

11) Houve grandes mudanças nos últimos anos na vida das mulheres. Como as encara?

Abençoado o 25 de Abril. Se houve uma altura que me revoltei com o 25 de Abril, mas a minha revolta com o 25 de Abril não se dava a mudança, como é que eu vou dizer, era a mudança de ter vindo de Angola. Aí revoltei-me. Porque deixei os meus amigos, deixei aquele mundo meu, não é, e vim para aqui, embora tivesse ido para lá. Eu nasci cá, no distrito de Viseu, fui criada entre Lisboa e o Porto porque o meu pai era da PSP e depois foi para Angola, em comissão. Mas abençoado 25 de Abril porque lá era oprimida sempre, o meu pai, mas havia a liberdade que aqui não existia no liceu e nas escolas e eu “desforrava-me”, não sei se a palavra é aquela mais certa, era ali que era o meu mundo. Aquilo que eu não podia fazer em casa, aos fins de semana, eu adorava basquete, aquilo tudo, e então era ali que eu, era o meu mundo. Em casa eu era tão oprimida que cá era a mesma coisa. Para mim não havia liberdade. Eu tinha 17 anos, tinha que ir para o liceu, no Cacém só havia secundária e o meu pai não me deixou ir. Eu tava presa, percebe. Aí revoltei-me imenso. Revoltei-me brutalmente que se havia

uma liberdade em minha casa ainda ficou pior. Eu não sabia, não conhecia ninguém, só saía com a família, e nem com os meus primos podia sair. O meu pai era assim para todos. Somos 5 raparigas e 2 rapazes e ele era assim. Já vem de família. Era assim ao princípio, mas graças a Deus mais tarde tudo se mudou. Agora que o 25 de Abril foi bom para as mulheres, foi, em todos os sentidos. Os meus amigos contam-me coisas, o meu marido conta-me coisas, as minhas cunhadas, que eu não vivi, e amigas minhas, abençoado 25 de Abril, sempre.

12) Na sua opinião, o que podem os homens fazer para acompanhar esta mudança?

Para já, a mulher é um ser extremamente inteligente. E acho que nós mulheres, se quiséssemos, conseguiríamos fazer muito mais que os homens. Acho que somos capazes de fazer tanta coisa, pensar em tanta coisa, que eu acho que eles no fundo têm um bocadinho de... não vou dizer inveja, que é uma palavra de que eu não gosto muito.. mas sentem um bocado de ciúminhos de nós mulheres. Porque nós somos e se repararmos eles têm o trabalho deles e istos e nós conseguimos ter a casa, o trabalho, sermos boas profissionais, boas donas de casa, boas mães, tá a ver, nós conseguimos organizar o nosso dia, a nossa agenda. Eu penso que, eu falo pelo meu marido, que é um homem muito organizado, mas no trabalho dele vai até ao pormenor, é capaz de ser organizado demais, enquanto nós mulheres conseguimos um leque vasto de tudo. Muitos dizem que nós mulheres somos muito poderosas e eu tenho a convicção que somos.

13) Como reage/reagiria quando se sente rejeitad@ / traíd@ pela pessoa que ama?

Eu acho que nunca.. às vezes eu penso nisso... ahhh... para já acho que já não conhecia dormir mais na mesma cama com o meu marido porque ele estava a quebrar a nossa base, do nosso namoro quando a gente disse que eu não vou dizer que o meu marido não tem segredos para mim, em bora eu diga tudo, mas não consigo lidar com a traição. Podem dizer: ah, mas foi uma coisa de uma noite, foram uns copos. Quer dizer, está bem, a pessoa com álcool pode, mas não sei, não... na minha cabeça a traição. Mas tanto se fosse da minha parte, tá a ver, aí rompia. Houve uma vez uma amiga minha que me dizia, ah, foi uma noite, não sei quê, mas eu continuo a amar o meu marido. Na minha mentalidade, não sei. Ia reagir muito mal, ia (risos). Acho que aquela base da sinceridade era quebrada, mesmo que ele me dissesse que aconteceu, que foi uma coisa com uma colega, acho que nunca mais haveria, tá a ver... Podíamos até ficar a viver na mesma casa, não sei, mas nunca mais haveria aquela confiança. As minhas irmãs e amigas dizem "tu não podes confiar tanto no meu marido porque ele é homem". Até hoje... até hoje, penso eu, eu tenho confiança nele. A partir do momento em que eu note e sinta que há algo, então aí acho que já não iria ser a mesma coisa.

14) Acha possível amar mais do que uma pessoa em simultâneo? Porquê?

Eu acho que não. Casal? Casais? Amar outro homem?... Não sei... Quer dizer, eu tenho um carinho, mas é carinho não é amor, pelo Alves, não é, pelo José Joaquim, foi muito bom, fomos amigos, assim como pelo Sérgio. Às vezes penso como é que seria a minha reação se os visse. Como é que seria a minha reação se nós hoje, já assim, cotas, como é que seria? Mas amor, quer dizer, amor? Não sei, a sério, Sofia, não sei dizer se aquele amor... Carinho, acho que a palavra mais correta, para mim, não sei se estou a ser ingénua, se estou a ser... estou a ser sincera, é carinho. Amor é o que eu sinto diariamente pelo meu marido e que todos os dias vai crescendo, aumentando. Olhe, o Sérgio já não o vejo há 38 anos, aliás, em Portugal nunca o vi. Sei que ele estava em Viseu mas nunca mais soube nada dele. Pelo Alves há 28 anos e dizer que tenho amor por eles, não. Há uma amizade que ficou, um carinho. Mais que uma amizade, um carinho que... pronto, que foi lindo, foi bom enquanto durou, ficou aquela recordação, agora amor é o que eu tenho pelo meu marido. O nosso dia-a-dia, a nossa convivência, os nossos filhos, esse é um amor que eu quero e se ele quiser, claro, que continue todos os dias com a chama bem acesa.

15) O que @ atrai mais n@ seu/sua companheir@?

A inteligência, o meu marido é uma pessoa muito inteligente. A honestidade, acho que é amigo do seu amigo. Acho, não, tenho a certeza. É uma pessoa extremamente sensível. Eu também sou. Choro por tudo e por nada, sou uma pessoa muito sensível e ele também é, como homem também é sensível. Então é esse... o pai que ele é. Porque é uma relação muito linda entre pais e os dois filhos, o Pedro com 27 e o David 22, o pai que ele foi, que é, o amigo. E essas qualidades eu não iria "perdoar" se não fosse um pai presente, um pai amigo. Que não tivesse, não suportava. Então eu pegava nos meus filhos e vivia com os meus filhos, porque os meus filhos para mim são a coisa mais sagrada que existe. Eles dizem que eu sou uma mãe galinha, mas daquelas galinhas, galinhas, então para mim eu não ia tolerar que o meu marido não fosse um pai presente e que o filho não podia confiar no pai. Por exemplo, eu desabafo muito com o meu filho mais novo, há uma relação muito linda entre os dois, entre mãe e filho. São essas qualidades que eu aprecio num homem. Não é só, ah, é bonito. Claro que também, não é,

nós temos olhos na cara. E sou capaz de olhar para um rapaz ou para um homem e dizer “tem charme, é bonito”. Somos mulheres. Mas acho que isso se completa se for inteligente e essas coisas todas.

16) Numa relação longa, o sexo continua a ser a componente mais importante? Se não, qual é a componente que considera mais importante na sua relação?

Numa relação longa? Faz parte, sim, mas não é a mais importante. (silêncio) As mais importantes são o bom companheirismo. Eu saber que, se eu precisar, ele está ali. Embora o sexo, também ainda faça parte. Mas, por exemplo, a mim neste momento está a ser extremamente difícil, estou na menopausa. E fui operada e então o meu marido, lá está, tem aquela paciência, que para mim acho bonito. Lá está, ele mostra amor, em ser compreensivo comigo. Mostra que me ama porque é compreensivo porque eu estou a passar uma fase muito difícil. Não aceito a menopausa e está a ser muito difícil para mim. E então, lá está, o sexo não é tudo. Faz parte, sim, caminha quase, mas é o amor, o companheirismo a amizade, o saber que está ali na hora certa. O essencial, sim, é o amor e saber que temos ali um companheiro para os momentos bons e para os momentos menos bons.

17) Reconhece, no seu comportamento perante o amor, crenças e padrões que lhe foram incutidos pela educação?

Por exemplo, ao princípio, tocar no meu marido, tocar, não, ser eu a mostrar que queria fazer amor eu não conseguia, era muito inibida. Porquê? Porque em minha casa os meus pais não falavam nisso. Eu ainda hoje não consigo. As minhas irmãs, as outras 4, já falam abertamente com a minha mãe. Eu, falar assim de uma relação, já sou mais reservada que as minhas irmãs. Para já, sou muito tímida e não consigo. Agora já com as minhas amigas, com uma amiga, já consigo falar, pronto, os nossos problemas e assim, mas tenho dificuldade em falar de sexo. Reconheço que é um padrão familiar, completamente.

18) Sente-se confortável com eles ou gostaria que tivesse sido diferente?

Sim, são padrões muito desconfortáveis para mim. Mudava completamente, por isso é que tentei uma abordagem completamente diferente aos meus filhos. Não quero dizer que eles me vejam nua, percebe, mas não tenho qualquer problema se eles entrarem no quarto e eu estive no banho, coisa que jamais se passou em minha casa. O David diz-me que tenho de ter paciência com o pai porque eu estou assim, mas o pai é homem. E falamos. O Pedro é tipo o pai, o Pedro é uma pessoa um pouco tímida como a mãe, apesar de ser mais parecido com o pai. Houve uma altura em que estávamos a ver um filme que metia sexo, mas era um filme de rir, e houve uma altura em que ria e perguntei: “Oh, ... , o que é que ele está a dizer, o que é aquilo?” E o Pedro: “oh, mãe! Poupa-me!”. Sou muito naif nessa parte. Não estou preparada e isso a mim deixa-me muito triste, pela educação. Gostava de ser diferente. Gostava, sou sincera, gostava de ter mais abertura, o aproximar-me do meu marido, não quer dizer que eu não toque, mas há coisas que eu acho, pronto, gostava de ser diferente. Mas isso foi-me passado pelos meus pais e eu não consegui quebrar o desinibir-me. Para já porque saí de casa muito tarde, com 26. Por muito que eu tente, acaba sempre por haver aquele bloqueio, aquele tabu. Por exemplo, já aceito que a namorada do David durma lá em casa. Pronto, aceito. Não tenho qualquer problema deles lá estarem em casa porque... não vou dizer que queria assim tanto a liberdade porque hoje as jovens acho que têm liberdade a mais, acho que devia haver assim um meio termo, não é... porque acho que os extremos não são bons. Tem que haver um meio equilíbrio. Só sexo por sexo não... mas pronto. Mas gostava de ser diferente e acho que consegui transmitir esses valores aos meus filhos de uma maneira sábia...

19) Se for necessário, submete os seus planos pessoais às exigências familiares?

Se submeto em que sentido? Já deixei tanta coisa. Sabe que, lá está, de eu ter uma vida tão oprimida o meu pai entendia, mais ele, que eu devia seguir o que eles entendiam e eu adorava o trabalho com as crianças, embora não tivesse tirado o curso de educadora, eu tinha tirado secretariado, mas não me sentia realizada estar a uma secretária. E então a... fui trabalhar com crianças. O meu pai dizia: “ande eu a criar uma filha para andar a limpar o rabo dos filhos dos outros!”, está a ver? E eu fazia o que gostava e depois em prol eu vivia intensamente a minha profissão, depois fiquei com o colégio e... lá está... o meu pai me ajudou, isso é uma longa história... mas reconheço que perdi muita coisa em mim em prol de demonstrar porque eu achava que só eu é que podia. aaaa... que eu era insubstituível. É mentira! Hoje é completamente mentira. Eu trespasssei o colégio com 44 anos porque não tive saúde, tive uma depressão muito grande. Se voltasse atrás, jamais faria a mesma coisa. Eu não ia ao ginásio, que hoje vou todos os dias ao ginásio. Não... aaa... retraía-me de tanta coisa em prol do meu marido e dos meus filhos, tá a ver? Depois era em prol deles e o colégio, eu não queria nunca deixar a mínima coisa ir abaixo para demonstrar ao meu pai que conseguia, que eu era responsável, que... não sei se me estou a fazer entender... E então eu vivi muito em função disso. Quando ele faleceu e quando eu trespasssei o colégio com 44

anos eu tive uma necessidade tonta – tonta! – de ir à campá e dizer “eu trespassei porque eu quis! Porque eu estava doente e não porque eu não era capaz!” Tá a ver, para o meu pai, como chumbei dois anos, não era... não era... pronto, não era capaz. E isso foi-me incutido. Ainda hoje eu tenho muita dificuldade. Eu vinha para aqui, para esta entrevista, e estava com receio. Quando faço as coisas tenho de fazer muito bem, preparar. Então ele fez que fosse extremamente organizada, muito picuinhas. Hoje já estou a tentar. Até com a casa. Eu não saía para deixar aquilo limpo, percebe? Era uma coisa... aaa... eu não vou dizer doentia, mas sufocava-me. Então isso, sim, perdi muitos anos da minha vida, daquilo que queria fazer. E graças ao meu marido eu consegui...aaaa... começar a fazer aquilo que eu adoro e que é pintar. As minhas telas, os meus óleos, as exposições. Eles e os miúdos incentivam-me. E quando eu estava doente com a depressão, quando trespassei o colégio, eu sofri imenso porque abri o colégio com 23 e fui-me extremamente abaixo. Primeiro deixava de ter aquela minha vida, não é?, e estava doente. E aparece um curso de aguarela e os três incentivaram-me: “vai, vai mãe, que tu gostas!” Tá a ver? E isso hoje consigo, embora eu reconheça, aqui para nós, que eu sou muito dependente do meu marido. Eu não sou capaz de vir para Sintra sozinha passear. E gostava. As minhas irmãs são diferentes. E gostava! Mas não consigo mudar! Mas já estou de manhã no ginásio. Sou capaz de estar uma hora, duas horas no ginásio. Já... já fui mais vaidosa que o que sou hoje. Eu era incapaz de sair de qualquer maneira. Hoje já... pronto... Deixei de ser em prol dos filhos, lá está. Vivía para os filhos e para o marido. Era aquela rotina: colégio, casa, marido, filhos, eu vivia para isso, percebe? Eu esqueci-me de mim. Eu esqueci-me. Hoje, se voltasse atrás, faria diferente. E teria tido tempo para mim. Que eu não sou insubstituível, não sou! Ninguém é! Isso é uma loucura. Eu fui mesmo ao fundo, bati fundo, Sofia, por pensar que eu era insubstituível, percebe? Hoje se calhar ainda podia ter o meu colégio se tivesse discernimento de dizer “não! tu tens pessoal competente e faz a tua vida, faz aquilo que gostas e teria sido diferente”. Presentemente estou desempregada, estou em casa, o que é um tormento. É a menopausa e é o estar em casa, que é terrível. Se tivesse tido tempo para mim, hoje teria a minha vida diferente. Teria se calhar o colégio na mesma, tá a ver? Sei lá, olhe... Em solteira pensava só nos meus irmãos, como mais velha, e na minha mãe. Depois casei e tinha que demonstrar que era uma excelente profissional e, aliás, na linha de Sintra fui a empresária mais nova da linha de Sintra.

20) Em casa, que tarefas domésticas costuma fazer?

Todas. Faço todas. Há algumas que eu não gosto muito, mas pronto, mas faço todas. Estou em casa, já estive empregada, né? Presentemente sou eu que faço tudo. Tudo. Agora há umas que eu não gosto muito, limpar o forno, por exemplo, e a chaminé (risos), mas faço tudo. Porque é só o meu marido a trabalhar, né, e isto está difícil, está complicado e depois o que me deixa muito triste, sabe Sofia, é que para trabalhar sou velha e para me reformar sou nova. E eu acho que com 54 anos eu não sou velha. E isso deixa-me um pouco triste porque se eu não arranjo nada eu fico louca e fico um bocado angustiada porque hoje em dia não está fácil. Gostava de trabalhar. O meu tempo passa entre as minhas telas – que não posso abusar demais que é um hobbie muito caro – a casa, vou ao ginásio e os filhotes. E é assim, Sofia.

21) Na sua opinião, casar e ter filhos, constituir uma família, é importante para uma pessoa ser feliz?

(...) O casar? Se for, se for... por exemplo, para mim a realização... eu vou falar por mim. Eu tinha que ser mãe. Eu tinha que passar aquele amor que eu sentia... para já eu amo as crianças. Para mim, crianças e a natureza, sou extremamente apaixonado... louca! E eu adorava ter filhos. Aliás, eu casei e quis logo... para já já tinha 26 anos, né... Mas eu acho que a mulher tem que se realizar. Primeiro tem que pensar nela. Ver se é isso que ela quer. Agora, dizer porque é um padrão nós mulheres casarmos e termos os nossos filhos, não. Acho que temos que ver se realmente é essa a nossa vontade. Se isso nos faz feliz, o ser mãe. Porque acho que o ser mãe é das coisas mais... acho não, tenho a certeza que o ser mãe, para mim, lá está... é a coisa mais bela que me aconteceu na minha vida. Era... eu adorava passar, transmitir aos meus filhos o meu amor, criá-los e aquilo tudo. Mas era, era aquele meu instinto. A... pronto, claro que tinha de passar por casar. Mas casar por casar eu não casava. Lá está, tinha que haver amor. Agora, casar para fugir de casa dos meus pais isso eu teria feito muito antes, percebe? E não o fiz. Pronto, houve vários pretendentes atrás de mim, que eram amigos do meu pai, e eu fugia a sete pés porque para mim não. Também eles nunca... nunca... nunca tentaram arranjar casamentos. Isso era uma coisa que eu louvava neles. Acho que hoje em dia a mulher, mais do que nunca, tem de pensar primeiro se é isso que ela quer, se é viver uma vida a dois. Porque não é fácil. Não é fácil, Sofia! Há dias em que estamos menos bem mas, lá está, com o diálogo, com a compreensão, aaa... temos que dar um espaço um ao outro. E acho que é extremamente importante. Agora, ter filhos só por ter, não.

22) Acredita no amor “até que a morte nos separe”? Porquê?

(Risos). Presentemente, que dizer, até ao dia de hoje, com o meu marido sim mas, até que a morte nos separe, sei lá... a vida dá tantas voltas. Eu acredito! Acredito porque amo o meu marido, né, (olhe, ele está a apanhar sol vai ficar com a careca vermelha (risos)) mas... não sei! Acho que sim, Sofia, acho que o amor... agora sei lá. Penso que sim, acredito!

HOMEM 4 (H4)

Idade: 57 anos

Estado civil: casado

Habilitações literárias: curso médio (antigo curso industrial)

Profissão: técnico de telecomunicações / formador na área de eletricidade e telecomunicações

Relevância para estas entrevistas: casado com M4 há 28 anos, depois de namorarem 4 anos

1) O que é, para si, o amor?

O que é para mim o amor. Uma pergunta interessante que se calhar nunca, nunca encontrei uma definição correta. Para mim o amor é acima de tudo... aaa... sentirmo-nos bem na presença de alguém... aaa... termos qualquer coisa que nos diz que aquela pessoa nos completa. Aquilo que nos falta, que me falta a mim a outra parte completa. Sei lá, ser diferente quando ela está ou quando não está... aaa... Para mim é também um desafio, uma conquista que eu procuro ou que tenho procurado ao longo dos anos que já lá vão... aaa. Estar sempre naquela tentativa de conquistar a outra pessoa. Ou seja, eu acho que para mim a outra pessoa ainda não está conquistada, estou sempre a tentar ver se a consigo conquistar e acho que se calhar nunca vou conseguir conquistá-la. Aaa... o amor... o amor é um estado de... não é, não é o céu. Aaa... pode-se dizer que é o purgatório, não é. Que se deve respeitar e deve-se tentar manter... e que se algum dia vier a tornar-se o inferno aí é que deveremos tentar dissolvê-lo. Mas... poderia descrevê-lo como outras coisas, sei lá, como um quadro bonito que se pinta, com muito laranja e muito azul, que são as cores que eu gosto mais. E é um estado permanente de graça, de alegria, de casa cheia, com coisas às vezes também menos boas, mas que... com alguma tentativa de sabedoria se vai tentando sempre dar a volta e procurar resolver da melhor forma, quando se gosta! Não sei se poderei descrever muito mais, senão estávamos aqui meia hora a tentar descrever o amor e a tentar encontrar definições para aquilo que eu acho que é o amor. Acho que nunca me tinham perguntado o que é o amor para mim.

2) Como sabe que está a amar e não que está apaixonado? Como se comporta o seu corpo?

Que sinais dá o corpo? Aaaa.... O corpo dá sinais, dá sinais de... continua a dar... às vezes quase de uma insegurança. Às vezes sinto-me quase inseguro... “bem, estou com... estou com postura, estou penteado, estou...sei lá... que estou atraente? Será que ela gosta de mim mais barbeado ou menos barbeado...” O corpo dá sinais, dá sinais. E eu acho que essa é... é assim... eu acho que essa é... pronto, não quer dizer que... que... que o físico esteja sempre em primeiro lugar, lógico que não está, mas também não me venham cá dizer que o físico não tem importância porque tem. Uma relação física tem muita importância. Agora, quando se conseguem casar bem essas duas situações, sentir o físico e sentir depois, tentar perceber aquela pessoa que está por trás do físico, aquela pessoa que é diferente das outras pessoas que nós conhecemos... sei lá... é muito bom. Agora, que sinais é que o corpo dá? Dá, o corpo dá sinais. Às vezes ainda cor, se for preciso... aaa... acho que isto é paixão. O amor vem se calhar... o amor se calhar vem depois. Acho que a paixão, aquela coisa que nos apaixona à primeira se calhar é algo que quer nós queiramos quer não que nos ultrapassa. Quer dizer, nós quando vemos alguém dizemos assim: “é aquela!” ou “é aquele!” e isso, acho que isso é paixão. O amor vem depois, acho que vem depois. E acho que há muitos casais que conseguem ao longo das suas relações acabar por se entender bem e por construir relações às vezes sólidas com base no amor que eles foram conquistando ao longo do tempo, mas eu acho que essencialmente a primeira coisa que eles sentiram foi uma paixão. Qualquer coisa que os atraiu de imediato. Que se calhar começa, eventualmente, não vamos estar a tentar ser cínicos, se calhar começa pelo físico.

3) Já alguma vez amou?

Eu já amei muitas vezes porque é assim...aaa... eu acho que se constrói uma relação de amor quando nós somos confrontados com questões complicadas que a vida nos depara. Com problemas matemáticos que a vida nos põe à frente. Obstáculos, algo que nós às vezes temos de conseguir ultrapassar. Aaa... principalmente quando nos toca... aaa... quando há filhos pelo meio...aaa... principalmente quando há filhos pelo meio. Não quer dizer que

não possa acontecer com qualquer outro ente querido, mas principalmente com os filhos e eu no meu caso já tive experiências que me fizeram refletir muito sobre o que na realidade é ou qual é o verdadeiro sentido de amar o outro. Pois aí já não há paixão nem há o físico. Há, realmente, o amor que é assente numa relação de muita... Eu, por exemplo, eu considero – ela pode considerar isso ou não – eu por exemplo não tenho muitas amigas, mas tenho algumas amigas, boas amigas, felizmente, tal como tenho também bons amigos, aaa, mas a minha mulher é a minha melhor amiga. Portanto, eu acho que se algum dia – espero que não – mas se algum dia acontecesse e que nós nos separássemos... aaa... eu acho que a minha mulher ia continuar a ser a minha melhor amiga porque tivemos muitas coisas, fomos cúmplices de muitas coisas... aaa... passámos bocados muito bons e bocados também maus... aaa.. e conseguimos ultrapassá-los, conseguimos vencê-los os dois... aaa... sei lá, abraçados, ouvindo um atentamente o outro, aaa, sei lá, acho que já senti muitas vezes o amor. Aí sente-se o amor. Quando às vezes estava longe dela – e algumas vezes estive longe dela por motivo profissional e assim – senti isso, sentia que faltava ali qualquer coisa. Já senti, felizmente, ao longo destes anos, muita paixão, ainda hoje sinto, muita atração, mas também já senti muitas vezes o amor.

4) Que características tem de ter a outra pessoa para que a consiga amar?

Engraçado. Quais são as características?... Olhe... aaa... acima de tudo ser uma boa companheira... aaa... ser a outra pessoa com quem se pode desabafar, por fazer ver às vezes certas situações que eu nunca me tinha passado pela cabeça que realmente aquele é que era o caminho certo e não aquele que eu tentava levar. Aaa... por ser o ombro, no meu caso pessoal por ser uma mãe como eu nunca conheci outra, nem a minha própria mãe. Por muito que eu adorasse a minha mãe, a minha mãe era uma mulher fantástica. Foi – e continua a ser – mas foi uma grande educadora pelos dois filhos que tenho hoje. Confidente, companheira, o ombro... aaa... a pessoa com quem se pode brincar. Quando ela sorri, o sorriso dela é para mim qualquer coisa de magnético. Aaa... é uma excelente cozinheira (sorriso), o que é que eu posso dizer mais? Puxa para a frente. Por exemplo, eu hoje – hoje não, desde 2007 – mas se eu hoje estou na formação devo-o a ela... aa... sei lá. É o garante quase não direi de uma instituição, mas é uma mulher de família, é uma mulher que consegue à volta dela criar um espírito de família muito grande e de transmitir isso aos mais novos. É tudo.

5) Reconhece essas características em si ou em alguém do seu passado (seja familiar ou antigo relacionamento)?

Curiosamente não. Aaa... nem mesmo a parte dos meus pais, eu tenho irmãos, felizmente, tenho duas irmãs também, não sou filho único, mas eu penso que ela tem, se calhar foi isso que me apaixonou nela também. Eu acho que ela tem características que para mim são únicas. Tem defeitos, como eu também os tenho, toda a gente os tem, mas tem características que são únicas que eu não as identifico nem mesmo na própria mãe dela. Eu acho que a minha mulher é um... é um... eu acho que a minha mulher, é assim, é uma pessoa que... eu acho que todos nós vimos – não sei se se pode dizer assim, mas pronto – eu acho que todos nós vimos de alguma forma com alguma missão, se é que se pode acreditar nisso. E ela realizou a missão dela, em parte, na fase em que ela foi educadora... aa... e acho que ela continua a ter uma missão. Eu acho que a missão dela de ser mãe, esposa e boa filha que é... aa... ela tem uma vontade às vezes quase que se prejudica a ela própria. Tem uma vontade sempre muito grande de fazer com que os outros se reconciliem. Ela preocupa-se muito com o estado dos irmãos, tem uma preocupação que não é muito comum ver-se. Eu, por exemplo, não vejo isso nas irmãs dela. Eu vejo características na minha mulher que para mim são quase únicas, são próprias dela. E isso apaixona-me. Continua-me a apaixonar. Eu, por exemplo, eu continuo como se – pronto, já tenho idade para ter juízo que já tenho quase 60 anos, mas pronto – é como eu disse à bocado, eu não consigo conquistar a minha mulher... e isso leva-me a um esforço às vezes um bocado de tentar conciliar o trabalho, o chegar à noite e dizer “olha, vamos ao cinema, vamos ver aquele filme” e ela às vezes diz “ah, estou cansada, tenho isto para fazer, tenho aquilo, tenho assim”, mas eu sinto necessidade disso. Às vezes não sei agradar bem porque também não sei... por exemplo há homens que têm, que conhecem, têm um conhecimento de como é que vou agradar e tal, então vão fazer isto, fazer aquilo, são capazes de ler, de comprar aquele tipo de flores e não sei quê, eu não tenho muito jeito para essas coisas. Mas sinto que a quero ainda conquistar. Ainda ando a tentar conquistá-la.

6) Qual foi a maior “loucura” que já fez por amor?

A maior loucura que já fiz por amor? Você só faz perguntas interessantes... e pertinentes. A maior loucura que eu fiz por amor... sei lá... mascarar-me de mulher talvez um dia. Os meus filhos até ficaram um bocado aborrecidos comigo. Era uma festa de Carnaval... acho que foi isso... custou-me um bocado. Fizemos um pequeno teatrinho. A maior loucura acho que foi essa. Agora, do ponto de vista de tentar-lhe agradar, se é por aí que queria ir, aaa...

já fizemos tantas coisas. Passeios, coisas assim do estilo “arranja-te que vamos sair”. Vamos para aonde? Vamos, vamos lá, vamos a Lisboa. Chegámos ao aeroporto sem saber para onde é que íamos. Fomos para Londres, Paris, Madeira... Acho que nunca cometi assim nenhum ato louco do estilo de pedir-lhe a mão assim, quando fizemos anos de casados ou assim. Acho que isso nunca fiz.

7) Como é que demonstra ao seu/sua companheir@ que @ ama?

No dia-a-dia, às vezes ter... tenho que ir buscar... é assim: eu acho, como eu disse há bocado...aaaa... vamos lá ver, o viver a dois eu acho que é um ato constante, é um ato diário de inteligência e paciência, que esgota-se. Mas se calhar o melhor, a melhor prova que eu lhe dou é... ok, pronto, está bem, tens razão, então ficamos assim e quando estiveres mais calma a gente volta a falar sobre o assunto. Pronto, e ficamos assim, ficamos amigos, aaa... continuo a partilhar com ela as minhas atividades do dia-a-dia, depois às vezes na cama a gente conversa. Quantas vezes, no outro dia estava “vamos lá, vamos conversar sobre aquilo que se passou ontem”. Pronto, e é assim que a gente se vai entendendo. Sempre com muita preocupação – foi com muita preocupação – embora hoje ainda tenhamos o mais novo em casa, que só tem 22 anos, mas sempre com muita preocupação sempre com os filhos, que nunca fossem prejudicados com algum diálogo mais aquecido, também surge sempre ao longo dos anos. Mas eu penso que a maior prova que eu lhe dou é essa e ela para mim também, é uma grande dose às vezes de tolerância que é preciso ter. Porque as pessoas vão, e as senhoras então, as capacidades vão evoluindo, as pessoas vão começando a ficar com problemas que começam a afetar física e psicologicamente, as menopausas que vão chegando, às vezes o sentir-se, no caso dela agora, um pouco só. Pronto, embora ela tente conciliar isso com as atividades dela, com a pintura e com o ginásio e não sei quê, mas realmente há momentos em que ela é capaz de se sentir um pouco só. Mas acho que a melhor prova que eu lhe dou é essa, é tentar às vezes... às vezes venho farto dos adultos lá da formação, mas ok, pronto, e lá arranjo uma paciência não diria infinita, mas uma boa dose de paciência para poder ultrapassar essas questões. Acho que isso é uma grande prova de amor. E depois à noite dar-lhe um beijo antes de dormirmos, a gente não, não adormecemos sem nos abraçarmos. Não conseguimos estar muito tempo sem nos abraçarmos. Acho que isso é um exercício diário.

8) Consegue separar sexo de amor? Para si, o que os distingue?

Aaa... consigo separar... quer dizer, vamos lá ver, volto a dizer outra vez: quando nós conseguimos casar o sexo com o amor é o ideal. Agora, eu consigo separar o sexo do amor, isso consigo. E também consigo perceber que... aaa... às vezes o outro... aa... procura dentro do grande amor que tem pelo seu parceiro ou pela sua parceira... aaa... pode tentar digamos que enquadrar bem ou fazer com que a moldura saia bem enquadrada no desenho que se pretende pintar. Consigo separar porque, é assim, eu entendo que a mulher, tal como o homem, neste caso, para haver um sexo, para haver sexo, para haver prazer, para haver amor tem que... tem que se completar os dois. E às vezes é necessário também que um entenda o estado do outro. E que não o veja como alguém que está obrigado a. Ou que tenha que ser exigido a. Aí acaba por surgir o amor: “mas porque é que hoje hei-de estar a chateá-la se eu sei que ela hoje não está bem, sei que ela hoje não quer, sei que ela hoje não é o dia dela. Mas porque é que eu hei-de estar a ser egoísta? Porque é que hei-de ter eu e não ter ela? Não. Se tu não tens eu também não tenho o direito de ter.” E aí acho que surge o amor. E é isso que faz separar o sexo do amor. Quando nós conseguimos casar isso, quando é do estilo “olha, hoje é a minha tarde de folga, vamos almoçar e dormir a sesta”, é muito bom, é muito bom. E isso acontece.

9) Quando ama alguém, é fiel a essa pessoa?

Olhe, isso para mim é um dos meus problemas graves porque eu normalmente envolvo-me muito. Eu tenho um feitio que... eu para já sou uma pessoa muito sensível. Sei que sou e não consigo evitá-lo. Às vezes as minhas colegas dizem mesmo “eh pá, és tão sensível, pá!” Pois, pois sou, o que é que hei-de fazer? Não posso evitar. E mesmo ela também diz a mesma coisa. E portanto eu dou tudo de mim às pessoas. Quando me envolvo dou e depois às vezes qualquer coisa me magoa... aaa... e isso é algo que, pronto, me fragiliza porque eu estou sempre à espera que... engraçado, se calhar eu devia dar e não estar à espera que os outros me dessem igual, mas tenho isso por defeito. Quando dou estou sempre à espera que me deem de volta a mesma coisa. E quando isso não acontece saio magoado. Mas por outro lado, também, como felizmente me sinto uma pessoa bastante extrovertida, muito empática e pronto, acabo sempre por dar a volta por cima e conseguir perceber “não, pera aí, isto não é assim...aaa... reage... realmente estás a ser... aaa... estás-me a ficar pieguinhas, deixa-te dessa e parte para outra” e consigo sair disso. Mas com facilidade me magoo, sou magoado, principalmente por aqueles a quem eu me entreguei. Até mesmo no meu dia-a-dia, na relação com os meus colegas. Até com um formando isso

pode acontecer. Às vezes estamos meses a dar formação às pessoas e depois... enfim... no final às vezes recebemos assim alguma coisa que não estávamos à espera. Eu fico um bocado magoado com isso.

10) Homens e mulheres têm necessidades diferentes ao nível dos afetos? Quais?

Entendo que não. Eu acho que todo o ser, a mulher e o homem, no fundo todos eles procuram... bem, têm características que do ponto de vista, logicamente até psicológico, acabam por ser diferentes, mas acho que tanto a mulher como o homem o que querem é ser feliz, quer é ser amado, quer é ser mimado. Quem é que não gosta de ser mimado? Quer ser estimado... aaa... no fundo eu acho que... não vejo diferenças, aí. Não vejo diferenças. Acho que tanto o homem como a mulher, cada um com as suas características, o homem tente talvez ser um bocado machão e não sei quê, mas no fundo às vezes é mais frágil, mais fraco que a mulher. E quererá ser tanto mimado como a mulher e quererá ser tanto amado como a mulher quer.

11) Houve grandes mudanças nos últimos anos na vida das mulheres. Como as encara?

Fico muito feliz. Eu já... eu... eu vou-lhe ser muito... nós não nos conhecemos, mas é assim: eu sou uma pessoa que se vir uma mulher a pilotar um avião ou se vir uma senhora a conduzir um comboio ou um elétrico da Carris, emocionou-me porque fico feliz. Acho que... Para já eu acho que a mulher é um ser humano fantástico – você pode não ser (risos) – mas acho que a mulher é um ser humano fantástico, acho que a mulher, sei lá, se for percebida a mulher é um ser humano fantástico. Eu costumo dizer isto que as mulheres às vezes não sabem é bem o valor que têm porque se as mulheres soubessem o valor que têm, eventualmente se calhar o mundo era governado por mulheres. E eu não me chateava nada. Portanto, eu acho e fico muito contente e muito feliz por ver hoje as mulheres a poderem votar, a poderem ser comandantes de uma... sei lá... de uma esquadra de polícia... aaa... a estarem à frente de uma Assembleia da República. Eu próprio, durante muitos anos, numa empresa onde estive cheguei a ter uma vez uma senhora que me chefiou, que eu adorei. E não tinha problemas nenhuma se hoje...a... aliás, eu hoje, lá no instituto, no IEF, tenho uma senhora mas pronto, tem uma figura um bocado mais, não é uma figura muito relevante. Mas fico muito feliz pelas mulheres hoje o lugar onde elas estão. E só tenho pena que ainda se continue a fazer alguma discriminação em certos setores relativamente à nomeação das mulheres para cargos disto, daquilo e daqueloutro. Mas eu adoro as mulheres. Acho que as mulheres são a coisa mais... aliás, eu não tenho ainda netinhos, se tivesse acho que a melhor coisa que podia ter era uma netinha. E, de preferência, que fosse parecida com a minha mulher.

12) Na sua opinião, o que podem os homens fazer para acompanhar esta mudança?

Dar-lhes mais tempo. Aaaa... eu não gosto do termo ajudar... partilhar mais com elas, sei lá. Aaaa... se elas tiverem que ter reuniões ou tiverem que ter congressos ou tiverem isto ou tiverem aquilo e se houver filhos – que deve haver, acho que não é por isso que não deve haver – partilhar mais com elas. Ok, tens congresso, porreiro, fico com as meninas ou com os meninos, a gente vamos sair, vamos, vamos jantar a qualquer lado ou eu faço o jantar ou fica à vontade, vai descansada. Portanto, dar-lhes espaço. Dar-lhes espaço, dar-lhes tempo para pensar, compreender as suas atividades, as suas, os seus cargos que possam ocupar ou as posições que possam ocupar nas suas profissões. Ter muita confiança nelas. Dar-lhes espaço, no fundo, para elas exercerem a sua atividade, a sua profissão. Tal como elas também nos procuram dar a nós.

13) Como reage/reagiria quando se sente rejeitad@ / traíd@ pela pessoa que ama?

Eh, quer dizer... Para já não quero pensar nisso porque tenho muita confiança na mulher que tenho, mas se isso acontecesse... aaa... teria que entender o porquê. Porque é assim, eu não sou nenhum Omar Sharif nem nenhum Alain Delon. Se ela me traísse lá teria tido as suas razões. E se estivesse no seu pleno estado de consciência, se não estivesse embriagada, teria que haver uma razão para ela o fazer. Só tinha que o entender. Ia-me custar muito, mas não me ia mandar de um sétimo andar abaixo nem meter a cabeça debaixo de um comboio, mas ia-me custar muito. Ia chorar com certeza muito, ia tentar perceber porquê, também estou certo que ela me iria com certeza explicar o porquê, não é, e havia de ter as razões dela fortes. Portanto, só tinha que... ia chorar, chorar, chorar como quando alguém perde alguém, morre alguém, mas depois tinha que me resignar. Não ia deixar de comer, não ia deixar de trabalhar, ia chorar com certeza muito, ia deixar de dormir durante alguns dias... aaa... mas ia andar por aí. E poderei vir a andar um dia, se ela... ela está cada vez mais bonita e eu estou cada vez mais velho, por isso nunca se sabe (sorriso).

14) Acha possível amar mais do que uma pessoa em simultâneo? Porquê?

Hmmm... Como nunca fui assediado nem nunca... é curioso, trabalhei numa empresa... posso dizer o nome? Trabalhei numa empresa como foi a Portugal Telecom durante 35 anos e, portanto, coabitava com todo o género e

cheguei a chefiar, tive senhoras nas minhas equipas de trabalho e sempre as respeitei e nunca houve nenhum sinal, digamos assim, que me pudesse levar a pensar o contrário. Agora, essa questão que me põe, não, acho que não. Seguramente não. porque pode-se ter, vamos lá ver, pode-se ter um rasgo qualquer, tanto pode acontecer ao homem como á mulher, pode-se ter um rasgo qualquer de um deslumbre, de uma paixoneta qualquer que apareça de momento, mas quase de certeza que quando se ama alguém verdadeiramente não se consegue trair o outro. Porque, sei lá, isso é como quase que nós deixarmos que nos cortem um braço ou uma perna. Eu considero... aa... a minha mulher é uma extensão minha. Nem que seja parte da minha cabeça. Aaa... portanto eu acho que não, acho que isso nunca conseguiria. E tenho a capacidade de conseguir, porque tenho colegas, tenho senhoras que ainda hoje trabalham comigo, tenho a capacidade também de perceber onde é que pára a amizade e onde é que começa já o outro lado e, portanto, até à data isso nunca... nunca me tocou à porta. Eu espero que não venha a tocar, mas tenho a certeza absoluta que se isso me tocasse à porta não iria hesitar entre a relação que tenho e a hipótese fugaz de poder ter a tentação de me enrolar com alguém. Não me acredito. Por muito homem que seja, não faz parte do meu código genético, nem dos meus valores nem daquilo que me foi legado para poder fazer algo. Acho que, acima de tudo, uma relação tem que assentar numa grande dose de confiança. Eu poderia... a minha mulher neste momento não tem profissão e se me dissesse “olha, amanhã tenho que ir para um congresso no Brasil”, eu tinha confiança nela. Tenho a certeza que ela iria para o Brasil uma semana ou o tempo que lá estivesse sozinha e não me iria trair. Se isso acontecesse, também teria os seus motivos para o fazer.

15) O que @ atrai mais n@ seu/sua companheir@?

O que é que me atrai mais nela? Tanta coisa! O sorriso dela, a voz, aaa... para não dizer o corpo dela. As qualidades que ela tem como uma mulher que tem sempre também aquela, digamos, aquela vontade de querer sempre agradar. Agradar em todos os aspetos. Agradar a maneira como prepara um prato, como faz um bolo, o carinho que ela põe numa roupa que escolhe ou que compra. Por exemplo, eu tenho um defeito muito grande. Os meus filhos já não, então este mais novo tem um gosto terrível. Eu não tenho gosto nenhum para escolher roupa! Nunca sei quando é que uma camisa dá com uma gravata, quando é que os sapatos dão com as calças ou assim e até hoje eu tenho sempre a roupa... quando estava na PT e tinha um cargo como tive na altura, ela tinha sempre o cuidado no outro dia, tinha sempre o fato certo, a gravata certa, a camisa certa... aaa.... Sei lá. Eu acho que... não diria que tuuuudo me agrada nela, mas quase tudo me agrada nela. E quando às vezes acontece qualquer coisa que faz transbordar o prato, normalmente é sempre por situações que são exteriores à nossa relação. É algo que entra em nossa casa, que faz espoletar isto ou aquilo, ou por uma inveja ou por um ciúme ou por um mal-entendido. Sem sermos muito fechados, nós temos um mundo muito próprio. Somos muito cúmplices. A primeira coisa que me agradou nela quando a conheci foi as costas dela. Eu vi-a de costas, ela ia levar a avó dela, e achei aquelas costas muito bonitas. Sei lá, tanta coisa que me agrada nela.

16) Numa relação longa, o sexo continua a ser a componente mais importante? Se não, qual é a componente que considera mais importante na sua relação?

Não. Mas é importante. Mas não é a mais importante. A mais importante é precisamente o amor e a relação que nós conseguimos cimentar ao longo destes anos, senão a gente não estávamos juntos. Porque o sexo vem e vai. ... Como eu digo, às vezes é muita bom. Por exemplo, hoje não aconteceu tanto porque viemos para aqui, senão tinha acontecido. É muita bom, mas não é o principal. Eu acho que nesta altura deve continuar enquanto nós fisicamente pudermos porque eu ainda consigo continuar a fazer com que me sinta atraído por ela, independentemente de ela hoje não ser a jovenzinha que era quando eu a conheci, que era... pronto... tinha a figura que tinha. Mas não é o principal, hoje não. Hoje é, acho que aquilo que nos une é o que fomos construindo ao longo do tempo. E precisamente porque passámos dificuldades, porque tivemos que ultrapassar obstáculos, tivemos que chorar juntos, tivemos que lutar juntos, tivemos que contar os tostões juntos, tivemos que esbanjar às vezes também juntos. E portanto é isso que hoje nos faz, é isso que hoje nos mantém juntos. Acho que se fosse só o sexo, não estávamos juntos. Isso o sexo, hoje, não sei se feliz ou infelizmente, quase que está ao virar da noite, para não dizer ao virar da esquina. Mas ao virar da noite está seguramente. Sexo só não tem quem não o procura.

17) Reconhece, no seu comportamento perante o amor, crenças e padrões que lhe foram incutidos pela educação?

Aaaa... olhe, é assim, curiosamente só, se é só, entre aspas, só talvez a fidelidade a capacidade e podermos saber ouvir o outro, que era algo que eu recordo com alguma saudade dos meus pais. Portanto, a tolerância,

essencialmente isso. O ter a capacidade de saber ouvir o outro. A minha mãe... quando se vem muito cansado de indicadores, de reuniões, disto, de problemas, temos de ter a capacidade, se a outra parte quer desabafar, quer falar, quer-se fazer ouvir, acho que devemos ouvir. E essa capacidade de saber ouvir o outro ou de ter a dose de paciência necessária para saber ouvir o outro, acho que isso foi-me legado, foi com certeza legado pelos meus pais, para além da fidelidade.

18) Sente-se confortável com eles ou gostaria que tivesse sido diferente?

Sinto-me confortável porque acho que, quer dizer, é assim, eu tentei fazer o mesmo aos meus filhos. O mais velho já está na casinha dele, com a sua companheira, o meu mais novo também namora, e eu tentei – nós – tentámos passar também isso. Ainda hoje, se for necessário, chamar a atenção “tens que ouvir a Helga, ela tem lá a sua razão, tem o problema dela, ouve-a primeiro. Ouve-a, ouve-a, ouve-a, ouve-a”. “Ouve-a e depois ouve-a outra vez”. Agora, há aspetos que eu, sei lá, que eu pudesse mudar... Ai, com certeza que sim, se eu pudesse mudar eu mudava. Aliás, eu procuro mudar, eu procuro-me corrigir. Só que às vezes a vida também não permite que nós possamos fazer assim as mudanças. Gostava de poder oferecer uma vida melhor à minha mulher, gostava de poder se calhar mais vezes sair com ela, gostava se calhar de mais vezes irmos almoçar fora ou jantar fora, se calhar gostaria de proporcionar um outro tipo de vivência que ela hoje não tem. Mas a vida também... a vida não está fácil! E isso obriga-nos a uma lista de prioridades que nós às vezes temos que acabar por as seguir e por nos limitar a. Mas sinto-me confortável com a minha maneira de ser, apesar de ter muitos defeitos, tenho montes de defeitos mesmo.

19) Se for necessário, submete os seus planos pessoais às exigências familiares?

Absolutamente. Muitas vezes sou confrontado com isso e submeto porque a família para mim está acima de tudo. Portanto, sim, declaradamente sim!

20) Em casa, que tarefas domésticas costuma fazer?

Olhe...aaa... para não dizer tudo porque a minha mulher tem uma coisa que é: ela procura ser perfeita em tudo o que faz e então tudo o que eu faço nunca é muito perfeito, para não dizer que é imperfeito. Portanto, se eu passar a ferro não é perfeito; se eu lavar o chão.... Se eu lavar não, eu lavo, se eu lavoo chão da cozinha não está bem lavado, se eu faço determinado prato não está muito bem feito... ehh... por exemplo, eu gostaria muito, eu gosto, eu adoro cozinhar, se ela me deixasse cozinhar mais eu não me importava de fazer quase todos os dias, se tivesse tempo, as refeições. Eu gosto tanto de cozinhar. Acho que herdei isso do meu pai. Mas ela não deixa porque é um lugar que ela tem lá que é dela e quando às vezes ela deixa é porque os filhos insistem “oh mãe, deixa lá o pai fazer aquele bacalhau dele e não sei quê”, pronto. Então vá, faz lá e tal. Mas contrariada e com aquela tentativa de supervisionar sempre o que eu estou a fazer, Mas tarefas que eu partilho... oh pá, tudo. Praticamente tudo! Tudo! Lavo, faço a cama, aspiro, se ela deixar cozinhar. Não partilho, embora faça companhia, não partilho muito as compras porque ela acha que eu não faço bem as compras, que não sei escolher bem o peixe ou o bacalhau ou a fruta ou as hortaliças. Porque senão acho que ia ser um dos melhores maridos que se imagina, daqueles que vão ao pingo doce e compram tudo. “Essa alface não foi bem escolhida”, “essa fruta está um bocadinho verde”... mas tirando isso partilho tudo. Não me entendi muito bem ainda com os programas da roupa da máquina, mas tirando isso também. Levanto a loiça, arrumo a loiça. Essencialmente ajudo-a a arrumar e levantar a cozinha, essencialmente quando lá temos muita gente ou quando lá temos os filhos, mas partilho quase tudo.

21) Na sua opinião, casar e ter filhos, constituir uma família, é importante para uma pessoa ser feliz?

Eu considero que é uma via, não quer dizer que seja a única. A pessoa pode-se sentir feliz se tiver outra vocação e por alinhar por outra ideologia, a pessoa pode-se sentir bem por uma outra área que não tenha de ser a área do casamento ou de estar junto, nem de ter filhos. Agora, é seguramente uma via. Eu não conseguia conceber. Hoje é um gozo enorme ver os filhos que tenho, ver a formação que têm, o que eles fazem, o trabalho que desenvolvem, saber os profissionais que eles são.

22) Acredita no amor “até que a morte nos separe”? Porquê?

Aaa... não sei se é até que a morte. Acredito no amor até que algo nos separe. É uma frase muito bonita, muito usada, mas nós não sabemos o dia de amanhã. Temos hoje pessoas que se divorciam – e ainda bem que conseguem fazer isso – mais velhas do que eu. Portanto, acho que o amor é até quando os dois quiserem ou quando haja algo forte que consiga... como eu disse quando nós deixarmos de estar no purgatório e passarmos para o inferno, portanto aí não tem que ser a morte, não é. Portanto, esse chavão eu não acredito muito nele.

Creio que o amor vai existir até que os dois queiram. Até que a relação consiga ter consistência, quando não tiver...

CASAL 5 (C5) – DOS 60 ANOS AOS 70 ANOS

MULHER 5 (M5)

Idade: 60 anos

Estado civil: casada

Habilitações literárias: ???

Profissão: gerente de uma firma de distribuição de gás.

Relevância para estas entrevistas: numa relação com H5 há 40 anos.

1) O que é, para si, o amor?

O amor para mim é a partilha das coisas boas, das coisas más, o entendimento, o respeito mútuo. Pronto, para mim isso é o amor.

2) Como sabe que está a amar e não que está apaixonado? Como se comporta o seu corpo?

Ã... eu acho que a paixão que não nos deixa ser racionais, pensar bem e o amor já nos deixa ter esse pensamento mais lógico. E acho que a paixão é no início aquele pensamento, o não pensar, o não ter muito a noção das coisas. E o amor já não. Acho que é uma partilha de coisas, pronto. E acho que o amor é bonito porque a paixão passa... Eu sinceramente não vejo sinais diferentes do corpo, não. Acho que nesse sentido não... Sei lá, talvez havendo o amor há mais intensidade de viver as coisas, de sentir as coisas. Talvez seja por esse lado, mas pronto, em relação ao corpo não vejo grandes diferenças entre a paixão e o amor. Também temos que ter em conta que, pronto, quando foi a fase da paixão eu tinha 16 anos ou 17 e nessa altura as coisas eram muito diferentes do relacionamento dos namorados, pronto, não havia intimidade, aquela intimidade que há hoje. E essa intimidade adquiria-se antes do casamento e talvez, pronto, aí eu não veja grandes diferenças do que seria isso. Penso que será mais ou menos a mesma coisa.

3) Já alguma vez amou?

(silêncio) ... Se alguma vez amei?! Não, não, eu para mim acho que é amor. O companheirismo penso que se sente de maneira diferente.

4) Que características tem de ter a outra pessoa para que a consiga amar?

(silêncio) Não sei, isso agora é complicado. Eu para mim acho que tem de ter as características que eu encontrei no meu marido, mas se calhar se conhecesse outra pessoa com outras características seria... Isso agora o que é que ele tem... Acho que ele me compreende, me apoia, sinto segurança na companhia dele, estou bem ao pé dele, ele mima-me. Pronto, acho que é isso que lhe posso dizer...

5) Reconhece essas características em si ou em alguém do seu passado (seja familiar ou antigo relacionamento)?

(silêncio) ãa... Talvez. Ele é uma pessoa talvez no... vamos lá ver no sentido... eu digo que ele gosta de mim, que me protege, e o meu pai seria um bocado assim em relação à minha mãe também. E talvez seja uma característica que eu acho parecida com o meu pai, não sei...

6) Qual foi a maior “loucura” que já fez por amor?

(silêncio) A maior loucura que já fiz por amor... isso agora é complicado, não sei, sinceramente (risos). Não me recordo... Sei lá, nunca, pronto não tive problemas em... na altura quando comecei a namorar é como digo, os tempos eram outros, como digo, há 42 anos atrás em que tudo era totalmente diferente do que é hoje, eu era nova, era filha única, o meu pai era muito protetor, mas muito amigo da filha, pronto, não era um pai duro mas quando eu comecei a namorar ele reagiu um bocado mal e pronto, aí talvez eu pensasse que se ele não me deixasse ir para a frente eu iria embora. Mas pronto, isso não aconteceu.

7) Como é que demonstra ao seu/sua companheir@ que @ ama?

Eu acho que não lhe demonstro, que as coisas acontecem. E acho que acontecem normalmente, pronto, quando ele... ou se está doente, o carinho ou se estou preocupada com ele e isso acontece normalmente. E ele é que terá de sentir... pronto, nós damos e a outra pessoa é que sente o que estamos a dar. O que faço não é com o intuito de demonstrar. Que acho que no fim destes anos todos as coisas estão sentidas. E acho que à medida que os

anos passam vai-se ficando cada vez mais, mais ligado. Quando as pessoas se dão bem vai-se ficando cada vez mais ligado. E acho que quando há amor acho que é bonito.

8) Consegue separar sexo de amor? Para si, o que os distingue?
Não! Não. Não vejo uma coisa sem a outra.

9) Quando ama alguém, é fiel a essa pessoa?
Sou.

10) Homens e mulheres têm necessidades diferentes ao nível dos afetos? Quais?
Penso que não... acho que, pronto, os homens são capazes de ser mais volúveis, mais tendência para a aventura... talvez... mas pronto, mas penso que quando há o amor e há a partilha em casa que mesmo que haja essa tendência para a aventura também pode haver e passar. Em termos de precisar de amor e carinho, acho que é igual para os dois sexos. O homem também tem necessidade de ter carinho e de ser acarinhado e de ser amado, assim como as mulheres também, claro.

11) Houve grandes mudanças nos últimos anos na vida das mulheres. Como as encara?
Encaro bem, acho que as mulheres foram umas lutadoras e são umas heroínas neste processo todo, acho que realmente elas são umas heroínas que conseguiram lutar por ter mais igualdade que os homens e conseguiram-nos mentalizar que tinha de ser assim. O homem não estava mentalizado para isso. Foi difícil, por isso acho que elas são as heroínas neste processo todo. Eles também, que se adaptaram, não é, mas elas, claro, foram as principais.

12) Na sua opinião, o que podem os homens fazer para acompanhar esta mudança?
Eu acho que eles vão-se adaptando e com o tempo... penso que os homens hoje já estão adaptados a tudo. Eu acho que sim, que têm acompanhado, inclusivamente no meu caso, pronto, que de início o meu marido, pronto, era uma pessoa, chegava a casa, lia o seu jornal, brincava com a filha quando ela era pequenina, e isso era uma realidade, e eu fazia o jantar, tratava das coisas da casa. Ele entretinha a menina, que já muitos homens não faziam isso, pronto, muitos homens não faziam isso, mas isso ele tudo fez, dava biberões, mudava fraldas, pronto, acho que em relação à filha foi um homem igual ao que todos os homens fazem hoje. Em relação aos trabalhos de casa, realmente era com a mulher e hoje já não, já faz tudo como eu faço, não tem esses problemas, pronto, adaptou-se e acompanhou, acho que ele acompanhou, vai modernizando com o tempo.

13) Como reage/reagiria quando se sente rejeitad@ / traíd@ pela pessoa que ama?
... Se me apercebesse que era uma coisa séria e, pronto, e que durava, pois as coisas tinham que ter um fim, muito me iria custar, mas não queria assim uma pessoa. Se me apercebesse que era uma aventura, até fazia por não perceber. Eu penso que refletia bem no assunto, podia falar com uma amiga e depois, pronto, esclarecia as coisas, como digo se percebesse que era uma coisa que estava a afetar a casa e me parecia séria. Se só ouvisse falar, nem sabia nem queria saber, bom desde que não afetasse o ambiente e o relacionamento, e desde que fosse uma coisa passageira, pronto, não era hoje uma aventura e para o ano outra, isso são coisas diferentes.

14) Acha possível amar mais do que uma pessoa em simultâneo? Porquê?
... Eu penso que não, mas não sei, isso aí já não sei porque nós não mandamos no coração e acho que isso que é capaz de poder acontecer e aí as coisas já são complicadas. Tem de se tomar decisões. Comigo nunca aconteceu. Mas acredito que possa acontecer.

15) O que @ atrai mais n@ seu/sua companheir@?
Acho que também não tem qualidades que não encontre noutras pessoas (risos). Acho que aí já não... acho que não seja também um super... Tem as suas qualidades, tem os seus defeitos, mas não encontro também nada que diga assim "aquilo é único e mais ninguém tem" (risos). Não...

16) Numa relação longa, o sexo continua a ser a componente mais importante? Se não, qual é a componente que considera mais importante na sua relação?
Não! É importante, mas não é a mais importante. Numa relação longa tudo é importante, mas o sexo não é... faz parte, mas não é a mais importante. Tudo é importante: o entendimento... a fidelidade, acho que tudo isso é importante, não vejo que haja nada especificamente mais importante.

17) Reconhece, no seu comportamento perante o amor, crenças e padrões que lhe foram incutidos pela educação?

Não. Não, também não tenho feito o oposto. Vamos lá ver, eu acho que os meus pais foram um casal que foram um exemplo também de amor bonito, dos bancos da escola, hoje se fossem vivos tinham 82 anos. A minha mãe faleceu quase há um ano, o meu pai faleceu há 32, tinha 49 anos, por isso a minha mãe, pronto, teve vinte e tal anos casada, era um amor... foi um amor muito bonito, realmente, mas no entanto acho que foi um amor talvez um bocadinho mais... talvez de posse, a minha mãe sempre foi muito possessiva. Mas foi sempre um amor muito bonito mesmo. Mas acho que houve coisas já que acho que foram posse de mais e isso não faço. Quer dizer, também não digo que o meu casamento que é bom porque sigo determinados padrões. Acho que é bom porque aconteceu.

18) Sente-se confortável com eles ou gostaria que tivesse sido diferente?

Não, não, não, não não. Acho que os meus pais em termos de amor, de se darem bem foi um exemplo. Sempre se deram bem, sempre... foram um exemplo de casal feliz.

19) Se for necessário, submete os seus planos pessoais às exigências familiares?

Sim, sim, submeto, não tenho problemas nenhuns.

20) Em casa, que tarefas domésticas costuma fazer?

Todas (risos). Tudo.

21) Na sua opinião, casar e ter filhos, constituir uma família, é importante para uma pessoa ser feliz?

... áaa... Eu não sei se é fundamental para a felicidade de uma pessoa. Eu acho que é importante, mas no entanto o que é bom para uns pode não ser bom para outros. Eu acho que é importante as pessoas casarem, terem o seu companheiro, terem os seus filhos, constituírem a sua própria vida, mas no entanto também é natural que se possam sentir felizes sozinhas e sem companheiro, pronto, acho que é importante aquilo que nós sentimos. O que não quer dizer que o que é importante para mim seja para outras pessoas e não vejo que seja fundamental para as pessoas se realizarem terem um companheiro. Porque acho que se podem sentir também felizes sem o companheiro. São opções de vida. E acho que a felicidade não passa, a minha, por ser igual à das outras pessoas. Acho que se pode ser feliz sem companheiro e sem filhos. Cada um encontra a felicidade à sua maneira.

22) Acredita no amor “até que a morte nos separe”? Porquê?

Acredito. Acredito, quer dizer, como eu até hoje estou bem acredito no amor até que a morte nos separe. Mas no entanto também não sei. Eu hoje acredito, mas também posso ter uma má experiência e depois dizer que não acredito, mas hoje acredito que o amor é até que a morte nos separe.

HOMEM 5 (H5)

Idade: 68 anos

Estado civil: casado

Habilitações literárias: ???

Profissão: empresário, gerente de uma firma de distribuição de gás.

Relevância para estas entrevistas: numa relação com M5 há 40 anos.

1) O que é, para si, o amor?

O amor... eha lá, isso é um bocado difícil de definir o amor, mas... não sei se é... como é que se chama... se é... se é... uma atracção entre as pessoas, que se tem quando somos mais novos e que se vai prolongando ao longo da vida. E vai... vai durando, vai durando conforme as pessoas. No nosso caso foi melhorando e o amor ainda se mantém. A gente gosta das pessoas, sente-se bem com ela, com o companheiro e, portanto é isso que eu defino como o amor. Pode haver muitas definições, mas esta é... desde que nos sintamos bem e gostamos do nosso companheiro... é isso, mais ou menos isso.

2) Como sabe que está a amar e não que está apaixonado? Como se comporta o seu corpo?

Paixão é diferente, paixão são aquelas coisas... áaa... paixão... uma paixão... eu defino paixão é um amor assim muito... que não, é assim ... passageiro. É mais quando as pessoas são jovens e têm uma paixão e acham que é para toda a vida, amor para toda a vida e depois passados dois ou três meses já não é. Isso acontece a toda a

gente. Quando nós somos jovens temos paixão e achamos “eh, ali está o meu amor...” O amor é diferente. O amor é diferente da paixão. A paixão é aquela coisa que é, que nós achamos que é um amor muito profundo e que depois, passado pouco tempo, vai-se embora. É paixão. O amor não é isso, o amor é... Lá está, a paixão também faz parte da vida. Toda a gente se apaixona. Quando somos jovens parece que estamos apaixonados. Agora, um amor verdadeiro, aquele amor prolongado é diferente. Foi um a que quase depois passa à amizade, ao longo da vida, depois daqueles anos todos... a paixão parece que vai desvanecendo, não é, ao longo da vida. Isso acontece a toda a gente. Mas nós ainda conseguimos, ainda tenho amor pela minha mulher e ela por mim. Ainda não chegámos à fase do companheirismo e ainda bem que assim é. O companheirismo, a pessoa já está... já não tem... pronto... já não tem amor, são amigos. Nada disso. Nós ainda conseguimos ter amor, ainda vamos dar umas voltinhas, tem de ser isso ainda faz parte da vida, enquanto pudermos. Enquanto houver saúde e amor da nossa parte, a coisa vai indo. Quando nós somos jovens queremos tudo, temos paixão, parece que queremos apanhar o nosso amor, a nossa companheira... pronto, há uma química diferente que... que...nós achamos isso, portanto, subconscientemente, que aquilo vai ser melhor, que vai ser, pronto a paixão é mesmo de agarrar a pessoa convictos, é o nosso subconsciente de que ali temos o nosso, um amor para toda a vida, mas não é, normalmente não é. E quanto maior é a paixão, pior é aquela continuidade. Porque normalmente quando a paixão, comigo aconteceu, assim grandes paixões, como eu tenho conhecimento que havia casais que hiiii derrubavam barreiras para conseguir a.. apanhar a sua companheira, estavam apaixonados e passado pouco tempo foi tudo por água abaixo. Comigo não aconteceu muito isso. Pois, vai das pessoas, não é, vai das pessoas, não é... Cada um tem a sua maneira de ser. Comigo foi mais, mais calculado, mais... aquelas paixões de “hi, vai ser a maior, a princesa e tal...Foi tudo mais pensado... e daí que eu só me casei aos 28 anos. Também é um bocado por isso, isto vai da maneira de ser de cada pessoa. Há pessoas que, pronto, têm paixões mas lá está as paixões depois são efémeras. Aquelas pessoas que dizem que as paixões são as maiores, é tudo efémero, depois passa tudo. Comigo não sei, pronto, é diferente. Cada um tem a sua maneira de ser. Não houve aquela paixão “hiii pá!”. Foi tudo mais ou menos programado e tal e conseguimos chegar a esta altura com quase 40 anos de casados e muito bem. Impecável. “Impec”. Ainda vamos dar umas voltinhas, ainda vamos de mini luas de mel. Ainda fazemos isso. De vez em quando vamos espairar numa boa.

3) Já alguma vez amou?

Sim, sim, sim. Isso aí é imprescindível, o amor. Quando eu me casei havia amor. Não era assim: “pá, vamos-nos juntar e tal”. Havia uma atração grande, isso é que era o amor. Não é a paixão. A paixão é diferente de uma atração e que se consegue seguir na vida por aí afora.

4) Que características tem de ter a outra pessoa para que a consiga amar?

Áaaa. Pois, certamente terá que ter as características, as nossas. Tem que ter, tem que, as duas maneiras de ser têm de estar alinhadas, uma e outra. É certo que tem que temos que, há sempre cedências a fazer, não é, não podemos ser “eu é que mando, eu é que faço e tal”. Terá que ser das duas partes. As características terá que ser mais ou menos igual. Porque certamente se a minha mulher também fosse um género dessas paixonetas todas “oi, eu agora estou de paixões, daqui a 4 meses acabo isto tudo e já estou noutra”. Áa portanto, as características eh pá, é mais ou menos como eu digo, tem que... o pensamento tem que ser diferente, não pode... não podemos andar em castelos, viver em castelos. Isso desfaz-se tudo. Temos de ser coerentes, ter bom senso, programar a nossa vida, lutar um e outro, a pulso, e vamos vivendo a vida bem. Se as características forem parecidas, conseguimos. Mesmo assim, não sei. Connosco aconteceu. Temos características parecidas, certamente, e conseguimos viver felizes. Felizes, eu sinto-me feliz, não sei o que é que a minha mulher disse. Mas eu sinto-me feliz com a vida.

5) Reconhece essas características em si ou em alguém do seu passado (seja familiar ou antigo relacionamento)?

Sim, tem muita influência, tem muita influência os nossos pais e a nossa vida naquele tempo. Agora, estes tempos modernos estão todos diferentes. Naquele tempo... não havia as liberdades que há hoje, não é, no meu tempo e no da minha mulher a.. dos nossos pais ainda pior, ainda menos liberdade havia, embora os nossos pais tenham uma característica diferente. Felizmente nos meus pais e nos da minha mulher não, mas havia aqueles casais em que batiam uns nos outros e o homem é que mandava na mulher e hoje não, com nenhum dos nossos pais aconteceu isso. Mas nós temos influência também, né. Também houve influência dos nossos pais. Acabaram juntos a vida toda, até viverem. A minha mãe e a minha sogra ficaram viúvas, mas seguiram a vida tal como nós. Nós também ligamos um bocado a isso, também tem influência. Hoje a juventude não, hoje a juventude está

diferente porque... hoje o casamento... e.. e.. não tem nada que ver com o nosso. Hoje casamo-nos mas depois, daqui a um ano, vamos embora à procura de outra. É muito diferente dos casais do nosso tempo. Não sei o que é que será melhor. Às vezes penso que é melhor. Também lhe digo uma coisa: se as pessoas vivessem num inferno, mais vale mudar. Isso é o que eu digo sempre, que há pessoas, há casais aí do nosso tempo que vivem num inferno, moram na mesma casa e não conseguem ir um para cada lado. Agora nós não, felizmente corre tudo bem. Somos felizes.

6) Qual foi a maior “loucura” que já fez por amor?

A maior loucura? Oh, pá, isso aí agora (risos). Não sei, não sei. Isso aí agora... loucuras por amor. Eu não fui assim muito... não foi... não fui muito de loucuras, não é. Loucuras, paixões e tal, mas não sei se há alguma... hiiii... loucura por amor. No fundo eu também, também tive umas namoradas, né, nas alturas, quando era mais novo, mas depois encontrei a minha mulher, que eu achei que era certinha e tal, e aí fiquei ali à beira. Agora, certamente houve outras loucuras maiores, quando éramos mais novos, antes de casar e tudo, agora a maior, sei lá qual é a maior. Eu sei lá, há tantas que a gente passava. As namoradas, ia namorando com esta ou com aquela, mas, mas pronto, sempre com o sentido de equilibrar a vida de modo a que corresse tudo bem como correu até aqui. O nosso objetivo – o meu! – era ter uma companheira, que fosse feliz com ela e aconteceu.

7) Como é que demonstra ao seu/sua companheir@ que @ ama?

Eh pá! Como é que eu mostro? Com o carinho que lhe dou, com as atitudes que tomo com ela sempre, com a ajuda, interajuda. Pronto é... é um bocado isso... é um bocado... como é que eu demonstro... como é que se demonstra que se gosta dela? Isso é uma pergunta muito... pronto... não é aquela coisa da amizade e tal, não! Gosto muito dela! Levantamo-nos, beijamo-nos, pronto, a vida sexual também já está mais refreada, mas a vida continua e sentimo-nos sempre bem... até ver. Também se não a amasse já não queria saber nada disso, não é. E assim tou, sinto-me bem sempre com ela.

8) Consegue separar sexo de amor? Para si, o que os distingue?

Pronto, o sexo é uma consequência do amor. A gente... para haver amor tem que haver sexo e... e... acho que distinguir... acho que um casal que se ama tem de amar e tem de haver sexo. Pronto, nós ao longo da vida tivemos muito... amámos muito, tivemos sexo, agora já temos menos, pronto já está, já estamos numa fase menos. Mas... se não houver sexo também é capaz de haver amor, é capaz de haver. Mas felizmente nós ainda conseguimos, ainda temos... eu acho que não há distinção, tem que haver sexo quando há um casal com saúde um e outro e que ainda consigam, portanto, acho que é uma consequência. Se não houver sexo é só o companheirismo e anda muita gente assim. No universo todo há-de haver... conheço até casais meus amigos que já não têm sexo há... mais novos do que eu que já não têm há muito tempo e pronto, e são muito amigos. Amigos e não têm sexo, isso tenho eu conhecimento. Isso é, pronto, uma maneira de viver. Eu tenho amigos que ou ficaram impotentes ou... ou... não sei... ou refrearam. E não têm sexo e não têm fora, são só amigos. Mas o amor, se tiver sexo é muito melhor. Agora, deve haver outros que devem refrear com as mulheres... isso aí é capaz de haver... e depois procuram outras. Deve haver muita gente dessa. Porque faltou... parou o amor, ficou o companheirismo só, aquilo é um contrato que têm, somos companheiros, mas o sexo já não há, já não há.

9) Quando ama alguém, é fiel a essa pessoa?

Sou fiel.

10) Homens e mulheres têm necessidades diferentes ao nível dos afetos? Quais?

É capaz de ser um bocadinho, a mulher ter mais necessidades de afetos, é capaz de ter um bocadinho mais necessidade de afetos, é capaz. Não sei, no meu caso noto que a minha mulher tem mais necessidade de afetos, sei lá de carinho, se a beijo e tal fica mais... mais contente, mais feliz não é. Agora comigo também, eu também fico se ela demonstrar carinho também fico a mesma coisa, mas é capaz de ser a mulher a necessitar um bocadinho mais de afetos. A mulher fica mais... com o ego mais em cima se tiver uns carinhos e tal.

11) Houve grandes mudanças nos últimos anos na vida das mulheres. Como as encara?

Eu acho que foi... encaro muito bem! Foi muito melhor, melhor que... porque... a mulher até a uma certa altura, até aos anos 60 ou 70 ou o que é não tinha direitos, não tinha... era submissa, era submissa. O homem é que mandava, ela é que tinha ali que ser submissa ao homem e nada... E agora, com a abertura, com o 25 de Abril e tal, eu tou perfeitamente de acordo com isso. Acho que as mulheres têm o mesmo direito que os homens, sempre. Havia um tabu muito grande que o homem é que mandava tudo e que se ficasse viúvo ia arranjar logo uma mulher

no outro dia e a senhora, se ficasse viúva, tinha de pôr uma coisa preta na cabeça e andava toda de preto e isso é um erro tremendo, isso foi a evolução da mulher nestes últimos anos foi muito bom, foi muito bom para as mulheres! Eu estou de acordo com isso, perfeitamente. Porque sou uma pessoa justa e acho que o homem é que manda e a mulher não manda nada, é uma escrava, não pode ser! O homem é igual à mulher. E.. e... felizmente a mulher também conseguiu evoluir nesse sentido, às vezes algumas demais, demais é ao contrário, o papel oposto. Quer dizer, primeiro critica-se os homens, o homem que manda tudo, depois quando há a rutura a mulher começa... portanto há a rutura e ela já não olha para trás, olha... nãaa, mas aí não concordo. Eu acho que deve haver, são iguais. São iguais! O homem aaa... tanto o homem como a mulher devem fazer uma vida moderna, moderna, não é, e cada um com as suas ideias. Não é cá... Não estou de acordo que cada um ande por aí... a... um casal que se dê bem... tenho esta e agora a minha mulher tem outro. Mas se viverem bem, ou se alguma coisa não correr bem, então se o homem tem direito a procurar outra, também a mulher terá. É igual para mim, estou de acordo com isso, perfeitamente!

12) Na sua opinião, o que podem os homens fazer para acompanhar esta mudança?

É difícil. O que é que eles podem fazer? É terem maior abertura, mas para terem maior abertura têm de ter mais conhecimento, tem que haver mais cultura no homem, tem que haver de tudo. A sociedade está a evoluir, tem que evoluir muito mais porque estas alterações levam muitos anos. Estas alterações na sociedade levam muitos anos! Não é um, dois, três, meia dúzia de anos. Isto leva muitos anos e depende da cultura das pessoas. Eu estou convicto e estou de acordo que cada vez há mais cultura. A sociedade hoje está com mais conhecimento, mais cultura e que os homens estão mais, portanto, aa, já aceitam mais a igualdade entre a mulher. E o que é que o homem há-de fazer? Se houver cultura da pessoa, se houver conhecimento, ele tem que pensar como eu: eh pá! Olha, então, se os homens têm direito as mulheres também têm. É isso, mas tem que haver... Leva muito tempo, as mulheres já evoluíram muito nestes últimos anos, uns 30 ou 40 anos, têm que evoluir mais e os homens também. Nós vemos que hoje em dia os homens já estão a ter mais tarefas. As tarefas de casa já estão mais distribuídas. Eu quando me casei há 40 anos, sabe o que é que eu fazia? Então, nós éramos os dois empregados e a minha mulher vinha do emprego e chegava à noite a casa e fazer o jantar e tudo, tratava da filha, tudo, tudo e eu lia o jornal. Já viu? E depois ela lavava a roupa, passava a roupa, fazia a cama e eu era... era um senhor, não pode ser, isto era erradíssimo! Isto foi mudando, agora nos últimos tempos. Mas eu acho, olhe, da minha experiência e dos meus amigos eu acho que está a mudar na medida em que as pessoas, as pessoas quando vão mais para a idade, lá para os 50 e tais, 60 anos, e quando começam a ir para a reforma, principalmente para a reforma, ajudam mais as mulheres porque até aí não. Quando... quando os dois trabalham, trabalhavam... aa.. não... a mulher trabalhava mais, era um bocado escrava. Fazia e tinha que fazer e tal, mas isso estava instituído, parece que estava instituído na sociedade, hein? Eu e a minha mulher que somos jovens, em 40 anos de casados, há uma diferença abissal entre o nosso relacionamento de quando casámos do que agora. Quer dizer, eu agora ajudo a minha mulher – ainda não ajudo muito! – mas já ajudo, já vou às compras, já, já faço a cama, já ajudo e não fazia nada naquela altura. Parece que estava instituído que a mulher é que tinha de fazer tudo e o homem nada. Hoje não. Hoje já se vê muita gente a fazer o comer, a ajudar a mulher nas tarefas, que eu acho que é fundamental.

13) Como reage/reagiria quando se sente rejeitad@ / traíd@ pela pessoa que ama?

A.. como é que me sentia? Se calhar sentia-me triste, não sei. Não sei, nunca me aconteceu (risos). Pois... olhe, isso é uma pergunta que eu acho que as pessoas, que cada um, reage à sua maneira. Só quando for confrontado com isso, isso aí é quando for. Lá está! Eu posso dizer, posso dizer... é assim, se fosse aqui há 30 ou 40 anos, se me acontecesse isso, aquilo era o pior, era “oh, vai embora, desaparece, vou mas é buscar outra e não sei quê...”. Hoje já não é assim, não é assim, então há tanta gente...a... traído e tal. Quer dizer, hoje o pensamento está diferente, dos homens hoje está diferente. Quer dizer, a mulher, quando era traída pelos homens tinha que se aguentar. “Aguenta-te aí, que agora...” E o homem não, quer dizer, o homem se era traído pela mulher punha-a para fora, punha-a de casa para fora e não sei quê, não falando dos tempos dos anos 40 e não sei quê em que se matavam, não é. Hoje, hoje o homem acho que está mais... hmm... hoje o homem já está, está mais maduro, já... já acha que não vale a pena. Não vale a pena matar-se nem dar cabo da vida, nem nada. Eu não sei como é que eu reagiria, mas... não sei... nesta fase do campeonato, com esta idade, não sei se reagiria muito mal.

14) Acha possível amar mais do que uma pessoa em simultâneo? Porquê?

Não, não.

15) O que @ atrai mais n@ seu/sua companheir@?

O que é que me atrai... então é a maneira de ser dela, é... como uma boa companheira, trabalhadora, incansável... é bonita, pronto, é interessante. Isso também pode ter influência na maneira de, na atracção dos companheiros. E se a pessoa for assim muito... sei lá!... um bocado, pronto... é elegante, é bonita, sinto-me bem com ela... nós somos um casal jovem só que temos um aspeto mais jovem, eu e ela, a... devido á nossa maneira de ser, à nossa maneira de ser os nosso amigos todos dizem que nós somos jovens. Muitos amigos perguntam o que nós fazemos. Damo-nos bem! O bem-estar da família para nós é fundamental. Faz as pessoas andarem bem, sermos felizes, porque toda a gente tem problemas. Nós também os temos, e grandes. Toda a gente tem problemas. Quando olhamos para o lado, vemos pessoas pior do que nós, então temos de levar a vida da melhor maneira. E nós fazemos um esforço para levar a vida da melhor maneira. Há aquela frase que agora está muito na moda, que é: viver o dia-a-dia, não olhar para trás com raiva nem para a frente com medo. E assim vivemos nós, eu e a minha mulher. Estamos bem, com um aspeto jovem, exatamente por isso. Embora, como digo, toda a gente tem problemas. Porque se andarmos zangados com a nossa vida, é mau para a família.

16) Numa relação longa, o sexo continua a ser a componente mais importante? Se não, qual é a componente que considera mais importante na sua relação?

Não, acho que o sexo já não é assim a relação mais importante. Numa relação longa o sexo vai refreando também e também não há problemas por isso. O mais importante é o relacionamento entre os dois, viver bem, estar em sintonia um com um outro. O sexo não é tanto, não é tanto. Há por aí muitas pessoas que dizem que fazem muito sexo e depois não fazem nada. É como tudo. O sexo para nós, para mim, já não conta muito. Não quer dizer que não se faça, mas se não fizermos vamos vivendo. Não sei o que disse a minha mulher, mas para mim está tudo bem.

17) Reconhece, no seu comportamento perante o amor, crenças e padrões que lhe foram incutidos pela educação?

... No amor, no amor... ah... isso a educação naquela altura quando era miúdo não havia informação nenhuma. Foi uma coisa muito má, mas também ninguém tem culpa. Os meus pais eram uns simplórios lá na aldeia, que informação nos podiam dar sobre o amor? Nada, nada. Hoje tem-se tudo, vocês hoje têm conhecimento de tudo. Ninguém nos ensinou nada. O que nós sabíamos sobre o sexo e tudo, era um tabu. Nós só íamos sabendo com os mais velhos que já tinham feito. Não tínhamos formação nenhuma sobre isso, o que foi um erro, mas um erro, mas ninguém teve culpa. Hoje já há educação sexual nas escolas, hoje já toda a gente sabe. Aqueles anos 50, quando tinha 10, 11, 13 anos, não era só a mim, os miúdos todos ninguém sabia de nada. Falava-se que os filhos vinham nas cegonhas, e tal, para baralhar ainda mais o cérebro das pessoas.

18) Sente-se confortável com eles ou gostaria que tivesse sido diferente?

Gostava que tivesse sido diferente, era muito melhor. Andávamos ali tapadinhos, aos 15 ou 16 anos sabíamos lá o que era! Só quando despertavam aquelas paixões.

19) Se for necessário, submete os seus planos pessoais às exigências familiares?

(pausa). Eu não sou muito radical, aliás, não sou nada radical. Essa pergunta, não sei bem... diga lá outra vez... como é que é? Não, não, não. Para mim a família é tudo, está acima de tudo. Claro que se vou ao futebol, a algum lado, e tenho amigos e damos umas curvas, mas não quer dizer que me esqueça da família. Também tenho liberdade para isso, quer dizer, a minha mulher não se importa. Vamos aos sábados, vou eu, eu, com os amigos, mas a família está em primeiro lugar, mas temos de conviver. A pessoa não se pode meter em casa, senão não evolui. O convívio é fundamental, o convívio entre as pessoas, embora hoje não se conviva tanto, com as televisões, as novelas, a Internet, absorvem. O convívio é fundamental, a pessoa sente-se melhor, eleva o ego das pessoas. No meu tempo, na minha geração, o convívio o que é que dá? Um petisquinho, os copos. Sabe bem, a pessoa espaira, fala. É fundamental fundamental o convívio! Mas sempre com moderação.

20) Em casa, que tarefas domésticas costuma fazer?

Oh, tarefas domésticas já faço algumas. Olhe, ajudo a minha mulher a fazer a cama, já faço a cama antes de sair de casa. O que é que faço mais? Gosto de ir às compras. Para mim é um prazer ir às compras. Normalmente vou á praça comprar peixe ou comprar pão, fruta, para mim isso é um prazer. Isto agora! Naquele tempo, há 40 anos, nada disso. Isso era trabalho de senhoras, tá a ver? Eu hoje dá-me prazer ir às compras. E se a minha mulher me disser "olha, vais à praça, ao supermercado e traz-me lá isto", eu fico todo contente. Passar a ferro é a pior coisa, parece que ainda tenho cá aquela coisa do antigamente. Fazer comer, às vezes ajudo a minha mulher nas sopas

e tal. E mais? Fazer comer, passar não.... Ehh... e pouco mais. Ajudo, às vezes pôr a roupa nas gavetas e pendurar no roupeiro e tal. Acho que devia fazer muito mais ainda. Nesta altura já estou muito mais aberto para ajudar a isso. Até gostava de saber fazer comer, mas ainda me custa um bocado aquele bichinho do antigamente, é a minha mulher que faz o comer. Lavar louça também é a máquina... AH! Ponho a mesa, tiro a mesa, vou ao lava louças e ponho a louça antes de ir para a máquina. Lá está, é a evolução do homem. Tenho um irmão mais velho, com mais 10 anos do que eu, que ajuda a mulher e ainda faz mais coisas do que eu.

21) Na sua opinião, casar e ter filhos, constituir uma família, é importante para uma pessoa ser feliz?

Eu acho que é essencial. Casar, casar, ter filhos, é essencial. Ter netos, ter netos. Nós infelizmente não temos, lá está, cada pessoa tem os seus problemas. Se calhar nem vamos ter... Eu costumo dizer aos meus amigos que têm netos e que não têm tanto a nível monetário que são mais felizes do que eu. Cada um com os seus problemas.

22) Acredita no amor “até que a morte nos separe”? Porquê?

Acredito. Acredito porque eu estou nessa linha, nessa linha, devo ser dos poucos certamente (risos). Essa é uma frase que se utiliza, “até que a morte nos separe”, mas infelizmente, principalmente as mulheres, às vezes não entendem isso, não entendem isso. Quem é religioso diz que a pessoa deve viver com o companheiro, ser fiel, até que a morte nos separe. Então o que é que acontece? Mesmo os religiosos, que Deus o separou, e depois ficam agarrados sempre àquilo e eu acho um erro isso. Pessoas novas, que tiveram o azar de ficar sem os companheiros, e agora ficam viúvas e ficam agarradas àquilo. Mesmo seguindo a religião, diz ser fiel ao marido até que a morte nos separe. Ora, se deus os separou – se há Deus, eu não acredito... - então um e outro estão livres. E a partir daí deviam ter força para levar a vida da melhor maneira. Vá, é fácil dizer. Porque a pessoa, quando fica viúva, não é fácil. Um casal que viva bem, ficar sem o companheiro é um choque tremendo. Mas devia fazer um esforço muito grande para viver a vida. Há pessoas que ficam sem o companheiro aos 50 anos e podem viver até aos 80/90 e ficam sempre agarradas. Deviam tentar fazer um esforço. Deus separou, há sempre aquele tempo de luto – que não devia ser muito longo – e depois teve força para poder refazer a vida.

CASAL 6 (C6) – >70 ANOS

MULHER 6 (M6)

Idade: 72 anos

Estado civil: casada

Habilitações literárias: licenciatura

Profissão: reformada (professora do ensino oficial)

Relevância para estas entrevistas: numa relação com H6 há 48 anos.

1) O que é, para si, o amor?

O amor é um... como é que eu hei-de explicar? É uma coisa inexplicável... A pessoa sente... consegue extravasar cá para fora quando há amor, qualquer deles, conjugal, filial, pelos filhos, pelos netos, e eu acho que é um dom maravilhoso.

2) Como sabe que está a amar e não que está apaixonado? Como se comporta o seu corpo?

... Há uma alegria grande, interior, que se extravasa. Aaa... os olhos, através dos olhos... aaa... sei lá (silêncio).

3) Já alguma vez amou?

Já. Uma! Uma única. (risos)

4) Que características tem de ter a outra pessoa para que a consiga amar?

Aaaa.... Em princípio, tentaria arranjar uma pessoa que tivesse exatamente as minhas ideias, a minha maneira de ser... aa... a minha maneira de pensar, que assim é que eu pensaria que as pessoas ligariam como deve de ser para o resto da vida. Acontece que somos completamente diferentes, completamente diferentes. Ele é mais introvertido. Eu gosto de brincar, gosto de cantar, gosto de me meter com as pessoas, gosto de dizer piadas, falo com toda a gente... aaa... falo com montes de gente, conheço toda a gente. Eu vou para a hidroginástica e conheço montes de gente, é desde a menina que está no balcão até à senhora que está no café. É tudo uma brincadeira, mas também e na escola eu era assim. Tínhamos momentos de brincadeira na aula e acabava-se os momentos de brincadeira e andava-se para a frente e a aula continuava. De maneira que eu acho que temos momentos para tudo. Somos completamente diferentes mas lá nos conseguimos adaptar e ceder porque só

cedendo é que se pode realmente ter uma vida compatível. Vamos fazer 48 anos de casados, já. Pois, é complicado. De maneira que, olhe, é assim.

5) Reconhece essas características em si ou em alguém do seu passado (seja familiar ou antigo relacionamento)?

Não. Eu acho que isto são umas características muito pessoais porque... eu tenho mais dois irmãos, são pessoas muito complicadas, a atenção dos meus pais recaiu sempre sobre eles, que são mais novos. Sempre lhes deram grandes problemas e eu era um bocadinho quase o patinho... não era o patinho feio, mas como não dava trabalho, não dava maçada, estudava, cumpria... aaa... passava um bocadinho... Eles estavam tão absorvidos com as complicações que os outros provocavam que eu estava um bocadinho, não se pode dizer que era posta de lado, não era, e se fazia alguma coisa um bocadinho fora do contexto era quase um drama. Era quase um drama... Eu quando comecei a, começámos a namorar, eu contava-lhe um bocadinho o que se passava, o que era o meu dia-a-dia. Ele não acreditava! Só veio a perceber muitos anos mais tarde, quando começou a conviver e a ver realmente como era difícil. Porque apesar de ter facilidades, de ter tudo, não havia falta Graças a Deus de nada, mas havia um mal-estar permanente em casa provocado por eles e eu vivia-os. Porque se o meu irmão, que tinha uma moto, não chegava a determinada hora e ele guardava a moto na garagem por baixo do meu quarto, eu sentia, se eu não o sentia eu estava numa aflição a ver se tinha acontecido alguma coisa. Não eram os meus pais só. Eu não dormia enquanto ele não chegava a casa. E às vezes era telefonemas do hospital a dizer que tinha entrado em São José assim e assado, frito e cozido, com um desastre. Eu vivi um bocadinho. Um bocadinho não, um bocadão, aa... um ambiente familiar pesado, que se tentava desanuviar, que se tentava fingir que estava tudo bem, mas não era. Era pesado, era pesado. E para mim, ter saído de casa, foi quase uma fuga. Senti-me bem em ter saído de casa e em ter a... ainda namorámos quatro anos, dois cá, em Lisboa, e dois anos pelo correio, escrevi milhares de cartas. Já as queimei todas, já rasguei tudo, já meti tudo no lixo. Porque acho que não estou para que pessoas venham mexer, outras pessoas venham mexer e venham ler e venham saber o que é que eu escrevi ou deixava de escrever. Milhares! Milhares de cartas, milhares. Tudo para o lixo. Rasguei tudo, ele tá furioso! Mas rasguei tudo, meti tudo no lixo e disse: “eu não quero que terceiros venham ler aquilo que eu escrevi ou que tu escreveste”. Pronto, acabou-se. (risos)

6) Qual foi a maior “loucura” que já fez por amor?

(silêncio) Maior loucura... Talvez ter os três filhos, em situações muito complicadas, com três cesarianas. Aaa... pelo menos, ter cedido a muita coisa que eu não gostaria de ceder, que vinha completamente de encontro à minha maneira de ser. Mas fui cedendo, fui cedendo. Só cedendo é que realmente se consegue viver tantos anos. Por exemplo, ter esperado 4 anos com ele lá longe, na guerra. Depois ainda estive lá um ano com ele, depois dos miúdos já estarem a nascer e nascidos também... a... as comissões e eu cá sozinha. (sorriso) fazer à distância aquilo que ele gostaria que eu fizesse cá como se estivesse cá presente. Não gostava de decotes, não gostava de pinturas, não gostava de mangas à cava. E eu, parvinha!, aqui e ele lá em Macau e eu fazia essas coisas todas (risos), cumpria à risca! (risos). Ninguém controlava, era meu. É uma coisa minha. Ninguém controlava nada porque eu tinha a minha vida, era o que eu digo, a família estava tão absorvida pelos outros que eu... aaa... fiz a faculdade, fiz os exames, “passaste?” “passei!” e pronto, acabou. A minha vida foi assim um bocadinho... eu não posso dizer que me trataram... como é que eu hei-de explicar? Patinho feio acho que é um bocadinho exagerado. Mas sentia a falta de um certo carinho que achava que merecia. Um certo amor, ora aí está! Porque não é só o encher as pessoas daquilo que a pessoa precisa. Comprar isto, comprar aquilo, comprar aqueloutro. Há a palavra, há uma festinha, um... um mimo. Toda a vida fiquei marcada por isso.

7) Como é que demonstra ao seu/sua companheir@ que @ ama?

Olhe, mimando-o. À minha maneira agora, já, um bocado mais diferente... a... mimando-o, fazendo coisas que ele gosta. Sei que ele é uma pessoa que tem muito boa boca, gosta de tudo e eu às vezes faço uns mimos, faço umas coisas para ele comer mais apetitosas. Aaa... tentando-o acompanhar sempre que posso... a... e... e sei lá. Fazendo-lhe as vontades. Às vezes bem contrariada, mas sempre resmungando a seguir. Resmungando, resmungando, resmungando. E apanhá-lo, gosto de muito de o apanhar em pequenas coisas porque ele diz sempre “a culpa é tua” e se o apanho em pequenas coisas caio-lhe em cima e estou quase uma semana a matraquear-lhe a cabeça: “estás a ver, também te enganas! Também fazes e aconteces!” (risos).

8) Consegue separar sexo de amor? Para si, o que os distingue?

Eu acho que estão ligados. Tá, é tudo um bloco, não há separação.

9) Quando ama alguém, é fiel a essa pessoa?

Ah sim, sim.

10) Homens e mulheres têm necessidades diferentes ao nível dos afetos? Quais?

... Nunca dei por isso. Não. Acho que são muito semelhantes. Nunca dei por isso, não. Acho que estão muito interligados. Não. Afeto é em bloco, não é? Para mim, é! Seja homem ou mulher, todos precisamos de muito afeto. Porque acho que o afeto ajuda a sobreviver e a ultrapassar momentos difíceis, momentos bons, momentos maus. Acho que o afeto é muito importante.

11) Houve grandes mudanças nos últimos anos na vida das mulheres. Como as encara?

Acho que é muito positivo, ainda bem! Que elas se estão a afirmar e que estão realmente a conseguir levantar a cabeça. Mas maus tratos ainda há muitos, não é? De maneira que eu acho que quem denuncia e quem quer ultrapassar, fugir desses maus tratos, eu acho que faz muitíssimo bem. Concordo plenamente, estou cem por cento do lado delas. Gostava era de as poder ajudar mais.

12) Na sua opinião, o que podem os homens fazer para acompanhar esta mudança?

Entenderem que elas são tão boas ou melhores que eles.

13) Como reage/reagiria quando se sente rejeitad@ / traíd@ pela pessoa que ama?

Rifava-o! (risos). Rifava-o. Ai, sim sim! Sim, sim! (risos)

14) Acha possível amar mais do que uma pessoa em simultâneo? Porquê?

Não, não, não, não!

15) O que @ atrai mais n@ seu/sua companheir@?

Ai filha, isso é um bocado complicado! O que é que me atrai mais? Olhe, ele era muito giro. Muito giro! Fardado era engraçadíssimo, ficava muito bem. Do grupo dele, da Marinha, com que nos encontramos uma vez por mês e que nos estamos agora a dar muito porque está tudo reformado e então saímos juntos, aa... apesar da idade, ser dos mais velhos, é o que está melhor fisicamente. (risos) Aaa... já não tem aquela mobilidade que tinha por causa dos joelhos, eu também não, mas eu acho que ele está, continua a ser muito, como é que eu hei-de explicar?, é muito atrativo. Pronto, acho que sim, é giro. É giro, gosto dele. É uma pessoa muito séria, muito cumpridora, muito certinha, muito contra as injustiças... aaa... quer ajudar toda a gente. Às vezes até demais, porque depois leva um bom encontrão a seguir. É uma pessoa extraordinariamente séria. Foi prejudicado muitas vezes no serviço por ser sério, nunca ser levado por promessas e dinheiros e coisas. Isso prejudicou-o bastante na sua carreira, mas ainda bem, que é positivo, quer dizer que é uma pessoa correta, extraordinariamente correta, muito correta. É uma pessoa muito meiga, que se entrega agora aos netos pequenos, aos dois bebés, com 20 meses, com alma e coração. Passámos agora oito dias com eles, foi muito engraçado, cada um com as suas atribuições, mas é bom pai. Um bom pai, um bom avô e um excelente marido (sorriso).

16) Numa relação longa, o sexo continua a ser a componente mais importante? Se não, qual é a componente que considera mais importante na sua relação?

Numa relação...? ... Tudo tem o seu tempo... continua a ser importante, mas há componentes agora que... o carinho, a amizade, aa... aaa... eu sei lá... o carinho, a amizade... olhe eu acho que continua a ser importante ao longo da vida, é, mantém-se, é.

17) Reconhece, no seu comportamento perante o amor, crenças e padrões que lhe foram inculcados pela educação?

... (silêncio) Antigamente, a maneira de pensar era uma maneira completamente diferente, não é. Eu vim muito marcada por isso. Portanto, eu aprendi a viver. Aprendi a viver depois de casada. E realmente não me dei mal com essa aprendizagem. Mas aprendi em par, em parilha. À minha custa e à custa dele, quer dizer, porque a educação era muito diferente, as ideias nas cabeças das pessoas eram completamente diferentes. A pessoa não tinha acesso a nada, a livros, a isto, àquilo, aqueloutro. Casava completamente de olhos fechados. E eu fugi, quase, porque aproveitei para me libertar de todo aquele pesadelo, foi uma aprendizagem ao longo da vida. Mas uma aprendizagem muito positiva.

18) Sente-se confortável com eles ou gostaria que tivesse sido diferente?

Poderiam ter sido outros, mas não sei se os conseguiriam transmitir. Portanto, acho que a minha aprendizagem ao longo da vida foi muito positiva e muito boa, não estou nada arrependida.

19) Se for necessário, submete os seus planos pessoais às exigências familiares?

Familiares? Não.

20) Em casa, que tarefas domésticas costuma fazer?

Tudo. Tudo. Aa.. cozinha...a.. arrumações, costura. Não tenho tempo para ler. Não tenho tempo para ver televisão. Mas gosto de fazer. Eu gosto de estar em casa, gosto da minha casa, gosto de gozar a minha casa, gosto de estar na minha cozinha, gosto de inventar pratos, gosto de tratar das minhas plantas, das minhas flores, enquanto estou com elas, enquanto falo com elas, estou com a minha cabeça a ficar arejada. Aa.. tenho a ajuda, tenho ajudas. Consegui ensiná-lo qualquer coisa, ajuda na cozinha é as loiças. Ajuda as loiças e pronto, pouco mais porque não foi habituado a fazer nada e eu não o eduquei. E devia ter educado porque eu vejo muitos deles da idade dele fazerem coisas que ele nem sonhava fazer. Ele vai para fora, não faz uma mala. Não sabe o que é que leva. É capaz é de chegar e dizer “ah! Não veio isto!”. “Pois não, não veio. Olha, lembraste-te? Eu não me lembrei”. Está habituado a que eu lhe faça tudo. Tudo, tudo, tudo. Só não digo qual é a roupa que vai vestir porque já se habituou a ir à gaveta. Mas antigamente até isso eu tirava todos os dias para fora. Era um bebé, quase. (risos)

21) Na sua opinião, casar e ter filhos, constituir uma família, é importante para uma pessoa ser feliz?

Ah, pois é. Completamente essencial. Acho que a família é muito importante. Apesar de às vezes, depois, termos os nossos dissabores ou, vá lá, com a família, hein. Não corresponde àquilo que nós... eh... lhes demos ao longo da vida. Às vezes levamos o nosso pontapé. Mas eu acho que é essencial. Completamente essencial.

22) Acredita no amor “até que a morte nos separe”? Porquê?

Sim, sim. Isso, sem dúvida.

HOMEM 6 (H6)

Idade: 73 anos

Estado civil: casado

Habilitações literárias: licenciatura

Profissão: contra-almirante reformado da Armada

Relevância para estas entrevistas: numa relação com M6 há 48 anos, têm 3 filhos e 5 netos.

1) O que é, para si, o amor?

... O amor é qualquer coisa que acontece de imprevisto e quando acontece é a coisa mais maravilhosa que pode acontecer no mundo. Eu quando conheci a minha mulher era cadete da Escola Naval e conhecia muitas meninas. E quando a conheci houve qualquer coisa que eu não sei explicar. E pronto, fui atrás dela. E até hoje.

2) Como sabe que está a amar e não que está apaixonado? Como se comporta o seu corpo?

Bom... ah... tem que haver paixão, quer dizer. Quer dizer, eu quando a conheci aa... não pensava em mais nada senão nela. Quer dizer, depois ainda fui fazer uma comissão em Macau, tive dois anos num navio, e andava meio doido, né. Só pensava... ela escrevia-me todos os dias, foi assim uma coisa um bocadinho... um bocadinho extraordinária. Com digo, um ambiente de Marinha, éramos 63 cadetes, muitas festas, muitas refeições, muitas meninas, fardados em Lisboa. Naquela altura isso não... hoje isso não acontece, mas naquela altura o... o... os rapazes das escolas militares tinham cachet junto das... normalmente eram bem constituídos, assim todos coisos... E pronto. Mas realmente foi, foi com ela. Pronto. Eu não sou caso único. Há mais camaradas meus de Escola Naval que tinham e tal, mas há sempre uma e tal... e pronto, foi aquela que ficou. A paixão é uma coisa que... a paixão, o ciúme, esses sentimentos aparecem todos. Tinha ciúmes dela terríveis e tal... aa pronto, sempre uma grande insegurança, sentia sempre uma grande insegurança. Depois havia, havia níveis sociais diferentes. Eu era de origens humildes, tinha sido sempre bom aluno, desde miúdo. E ela, enfim, nasceu já num classe, os pais dela tinham já outra possibilidade. A dada altura apercebi-me que havia ali uma diferença e tal. Mas ela... eh... também percebeu isso. E... e para fazermos a nossa vida a acabámos por combinar que havíamos de viver só com os nossos rendimentos, pronto, não havia apoios de família. E isso deu-me autonomia para eu comandar a minha vida e, portanto, não tive apoio nenhum da família, a não ser casa. Não pagámos renda de casa. Foi a única coisa. Mas pronto, o resto aconteceu, não é? As paixões, as coisas, os filhos. Zangas

nunca tivemos, quer dizer, havia assim umas coisas e tais. Pronto, depois apareceram os filhos, as dificuldades, as dificuldades materiais. Vivemos com dificuldades porque o meu ordenado era pequeno e ela era também professora. Depois tive fora, estive numa guerra, na Guiné, mas ela compreendeu sempre. Ela que foi educada como tendo em casa vários empregados, condutor, cozinheira, a mãe e tudo, em casa ela fazia tudo. Quer dizer, esfregava o chão, e eu era um bocado avesso a essas coisas, quer dizer, e fui mau, mau companheiro ao princípio. Depois apercebi-me que tinha de acompanhar, especialmente quando os meus filhos vieram. E portanto o amor foi isso, quer dizer, ela teve um azar enorme porque casou com uma pessoa que não lhe deu um meio de vida, mas penso que não está chateada comigo (sorriso).

3) Já alguma vez amou?

Sim, sim, acho que sim, acho que sim.

4) Que características tem de ter a outra pessoa para que a consiga amar?

... São várias características e sobretudo de natureza psicológica, mas também física. Tem que haver atração física. Sem isso nada feito. Mas depois a quando se gera a intimidade há cumplicidades que nós estabelecemos, né. Cumplicidades em relação aos amigos, em relação às conversas, o dinheiro. Tínhamos pouco dinheiro e, portanto, saber bem... aa... haver uma grande candura pessoal, que é uma grande característica que a minha mulher tem, que a minha mulher tem. Quer dizer, ela é realmente uma pessoa que não tem marotice, quer dizer, ela é... é... eu às vezes até me espanto como é que ela é capaz de acreditar em coisas que lhe contam. É mesmo assim e é da família dela. São pessoas com uma grande candura. Não é aquela rapariga assim esperta e tal. Não, não tem. E isso fascina-me, quer dizer, tenho total confiança nas coisas que ela me diz. Ela desenvolveu... teve uma vida de grande sacrifício, de grande sacrifício pessoal e eu agora percebo, até com o sacrifício da própria saúde. Eu ia para fora e ela ficava sozinha, mas nunca se queixou. Portanto, ela enfrentou a vida com bravura, foi uma mulher com bravura. Quando ela fez 50 anos, o que é que eu fiz?, peguei nos meus amigos. Eu tenho rapaziada, não é? Que também tem as suas mulheres e que agora estamos a fazer 50 anos, a maior parte, e fiz uma grande festa. E a festa foi homenageei-a, com um dvd que eu tenho aí, depois gostava de lhe mostrar, e ela ficou um bocado... ficou assim um bocado surpreendida e tal.... E eu nessa altura comovi-me porque foi ali uma lagrimazita, né. E pronto. Ela teve uma vida diferente de outras raparigas que casaram com oficiais de Marinha, que tinham outros meios de possibilidade, ou melhor, tinham os meios que ela tinha, mas ela comigo teve que ser assim. Foi uma condição. Ela, que características é que ela tem que ter.. a... um amor extremo aos filhos, quer dizer eu não percebo que haja casais que casam e não querem ter filhos. Quer dizer, isso era uma coisa, digamos, física, não queremos ter filhos. Nós tivemos logo, tivemos essa sorte. Aaa tivemos dois rapazes e uma rapariga, a rapariga já veio mais tarde. E pronto, a nossa história é simples. E depois construímos... É claro que a partir de uma certa altura aparece... aparecem mazelas, não é, porque nós já temos uma certa idade. Ela está cheia de problemas. Tem problemas de peso, ela com os partos. Ela teve três filhos e cada filho foi uma cesariana. Ela já era uma rapariga forte, mas pôs-se ali sempre o problema de ficar gordinha e tal. Eu contrariei sempre isso com ela, mas percebi que isso era uma coisa... não ia para a praia, por ser em fato de banho e tal. É próprio de uma mulher, não é? É muito sensível a isso. Eu tenho uma prova em relação à minha mulher, enfim, para além de todas, uma extraordinária. Eu vou-lhe contar. Esta é... é... mais íntima. Nós temos dois rapazes, um a seguir ao outro. Dois rapazes... dois varões, foi uma coisa ótima, não é? Embora como lhe digo, naquela altura nós tínhamos grandes dificuldades materiais, quer dizer. Dinheiro não havia e tal. Eu também queria fazer a minha carreira, por isso é que cheguei a almirante. E percebi que para fazer a minha carreira, como o meu pai não era almirante, porque do meu curso de 63 só fomos 5, havia muitos que eram filhos de ministros, de almirantes e tal. Alguns com quem agora eu me dou, bom, mas na altura havia uma grande diferença. E eu percebi desde muito cedo que tinha de continuar a pedalar a bicicleta com mais força. Então a dada altura entendi “eh pá, eu tenho que ir à universidade porque só aqui não dá”. E então fui à universidade e fiz uma licenciatura em Economia, à noite, com grande esforço e tal. E fiz uma licenciatura com uma grande classificação e isso depois deu-me vantagem. Eu fui oficial de Estado Maior, enfim, eu tinha que ser, não era sempre naquela coisa de, com camaradagem, né, sempre, mas tinha que ser competitivo. Isso levou-me a sobrecarregar a minha mulher. Porque ela ficava com os miúdos e tal, quando chegava já estava tudo feito. Bom, isto era o período dos dois rapazes. Quando eu já estava mais descansado aparece uma rapariga com dez anos de diferença. Eu costumo dizer que é a minha neta, tanto que quando eu a levava para a Marinha diziam-me “eh, a minha neta”. Porque há oficiais que casaram muito cedo, tiveram filhos... Bom, e a dada altura o médico quando foi do segundo filho o médico, que já morreu, que é o pai deste doutor Monjardino, era um grande... disse-lhe “eh pá, você não pode ter mais filhos”. Falou com ela porque ela tem três rins e pode ter uma eclépsia e tal e aquilo acabou. Foi quando apareceu...a...

apareceu o sinal para a filha, para a Rita. Pá, eu fiquei em pânico. Então ao fim destes anos todos apareceu isto e eu não estava nada à espera... Foi um problema de todo o tamanho. O meu sogro tinha um primo médico, que tinha sido reitor da faculdade de Medicina, era um médico e diretor do IPO, era uma pessoa de grande projeção na altura, era um homem assim forte... Ele morava próximo do meu sogro e com quem nós convivíamos com grande proximidade. Quando lá chegámos, a mulher dele recebeu-nos muito bem, numa salinha, já depois de jantar, então diz lá! Pensava que era uma coisa... Depois ela começou-lhe a contar a história. Começou-lhe a contar a história e tal. O médico não sei quê e não sei quê... ela tinha até umas radiografias e tal. E o médico viu, viu, falou, falou, ele tinha lá uns livros e tal. Ele percebia que nós estávamos completamente aflitos. Ele chega ao fim e diz assim: "olha, eu vou-te dizer com toda a franqueza. Se tu não quiseses correr riscos nenhuns, tu tens toda a legitimidade para acabar já com isso. Não há... pronto, ficas seguro. Isso faz-se num instante e desaparece e tal, eu arranjo-te maneira. Tem todo do ponto de vista ético, do ponto de vista moral e tal. Tu tens 2 filhos, tens o teu marido, tens a tua vida e tal. Que há risco, há!" Mas nestas questões da Biologia os médicos não sabem tudo. Quer dizer, ao contrário do que as pessoas pensam – ele explicou isso – os médicos o que às vezes fazem é olhar para a bola de cristal e... de maneira que. E ela caladinha. Ah, depois ele calou-se, ela calou-se e eu estava caladinho. E viemos embora. Aquilo era uma coisa dela, não era meu, não é, estava à espera que ela me dissesse como é que era. Se ela dissesse "não vamos correr riscos e tal", tudo bem, tudo bem. Com surpresa me disse "haja o que houver, eu não desisto de nada". Eh pá, agora causas-me aqui a um problema. Então e eu? Se isto corre mal... Bom, andámos assim um meses. É que ela nem admitia que se falasse nisso, quer dizer. Por isso é que quando se fala no aborto é uma coisa que... Mas isso eu respeito a opinião das outras pessoas, quer dizer, quem sou eu para julgar os outros. E pronto, neste momento temos uma filha, que é quem nos dá apoio, porque os rapazes... Um só quer meninas e tal... É o mais velho. Já tem 47, é magistrado e tal, tem um arzinho assim todo coiso (risos). Mente à mãe. Ah, eu vou estudar e coiso... O outro é uma pessoa, enfim, tem família, tem 46 anos. O do meio foi aquele que ao nascer deu problemas enormes ao médico, eu já não sabia o que havia de fazer. Depois tenho a Rita que sendo rapariga é mais racional que o pai, quer dizer, ela começou a namorar depois casou, depois tirou a licenciatura, só casou depois de licenciada. A vida dela primeiro. Aqui há dois anos tivemos um jackpot. A primeira vez que estive de bebé teve gémeos. É claro que a vossa geração é pior que aminha, não é, porque vocês têm uma instabilidade de emprego, não meu tempo não era bem assim. A vida para vocês é mais difícil.

5) Reconhece essas características em si ou em alguém do seu passado (seja familiar ou antigo relacionamento)?

O meu pai. O meu pai...aaa... penso que ele morreu com oitenta e tal anos ea minha mãe também. Tanto que ela morreu e ele morreu logo a seguir. O meu pai teve a minha mãe, conheceu-a, namorou-a e viveu toda a vida para ela, quer dizer. E o meu sogro a mesma coisa. O meu sogro também foi um apaixonado da mulher. São dois casos que temos nas nossas famílias e evidentemente que nem sempre corre assim, mas não é o fim do mundo, haver separações, famílias que se desorganizam e tal. Mas no nosso caso a minha referência foram os meus pais.

6) Qual foi a maior "loucura" que já fez por amor?

A maior loucura que eu já fiz por amor?... A maior loucura que eu já fiz por amor?... Verdadeiramente, ser pai. Porque é uma grande responsabilidade. Não é... é uma coisa que... porque eu pensei na altura. Pensámos, não é só vir, não é, é um compromisso para toda a vida. É a nossa... e portanto acho que o casamento tem um bocadinho essa loucura quando vão aparecer filhos, não é. Porque é uma grandíssima responsabilidade e é uma alteração de vida completamente diferente, quer dizer. Deixa de haver saídas à noite, paródias e tal. Que eu vivi um bocadinho nesse ambiente e depois é que alterei.

7) Como é que demonstra ao seu/sua companheir@ que @ ama?

... Fazendo o melhor possível, quer dizer, às vezes não sou assim tão bom para ela como parece, não é. Mas aa às vezes tento surpreendê-la com... levá-la a fazer coisas que ela não está à espera. Agora vamos fazer isto e tal. No quotidiano, sobretudo agora nesta fase, aaa ajudá-la a a a nos trabalhos que ela tem que fazer, que ela tem um grande sofrimento com as articulações e, portanto, há coisas que eu nunca pensei vir a fazer. Só não cozinho porque não sei cozinhar, porque a minha mãe só me ensinou a comer, não me ensinou a cozinhar. Mas, por exemplo, eu é que lavo a loiça porque ela acaba, porque ela tem também um aspeto, tem coisas de coração, e eu sei que uma pessoa que tem problemas cardíacos depois das refeições deve ficar sossegada porque o esforço de tomar uma refeição é um esforço elevado e sou eu que vou lavara a loiça. Quer dizer, eu fui educado de maneira completamente diferente. Na Marinha, eu tinha um homem que tratava só das minhas coisas. A... a.. a minha mãe

nunca, quer dizer, mas pronto adaptei-me a isso. E talvez por amor eu faço coisas que são contra a minha natureza. E já agora, em relação a esse tema devo dizer-lhe o seguinte: desde que os meus netos nasceram que eu larguei tudo e vou atrás da minha mulher para apoiar os netos. Eu faço coisas que nunca imaginei na vida fazer. Estes livros que está aqui a ver são coisas que comprei e que não li. Eu tenho uma necessidade vital de leitura e estou privado. Quer dizer... Esta semana, é a minha semana de férias, porque eles chegam para a semana e nós engrenamos lá, a minha filha só tem uma empregada que sai às 7 da tarde que é quando é suposto a minha filha chegar. Mas nem sempre chega e ela tem que segurar aquilo porque é a fonte de rendimento dela. O marido também só vem às 10 da noite. Ganham relativamente bem, mas são escravos e agora acontece isto. A empregada sai às 7 horas. Das 7 até ela vir, e os miúdos estarem a dormir, nós temos que lá estar. Há uma série de coisas: pegar neles ao colo, empurra-los, andar no carrinho. Nós tínhamos uma limusine onde iam os dois, agora já acabou, já não cabem (risos), bom, mas nestes dois anos, quem andava com a limusine era eu porque a empregada era necessária para fazer outras coisas. Limpezas, não sei quê, comidas para os bebés. E portanto eu andei quilómetros ali em casa, dentro de casa eles têm um hall muito grande e as pessoas todas viam o almirante ali a empurrar o carrinho. Ora bem, se a minha mulher tivesse outras condições de saúde, nem ela me deixava fazer isso. Portanto, o amor, isso agora já é mais, só o facto de ela ter tido a Rita naquelas condições, leva-me a eu dar as voltas todas para... e tenho a certeza que nunca consigo retribuir aquilo que ela fez.

8) Consegue separar sexo de amor? Para si, o que os distingue?

Ai, não consigo. Não. Quer dizer, aaa... aaa... tem que haver uma grande, tem que haver uma parte digamos... tem que haver uma atração física, carnal, forte. E isso nós mantivemos toda a vida. Considero que é uma felicidade. Sem isso, tá bem, éramos dois amigos, dois conhecidos, eh pá, mas não é a mesma coisa. Isso pode ser um bocado animalesco da minha parte, mas pronto, esse é um fator muito importante. E eu penso que temos mantido isso ao longo da vida, quer dizer, não, não, aquela coisa de depois nós nos tornarmos amigos, etc, não, não, isso é a mesma coisa que comida sem sal.

9) Quando ama alguém, é fiel a essa pessoa?

Completamente fiel á minha mulher. É uma questão de... E ao contrário também, não é, isso é uma exigência. Até porque isso faz parte enfim... da atração, não é. Eu tenho atração por ela. É evidente que se eu vir, como já tem acontecido, outras mulheres interessantes e tal... já estou como o Charlie Chaplin. Ele diria que o encanto dele aos 85 anos era ficar alvoroçado quando via uma mulher bonita à frente dele. Mas isso faz parte do mundo animal. Agora, verdadeiramente, é claro que depois com o passar dos anos tudo isto é... vai-se aperfeiçoando. Depois há sentimentos de amizade, de consideração pessoal, um intenso respeito... aa... uma certa culpa. Ela está pior porque talvez há uns anos atrás tenha feito esforços. A vida da minha mulher foi muito dura. Repare: a minha mulher licenciou-se em Filologia Românica... Germânica e foi professora do ensino oficial quando os meus filhos eram pequenos. Ela ia para o Barreiro dar aulas, mas antes esteve na Azambuja, ela ia dar aulas para o Barreiro, ela ia apanhar o barco às 8 da manhã para estar às 9. Deixava o carrinho, tínhamos um carrinho pequenino, deixava na doca da Marinha, que era ao lado do barco. Às 9 horas ela estava a dar aulas. À hora do almoço ela ia ao mercado fazer compras. Às 4 da tarde estava a voltar. E ia fazer.. tinha uma empregada que fazia umas coisas, mas não era uma empregada a tempo inteiro, era uma mulher tosca, não era uma empregada como tem a minha filha, que é mais uma educadora de infância do que propriamente... bom. E a certa altura, além das aulas que dava no Barreiro, ainda dava aulas ali no jardim infantil. Havia lá umas aulas de inglês porque aquilo era uma escola oficial, e ainda ia dar umas aulas. E depois, dar banho aos miúdos, depois, quer dizer, essas coisas todas. E o marido a estudar, a fazer a licenciatura em Economia. Foi muito pesado. Mas ela fez isso sempre com grande... porque depois havia a relação entre os dois, não é? Valia a pena.

10) Homens e mulheres têm necessidades diferentes ao nível dos afetos? Quais?

Eu acho que sim, acho que um homem é diferente da mulher, quer dizer. Eu não sei, eu acho que as mulheres são mais... é preciso ser cuidadoso, mais cuidadoso com uma mulher. Quer dizer, é preciso atender às coisas dela que às vezes ela magoa-se com as coisas, não é. É mais sensível e tal. Eee... E também tenho a certeza, a sensação que ao longo do tempo fui-me tornando menos bruto. Que eu realmente era um bocado força física, um bocado bruto e tal. E no fim de uns anos de convivência muito com ela apercebi-me, vim a conhecê-la melhor, não é, e portanto fui digamos moderando a minha, a minha agressividade, às vezes respostas que se dá quando era contrariado, era destemperado e sentia que isso que a magoava. E que era difícil depois recuperá-la, que eu também não a queria perder. E portanto comecei a ter mais cuidado, quer dizer, hoje sou um homem talvez mais equilibrado. Quer dizer, não sei se me está a ver quando eu tinha 25 anos, num ambiente de Marinha e tal. Nós na

Escola Naval de manhã acordávamos e fazíamos 5 quilómetros a correr, aquilo era tudo... As mulheres, as miúdas, os bailaricos e tal. Havia uns que faziam coleção de miúdas, agora esta, agora aquela, como o meu filho Miguel (sorrisos). Eh pá e eu fiquei ali, como outros camaradas, não foram muitos. Portanto, ainda voltando ao princípio, a parte da atração, o prazer de estar com ela, um certo ciúme porque ela... por exemplo... hoje a minha mulher não tem nada a ver com o que era. Eu durante uns anos fui o representante da Marinha junto da embaixada americana. Era muito importante porque havia os auxílios americanos, percebe, a formação, havia militares que iam fazer cursos de engenharia e eu tratava disso tudo e depois havia receções. A minha mulher entrava naquilo, era um espetáculo! Era a mulher mais bonita... não digo fisicamente porque ela já era gordinha... mas era a mais requintada porque era exótica. Lá os americanos perguntavam “é indiana?”. Era esquisita porque ela é de origem de São Tomé. E depois como era professora de inglês e falava muito bem inglês, ela andou na escola inglesa ali de Carcavelos, portanto ela desde pequenina que falava inglês. Os americanos percebiam-na perfeitamente. Percebiam-na melhor a ela do que a mim, não é? E a mulher do almirante americano, que era um homem importante para a Marinha e tal, a mulher adorava a Luisinha. Quando chegávamos à receção “oh Luisinha, senta-te aqui”. E a Luisinha ficava ali e isso ajudou-me muito. Porque está a ver, as mulheres dos outros almirantes, porque havia almirantes e eu era na altura o primeiro-tenente, não, hoje não se faz essa diferença, mas a diferença entre um almirante e um primeiro-tenente era uma coisa. As senhoras, o beija-mão, e tal, e a minha mulher rebentava com essas barreiras todas. Repare que hoje estamos a recuar atrás, ela alterou-se profundamente fisicamente. Não se arranja, é uma luta que eu tenho para ela ir ao cabeleireiro. Há aqui uma queda, não é. Mas seu a quiser... se quiser complicar-lhe a vida e se quiser... se passar assim uma mulher bonita, bem arranjada, digo assim “eh, pá! Que brasa, que coisa bonita!” Fica logo (risos) e vai ao cabeleireiro (risos)... desculpe lá...

11)

Houve grandes

mudanças nos últimos anos na vida das mulheres. Como as encara?

Eu acho que as mulheres estão... estão piores agora. Eu vejo pela minha filha, quer dizer, elas têm mais liberdade, algumas têm autonomia, têm mais autonomia, mas o dilema de fazer a carreira, de fazer a carreira e tratar da família, aa... quer dizer... a minha filha chegou uma altura me que pensava que ia ser uma super gestora e agora, “tu tens é que ser uma super mamã”. Mas ela não se convence bem disso, quer dizer, há ali um dilema. O marido não tem esse problema. Portanto, as raparigas, com o desemprego, também penso que ao nível dos valores...aa...aaa... os amigos da minha filha comemoram os casamentos aos 5 anos, que é uma coisa que me assusta. “Eh pá, fizemos cinco anos de casados! Ehhhh!!!!” (sorriso). Eu não digo que é mau ou que é bom, mas quer dizer, é um bocadinho diferente, não é? Esta coisa do casamento e de ter filhos não é assim uma brincadeira. Não é bem descartável, não é. Agora, elas estão piores porque a minha mulher ao fim e ao cabo ela chegava às 4, 5 horas e vinha para casa e ainda tinha tempo de... Aqui a minha filha não tem, não tem. E cada vez vai ser pior, embora na empresa onde ela está foi muito bem tratada. Na gravidez foi colocada logo em estado de graça, teve uma grande proteção na companhia e esteve quase um ano sem trabalhar e quando voltou puseram-na de novo ali. Agora a mulher está... está melhor do ponto de vista pessoal. Há uma coisa que as mulheres ganharam e agora estou a falar do ponto de vista da minha filha. Um homem que case com ela, se não tiver categoria, ela manda-o passear. Quer dizer, eu tinha-me apercebido disso na América, fiz um curso na América, tive lá um ano a estudar e conheci bem aquilo. E pela primeira vez vi mulheres de grande desembaraço. Na universidade, no banco, nas várias profissões, a vários níveis, quer dizer. E apercebi-me do seguinte... e depois percebi até os divórcios, que era uma coisa que eu não percebia. Era casamento para toda a vida e depois ah, não é bem assim. É se for. Eu penso que as jovens da idade da minha filha nesse aspeto estão melhores. Quer dizer, se o marido não tem cuidado e não a trata bem e não a estima e aquilo não funciona e não sei quê, como ela tem independência, manda-o passear. Portanto, ele tem que ter categoria para manter aquilo que ele pensa que tem categoria ao lado dele. Porque se... porque às vezes há equívocos... uma jovem conheceu um rapaz e tal, eu conheço alguns, até da universidade. Paixões assolapadas. Uma rapariga que chegou a secretária de estado e tudo, estava no meu curso, casou-se com um rapaz, ele era assim todo das brincadeiras, muito simpático, ir para a praia e tal, mas não tinha a noção da responsabilidade e não sei quê. Ela passado pouco tempo despachou-o e arranjou outro com quem é felicíssima. Antigamente isto não era bem assim porque a rapariga tinha uma dependência material muito grande. Por isso é que eu gosto de ver as raparigas nas universidades a fazerem mestrados e doutoramentos porque dá-lhes independência, portanto, ela tem o leme da sua vida está na sua mão e não é alguém, o primeiro namorado que ela teve ou o marido que vai segurá-la e nesse aspeto... mas isto é verdadeiro para as raparigas de uma certa classe cultural... porque na fase... não sei, estou a falar nesta fase, porque a mulher ainda é maltratada, ainda vemos casos de violência doméstica.

12) Na sua opinião, o que podem os homens fazer para acompanhar esta mudança?

Têm que se adaptar, têm que se adaptar. Quer dizer, se realmente ele quer manter aquela mulher, ele tem que se adaptar. Tem que adaptar ao estatuto dela. Eu vou-lhe contar uma história do meu curso. Um camarada meu, capitão de mar e guerra, um indivíduo... casou com uma rapariga pro amor, por amor. Eles eram muito equivalentes, não era o meu caso. Ele era um grande atleta, era um tipo também com as meninas e tal, mas a Anabela apanhou-o, é uma história muito bonita, vou-lhe contar, vou-lhe contar. Eu era muito amigo dele, tínhamos muitas coisas em comuns. E a dada altura a vida vai-se desenrolando. Ele foi fazendo a vida de Marinha dele, era um bom oficial de marinha, que montou navios e fez várias coisas. E ela meteu-se na publicidade. Tinha um curso, ela fazia bonecos, design, desenhava e tal, meteu-se na publicidade. Resumindo, a dada altura ela chegou ao topo duma empresa inglesa de publicidade que tinha cá escritório. Ia duas, três vezes por semana a Londres. E ela entrava em campanhas e tudo. A dada altura, ela antes de chegar ao topo, tinha as deslocações e começou nova. Começou a ter deslocações para o estrangeiro eh pá, e a família? Ela não tinha pais para aguentar aquilo. E a dada altura este casal, ainda relativamente novo, chegaram a esta situação "olha, tu na Marinha se chegares a chefe da Marinha ganhas aí um décimo do que eu se chegar ao topo", e ela já estava próxima do topo. Desistiram. Ele desistiu da carreira e ficou ali no Ministério. E era ele que ia buscar os meninos à escola. Agora não sei se está a ver o que isto significa naquela altura. Mas a Anabela para ele era... Ele se queria aquela Anabela... ela é linda, devo-lhe dizer, ela é linda, eu percebia-o bem, pá, (risos). Bom, mas ele para ter a Anabela com ele, ele abdicou da carreira, ele abdicou da carreira, ficou ali para ela fazer a carreira. E era ele, foi ele que educou o filho e a filha. Ora a dada altura ela era top, tinha carros com chauffeur, era uma executiva e ele era um oficial que não chegou a uma patente mais... a dada altura tem um problema de varizes, levaram-no para o hospital da Marinha e morreu... já morreu... aqui há quê... 15 anos, tinha ele 50 e poucos anos. Aquilo para a Anabela foi... nos jantares de curso lá aparece ela a falar do seu Carlinhos e tal. Isto para lhe dizer se a mulher está melhor ou pior. Isto naquela altura... talvez hoje tenha que ser a mesma coisa, quer dizer, se um homem verdadeiramente gosta de uma mulher e se ela tem valor, não pode cortar-lhe as asas. Ele tem que, enfim, eh pá, o caso extremo é a Thatcher, não é, que chegou a primeira-ministra inglesa. Na mentalidade dos portugueses isso não é bem assim. Mas hoje é muitíssimo mais difícil um homem conservar a mulher de quem gosta ou por quem tem atração ou em quem quer exercer poder, do que... aa... aa... do que era no meu tempo. No meu tempo era mais fácil. Ela dependia economicamente e tal. E ela agora não, se ele não se porta bem ela segue a sua vida e também não é obrigatório casar novamente porque a moral, também, se alterou. Quer dizer, não é cá o meu padrão, mas eu sei de pessoas que, pronto, reequacionaram a vida de outra maneira e arranjaram namorado e aquilo depois tornou-se numa relação séria, outras vezes não. Há ali uns dissabores, quer dizer, para uma mulher é sempre uma coisa muito complicada. Falhar a primeira vez é muito complicado.

13) Como reage/reagiria quando se sente rejeitad@ / traíd@ pela pessoa que ama?

Isso para mim era uma destruição, era uma perda completa, uma perda completa. Sabe, a vida tem coisas sérias, não é? Quer dizer, não era assim uma coisa de ânimo leve. Imagine que a minha mulher chegava a uma altura e dizia "sabes, eu agora, resolvi e vou arranjar outro companheiro". Para a minha maneira de ser, eu sou um bocadinho possessivo, era um desastre. Pelo lado da violência não ia, há sempre uma noção de, quer dizer, no limite há que respeitar a felicidade do outro. Eu não posso tomar atitudes, quer dizer, teria de racionalizar o suficiente para que aquela pessoa de quem eu gosto, permitir que ela fosse realizar-se com outra pessoa que não fosse comigo. Quer dizer, o coiso era comigo, era interior. Foi uma situação que nunca equacionei, mas vivi sempre com um certo ciúme. Quando íamos às festas e tal, se havia alguém que dizia "eh pá, que engraçada que está, eu, quer dizer, não andava à estalada, não é, mas nós temos sentimentos de agressividade, que muitas vezes estão reprimidos, não é. Isto não é a brincar, não é a feijões (risos). Isto não é bem uma coisa de escuteiros. E tenho a certeza que o Carlinhos com a Anabela era a mesma coisa. Agora, viver, aceito que uma rapariga possa... é a tal liberdade que a mulher tem. Quer dizer, um pode gostar muito do outro, mas o outro pode não gostar daquilo, porque ele é aborrecido, porque está sempre a falar das mesmas coisas. Provavelmente a minha mulher é capaz de dizer: "está sempre a falar das mesmas coisas e tal! Repete-se e tal!". Agora que estou velho sou capaz disso (risos).

14) Acha possível amar mais do que uma pessoa em simultâneo? Porquê?

... Não isso para mim era o fim. Ela ama-me a mim, não ama mais ninguém, quer dizer, ama os filhos. Eu? Não, não. Não consigo. Não, isso para mim não casa. Quer dizer, eu acho que, há aí um filme muito engraçado sobre a Catarina de Inglaterra. Eu acho que... isto é assim... aaa... um homem e uma mulher quando se conhecem são novos e tal, e aquilo é ali, quer dizer, o investimento é todo ali. Quer dizer, eu não acredito bem no D. Juan. Não

faz a minha.. eh.. há camaradas meus e tal, não sei se eles são felizes, quer dizer, se a vida não lhes passa pelos dedos e se não andam, também há esse aspeto, não é, a enganar outras pessoas e a causar infelicidade nas outras pessoas. Isso tanto acontece do homem para a mulher como da mulher para o homem. Também há raparigas que colecionam rapazes. E têm partido corações e feito e tal. Aa.. acho que isto é uma coisa demasiado séria para nós andarmos a brincar.

15) O que @ atrai mais n@ seu/sua companheir@?

... .. Bem, neste momento, neste momento, a... as qualidades de caráter, de integridade. Ela é uma totalidade, não é... para além da atração física. Mantém. Há, há uma, quer dizer, há todo um entrelaçar... Eu não estou a ver a minha vida sem esta cumplicidade. Portanto, há aqui uma partilha e isso leva-me, por exemplo, se estiver uma semana fora, a dada altura já começo a... eu não sei se ela tem a mesma reação! Mas eu tenho. Eu de certo modo tornei-me dependente da minha mulher. E portanto qual é a qualidade, não sei se estou a responder diretamente à sua... qual é a qualidade que eu encontro na minha mulher. Volta a ser a candura. Quer dizer, ela volta a ter aquele charme, embora tenha perdido o aspeto de da coquette. Talvez ela pense que já está conquistado (risos), mas perdeu isso. Mas a candura pessoal, a dedicação aos filhos, aos netos, a casa, quer dizer, há toda uma organização pessoal... os amigos. As pessoas gostam imenso dela, ela tem imensos amigos. Os meus amigos da Marinha e tal, adoram a minha mulher. E as mulheres, também. Portanto, aa...a... nesta altura em que nós já estamos na ponta final e convivemos com casais, muitos, da nossa idade, sabe-me bem que a minha mulher seja uma star ali no meio e dá alegria aos outros. Tem o contra das doenças dela, das queixas. Está cheia de doenças, está cheia de não sei quê, não dorme. Mas pronto, mas ela ultrapassa isso. E ela quando diz que tem dores é porque já está, aquilo já é muito ultrapassável. Mas o sofrimento dela começa-me a preocupar. Ela não tem vida própria, que é outra coisa terrível. Eu sou taxista dela e em casa ajudo-a. Ela hoje tem que ir ao supermercado comigo porque pegar nas coisas, pôr no carrinho, etc. Nunca vou sozinho porque chego a casa e nunca escolho o arroz bem ou (risos) é um ponto de conflito. Eu não consigo aprender (risos).

16) Numa relação longa, o sexo continua a ser a componente mais importante? Se não, qual é a componente que considera mais importante na sua relação?

Bom... ehh... na base o sexo tem que lá estar. Não sei se um dia houver uma situação de doença e tal como é que será. Mas isso será um dia de grande, de grande sofrimento, quer dizer, qualquer coisa acaba nessa altura. Não é igual. Aaa.. agora surgiram outras coisas, naturalmente, há coisas que nós fizemos e que partilhamos agora com muita alegria, que é os nossos filhos, os nossos netos e tal, estamos a ver que não foi em vão que fizemos os esforços todos, não é, que tivemos que fazer. Agora os netos pequeninos com as festas que fazem e tal, tudo bem. Mas no fundo tem de haver essa base, se não houver essa base, não sei, quer dizer, a faixa dos neurónios começa depois a pensar noutras coisas, não é? Isso é fatal.

17) Reconhece, no seu comportamento perante o amor, crenças e padrões que lhe foram incutidos pela educação?

Sim, sim! Sim, o meu pai, que era um homem modesto, o valor da família, o amor pela mulher, o respeito pelos filhos, isso são coisas que estão cá arreigadas. Profundamente. O respeito pela mulher, o meu pai tinha um profundo respeito pela minha mãe. A minha mãe era uma mulher também muito bonita. Pronto... esses valores... e uma mulher só. No mundo animal, os tipos da Biologia dizem que não, mas pronto, talvez pela educação, talvez porque esteja formado desta maneira e tal, é ali.

18) Sente-se confortável com eles ou gostaria que tivesse sido diferente?

... Talvez os meus pais me tivessem educado de outra maneira talvez tivesse sido, repare, o meu pai e a minha mãe nunca falaram comigo sobre a relação de rapaz e raparigas e tal. Era um tabu. E portanto eu fiz a minha aprendizagem com alguma sorte porque tive bons companheiros e tal, mas houve, quer dizer, o risco de, o risco era elevado. Porque nós quando estamos numa idade em formação, quer dizer, digamos, se uma pessoa tem 18 anos ou 19 já tem a consciência formada e aquilo já vai de dentro para fora. Agora, se é jovem, 13, 14 anos e tal, é muito influenciável. Pode ter uma informação muito negativa dos seus pares. E talvez aí os meus pais deviam ter sido diferentes. Eles que me deram tudo, enfim, o que tinham ao alcance deles. Mas eles não sabiam, não tinham preparação para isso.

19) Se for necessário, submete os seus planos pessoais às exigências familiares?

Completamente. Completamente.

20) Em casa, que tarefas domésticas costuma fazer?

Eu faço tudo de uma forma desastrosa, mas com empenho. Só não, só não cozinho porque a minha mulher não me ensinou a cozinhar, porque é o poder dela. Mas de resto faço... sou capaz de fazer tudo. Neste momento, não tenho, e para apoiar a minha mulher, porque não temos disponibilidade financeira para ter um segundo apoio, porque hoje um empregado é uma coisa complicada, mas já tivemos empregados e quando eles saíam levaram uma fortuna. Com as leis, hoje. Então como estamos só os dois há muita coisa de casa que eu ajudo-a a fazer a ela. Pôr a mesa, lavar a loiça, se for necessário limpar qualquer coisa. Depois temos uma empregada, mas eu sou capaz de fazer tudo. Até de começar a fazer comida assim à doida sem... e se ela não puder. Aí a comida é mais fácil porque pode vir de fora, comida feita. Mas aí não tenho problema nenhum em ajudá-la no que ela precisar.

21) Na sua opinião, casar e ter filhos, constituir uma família, é importante para uma pessoa ser feliz?

Pode não ser. Uma pessoa pode ser feliz à sua maneira sem casar. Quer dizer, o meu caso é o meu caso, depois cada caso é um caso. Eu sei de pessoas que não casaram... aaa... por exemplo, pessoas que foram para a vida religiosa e são felizes. Homens e mulheres, são missionários, não têm problema nenhum. E também tenho, tive algumas amigas que não casaram... uma por exemplo gostou de um rapaz e ele não casou com ela e ela também não se deixou apanhar de qualquer maneira. E ela tem os seus estudos, fez as suas viagens, tem as suas amizades e tal. Não sei se ela será feliz, mas não ostenta depressões nem está assim doida por não ter casado, por não ter arranjado... Acho que não! cada caso é um caso e esta coisa do casamento para mim foi uma coisa importante. Eu faria com a minha mulher se as regras da sociedade fossem diferentes. Não sei, se eu tivesse nascido na Amazónia, talvez a coisa (risos)... não sei (risos). Mas acho que hoje é muito importante, porque a vida é curta, nós vivemos um período muito limitado de tempo, e enquanto cá estamos devemos evitar fazer asneiras e tal, mas também pensar em nós, quer dizer, a felicidade de uma pessoa é um bem supremo. É como o oxigénio, quer dizer, não estou a ver uma pessoa viver uma vida inteira amarrada ao não gostar ou a ser maltratada, isso a mim não me passa pela cabeça. E, portanto, eu que sou católico, aa.. sei que o divórcio que é... mas paciência pá. Acho que há coisas acima da... e...portanto, esta história que me perguntou do casamento, é se for, quer dizer, se o casamento não resultar, paciência. Acho que o fundamental é cada um ter a sua...a... autonomia. Acho que hoje é a grande palavra que se pode utilizar a cada um. Porque esta coisa da felicidade também se constrói. E se uma rapariga tiver a sorte de encontrar o homem de quem gosta e ele não tiver grande autonomia e ela tiver essa capacidade, pronto, não é ele que vai viver à custa dela, quer dizer, isso não fica mal, desde que seja autêntico, tudo bem, mas o casamento não é... não é condição suficiente para ser feliz e para construir uma vida. Acho que as pessoas podem construir as suas vidas. Agora, não acredito muito é aquela rapariga que tem vários namorados e tal, ou aquele rapaz, não acredito. Acho que isso não é felicidade. Acho que isso são baratas tontas que andam para aí e que não encontraram. E mais. E talvez tenham tido excesso de curiosidade. Às vezes embarca-se numa relação, ou numa experiência, mais por curiosidade. Não é bem por sentimentos. Deixa cá ver, vou experimentar. Não, não, aí é que está o perigo. Aí é que está o perigo. A pessoa não mediu bem, não soube avaliar bem. Eu conheci vários casos assim. E depois dá para o torto. Porque não é só para ele o mal que está a fazer, o outro pode pensar que é verdadeiro. Eu estou a falar no padrão de uma pessoa correta, não é. Numa pessoa não correta vale tudo! (risos)

22) Acredita no amor “até que a morte nos separe”? Porquê?

... Acredito. Tenho problema do meu pai, quando a minha mãe morreu teve um desgosto profundo, ele tinha já 80 anos, a minha mãe morreu primeiro, tinha menos dois anos do que ele. E ele um ano e meio depois estava a morrer. E ficou uma tristeza profunda. Um indivíduo falava com ele e tal e ele não respondia. E ele era um homem saudável. A minha mãe tinha umas doenças, ele era saudável. Desistiu de viver. Quer dizer, ficou com uma tristeza, uma tristeza total. Não se podia falar nela porque ele comovia-se. As coisas dela, ficou tudo na mesma. Ele foi definhando, definhando, na altura teve um AVC e apagou-se. Talvez o médico explique isso de uma outra maneira, não é, mas talvez se a minha mãe tivesse continuado ele também tinha continuado. Portanto, o amor aqui. Era o amor, era a dependência, era... isto depois é dois num só. Nem todos reagem da mesma maneira. Eu não penso muito nisso, não me preocupa. A única coisa que me preocupa, vou-lhe dizer o que é, é amanhã ter um acidente qualquer e ficar dependente e dar trabalho à minha mulher. Isso é que é. Agora, o acabar, pronto faz parte da vida, não é. Agora, enquanto cá andamos temos de tirar partido desta vida, o melhor possível. Evidentemente que uma pessoa que nasça com meios de fortuna e tal, mas depois também não sei se isso conduz à felicidade. É aquela história daquele casal, aquela rapariga que, herdeiros em Londres, os herdeiros da Tetra, que é uma empresa de embalagens. Aquilo é uma fortuna de 7 milhões de euros. O português mais rico, que tem a GALP, que tem, que é o Amorim, são mil milhões. Quer dizer, são sete Amorins que estavam ali

naquele casal. Meteram-se na droga, drogavam-se os dois, portanto isto é muito complicado. Temos que ter o mínimo para viver, a autonomia passa por isso. Há um mínimo sem o qual nós não podemos viver. Atender às nossas necessidades e tal. Mas depois não é preciso ser muito rico. E a autonomia é importante. Agora, se há dois e um gosta do outro, eh pá, pelo menos um que assegure a autonomia do conjunto (risos). E então vale a pena (risos).